UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
CULTURA ÁRABE

ELIAS MENDES GOMES

**MIL E UM VERBOS ÁRABES: UMA PROPOSTA
LEXICOGRÁFICA**

(Versão Corrigida)
São Paulo
2011

ELIAS MENDES GOMES

**MIL E UM VERBOS ÁRABES: UMA PROPOSTA
LEXICOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Cultura Árabe.

Orientadora: Profa. Dra. SAFA ALFERD ABOU CHAHLA JUBRAN

(Versão Corrigida)
São Paulo
2011

DEDICATÓRIA

De sua concepção ao estágio final, numerosas pessoas – direta ou indiretamente – participaram dessa pesquisa. O produto final é dedicado a elas.

...وأطبع رسالتي هذه مستعينًا بالله راغبًا اليه.

AGRADECIMENTOS

A quem crédito, crédito...

Agradeço a Deus pela capacitação e graça concedida ao longo de todo este período de estudos.

Sou grato à minha orientadora, Profa. Dra. Safa Jubran, que creu no meu projeto de pesquisa (ainda disforme) e me acolheu sob sua tutela. Sua dedicação, compromisso, e paciência é fonte de inspiração e motivação.

Agradeço a todos os membros da banca examinadora.

Agradeço aos amigos e familiares que durante todo o período de estudos mostraram apoio e incentivo.

Agradeço em especial aos colegas do setor de árabe do Departamento de Letras Orientais – numerosos demais para nomeá-los individualmente – com os quais aprendi alguns aspectos que não fazem parte do currículo acadêmico, entre eles, o sentido da amizade e o comprometimento com o conhecimento.

Aos funcionários do DLO – em especial ao Álvaro, Jorge, Luis, e Maribel – obrigado pela disponibilidade e amabilidade na prestação de serviços.

À CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo suporte financeiro para a realização dessa pesquisa.

À Neide Moura, por me fornecer uma extensa bibliografia sobre as ciências da linguagem (em especial a lexicografia), por me ensinar a utilizar o programa *Toolbox* (.mdf) e por customizá-lo para meu uso.

Remerciement particulier à Marieke Houweling... une femme spéciale... de rare beauté, fidélité, qualité, et talent. Merci « d’être là » pendant cette période difficile [mais motivante !] de ma vie.

“O primeiro leitor insatisfeito com um dicionário que acaba de ser construído e publicado, tenho hoje a certeza disto, é o seu inventor e organizador. Uma obra dicionarística é sempre uma obra inacabada”- Carlos Ceia

“Every other author may aspire to praise. The lexicographer can only hope to escape reproach, and even this negative recompense has been granted to very few”- Samuel Johnson

GOMES, E. M. **Mil e um verbos árabes: Uma proposta lexicográfica.** 186 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras Orientais – Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe. Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RESUMO

Embora a língua árabe – com a poesia altamente desenvolvida na época da *Jāhiliyya* (período que antecede ao Islã) – tivesse seu indiscutível lugar na Península Arábica, foi somente com o advento e expansão do Islamismo que ela ganhou a projeção que a levou para além de suas fronteiras linguísticas históricas. Através dos séculos, a religião continuou a desempenhar um papel primordial na expansão da língua árabe, visto ser esta a língua litúrgica do islamismo, entretanto, ultimamente, outros fatores têm contribuído para um interesse maior pelo idioma, pouco, porém, tem sido feito para facilitar a sua aprendizagem, especialmente entre os lusófonos. Esta pesquisa, preocupada com a falta de apoio didático para a aprendizagem e o aprofundamento no conhecimento linguístico que, via de regra, se adquire com a decodificação de textos no idioma almejado, propõe a elaboração de um dicionário monodirecional de verbos árabe-português. O dicionário proposto nessa dissertação singulariza os mil e um verbos mais frequentes nos corpora jornalístico e literário e será compilado tendo por base princípios descritivos científicos da lexicografia moderna, não estando limitado a uma teoria particular, entretanto, privilegiando a *lexicografia pedagógica* de Welker (2004 e 2008). Em seu trabalho, Welker (2008) discute a lexicografia pedagógica (LP), apresentando técnicas que, se seguidas, auxiliarão os consulentes em sua tarefa de compreensão e decodificação de textos em língua estrangeira. Esse arcabouço teórico é interpretado sob a ótica da Escola de Filologia de Kūfa que considerava o verbo como o “originador” do universo léxico árabe. Essa posição é sustentada por vários arabistas modernos que reconhecem que, embora nem todas as palavras possam ser rastreadas a uma raiz verbal, a maioria de seus lexemas deriva-se de um verbo simples. O levantamento do corpus verbal será primordialmente baseado nos trabalhos de Moshe Brill (1940) e Jacob Landau (1959) que, seguindo os parâmetros da *linguística de corpus*, compilaram as palavras mais frequentes na mídia e literatura árabes. Devido ao escopo do árabe padrão moderno como a “língua franca” entre todos os países árabes, e por ser esta a vertente mais usada no ensino de árabe para estrangeiros, escolheu-se essa variante para este trabalho.

Palavras-chave: Língua árabe. lexicografia bilíngue. verbos árabes.

GOMES, E. M. **A thousand and one Arabic verbs: A lexicographical proposal.** 186 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras Orientais – Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe. Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ABSTRACT

Even though the Arabic language – with the poetry highly developed during the *Age of Jāhiliyya* (period that precedes the coming of Islam) – had its indisputable place in the Arabian Peninsula, it was only with the advent and expansion of Islam that it gained the projection to beyond its historical borders. Through the centuries, religion continued to play a primordial role in the expansion of the Arabic language, as this is the liturgical language of Islam, but, recently, other factors have contributed to a greater interest in the language, few things, however, have been done to facilitate its learning, especially among the Brazilians. This research, concerned with lack of didactic support for the learning and deepening of linguistic knowledge that, as a general rule, is acquired with the decoding of texts in the desired language, proposes the elaboration of a mono-directional dictionary of Arabic-Portuguese verbs. The dictionary proposed in this thesis singles out the most frequent *one thousand and one verbs* in the journalistic and literary corpora and will be compiled according to the scientific descriptive principles of modern lexicography, not limited to particular theory, but the pedagogical lexicography of Welker (2004; 2008) will be favoured. Welker (2008) discusses the pedagogical lexicography (PL), presenting techniques that, if followed, will help the dictionary user in the task of comprehending and decoding texts in foreign language. This theoretical background is interpreted through the view of the Philological School of Kūfa that considered the verb as the “originator” of the Arabic lexical universe. This position is undertaken by several modern Arabists who acknowledge that, although not all words can be traced back to a verbal root, the majority of the language’s lexemes come from a simple verb. The verbal corpus will be based on the works of Moshe Brill (1940) and Jacob Landau (1959) who, following the parameters of the corpus linguistics, compiled a list of the most frequent words in the Arabic media and literature. Due to the scope of the Modern Standard Arabic as the “*lingua franca*” in all Arab countries, and because this is the most used variety in the teaching of Arabic to foreigners, it was chosen as the variant for this research.

Keywords: Arabic. Bilingual lexicography. Arabic verbs.

SISTEMA DE TRANSLITERAÇÃO ADOTADO NESSA DISSERTAÇÃO:

Grafema Árabe	Correspondente na transliteração	Guia de equivalência fonológica no português do Brasil
ا	ā	“a” longo [a:]
ب	b	“b” como em bota
ت	t	“t” como em tapete
ث	t̤	“th” como no inglês “thin”
ج	j	“j” como em jogo
ح	ħ	“h” do inglês sem aspiração
خ	ħ	“rr” como em carro no dialeto carioca
د	d	“d” como em delta
ذ	ɖ	“th” como no inglês “this”
ر	r	“r” como em careta
ز	z	“z” como em zabumba
س	s	“s” como em sapo
ش	ʃ	“ch” como em chave
ص	ʂ	som similar ao “s” em sapo, porém enfático
ض	ɖ	som de “d” em delta, porém enfático
ط	ɸ	som de “t” em tapete, porém enfático
ظ	z ¹	som similar ao “z” em zero, porém enfático
ع	ˤ	som gutural sem equivalência em português
غ	ɡ	“r” como no francês parisiense “rat”
ف	f	“f” como em faca
ق	q	semelhante ao “k” porém gutural
ك	k	“c” como em copo
ل	l	“l” como em laranja
م	m	“m” como em marca
ن	n	“n” como em navio
ه	h	“h” como no inglês “hospital”
و	w / ū	“u” longo [u:]
ي	y / ī	“i” longo [i:]
ء	ʾ	parada glotal

¹ A transliteração de ظ como z, embora imprecisa, é mantida aqui por convenção internacional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Revisão de Literatura	6
CAPÍTULO I: OS ÁRABES E SUA LÍNGUA: UMA BREVE HISTÓRIA	13
1. Etnia e língua árabe.....	13
2. Origem e desenvolvimento do árabe clássico	20
2.1 Codificação linguística	21
2.2 Estratificação linguística	26
3. Declínio linguístico e estagnação intelectual	29
4. Reavivamento linguístico.....	33
4.1 Contato com o <i>Ocidente</i>	33
4.2 O estabelecimento das academias de letras	35
CAPÍTULO II: A GRAMÁTICA ÁRABE CODIFICADA: A ESTRUTURA VERBAL	40
1. As escolas de Bašra e Kūfa: Gênese da tradição gramatical	44
1.1 Fundação das escolas	45
1.2 O status do verbo em Kūfa e em Bašra	49
2. O alfabeto e o verbo árabe: Informações preliminares	52
2.1 O alfabeto: Características gerais	52
2.2 O verbo árabe: Características gerais	53
2.3 A radical verbal como paradigma derivacional	58
2.3.1 Forma I – فَعَلَ /fa ^c ala/	60
2.3.2 Forma II – فَعَّلَ /fa ^{cc} ala/	61
2.3.3 Forma III – فَاعَلَ /fā ^c ala/	62
2.3.4 Forma IV – أَفْعَلَ /ʾaf ^c ala/	63
2.3.5 Forma V – تَفَعَّلَ /tafa ^{cc} ala/	63
2.3.6 Forma VI – تَفَاعَلَ /tafā ^c ala/	64
2.3.7 Forma VII – اِنْفَعَلَ /infa ^c ala/	65
2.3.8 Forma VIII – اِفْتَعَلَ /ifta ^c ala/	66
2.3.9 Forma IX – اِفْعَلَّ /if ^c alla/	66
2.3.10 Forma X – اِسْتَفْعَلَ /istaf ^c ala/	67
CAPÍTULO III: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E APLICAÇÃO NA LEXICOGRAFIA ÁRABE	68
1. Linguagem e dicionários	68
2. Língua e linguagem	70
3. Lexicologia	72
3.1 Léxico	73
3.2 Unidade básica do léxico	74
3.3 Relações linguísticas de significado	76
4. Lexicografia	78
4.1 Tipologia de dicionários	79

4.2 Classificação dos dicionários	81
5. Terminologia e terminografia	82
6. Estudos lexicográficos árabes	84
6.1 Lexicografia árabe monolíngue	85
6.1.1 Transmissão dos dicionários	86
6.1.2 Organização da macroestrutura	87
6.1.3 Características gerais desses dicionários	90
6.2 Lexicografia árabe bilíngue	93
6.2.1 Primeiros dicionários bilíngues	94
6.3 Terminologia / terminografia árabe	99
CAPÍTULO IV: DICIONÁRIO DE VERBOS ÁRABE-PORTUGUÊS: UMA	
PROPOSTA	106
1. Aspectos técnicos	106
1.1 Alvo geral	107
1.2 Delimitação do público alvo	107
1.3 Extensão e seleção	107
1.4 Forma de organização da nomenclatura	107
1.4.1 Quanto à macroestrutura	108
1.4.2 Quanto à microestrutura	108
1.5 Funcionalidade	111
1.6 Reciprocidade	111
1.7 Direcionalidade	111
2. Lista dos verbos mais frequentes	112
2.1 Lista de Frequência de Brill	112
2.2 Lista de Frequência de Landau	113
2.3 As listas combinadas	115
2.4 Tabela com os verbos mais frequentes	116
3. Amostragem de verbos	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
ANEXOS	186

INTRODUÇÃO

De todas as terras comparáveis à Arábia em extensão, e de todos os povos que se aproximam aos árabes em interesse histórico e importância, nenhum país e nenhuma nacionalidade tem sido alvo de tão poucas pesquisas nos tempos modernos como a Arábia e os árabes. Philip Hitti²

A língua árabe, cuja história funde-se com aquela da religião islâmica, é uma das línguas de maior expressão na atualidade. Ela é um dos idiomas oficiais da ONU bem como a língua oficial de vinte países³, cujo território chega a aproximadamente quatorze milhões de quilômetros quadrados. Ela é o meio de comunicação diária para mais de trezentos milhões de pessoas. E, sendo a língua litúrgica do Islamismo, ela também desempenha um papel muito importante para mais de um bilhão de muçulmanos em todos os recantos do mundo.⁴

A trajetória da língua árabe é caracterizada por etapas definidas: ascensão, apogeu, declínio e revitalização. Durante o período de declínio (ou, na opinião de alguns, *estagnação*), ela permaneceu isolada, em especial durante partes do *Califado Otomano*⁵ que é conhecido entre os árabes, sob o epíteto de *ʿaṣr al-inḥiṭāʾ*/ “Era da decadência”. O isolamento foi rompido com a invasão francesa ao Egito em 1798, e desde então o mundo de expressão árabe tem estado em contínuo contato com o Ocidente. Esse contato tem se manifestado de diferentes formas e em esferas distintas dependendo do período investigado, mas inclui a colonização franco-britânica de quase toda a região, a Guerra do Golfo, a invasão norte-americana ao Iraque e Afeganistão, alcançando os dias atuais, com o envolvimento da OTAN na Líbia.

² “Of all the lands comparable to Arabia in size, and all the people approaching the Arabs in historical interest and importance, no country and no nationality has received so little study in modern times as has Arabia and the Arabs.” (HITTI, [1937] 1970, p. 3) – Tradução nossa. Doravante os textos originais das citações traduzidas, sempre por nós, constarão em notas.

³ Jacquemond (2006, p. 08) assevera que a “língua árabe ocupa a sexta posição entre as oitos línguas utilizadas por metade da humanidade, após o chinês, o inglês, o hindu, o espanhol, o russo, e antes do francês.” Seu território compreende da Mauritânia no extremo oeste ao Iraque no extremo leste; e da República Árabe Síria no norte ao Sudão no sul.

⁴ O número de muçulmanos é estimado em 1.3 bilhões de pessoas. De acordo com Aloisi (2008) essa cifra perfaz cerca de 19.2% da população mundial.

⁵ O Império Otomano (1299-1922) foi um das maiores e mais duradouras civilizações na história moderna. Com um início humilde, o império ganhou forças com a conquista de Constantinopla (1453). A partir de 1517, o sultão otomano também recebia o título de *Califa do Islã*.

A partir de 1989 com a implosão do sistema socialista soviético e a explosão do capital em nível mundial que seguiu em seu encalço (com todas suas transformações e consequências), inaugurou-se o período da moderna globalização – como um fenômeno que demanda um conhecimento maior do *outro*. Dessa forma, os recentes “gritos” por reforma nos países árabes, têm instigado o mundo ocidental a uma compreensão dos fenômenos políticos e sociais do mundo árabe e islâmico contemporâneo, compreensão essa que ultrapasse os estereótipos tão midiaticizados, mas tão pouco analisados com profundidade. A própria importância geopolítica da região salienta a necessidade desses estudos⁶. E, como tão sabiamente o expressou Dr. Mamede Jarouche, “é sabido e consabido que o estudo de qualquer civilização deve iniciar-se, necessariamente, por sua língua”⁷, o estudo da língua árabe é essencial para esse entendimento de maneira imparcial.

Observada em uma perspectiva histórica, a língua árabe – em seu apogeu – pode ser considerada como um farol que irradiou o conhecimento nos vários domínios do saber, em especial durante os muitos séculos da chamada *Idade Média*, visto ser a língua da cultura e das reflexões inovadoras, em especial durante os séculos nove e doze, quando mais obras foram escritas em árabe do que em qualquer outra língua, seja no domínio da linguística, ou de outras ciências como a astronomia, geografia, filosofia, história, e religião. Ela preservou o legado das antigas línguas de erudição tornando-se depositária de um dos maiores centros interculturais de transferência intelectual na história do mundo, gerando, dessa maneira, um fascínio sobre o imaginário ocidental, que foi imortalizado pelos relatos quiméricos de Marco Polo (BRASWELL, 1996).

Sua influência nas línguas da Europa Ocidental é notada através dos inúmeros empréstimos linguísticos que as permeiam (o árabe, depois do latim e grego, foi a língua que mais enriqueceu o léxico do português, por exemplo). Contudo, seu legado não se limita à linguística. Durante os quase oito séculos de convivência na Península Ibérica, os árabes transmitiram ideias e conceitos que foram instrumentais para o avanço das ciências, entre as quais a matemática (álgebra, o conceito do ‘zero’, etc.), a

⁶ Roger (2004, p. 276) afirma que a região é “de enorme importância estratégica e econômica”. “[...] of enormous strategic and economic importance.”

⁷ Na apresentação da obra “Árabe e português: Fonologia contrastiva” de Safa Jubran (2004).

astronomia, e a geografia.⁸ Seu alfabeto é, depois do latino, o sistema mais usado no mundo.⁹

A língua árabe, como no passado, continua a despertar o interesse do mundo ocidental. Outrora devido à conquista político-religiosa, atualmente em virtude de seu rico legado cultural e, mais recentemente, em consequência de sua associação com o terrorismo. Duian (2001) e Mahmoud (2004) asseguram que o interesse pela apreensão do árabe tem crescido paulatinamente desde o atentado ao *World Trade Center* (e o que ele simbolizava) em setembro/2001. Como uma consequência desse episódio, Khoury (2008) atesta que o *National Security Language Initiative* (2006) dos Estados Unidos, conceituou o árabe como uma língua estrangeira “crítica”, ou seja, uma língua estratégica que necessita um maior número de falantes competentes (entre os americanos).

Numa esfera diferente, mas igualmente importante, várias pessoas percebem a aprendizagem da língua e cultura árabe como um nicho do mercado de trabalho que tem sido pouco explorado. Essas pessoas, potencialmente, estariam trabalhando como tradutores e consultores culturais. O entendimento da língua e cultura provê as ferramentas que minimizarão o *ruído* na comunicação que limita a interação entre o ocidente e os possíveis parceiros das ricas nações árabes (e vice-versa).

O fator “religião” continua mantendo um papel preponderante na aquisição linguística do árabe, já que o conhecimento da língua árabe é imprescindível para a boa apreensão do significado do Alcorão, e para a performance dos rituais litúrgicos do islamismo. Entretanto, aqueles atributos¹⁰ que, *a priori*, atraem as pessoas para a

⁸ Os astrônomos árabes confeccionaram as tábuas afonsinas nas quais figuravam os principais elementos concernentes ao sol, lua, planetas e estrelas mais brilhantes. Os geógrafos prepararam as cartas marítimas, ou seja, “cartas planas, fáceis de manejar e ao mesmo tempo suficientemente exatas.” (GIORDANI, 1985, p. 354)

⁹ Uma vez que é usado para escrever mais de cem línguas, entre as quais, o urdu (Paquistão), persa (Irã), pashto (Afeganistão), hauçá (Níger, Nigéria, Sudão, e Tchad), e suaíli (Quênia, Tanzânia). (KAYE, 1990).

¹⁰ Marzari (2006, p. 7) assim descreve o árabe: “O árabe é uma língua fascinante. O alfabeto árabe encanta pelas elegantes proporções de suas letras e ligamentos que faz com que as palavras escritas dancem em um ritmo visual e passem a impressão que querem transpor as fronteiras do plano funcional. Em si, as fontes tipográficas fascinam pela composição das letras e a beleza de suas proporções, contudo, ainda mais cativantes são as decorações caligráficas nas mesquitas e noutros lugares, todas elas genuínas obras de arte. Além disso, a sonoridade do árabe provoca prazer, da mesma forma que os insólitos conceitos semânticos encerrados nas palavras árabes. Cheias de associações, estas palavras frequentemente surpreendem e fascinam; elas mostram o uso de uma linguagem aparentemente mais arraigada na era poética do que no uso funcional e não sentimental da versão

sua aprendizagem, isto é, sua característica mística e ritualista, e a sua rica herança linguística, literária, cultural e religiosa de muitos séculos, tendem a lhes repelirem com o passar do tempo. A grafia peculiar do idioma, sua natureza diglósica, a riqueza vernacular e a falta de materiais paradidáticos inibem e desmotivam o aprendiz.

No Brasil, essa realidade é análoga àquela do Atlântico Norte. Os diferentes fatores mencionados acima atraem as pessoas para a aprendizagem do árabe, mas pouco tem sido feito para facilitar a sua aprendizagem, mesmo com a significativa interação¹¹ entre o Brasil e as nações da África do Norte e Oriente Médio, em especial as diferentes nacionalidades oriundas do *Levante*,¹² que têm feito parte da cultura brasileira desde longa data. A presença árabe é vista em vários setores da sociedade, particularmente, mas não exclusivamente, no setor comercial. Esse contato cultural entre os diferentes grupos árabes e a sociedade brasileira tem deixado marcas indeléveis no *make-up* cultural da nação brasileira.

No que tange ao ensino da língua árabe no Brasil – como parte do intercâmbio cultural – começou, como atesta Jorge Safady (1972), com a criação de um curso *livre* de árabe na USP em 1944, estimulado pelo Centro Brasileiro de Cultura Árabe estabelecido pouco tempo antes. Esse despretenso princípio desencadeou na formação do curso de Bacharel em letras árabes (em caráter oficial) em 1963. No Rio de Janeiro, O Setor de Estudos árabes foi criado em 1969 e o curso outorga o diploma em Bacharel em Letras com habilitação em português-árabe.

escrita do inglês ou alemão”. “*Arabic is a fascinating language. The Arabic alphabet enchants by the elegant proportions of its letters and ligatures which make the written words dance in a visual rhythm and convey the impression of wanting to transgress the boundaries of functional design. Alone the typographic fonts fascinate by the composition of the letters and the beauty of their proportions, but even more fetching are the calligraphic decorations in mosques and elsewhere, all of them veritable works of art. Furthermore, the sound of Arabic delights, as do the unusual semantic concepts enclosed in Arabic words. Full of associations, these words often surprise and fascinate; they show a usage of language seemingly more rooted in a poetic age than the functional and unemotional usage of the English or German written language.*”

¹¹ Reconhece-se aqui que inúmeras associações de cunho comercial, cultural e educacional têm sido formadas para promover o entendimento mútuo. Menciona-se os diferentes centros de cultura árabe (Centro Cultural Sírio, Clube Homs, e seus correlatos em várias cidades brasileiras, notavelmente onde a presença árabe se faz sentir de maneira mais significativa), os centros de negócios (Câmara árabe do comércio, por exemplo, que fomenta as relações comerciais entre o Brasil e o mundo árabe), os centros de divulgação do Islã e, em especial, o ICÁrabe que providencia um espaço para a difusão cultural, mas também para reflexão e discussão de questões que afligem aquela região (conflito árabe-israelense, por exemplo).

¹² Levante: Conjunto de países do Mediterrâneo Oriental que inclui a Cisjordânia, Jordânia, Líbano e Síria.

Desde então outras universidades têm disponibilizado disciplinas regulares, optativas, ou cursos de extensão que contemplam a história do pensamento e cultura árabe (notavelmente a UNIFESP com a *História da Filosofia Medieval Árabe*, e a *Introdução ao Pensamento e Identidade Árabes* - da UFPR). Nessa história de pouco mais de quatro décadas, muitas pessoas foram formadas e muitos desenvolveram importantes pesquisas no campo dos estudos árabes no Brasil, tanto nas referidas universidades quanto em outras.¹³

Entretanto, uma das maiores dificuldades no ensino da língua árabe no Brasil continua sendo a falta de material didático. Durante o Primeiro Encontro de Arabistas Luso-Brasileiros (Rio de Janeiro, 2009), Dra. Safa Jubran (2010, p. 46) verbalizou aquilo que é o anseio e a motivação de todo arabista e aspirante a arabista brasileiro:

[...] Trata-se de elaborar, testar, adotar e difundir um método de ensino de língua árabe que seja eficaz e moderno, e que possa dar conta de todos os aspectos da língua árabe, seja em sua variante padrão ou dialetal, empregando as várias mídias de que dispomos modernamente.

Embora não especificado diretamente nessa declaração, o dicionário é fator imprescindível para aquisição e solidificação linguística. Sua ausência emperra o avanço da aprendizagem. A obviedade de sua presença no ensino e aprendizagem de uma língua (quer seja materna ou estrangeira) dispensa maiores comentários, embora seu status tenha mudado consideravelmente nas diferentes fases históricas do ensino e aprendizagem de línguas¹⁴, ele ainda mantém seu lugar de destaque como ferramenta no campo da aquisição linguística. Segundo Schmitz (1998), a vasta maioria dos aprendizes de língua considera o dicionário uma das mais importantes fontes de definição de vocábulos; todavia, apenas um número restrito deles carrega consigo uma gramática da língua que estuda.

A proposta para a compilação de um dicionário especificamente de verbos não surge em um vácuo. Usualmente, os dicionários bilíngues de língua geral não tratam

¹³ Vale ressaltar que apenas duas universidades (USP e UFRJ) mantêm um programa estruturado de estudos árabes oferecendo ao estudante a possibilidade de habilitação em árabe (graduação) e pós-graduação (especialização na UFRJ, e mestrado e doutorado na USP).

¹⁴ Angela Zucchi (2010, p. 69) assim descreve essa trajetória histórica do dicionário: “Seu papel no ensino de línguas passou de imprescindível, nos tempos da prática de gramática e tradução, a condenável nos tempos dos métodos diretos e, em tempos mais recentes, a instrumento de auxílio no ensino por vezes recomendado ainda com restrições pelos professores, apesar dos avanços da Lexicografia Pedagógica.”

com precisão a questão das preposições, talvez porque, para o lexicógrafo, o enfoque deva ser mais para o aspecto semântico-pragmático das entradas do que para o papel da preposição. Entretanto, sabe-se que tanto a omissão quanto o tratamento das preposições de forma parcial ou ambígua acarretam prejuízos para a compreensão e para a produção do aprendiz.

▪ REVISÃO DE LITERATURA

Como já mencionado, o interesse pelos estudos árabes no Brasil proliferou-se a partir do século passado, impulsionado pelo fluxo imigratório da comunidade árabe. Já a partir da década de 40 começaram-se os primeiros cursos de língua e o interesse foi consolidado com a criação dos cursos de graduação na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). De acordo com Nabhan (1988) os professores procuravam organizar “pequenos vocabulários”, na tentativa de prover um substituto ao tão necessário dicionário. As obras redigidas pelos professores Alphonse Nagib Sabbagh (1988 e 2011) da UFRJ e Helmi Nasr (2005) da USP vieram responder a essa premente necessidade.

Abaixo faz-se a revisão desses dicionários seguindo os critérios propostos por Duran e Xatara (2007). As duas fontes utilizadas são as informações apresentadas no prefácio e apresentação¹⁵ dos dicionários em questão e, em um segundo momento, uma verificação generalizada da sistematização da macro e microestrutura.

1) Dicionário Árabe-Português-Árabe (1988)

Organizada por Sabbagh (1988), a obra foi compilada tendo em vista a necessidade do estudante de árabe. Professor de árabe na UFRJ, Sabbagh dedicou uma parte significativa de sua trajetória universitária para elaborar essa primeira obra lexicográfica árabe-português.

De início, fichava o vocabulário utilizado nas aulas, que foi crescendo, crescendo de tal forma, que as caixas de sapato em que guardava as fichas não cabiam mais dentro do armário. Chegou o dia em que resolvi arriscar a publicação. Como não poderia deixar

¹⁵ Já foi dito que a apresentação do dicionário é como um contrato que o lexicógrafo firma com o leitor, descrevendo naquela poucas páginas o que o leitor vai encontrar na obra. Sob este aspecto, procura-se avaliar se o dicionário examinado “cumpre o que promete”.

de ser, algo ainda incompleto. Foi o ponto de partida. Reunimos cerca de 8000 palavras (SABBAGH, 2011, p. 19).

A obra foi publicada em parceria entre a editora da UFRJ e Ao livro técnico. O dicionário conta com 332 páginas, das quais 249 são devotadas à direcionalidade árabe → português; 62 páginas para a direcionalidade português → árabe (cujos vocábulos são apresentados remissivamente); e 20 páginas destinadas à apresentação, prefácio, guia de pronúnciação, e uma introdução à língua árabe que apresenta importantes particularidades da língua.

Em sua introdução ao dicionário, Sabbagh (1988) afirma que o dicionário foi elaborado de acordo com os padrões científicos, usando as convenções necessárias para que pudesse ser consultado tanto por arabistas, como por iniciantes na língua. Ele menciona publicações existentes que, em seu julgamento, não passavam de pequenos vocabulários, “porém não foram levadas em consideração as técnicas indispensáveis para o bom desempenho da obra” (SABBAGH 1988, p. 7). Desafortunadamente, não foi possível encontrar essas obras lexicográficas.

Como já mencionado, o dicionário conta com cerca de oito mil verbetes que são organizados por ordem alfabética “pura”¹⁶. Os significados apresentados são breves, contando com uma única acepção, em geral a mais frequente. A página é segmentada em três colunas: 1) a língua fonte – entrada, 2) a transliteração da entrada em caracteres latinos¹⁷, seguida pela parte do discurso, número e gênero; 3) a língua de chegada.

Os verbos são apresentados no perfectivo (terceira pessoa, singular, masculino – que é a convenção adotada pelos lexicógrafos árabes e pelos arabistas) e também a sua forma do imperfectivo. As informações da segunda coluna indicam a (in) transitividade verbal. A regência verbal é indicada apenas em alguns poucos casos. Os *nomes*¹⁸ (adjetivos, advérbios, numeral, substantivos, etc.) são apresentados em sua

¹⁶ Essa nomenclatura (KHOURY, 1996) difere da forma tradicional de apresentar os verbetes na língua árabe, que normalmente é redigido por ordem alfabética pelas raízes. Nela, as formas derivadas são apresentadas como entradas em si, e não como subentradas de um verbete.

¹⁷ A convenção de fornecer a transliteração foi muito difundida, em especial no período que antecedeu ao computador, porque, muitas vezes, encontrava-se dificuldade quando da diagramação de diacríticos em vocábulos. A transliteração, de certa forma, desobriga o lexicógrafo de apresentar os vocábulos com seus respectivos diacríticos.

¹⁸ As partes do discurso em árabe são divididas em três: verbo, nome e partícula. Maiores informações são apresentadas no capítulo II.

forma canônica, seguidos por sua forma no plural. Já as partículas (interjeições, preposições, pronomes etc.) seguem o mesmo padrão de apresentação dos *nomes*.

2) Dicionário Árabe-Português (2005)

O compilador, Dr. Helmi Nasr (2005), é nativo do Egito e veio ao Brasil em 1962. Já em 1963 tornou-se professor na USP e permaneceu por muito tempo o docente responsável pelas aulas de língua e literatura árabe, bem como as disciplinas ligadas à cultura islâmica (HANANIA, 1987).

O *Dicionário árabe-Português* é uma obra monodirecional (árabe → português) e foi publicada pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira. Ele conta com duas versões idênticas: uma em papel e uma versão eletrônica disponível gratuitamente em rede¹⁹. Contém uma curta introdução (3 páginas) e o guia de transliteração de palavras. As 416 páginas restantes são dedicadas ao dicionário em si, que são divididas em duas colunas. A primeira inclui as entradas da língua fonte seguida por sua transliteração (em vermelho). A segunda coluna registra os equivalentes na língua de chegada.

Na introdução ao dicionário, Nasr (2005) relata a trajetória da obra, desde a concepção da ideia até a materialização da mesma. O presente dicionário foi motivado pela necessidade que os estudantes do curso de árabe da USP tinham desse tipo de obra de referência. O alvo é prover uma ferramenta para leitura e compreensão de textos em árabe. O dicionário também se presta a servir como auxílio para o árabe que está aprendendo o português. Assim, ele pretende ser *bifuncional* atendendo às necessidades dos arabófonos e lusófonos.

A seleção das entradas é baseada na obra de Hans Wehr “*Dictionary of Modern Written Arabic*”, um dicionário que apareceu primeiramente em alemão e depois foi traduzido para o inglês. Essa obra foi escolhida devido ao fato que ela “continha todo o vocabulário usado na imprensa, na televisão, no rádio e na conversação diária. Observamos também que ele se distinguia com a precisão e explicação clara, longe das complicações gramaticais.” (NASR, 2005, p. i).

¹⁹ Ver: <http://www.favus.com.br/Clientes/dicionarioarabe/>.

Nasr também alude ao fato que o critério para a seleção dos verbetes não foi necessariamente científica: “... começamos a escolher as palavras convenientes do dicionário árabe-inglês e a traduzi-las ao português.” Ele também reconhece que este não é um dicionário abrangente: “Longe estamos de pretender seja ele um dicionário completo, uma vez que não contém senão pouco mais de 70.000 (setenta mil) vocábulos” (NASR, 2005, p. i).

Não se sabe exatamente como Nasr chegou a esse número de entradas, pois esse dicionário não conta senão com aproximadamente 9.000 entradas, que são apresentadas em ordem alfabética de acordo com as raízes. Os verbos, seguindo a organização de Hans Wehr, aparecem no perfectivo e, depois da transliteração, são seguidos pela vogal que tomam no imperfectivo. Apenas alguns verbos apresentam as preposições que devem ser usadas com eles (regência verbal). Os *nomes* são apresentados em sua forma canônica, seguidos por sua forma no plural.

Nasr não fornece muitas informações sobre a língua árabe, mas salienta duas informações importantes no final de sua introdução: a vogal que o verbo tomará no imperfectivo, e a convenção que os orientistas usam para indicar as modificações que atingem a raiz do verbo. Essas características são meticulosamente seguidas quando do tratamento dos verbos.

Um rápido exame na microestrutura revela certa falta de coesão interna e homogeneidade. Muitas vezes o “nome deverbal”²⁰ para o primeiro paradigma não aparece. Nas instâncias onde o nome deverbal é registrado, às vezes aparece escrito em árabe e na forma transliterada, algumas vezes apenas na forma transliterada. Os paradigmas verbais aparecem ora em preto, ora em vermelho. Algumas informações contidas na microestrutura apresentam grafemas árabes (“أ” “ب”), mas não existe uma explicação para elas, ou seja, falta uma tabela das convenções usadas. O sistema adotado para a transliteração é incongruente e, algumas vezes existe uma divergência entre a transliteração e as palavras escritas em árabe.

²⁰ Na opinião de muitos arabistas e de filólogos e lexicógrafos árabes (particularmente os partidários da Escola Filológica de Kūfa – ver capítulo II), o *nome deverbal* era a primeira derivação de um verbo.

3) Dicionário Árabe-Português (2011)

Recentemente publicado, o *Dicionário árabe-português* também de Sabbagh (2011), é a mais nova adição às obras lexicográficas na direcionalidade árabe → português²¹. Publicada pela Fundação Biblioteca Nacional em coedição com Almadena, o dicionário traz uma apresentação do autor em que constam informações acerca da organização do dicionário, que são oferecidas em árabe e português, e que cobrem dezesseis pontos importantes no que concerne à microestrutura. Uma tabela das abreviações utilizadas (tanto nas colunas da língua fonte como na da língua de chegada) ocupa as três páginas restantes.

A apresentação reflete a preocupação do dicionário publicado em 1988, ou seja, a inexistência de uma boa obra de referência abarcadora. O dicionário é redigido tendo como público alvo, de um lado, os estudantes e arabistas que utilizam o português em suas duas vertentes, a européia e a sul-americana. Por outro lado, ele também procura responder as necessidades de árabes que estão interessados no português. O dicionário é, portanto, bifuncional e recíproco.²²

Em sua apresentação, Sabbagh não enumera a quantidade de verbetes nem o *corpus* que proveu tais entradas. Uma única alusão à macroestrutura e às entradas, é que “a presente obra ocupa-se da língua árabe literária contemporânea, sem desprezar, contudo, palavras e expressões que possibilitem aos usuários estudarem a literatura do período clássico, que desperta grande interesse no mundo acadêmico” (SABBAGH, 2011, p. 19). Procurou-se contar as entradas que chegaram a cerca de 25.000 verbetes, divididos em 735 páginas. Cada página é dividida ao meio, cada metade com duas colunas. A primeira apresenta os verbetes na língua fonte e a segunda apresenta os equivalentes na língua de chegada.

Semelhante ao seu primeiro dicionário, a organização é estruturada na forma alfabética *pura*, onde as diferentes derivações aparecem como entradas e não como

²¹ O *Dicionário português-árabe* (SABBAGH, 2004) foi publicado pela editora *Librarie du Liban*. Esta obra não é mencionada aqui por não ser parte da direcionalidade que contempla essa dissertação.

²² O critério da *funcionalidade* diz respeito às duas funções básicas de um dicionário bilíngue: 1) apoio à codificação (na direção língua materna → língua estrangeira) e 2) apoio à decodificação (direção língua estrangeira → língua materna); O critério da *reciprocidade* diz respeito à língua materna do público alvo do dicionário bilíngue. O dicionário bilíngue recíproco é aquele que tem como público alvo tanto os falantes da língua fonte quanto os da língua alvo. (DURAN E XATARA, 2007, p. 313).

subentradas de uma radical verbal. Diferente do primeiro dicionário, Sabbagh (2011) não fornece – em português – informações linguísticas como número e gênero (embora, em árabe, essas informações apareçam indicados pelo grafema [ج] para os plurais irregulares e [م] para algumas formas femininas)²³. As partes do discurso são apresentadas na coluna designada para a língua de chegada. Sabbagh (2011) também não fornece a transliteração das entradas, mas estas são grafadas com todos os acentos diacríticos.

Os verbetes, de maneira geral, são mais trabalhados e apresentam diferentes acepções e sinônimos. Os verbos são apresentados no perfectivo (terceira pessoa, singular, masculino), seguidos pela vogal que caracteriza sua forma no imperfectivo. A regência é indicada, pelo menos as mais frequentes. Não há indicação da (in) transitividade verbal. Os *nomes* e partículas são apresentados em sua forma canônica, seguidos por sua forma no plural (se irregulares).

Para concluir, pode-se atestar que os três dicionários analisados se propõem a auxiliar o estudante na tarefa de decodificação, sendo que os dois últimos, Nasr (2005) e Sabbagh (2011), também têm como público alvo o falante da árabe, que usaria o dicionário para a codificação. Não se sabe com exatidão quais foram os critérios para a seleção das entradas e, estas, somente no mais recente, Sabbagh (2011), são tratadas de maneira um pouco mais exaustiva. Em suma, acredita-se que os dicionários examinados acima cumpram aquilo a que se propuseram. Contudo, acredita-se que o tratamento lexicográfico, em especial para com o verbo (com seu status de *mola propulsora* do léxico árabe²⁴), poderia ser mais amplo, incluindo diferentes acepções, fornecendo ampla sinonímia, sua regência e exemplos de uso para os aprendizes.

Ezquerria (1993) salienta que uma das razões pelas quais o estudante deixa de usar o dicionário bilíngue é o seu número reduzido de entradas. Esse fato, em si, pode ser considerado positivo mas, quando se trata de idiomas de outros troncos linguísticos, o estudante leva muito tempo (e talvez nunca o faça) para poder utilizar um dicionário monolíngue. O autor também observa que o tratamento lexicográfico

²³ Esses dois grafemas são as primeiras consoantes das palavras (جمع) /jam/ “plural” e (مؤنث) /mu’annat/ “feminino”.

²⁴ Conforme se discute no capítulo II desta dissertação.

das entradas nos dicionários bilíngues é muito limitado uma vez que, geralmente, apenas privilegia a *tradução* de uma dada unidade lexical.²⁵

Levando em consideração esses fatores e tendo em mente que a aprendizagem e o aprofundamento no conhecimento linguístico, via de regra, se adquire com a leitura no idioma almejado, esta pesquisa propõe a elaboração de um dicionário bilíngue de verbos focando na regência e em seus usos. Assim, dedica-se o primeiro capítulo dessa dissertação a um panorama geral da língua árabe focando em suas distintas etapas, incluindo a ascensão, apogeu, declínio e revitalização. O segundo capítulo discorre sobre a gramática árabe e a codificação linguística bem como o lugar do verbo em duas tradicionais escolas filológicas. No terceiro capítulo apresenta-se o arcabouço teórico para essa pesquisa, descrevendo de maneira multidisciplinar as diferentes disciplinas dentre as ciências do léxico que tratam do “fazer lexicográfico”. Apresenta-se também, com base em obras lexicográficas, as principais características da lexicografia árabe de cunho monolíngue, bilíngue e terminográfica. Finalmente, no quarto capítulo, apresenta-se o dicionário propriamente dito. Elencam-se os 1001 verbos mais frequentes nos corpora literário e jornalístico e, dentre esses verbos, selecionam-se alguns para uma amostragem do tratamento lexicográfico, em especial aqueles que têm suas acepções originais alteradas quando seguidos por preposição.

²⁵ Ezquerria (1993, p. 147) afirma que “La enorme reducción del léxico es uno de los motivos por los cuales los estudiantes extranjeros con un conocimiento avanzado de la lengua se sienten obligados a utilizar los diccionarios monolingües, y no los bilingües como venían haciendo durante las primeras etapas del aprendizaje. [...] Los diccionarios que abarcan una sola lengua, reduciendo sus características hasta un rasgo elemental, explican el significado de las palabras, mientras que los otros los plurilingües, se limitan a su traducción.”

CAPÍTULO I

OS ÁRABES E SUA LÍNGUA: UMA BREVE HISTÓRIA

Os árabes construíram tanto um império quanto uma cultura. [...] Eles absorveram e assimilaram os principais aspectos da cultura greco-romana, e subsequentemente atuaram como veículos de transmissão dessas influências intelectuais para a Europa medieval, o que, em última análise, resultou no despertar do mundo ocidental e o colocou no caminho para sua renascença moderna. Nenhum povo na Idade Média contribuiu tanto para o progresso humano quanto o fizeram os árabes e os povos de expressão árabe. Philip Hitti.²⁶

Discussões sobre a origem da língua árabe e o seu status antes e durante sua codificação têm resultado em debates acirrados e muitas controvérsias tanto entre os falantes nativos da língua (exegetas, filólogos e gramáticos) quanto entre os arabistas que possuem a língua árabe como objeto de estudo. Esse capítulo pretende apresentar um pano-de-fundo histórico de sua formação e desenvolvimento; a estratificação que resultou nos falares regionais (dialetos); e, por último, o “ocaso” e a revitalização linguística resultante da *Nahḍa*²⁷ nos tempos modernos. A relevância desses assuntos tonar-se-á evidente quando da escolha da vertente linguística que norteará a escolha dos verbetes no proposto dicionário.

1. ETNIA E LÍNGUA ÁRABE

Os “árabes” mencionados na epígrafe acima se referem aos descendentes diretos – ou por associação²⁸ – dos povos culturalmente heterogêneos que habitavam a

²⁶ “The Arabs built an empire as well as a culture ... They absorbed and assimilated the main features of the Greco-Roman culture, and subsequently acted as a medium for transmitting to medieval Europe many of those intellectual influences which ultimately resulted in the awakening of the western world, and in setting it on the road toward its modern renaissance. No people in the Middle Ages contributed to human progress so much as did the Arabians and the Arabic-speaking peoples” (HITTI, 1970, p. 4).

²⁷ *Nahḍa* é um termo derivado da raiz /n-h-ḍ/ cuja carga semântica é “levantar-se, por-se de pé” (WEHR, 1979). Em um sentido conotativo, *Nahḍa* implica em “estar pronto para”, “estar preparado, em forma”. Esse termo é usado para designar o “renascimento” da literatura e pensamento árabe sob a influência ocidental inaugurada depois da invasão de Napoleão ao Egito em 1789, mas que tomou forma a partir da segunda metade do século XIX. Frequentemente tanto o conceito quanto a nomenclatura têm sido traduzidos como “Renascença”. Tomiche (1993, p. 900) a fim de evitar uma abordagem eurocentrista, sugere a tradução “Despertamento” ao termo em questão. Segundo ele, essa equivalência está mais próxima ao sentido da raiz, e portanto, mais satisfatória.

²⁸ Durante o Califado Omíada (660-750), o casamento entre os membros de diferentes grupos étnicos atenuou o conceito de arabismo, dando lugar a um novo entendimento do “ser árabe”. Hitti (1970, p. 240) atesta que, “um árabe [...] tornou-se qualquer pessoa que professasse o islã e falasse e escrevesse a língua árabe, independente de sua afiliação racial.” Jenssen (2001, p. 135), ratificando a posição de

Península Arábica, que foram divididos, historicamente, em duas partes: O norte, com sua população tipicamente nômade que ocupava a região do *Najd* e *Al-Hijāz*; e o sul, com uma população sedentária que habitava a área hoje conhecida como Iêmen. (YUSHMANOV, 1961).

Figura 1: Mapa das tribos árabes do período pré-islâmico

Hitti, relata um /ḥadīṭ/ “tradição oral” atribuída ao Profeta do Islã no qual este teria dito: “Ó meu povo! Deus é um e o mesmo. Nosso pai [ou seja, Adão] é o mesmo. Ninguém entre vós herda o árabe de seu pai ou mãe. O árabe é um hábito da língua, então, qualquer pessoa que fale o árabe é um árabe”. A questão da *identidade árabe* tem sido um assunto muito discutido através dos séculos. Suleiman (2003, p. 64), em seu livro *The Arabic language and national identity*, discorre sobre várias teorias na formação dessa identidade e, em sua interpretação do citado /ḥadīṭ/, aponta que existe uma forte associação “entre língua e povo na conceptualização da identidade grupal na cultural árabe, ainda que as raízes históricas dessa associação sejam normalmente enquadradas no contexto islâmico.” Ele também cita um famoso jurisprudente islâmico, Imam Šafi‘i (morte 820), que em sua obra /risāla/ “epístola, carta” argumenta contra o uso do fator descendência ou linhagem como um definitivo critério para asserção da “arabidade” de alguém. Para Imam Šafi‘i, um muçulmano se torna um árabe se ele tem competência na língua, e abandona sua “arabidade” se perde essa competência.

Antes do século VII d.C. é extremamente difícil ouvir falar da língua e cultura árabe de uma maneira pontual. Vários registros históricos referem-se aos árabes, notavelmente a Bíblia, mas foi o advento do Islamismo que os projetou, juntamente com sua língua e cultura, para além de suas fronteiras históricas.

O causa principal dessa mudança foi o aparecimento do profeta Muḥammad (Maomé), o fundador do Islamismo. Ele nasceu em Meca em 570 d.C., membro de uma família influente. Pouco é conhecido sobre sua infância, mas sabe-se que seu pai falecera antes de seu nascimento e que sua mãe também faleceu pouco tempo depois. Muḥammad cresceu sob os cuidados de seu tio Abū-Ṭālib, um comerciante bem-sucedido. Casou-se aos vinte e cinco anos com uma rica viúva – Ḥadīja – e pouco tempo depois começou uma série de meditações em uma caverna nos arredores de Meca, onde teve revelações místicas, nas quais o anjo Gabriel verbalizava o conteúdo de um registro pré-existente nos céus²⁹, que era, por sua vez, recitado por Muḥammad e depois transmitido oralmente para seus compatriotas árabes. Essa coletânea de mensagens resultou, posteriormente, na formação do Alcorão³⁰, o sagrado livro islâmico (KHATIB, 1981).

A nova mensagem foi anunciada fielmente, a princípio entre parentes e amigos, e logo, de uma maneira mais pública. Suas palavras encontraram um solo fértil e várias pessoas foram atraídas a seus ensinamentos, que podem ser sumariados em cinco pontos principais: (1) Rejeição à idolatria e ênfase na unicidade divina; (2) Existência de um dia de “prestação de contas” – julgamento – resultando na retribuição divina: paraíso para os fiéis, e o inferno para os incrédulos; (3) A resposta humana diante da soberania divina deve ser a adoração ao único Deus; (4) Deus também espera a generosidade por parte dos seres humanos (nos relacionamentos interpessoais), sendo esse um dos quesitos fundamentais no dia de julgamento; (5)

²⁹ Para os muçulmanos, a única fonte para o Alcorão é o protótipo “tábua custodiada”, da qual o Alcorão terrestre é uma cópia fiel. Esse arquétipo está guardado nos céus (Alcorão 85:22), e foi enviado a terra através da intermediação do anjo Gabriel.

³⁰ O vocábulo Alcorão significa “recitação” ou, numa segunda acepção, “leitura”, seu primeiro versículo revelado denomina o livro: “Lê, em nome de teu Senhor” (Alcorão 96:1). Essa revelação foi intermitente e continuou por aproximadamente 23 anos (ABU-HAMDIYYAH, 2000). Essencialmente o livro é organizado em capítulos (sūra) que variam em extensão, de breves (3 versículos) a longos (286 versículos). McAuliffe (2006), citando um hermeneuta do século XIII, esclarece que o Alcorão contém 323.015 letras, 77.439 palavras, e 6.239 versículos em suas 114 sūras. Hitti (1944, p. 37) acrescenta que o Alcorão equivale a quatro- quintos do tamanho do Novo Testamento, portanto um livro de média extensão.

Reconhecimento de Muḥammad como um mensageiro especial de Deus para seu povo e como um “atalaia” discorrendo sobre o julgamento vindouro (HOLT; LAMBTON; LEWIS, 1970).

Enquanto a nova doutrina fascinava alguns segmentos restritos da população (especialmente entre os escravos e as pessoas das classes mais humildes), ela também atraía a atenção da oligarquia de Meca, que se sentia ameaçada pelo teor da mensagem. Assim, levantou-se uma forte oposição aos ensinamentos e tentativas de reformas de Muḥammad, já que a nova doutrina restringiria a força repressora destes líderes, diminuindo sua influência na região. Nessa época algumas famílias migraram para a Abissínia, onde os neo-muçulmanos encontraram guarida nos domínios do rei Negus. Poucos anos mais tarde uma segunda leva juntou-se a essas onze famílias originais (HITTI, 1944).

Mas a perseguição continuou a aumentar, e Muḥammad e seus seguidores foram então forçados a partirem de Meca e emigrarem para Yaṭrib que mais tarde recebeu o nome de “Madīnat An-Nabī” (Cidade do Profeta) ou simplesmente Medina. Esse evento, denominado hégira (do árabe /hijra/ “emigração”) marca o início do calendário islâmico.

Pouco tempo depois, o islamismo foi estabelecido tanto política quanto socialmente em Medina e, em 630 d.C., Muḥammad marcha para Meca e conquista a cidade. A partir de então começam suas incursões sob o estandarte da fé islâmica para outras regiões da Península (BEESTON et al., 1983).

Seu falecimento ocorreu dois anos depois da conquista de Meca (632 d.C.). Ele faleceu sem deixar herdeiros varões, e a tarefa de liderar politicamente a comunidade de fé, não sem controvérsias, passou para os califas, ou seja, “sucessores” (NEWBY, 2002). Com o governo centrado nas mãos dos três primeiros califas, o Império Islâmico teve um período de expansão e consolidação. Em algumas poucas décadas, as fronteiras do novo império estenderam-se através do Norte da África até a atual Tunísia, ao norte até a moderna Turquia, e a leste até a Pérsia.

Com o advento da Dinastia Omíada (661-750), o Império alcançou o extremo oeste do Norte da África (Marrocos), atravessou o Estreito de Gibraltar e adentrou a

Península Ibérica ao norte. A leste, as fronteiras foram alargadas até a Índia (Lahore) e China. O mapa seguinte ilustra a expansão geográfica do Império Islâmico durante seus primórdios (Braswell, 1996).

Figura 2: Mapa da expansão do império árabe-islâmico

Com a queda da Dinastia Omíada, percebe-se que o Islamismo havia testemunhado uma expansão *externa* impressionante (tanto geograficamente quanto em influência); na Dinastia Abássida, entretanto, o Império Islâmico testemunhará uma consolidação e expansão *interna* sem precedentes. Durante os quase oito séculos de domínio do Califado Abássida (750-1258), o território geográfico do Islamismo estendeu-se muito pouco, contudo, a civilização islâmica deu um salto para tornar-se exemplo de modernidade, erudição e desenvolvimento. Braswell (1996) atesta esse fato ao relatar: “Quando os mongóis saquearam Bagdá em 1258 tendo em vista por um fim ao Califado Abássida lá, a civilização islâmica tinha sido estruturada em teologia, jurisprudência e ciência; e o árabe era falado da Espanha à Índia.”³¹

³¹ “By the time the Mongols sacked Baghdad in 1258 to end the Abbasid Caliphate there, Islamic civilization had been shaped in theology, law, and science; and Arabic was spoken from Spain to India.” (Braswell, 1996, p. 45)

Durante o primeiro século da Dinastia Abássida, o Império Islâmico experimentou um renascimento cultural que afetou a arte, a literatura, a ciência e a medicina islâmica e pavimentou o caminho para o estabelecimento da civilização islâmica. A avidez pelo saber, a relativa estabilidade política e econômica durante esse período, e a postura de conquistadores, providenciaram um terreno fértil para o florescimento dessas disciplinas. Concomitantemente, o estabelecimento das Escolas de Filologia de Baṣra e Kūfa (que mais tarde se fundiram e deram origem a Escola de Bagdá) atesta que os árabes estavam não somente preocupados com o conhecimento e modernidade, mas com o desenvolvimento de uma nova terminologia que mantivesse a elegância e o estilo de sua língua (EL-KHAFAIFI, 1985).

O segundo califa da Dinastia Abássida, Al-Manṣūr (754-775) construiu a nova capital do império, Bagdá, às margens do Rio Tigre. Depois de seu reinado, outros importantes califas se levantaram: Al-Mahdī (775-785), Hārūn Ar-Rašīd (786-809) e Al-Ma'mūn (813-833). Braswell (1996, p.46) relata:

Sob esses soberanos, Bagdá tornou-se uma metrópole esplêndida, presidindo sobre um vasto domínio com energia e com poder implacáveis, desfrutando de um extenso comércio e abrigando um dos maiores centros interculturais de transferência intelectual na história do mundo.³²

O califa Al-Ma'mūn marcou o apogeu da dinastia Abássida. Durante seu governo, Bagdá desabrochou para as ciências e tornou-se renomada por seus intelectuais. Attie Filho (2002, pp. 119, 120) testifica que “o próprio califa interessou-se pelas obras gregas que eram traduzidas por cristãos e judeus para a língua árabe, e incentivou esse movimento”. Sob seu patrocínio foi fundada o /bayt al-ḥikma/ “A Casa da Sabedoria” em 830, cuja a principal tarefa era abrigar e traduzir obras científicas e filosóficas. “[F]oi nesse cenário rico de influências que, em pouco tempo, os árabes se viram detentores de grande parte da herança filosófica e científica da Antiguidade que, paulatinamente, foi sendo traduzida para a língua árabe”. (ATTIE FILHO, 2002, p. 134).

³² “Under these sovereigns, Baghdad became a splendid metropolis, presiding with energy as well as with ruthless power over a vast dominion, enjoying a far-flung commerce and housing one of the greatest intercultural centers of intellectual exchange in the history of the world.”

Previamente, o Islamismo havia triunfado sobre outros povos e impingido a marca árabe sobre o mundo conquistado, semelhante fenômeno ocorria agora, mas em direção contrária. Dessa vez, porém, os árabes não entraram em contato com a herança de conhecimento através da conquista, mas através de missões especiais enviadas especialmente para procurar por manuscritos para a tradução. Gutas (1998) atesta que o movimento de tradução que ocorreu entre meados do século oito e fim do século dez, testemunhou a versão de quase todo o corpo literário grego para a língua árabe: de alquimia e ciências ocultas à astrologia, passando pela aritmética, astronomia, geometria e música, sem deixar de lado toda a extensa filosofia aristotélica, incluindo a ética, física, lógica e metafísica entre outros. O impacto dessas traduções foi tão intenso que é quase impossível pensar no estudo dos escritos gregos antigos sem levar em conta a influência do árabe.

O movimento de tradução no mundo árabe perpetuou o legado das antigas línguas de comércio, erudição e pensamento muito após o declínio destas. A princípio os tradutores, e mais tarde, os próprios filósofos árabes, desenvolveram um sistema de referência que não apenas auxiliou os arabófonos de suas épocas a entenderem e assimilarem os conceitos universais propostos pelas civilizações passadas, antes os colocaram na posição de dialogar com os grandes mestres, e a desenvolverem suas próprias premissas e axiologias. Esse trabalho de sistematização de conceitos, linguagem e pensamento ajuda também o mundo ocidental hodierno a entender o pensamento clássico (antigo e medieval).

O amor ao saber caracterizou essas primeiras gerações da civilização islâmica. Gacek (2001) advoga que uma das principais características dessa época foi indubitavelmente o “culto” ao livro. A posição central que o livro ocupa na cultura árabe, segundo ele, deve-se ao Islã, mais apropriadamente ao Alcorão, o livro árabe por excelência. Uma evidência para essa reivindicação pode ser notada nas dezenas de milhares de obras em árabe numa ampla gama de disciplinas e tópicos, tanto em assuntos religiosos quanto em temas científicos. Esse rico legado pode ser visto ainda hoje nos manuscritos encontrados em diversas bibliotecas universitárias e nas numerosos coleções particulares e governamentais em todo o mundo, que testemunha um dos mais extraordinários capítulos na evolução histórica de uma das maiores línguas do mundo.

2. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO ÁRABE CLÁSSICO

A língua árabe é um membro do subgrupo “semítico” do tronco afro-asiático de línguas, juntamente com o acádico, aramaico, e hebraico dentre outras. As línguas semíticas se enraizaram e floresceram no Mediterrâneo, especialmente nas regiões que circundavam os rios Tigre e Eufrates e na área costeira do Levante. Duas das vertentes mencionadas extinguíram-se ainda no começo da era cristã: O acádico (antiga língua da Mesopotâmia) e o hebraico, que sobreviveu apenas como língua litúrgica, mas que desapareceu como linguagem do cotidiano. O aramaico se subdividia em diferentes dialetos, notavelmente o siríaco (usados pela população cristã da Síria e Mesopotâmia) e o nabateu (de uso restrito à cidade caravaneira de Petra, na atual Jordânia).

O ancestral comum de todo o desdobramento linguístico semítico é chamado pelos especialistas de “*Proto-semítico*”, uma matriz linguística cujos falantes ocupavam uma região geográfica ainda não identificada com exatidão, mas que alguns estudiosos acreditam ser originária da África Oriental, provavelmente na área que hoje corresponde à Somália e Etiópia (O’LEARY, [1923] 2000), enquanto outros advogam seu berço como sendo o Oriente Médio, entre a Síria-Palestina e a Mesopotâmia. (HOLES, 2004).

O proto-semítico tem sido bastante pesquisado, e baseado em reconstruções, os linguístas recobram muitos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos dessa variedade linguística, chegando à conclusão de que a língua árabe é mais atrelada à língua originadora do que qualquer outra variedade semítica moderna. (INAYATULLAH, 1969).

Jacquemond (2006) advoga que a vertente oral do árabe cristalizou-se no primeiro milênio antes do advento do cristianismo, enquanto que como vertente escrita apareceu ainda nos primeiros séculos da era cristã, com um alfabeto derivado do nabateu, uma forma de aramaico.

Assinala-se aqui o relacionamento entre a língua árabe e o aramaico pelo fato de que a primeira evidência epigráfica do árabe ser uma lápide que marca a localização do túmulo de Imru’u l-Qays b. ‘Amr grafado no alfabeto aramaico. Essa

lápide, conhecida como a *Inscrição de Namarah*, foi descoberta por René Dussaud e Frédéric Macler em 1901, em uma região localizada cerca de cem quilômetros de Damasco. A lápide é datada de 223 da era de Bostra, que segundo arqueólogos, é equivalente a 328 d.C. Bellamy (1985) examinou o epitáfio e chegou à conclusão de que o vocabulário e a sintaxe do registro são virtualmente idênticos à forma clássica do árabe codificado no Alcorão, com poucas exceções, como “*bar*” em vez de “*ibn*”, um item lexical claramente aramaico. Um grande legado dessa descoberta foi que o registro escrito mais antigo da língua árabe datava de 512 d.C., o achado da Inscrição de Namarah retrocedeu para quase dois séculos o primeiro testemunho epigráfico árabe.

2.1 CODIFICAÇÃO LINGUÍSTICA³³

A língua árabe, na qualidade de língua do estado e da cultura, suplantou (e, em muitos casos, totalmente desarraigou) muitos falares regionais: o grego e aramaico na Síria e Palestina; o copta no Egito; o latim e o berbere na África do Norte; e o persa e outros falares regionais nas províncias do lado oriental do império. Essa influência, contudo, não foi unilateral, muito embora muito tenha sido feito para refrear o efeito em direção contrária.

Ibn Ḥaldūn³⁴ em seu *Al-Muqaddima* (Prolegômenos), atesta que ʿUmar, o segundo califa, proibiu o uso do idioma nativo em todos os confins do império islâmico. O uso da língua árabe tornou-se um símbolo de lealdade ao islã e de obediência aos conquistadores. Essa coibição, embora tenha restringido a influência linguística, não a exterminou. O empréstimo linguístico, um fenômeno tão velho quanto a própria linguagem, é um traço comum na história das línguas e é a premissa básica dos estudos de línguas em contato, pois, a reciprocidade de relações traz em seu âmago um intercâmbio vocabular muito significativo para as partes envolvidas.

³³ Tema brevemente abordado aqui. Ele será retomado no próximo capítulo quando da discussão das escolas gramaticais.

³⁴ Ibn-Ḥaldūn (1332-1406), foi o maior historiador islâmico medieval. Nasceu em Tunis, filho de uma família espanhola-árabe, e serviu ao império islâmico em várias regiões, incluindo, Argélia, Egito, Granada, Marrocos e Tunísia. Em 1375 refugiou-se em Frenda (na atual Argélia) onde escreveu seu livro */al-muqaddima/ Prolegômenos*, que é o primeiro volume de seu */kitāb al-ibar/ História Universal*. Em 1382, a caminho de sua peregrinação à Meca, foi-lhe oferecida uma cátedra na famosa universidade islâmica Al-Azhar em Cairo, cargo que ocupou até sua morte em 1406.

Crystal (2004, p. 42) atesta: “Nenhuma língua existe em isolamento. Todas as línguas em contato influenciam umas as outras”. E o árabe não foi uma exceção à regra. Sua história está repleta de instâncias onde sua supremacia foi afrontada, às vezes de modo sutil, e em outros de maneira intensa e quase brutal³⁵.

Versteegh (1997) e Esposito (1999) testam que o papel preponderante que a língua árabe desempenhava na recém criada liturgia islâmica, bem como o domínio político da nação árabe nos territórios conquistados, requeriam uma inadiável estruturação linguística que forneceria um paradigma inalterável para os futuros filólogos, gramáticos, e linguistas, perpetuando assim sua hegemonia.

Respondendo a essa necessidade o filólogo Ḥalīl Ibn-Aḥmad (ca. 718-791), procedente da província onde se encontra o moderno Sultanato de Oman, compilou o inteiro vocabulário árabe em uma única obra, o *Kitāb al-ʿAyn* (o livro [da letra] ʿayn). Ḥalīl Ibn-Aḥmad também fundou a primeira escola de filologia do mundo árabe, onde seus discípulos analisaram a língua e fixaram a gramática árabe tendo por base o texto do Alcorão, as poesias da era pré-islâmica, e o falar beduíno (HOLES, 2004). Jacquemond (2006) assim resume o labor dos primeiros padronizadores da língua árabe:

É a língua da poesia pré-islâmica e do Alcorão, que os gramáticos e os lexicógrafos árabes vão fixar, nos dois primeiros séculos do Islã, por meio de um trabalho de compilação, de padronização e de teorização linguística de uma amplitude até então sem precedente.

Embora a língua árabe tenha experimentado, por séculos, diversas influências linguísticas, sua gramática, cristalizada como estava, manteve-se essencialmente a mesma. Seu universo lexical, em vez de ser reduzido ou alterado, apenas expandiu e aprimorou-se. Isso se deve, essencialmente, a dois fatores principais: (1) concepção que os árabes tinham de sua língua, e, (2) ao labor conjunto dos exegetas, filólogos,

³⁵ Refere-se aqui, especificamente, a empréstimos linguísticos nas línguas de especialidade, tanto no aspecto diacrônico como no sincrônico. Muitos linguistas compartilham a opinião de que, com o fenômeno da globalização e a realidade da tecnologia moderna, o isolamento de uma nação linguística é muito improvável, pode-se chegar à conclusão que nenhuma língua está livre de empréstimos, já que o contato entre povos, inevitavelmente, conduz a empréstimos linguísticos. Essa é uma questão muito debatida nas academias de letras árabes. Muitos eruditos consideram que a língua árabe tem em sua estrutura a habilidade de gerar os termos científicos necessários sem recorrer a empréstimos de línguas estrangeiras que poderiam, hipoteticamente, gerar uma potencial ruptura em sua estrutura e integridade linguística.

filósofos, gramáticos, e lexicógrafos árabes que envidaram muitos esforços para preservá-la.

Haywood e Nahmad (1965), corroborando o ponto de vista acima, asseguram que alguns usos gramaticais se tornaram obsoletos, mas a gramática codificada entre os séculos VII e X ainda se aplica amplamente ao árabe padrão moderno, como convém à língua que foi o veículo da revelação divina, fator essencial que inibe a alteração linguística de maneira extensiva. Eles reconhecem a realidade da variação linguística, mas indicam que esta alteração é infinitamente menor do que as mudanças que ocorreram nas línguas européias durante o mesmo período. Eles citam como exemplo a diferença entre o inglês de Chaucer (século XIV) e aquele de Kipling (século XIX) como os dois polos extremos. O português brasileiro, de formação relativamente recente, não conta com diferenças tão acentuadas, mas poder-se-ia argumentar que o autor português Luís de Camões³⁶ (século XVI) e o moderno escritor brasileiro Paulo Coelho, também poderiam ser considerados como polos opostos no espectro da variação linguística. A mudança não se limita ao universo lexical, mas às estruturas de sintaxe, semântica e ortografia. O que não acontece com a língua árabe.

Rabin (1955) concorda com a postulação de que a mudança gramatical é ínfima, e aponta como argumento o fato que o conhecimento hodierno da estrutura linguística e da gramática árabe deve-se ao empenho dos filólogos muçulmanos medievais que, nos três séculos anteriores a Zamaḥṣarī (1075-1143), proveram o arcabouço teórico para os estudos linguísticos árabes. Ele advoga que as gramáticas árabes confeccionadas pela erudição ocidental são extensamente embasadas naquelas obras iniciais: “[N]ós podemos dizer sem exageros que um estudante universitário de nossos dias recebe essencialmente o mesmo curso de gramática árabe que um estudante recebia numa *madrassa* abássida [do período tardio]” (RABIN, 1955, p. 19).³⁷

³⁶ Reporta-se a Camões (1524/25-1580) devido ao seu impacto sem paralelos tanto na literatura portuguesa quanto na brasileira, não somente através do épico *Os Lusíadas* (1572), mas também à poesia lírica de sua autoria publicada postumamente.

³⁷ “[W]e may without exaggeration say that the university student of our days is essentially offered the same course in Arabic grammar as the student of a late Abbasid *madrassa*.”

Com relação à percepção que os arabófonos têm de sua língua pode-se asseverar que toda comunidade linguística possui um conjunto de crenças – e mitos – acerca de sua própria língua, e o árabe não é exceção. Dependendo do teor dessas crenças, mudanças podem tornar-se, em muitos casos, matéria de disputa. Hitti (1944, p. 21) assim descreve a inter-relação etnia ↔ língua árabe:

Nenhum povo no mundo evidencia tal admiração pelas expressões literárias e é tão comovido pela palavra, falada ou escrita, como os árabes. Audiências contemporâneas em Bagdá, Damasco e Cairo podem ser agitadas ao extremo ao ouvirem a declamação de poesias, vagamente compreendidas, ou as preleções em língua clássica, ainda que somente parcialmente entendidas. O ritmo, a rima, a musicalidade, produzem neles um efeito que eles chamam de ‘feitiço permitido’.³⁸

Essa famosa citação de Hitti, na qual é colocada em evidência a extrema importância que os árabes atribuem à sua língua, é confirmada por vários estudiosos da cultura árabe-islâmica. Nydell (2002, p. 115), entre outros, corrobora a postulação de Hitti ao declarar que “enquanto a maioria dos ocidentais sente afeto por suas línguas maternas, o orgulho e amor que os árabes sentem pelo árabe são muito mais intensos. A língua árabe é o maior tesouro cultural deles.”³⁹

Ferguson (1968) discorre sobre alguns desses mitos em árabe, dos quais a “superioridade” é o primeiro. É razoável dizer que, pelo menos historicamente, a maioria dos árabes crê que sua língua seja superior a todas as outras. Eles apontam vários fatores como provas contundentes em defesa dessa crença, o mais importante deles sendo a revelação do Alcorão, vindo diretamente de Deus, e expresso em língua árabe⁴⁰. Também se valem do fato da língua árabe ser muito complexa gramaticalmente, o que é tido por muitos como uma importante indicação de sua

³⁸ “No people in the world has such enthusiastic admiration for literary expression and is so moved by the word, spoken or written, as the Arabs. Modern audiences in Baghdad, Damascus and Cairo can be stirred to the highest degree by recital of poems only vaguely comprehended, and the delivery of orations in the classical tongue, though only partially understood. The rhythm, the rhyme, and the music produce on them the effect of what they call ‘lawful magic’”.

³⁹ “While most Westerners feel an affection for their native language, the pride and love which Arabs feel for Arabic are much more intense. The Arabic language is their greatest cultural treasure.”

⁴⁰ Como já mencionado, os muçulmanos crêem que o Alcorão é uma cópia fiel de um protótipo existente nos céus. Chejne (1969, p. 06) assim descreve a notável relação entre os árabes e a sua língua: “Consequentemente, muçulmanos em geral e árabes em particular, têm considerado o árabe como uma linguagem concedida por Deus, inigualável em beleza e majestade, e a mais eloquente de todas as linguagens para expressar pensamentos e emoções. Tais crenças predominaram até os dias atuais, particularmente no mundo árabe onde os pietistas e os nacionalistas consideram o árabe o esteio da fé, [e] a coluna do nacionalismo [...]”

superioridade. Um terceiro argumento é a riqueza de sua língua (os inúmeros sinônimos para alguns conceitos: leão, tâmara, etc.), e a extensão de seu universo vocabular. Estes três aspectos são exemplificados no famoso enunciado de Abū Ḥussayn Aḥmed Ibn Fāris⁴¹, um dos inúmeros proponentes da origem divina da língua árabe, citou em seu famoso “kitāb Aṣ-ṣāḥibī” uma posição bastante comum em seus dias:

Alguns juristas [islâmicos] disseram: ‘A língua dos árabes não pode ser totalmente dominada a não ser por um profeta’. E este pronunciamento é digno de crédito, pois até onde sabemos, ninguém reivindicou a memorização da língua em sua totalidade.⁴²

Finalmente, em quarto lugar, a estrutura linguística é salientada, especialmente as características morfológicas da língua que permitem a fácil cunhagem de novos vocábulos, o que, teoricamente, diminui a quantidade de empréstimos linguísticos de outros idiomas.⁴³ Nydell (2002, p. 115) reivindica que os árabes crêem que os “empréstimos de outras línguas é menos frequente em árabe do que em muitas outras línguas”.

Se essas alegações podem ser comprovadas empiricamente é um assunto que foge ao escopo dessa dissertação. Historicamente, entretanto, a prática sugere uma teoria diferente. Chejne (1969, p. 04) confirma esse parecer quando declara que “no processo de seu desenvolvimento, a língua árabe tornou-se devedora a inúmeras línguas – antiga, medieval, e moderna – das quais ela tomou emprestado uma enorme quantidade de vocabulário”⁴⁴.

⁴¹ Ibn-Fāris, gramático e profícuo escritor do século X, dedicou sua *magnum opus* ao Vizir Aṣ-Ṣāḥib Ibn-ʿAbbādi. Em seu “kitāb Aṣ-ṣāḥibī”, Ibn-Fāris focaliza sua pesquisa em duas frentes: (1) na organização geral do árabe – reconhecendo-o como instituição divina – e (2) como o Criador dotou suas criaturas para articulá-lo. (ROMAN, 1988)

⁴²

قال بعض الفقهاء: 'كلام العرب لا يحيط به إلا نبي'، وهذا كلام حري أن يكون صحيحاً. وما بلغنا أن أحداً ممن مضى ادعى حفظ اللغة كلها.

⁴³ Uma das peculiaridades da língua árabe é a maneira pela qual os vocábulos são formados. Trata-se do sistema de derivação. Embora, na língua árabe, nem todas as palavras possam ser atribuídas a uma raiz verbal, a maioria de seus lexemas deriva-se de um verbo simples. Essa combinação de grafemas traz em seu bojo uma noção específica. Assim, a composição /k-s-r/ representa a ideia de “quebrar”, enquanto que /d-r-s/ exprime o conceito de “estudar”, e /q-w-l/ o de “falar”, e assim por diante. Prefixos, sufixos e mudanças internas (tanto em acréscimos como em supressões) inseridos a essa raiz dão origem a novos termos relacionados à ideia principal. Esse processo é conhecido em árabe como /īstiqāq/, ou seja, derivação morfológica (EL-KHAFIFI, 1985; ARYAN, 2001; TARAZĪ, 2005), que é o método mais produtivo utilizado para a formação de neologismos em árabe. Toda raiz árabe tem, potencialmente, a mesma capacidade para geração de novos vocábulos.

⁴⁴ O empréstimo linguístico é um tópico extremamente antigo e abrangente, mas somente no século XX é que ele começou a ser pesquisado com maior rigor científico, impulsionado com a publicação da obra

2.2 ESTRATIFICAÇÃO LÍNGÜÍSTICA

Ibn Ḥaldūn reitera em diversas passagens de seu livro que o contato da língua árabe com aquelas das nações conquistadas causou a irremediável corrupção do árabe:

Vede o que se passa em relação a isto nas cidades de Ifrikya [África], Magrib [África do Norte], Andaluzia e Oriente. Em Ifrikya e no Magrib, os árabes se misturaram com povos estrangeiros, os berberes, que formavam a massa da população. Não havia ali, por assim dizer, nem cidade, nem povoação onde não houvesse berberes. Foi a causa de a língua estrangeira sobrepujar a língua que falavam os árabes, e desta promiscuidade formar-se um novo idioma misto, mas, sobre o qual a língua estrangeira teve maior influência, pela razão que acabamos de apontar, resultando daí esta linguagem afastar-se muito do idioma primitivo. O mesmo ocorreu no Oriente, onde os árabes depois de subjugarem as nações que habitavam estas regiões, como os persas e turcos, misturaram-se com eles; as linguagens destas nações se infiltraram e tiveram curso entre eles por intermédio dos cultivadores, dos trabalhadores, dos cativos de guerra empregados como domésticos, pajens de crianças, domésticas e amas de leite. Com isto, o idioma dos árabes se corrompeu, por se ter alterado a faculdade que tinham adquirido, e assim uma linguagem nova substituiu a antiga. (Tradução do árabe de KHOURY, 1960, p. 337)

Embora o conceito de “corrupção linguística” postulada por Ibn-Ḥaldūn possa soar categórica em demasia, o fato é que sua observação tem fundamento⁴⁵ quando

de Louis Deroy, “*L’Emprunt Linguistique*”. Em árabe, ele é um assunto extremamente polêmico pela própria natureza do relacionamento etnia ↔ língua árabe como mencionado acima.

O termo empréstimo linguístico pode ser definido como um vocábulo (ou outro traço linguístico qualquer) advindo de uma língua estrangeira, ou, no interior de uma mesma língua, como originário de outro universo linguístico. Obviamente o termo é uma metáfora e não deve ser entendido literalmente, tendo sido julgado impróprio por vários autores, já que o termo subentende a devolução do mesmo à fonte original, o que não acontece. Ademais, o empréstimo sofre mudanças de natureza fonético-fonológicas no processo de transferência, algo que não aconteceria com um objeto emprestado, que se mantém tal qual é. Matthews (1979, p. 47) ilustra bem esse conceito quando descreveu: “Quando se pede algo emprestado, existe um entendimento tácito que o mesmo será devolvido. Entretanto, quem é que já pensou em devolver uma palavra aos franceses ou aos italianos ou a quem quer que seja, de quem nós a furtamos? Primeiramente porque nós não os privamos do uso da mesma e, em segundo lugar, eles podem não quererem-na de volta depois que tivermos terminado de usá-la, afinal, nós temos a tendência de tratar nossos empréstimos com uma certa brutalidade”.

Vários termos substitutos foram sugeridos, entre eles *mots voyageurs* “palavras viajantes” de Calvet (1987), mas, a influência dos linguistas Sapir e Bloomfield que assim denominavam o fenômeno, acabou por consagrar o uso do termo *empréstimo* na comunidade acadêmica. (CARVALHO, 1989).

⁴⁵ Versteegh (1997, p. 112) assim esclarece essa posição de Ibn-Ḥaldūn: “A língua árabe foi utilizada na interação entre os árabes com os povos conquistados, mas como os povos tinham muitas dificuldades em aprender a complicada estrutura da língua árabe, eles cometiam muitos erros e dessa maneira corromperam a língua árabe. O tema central nos relatos de Ibn-Ḥaldūn é esta corrupção da linguagem. Traduzido em terminologia moderna seus relatos parecem descrever o processo no qual o aprendizado imperfeito de uma segunda ocorre. Neste contexto, isso significa que as formas coloquiais

entendida dentro do contexto correto. Diferentes estudiosos da língua árabe afirmam que as evidências linguísticas parecem indicar que durante os estágios iniciais da conquista territorial islâmica, o árabe gradualmente tornou-se a língua dominante, mas não o “puro” árabe beduíno, mas um novo tipo de língua árabe, uma variedade oral que coexistia lado-a-lado com a antiga língua do Alcorão e dos árabes beduínos. Em outras palavras, esta justaposição de línguas, de um lado o árabe e do outro as línguas vernaculares, produziu um enriquecimento do léxico árabe, mas também levou à estratificação do idioma, o que resultou, posteriormente, em uma diglossia.

Nogueira (2006) explora essa noção em seu artigo “a diglossia nas comunidades árabes”. Ela traça a origem do conceito ao linguísta francês William Marçais que em 1930 definiu a situação de diglossia e cunhou o termo para designar o fenômeno. Entretanto, foi Charles Ferguson que tornou-se referência na literatura linguística por sua definição do termo⁴⁶. Em seu clássico artigo de 1959, Ferguson descreveu a diglossia como “uma situação em que duas variedades da mesma língua são usadas para diferentes funções dentro da comunidade” (p. 35), que é o caso da língua falada no mundo árabe.

Diferentes autores denominam o fenômeno experimentado pela língua árabe com diferentes terminologias. Hudson (1980) tanto o chama de triglossia quanto de quadriglossia; Hary (1996), por outro lado, o chama de multiglossia. Estes autores tomam as diferentes vertentes dentro de uma mesma variedade como se tratassem de entidades separadas (vide abaixo). Entretanto, para esta dissertação, preferiu ater-se à denominação, definição e organização de Ferguson (1959), pois pode-se acrescentar inúmeras vertentes dentro de uma mesma variedade, mas o princípio permanece o mesmo.⁴⁷

da linguagem que se originaram neste período de conquistas foram, na realidade, variedades imperfeitas do árabe.”

⁴⁶ William Marçais, em 1930, definiu a situação de diglossia nas comunidades árabes, mas foi Ferguson (1964), que posteriormente definiu esse fenômeno. Ferguson atribui às duas variedades as denominações H (H[igh], como sendo a variedade elevada, identificando as vertentes *clássica* e *padrão* como pertencentes à essa categoria) e L (L[ow], como sendo a variedade “baixa”, identificando com ela os dialetos regionais).

⁴⁷ Um exemplo disso é o que ocorre em Bagdá, que segundo Ferguson (1959), os cristãos árabes usam o “árabe cristão” quando estão se comunicando entre si, e o dialeto de Bagdá ou “árabe muçulmano”, quando estão interagindo com um grupo misto.

A vertente “H” (Alta) abrange antigos conceitos poéticos, estadísticos, filosóficos e religiosos que foram preservados e fazem parte de um universo arcaico, mas ainda utilizado, principalmente na arena religiosa islâmica. Essa variedade é conhecida como o *árabe clássico* (a linguagem perpetuada pelo Alcorão), e ela nunca é utilizada nas conversações do dia-a-dia, não sendo a língua materna de nenhuma das nações árabes. Entretanto, ela é aprendida formalmente e usada por estudiosos religiosos quando debatendo assuntos concernentes à fé. Essa variedade é símbolo de erudição e conhecimento teológico (HUDSON, 1980).

Essa mesma vertente “H” também engloba a variedade *árabe padrão moderno* (APM) que é uma forma modernizada do árabe clássico e é menos complexa do que a variedade clássica no que se refere à sintaxe, morfologia e semântica (CORTÉS, 1996; NYDELL, 2002). Ela é entendida, se não falada, pela maioria dos árabes. O APM é usado em situações de locuções formais, tais como palestras, noticiários e discursos e, na forma escrita, em correspondência oficial, literatura e jornais. Essa variedade é aprendida através do sistema educacional formal, e serve como a “língua franca” entre todos os países árabes. A morfologia e sintaxe do árabe padrão moderno são essencialmente as mesmas em todos os países árabes, da Mauritânia ao Iraque. As poucas diferenças lexicais são restritas a apenas algumas áreas especializadas, ajudando a manter, como no passado, a unidade linguística do mundo árabe. Este fato dá a todos os descendentes árabes um senso de identidade e uma consciência de sua herança cultural comum. O árabe padrão moderno é de caráter conservativo e tende a criar e agregar neologismos ao seu banco de vocabulário partindo de combinações já existentes no árabe clássico, embora vários lexemas tenham sido emprestados de outros idiomas (CORTÉS, 1996).

A outra parte nessa diglossia é o *árabe dialetal*, ou o código “L”. Esta vertente varia de país a país e de região para região e é usada em todas as situações não formais do dia-a-dia, não obedecendo às regras gramaticais do clássico ou do padrão moderno, embora siga uma convenção própria e reconhecida. Essencialmente, esses dialetos são utilizados somente na versão oral, mas, algumas vezes, são reduzidos à escrita, particularmente na poesia, em caricaturas de periódicos e em certos diálogos incluídos em romances contemporâneos. Entretanto, eles não têm uma ortografia estabelecida. Contrário à vertente clássica e padrão moderno, os dialetos “não têm

nenhum prestígio. Algumas pessoas vão ao extremo de dizerem que eles não têm gramática e que não valem a pena serem estudados com seriedade” (NYDELL, 2002, p. 116).⁴⁸

Outros estudiosos acrescentam a essa terceira vertente duas outras variantes: O árabe falado culto (HUDSON, 1980; ABU-MELHIM, 1992) ou árabe falado formal (NYDELL, 2002), e o árabe caiota (ABU-MELHIM, 1992). O árabe falado culto (formal) é a variedade usada por pessoas instruídas quando se comunicando com outras pessoas igualmente instruídas. El-Hassan (1978) citado em Abu-Melhim (1992) acrescenta a essa definição a seguinte característica: “No mundo árabe, os falantes instruídos usam uma variedade de árabe que nós chamamos de Árabe Falado Culto (AFC), que está baseado tanto no árabe padrão moderno como no árabe dialetal [as variedades regionais do árabe falado]” (ABU-MELHIM, 1992, p. 02).⁴⁹

Essa breve introdução foi no sentido de elucidar o porquê da escolha do Árabe Padrão Moderno, considerado uma “língua franca” entre os falantes de todos os países árabes e também a mais usada no ensino de árabe para estrangeiros.

3. DECLÍNIO LINGÜÍSTICO E ESTAGNAÇÃO INTELECTUAL

É impossível estabelecer uma data precisa ou fatos determinantes que tenham levado ao declínio da língua e cultura árabe; contudo, pequenas demonstrações de decadência podem ser vistos em diversos momentos históricos. É a soma de todos esses fatores que levou à derrocada (ainda que temporária) do império árabe-islâmico. Talvez, o fator preponderante tenha sido as divisões internas, pois, como é sabido, um reino dividido contra si mesmo não pode subsistir. Essas facções domésticas se intensificaram ainda no século X, mas as repercussões só foram sentidas a partir do século seguinte, quando os árabes deveriam estar unificados para enfrentar os inimigos comuns que avançavam em diferentes frentes. No século XI começaram as

⁴⁸ “[Arabic dialects] have no prestige. Some people go so far as to suggest that they have ‘no grammar’ and are not worthy of serious study.”

⁴⁹ O árabe caiota, a variedade urbana falada no Cairo (Egito), é a variedade mais conhecida de todos os dialetos árabes, “e provavelmente o mais prestigiado entre eles” (cf. *Op. cit.*, p. 07). Isso se deve ao fato de Cairo ser a “Hollywood” do mundo árabe. Centenas de filmes e músicas são oriundos deste centro cultural, disseminando, naturalmente, o léxico local. Além disso, educadores egípcios trabalham em todos os países de fala árabe, muitas vezes enviados pelo próprio governo egípcio em parceria com outros governos árabes.

Cruzadas com o intuito de expulsar os “sarracenos” (população árabe-muçulmana) que ocupavam a *Terra Santa*. No mesmo século, o movimento da *Reconquista* ganhou força e expressão na Espanha e recobrou o importante centro cultural de Toledo (1085), fazendo com que a língua árabe perdesse seu incontestável domínio. Ela continuava arraigada em solo espanhol, mas agora teria que dividir o espaço com a emergente língua espanhola.

No século XIII as invasões mongóis alcançaram a parte asiática do império islâmico. Em 1258 d.C. a cidade de Bagdá foi pilhada e totalmente devastada, pondo fim à capital abássida, e acabando com um dos pontos nevrálgicos da vida intelectual islâmica. O núcleo de atividade intelectual deslocou-se para outras regiões, notavelmente o Egito, que estava sob o domínio mameluco⁵⁰, mas sem o ímpeto e originalidade de outrora.

A “deterioração linguística” chegou a tal ponto que Ibn-Baṭṭūta⁵¹, visitando a cidade de Baṣra em 1327 d.C., o berço da codificação e estruturação linguística, relata que ouviu um pregador (que supostamente deveria ser profundo conhecedor da gramática e retórica) cometer graves erros gramaticais em sua prédica:

Eu participei das preces numa sexta-feira na mesquita, e quando o pregador se levantou para proferir seu sermão, ele cometeu muitos sérios erros gramaticais. Eu fiquei atônito com o fato e comentei isso com o qāḍī [juiz] que me respondeu: ‘Nessa cidade não existe mais ninguém que tenha qualquer noção de gramática.’ Eis aqui, realmente, uma admoestação para os homens ponderarem – magnificado seja Aquele que muda todas as coisas e subverte todos os assuntos humanos! Esta Baṣra, em cujo povo o domínio da gramática alcançou seu apogeu, visto ser onde ela [a gramática] teve sua origem e desenvolvimento, e que foi a moradia do líder cuja preeminência é incontestada, não tem nenhum pregador que possa proferir um sermão sem quebrar as suas regras [gramaticais].⁵²

⁵⁰ O nome é derivado da palavra árabe para *escravo*. Sob o Sultanato Ayyūbī, generais mamelucos usaram sua influência para estabelecer uma dinastia que governou o Egito e a Síria entre 1250 e 1517.

⁵¹ Navegador árabe nascido em Tangier (Marrocos atual) em 1304. O mais importante navegador árabe medieval e autor de um dos mais famosos livros de viagens, *Riḥla* (Viagens), que descreve suas extensivas viagens cobrindo mais de 120.000 quilômetros em excursões a quase todos os países muçulmanos e às regiões longínquas da China e Indonésia.

⁵² “I attended once the Friday prayers at the Mosque, and when the preacher rose to deliver his sermon, he committed many serious grammatical errors. I was astonished at this and spoke of it to the qadi, who answered, ‘In this town there is not one left who knows anything about grammar.’ Here indeed is a warning for men to reflect on – Magnified be He who changes all things and overturns all human affairs! This Basra, in whose mastery of grammar reached its height, whence it had its origin, and

A degeneração linguística foi perpetuada e ganhou novas proporções com o advento do Império Turco (Otomano). Depois da queda de Constantinopla (1453) os turcos, que gradualmente haviam conquistado as províncias islâmicas da Ásia Central, Oriente Médio e Egito, fundaram o império Otomano, e se tornaram o maior poder político na região.

Figura 3: Mapa da expansão do império otomano⁵³

where it developed, which was the home of its leader whose pre-eminence is undisputed, has no preacher who can deliver a sermon without breaking its rules.” (GIBB, 1963, p. 142).

⁵³ O império Otomano foi o maior e mais duradouro estado muçulmano da modernidade, tendo existido por mais de seis séculos até sua dissolução após a Primeira Guerra Mundial. No início do século XVI ganhou grande projecção de maneira que incluiu quase todo o mundo árabe, incorporando a Síria, Egito, Iraque e o Magreb (com exceção do Marrocos). O auge do império ocorreu durante o governo de Solimão, “O Magnífico” (1520-1556), um grande conquistador que expandiu o império e levou seus exércitos até a Áustria. A derrocada do império começou a partir do século XVIII, com um processo de fragmentação política e esfacelamento territorial. O século XIX encontrou um “Império Otomano” dividido, entre outros fatores, pela diversidade linguística, sistemas de escrita e religiões. Gradualmente, as regiões agregadas começaram a reivindicar autonomia e independência política.

A língua árabe continuou como a língua litúrgica desses povos, e em vários lugares, a língua de comunicação diária, mas seu status como linguagem da política e administração foi transferida para o turco. Os próprios árabes, na esperança de obterem um cargo público, estavam mais inclinados a aprenderem o turco do que se aprofundarem o conhecimento de sua própria língua. Chejne (1969, p. 84) advoga:

No decorrer de quase quatro séculos de domínio otomano, a escrita árabe tornou-se escassa e estéril e distintamente faltava-lhe a vitalidade e expressividade que tinham caracterizado a língua nos séculos anteriores.⁵⁴

Tradicionalmente, os árabes chamam essa época de /ʿaṣr al-inḥiṭā/ “Era da decadência/declínio”. Aḥmad Amīn, um proeminente intelectual egípcio, é citado por Allen e Richards (2006, p. 02) como descrevendo esse período da seguinte maneira:

As portas do mundo islâmico foram fechadas depois das Cruzadas. [...] Os muçulmanos simplesmente marcaram passo. Na esfera do saber, houve apenas o rearranjo de alguns livros sobre jurisprudência, gramática, e assuntos semelhantes; naquilo que se concerne à arte, não houve nenhuma criatividade e nada que se assemelha à velha perfeição; [...] Tudo foi aniquilado pelo prolongado período de tirania. O conhecimento consistia em livros formais sobre religião para serem lidos, uma sentença para ser analisada [gramaticalmente], um texto para ser memorizado, [...] havia somente uma pequena representação das ciências seculares, algo para ser usado com o propósito de lembrar a herança do passado.⁵⁵

A drástica queda na produção literária, entretanto, não implicou em sua completa paralisação. Uma das maravilhas da literatura árabe foi compilada nesse período, *As mil e uma noites*. Entretanto, muitas obras desse período apresentavam uma ênfase na forma em detrimento ao conteúdo; importantes e seminais obras também apareceram durante essa época, incluindo várias enciclopédias, sem as quais, o entendimento moderno de muitas disciplinas árabes medievais seria impossível. O

Fragmentado e enfraquecido, o império foi extinto e, em parte de seu território fundou-se a República da Turquia.

⁵⁴ “In the course of almost four centuries of Ottoman rule, writing in Arabic was scarce and sterile and distinctly lacked the vitality and expressiveness which had characterized the language centuries earlier.”

⁵⁵ “The doors to the Islamic world were closed after the Crusades [...] Muslims simply marked time. In the realm of learning, there was just the rehashing of some books on jurisprudence, grammar, and the like; in crafts, there was no creativity and none of the old perfection [...] It was all killed off by the prolonged period of tyranny. Knowledge consisted of a formal religious book to be read, a sentence to be parsed, a text to be memorised [...] there was only a small representation of the secular sciences, something to be made use of solely in order to know the heritage of the past.”

pesquisador egípcio As-Suyūṭī⁵⁶ (1445-1505) ilustra bem a abordagem dos escritores nesse período.

4. REAVIVAMENTO LINGUÍSTICO

Múltiplos fatores desempenharam importantes papéis para o advento da *Nahḍa* e a consequente revitalização linguística que seguiu em seu encalço, entre as quais podem ser citados os seguintes: O contato entre o Ocidente e os países árabes; a iniciativa de clérigos que, independente das vertentes religiosas seguidas, uniram-se no objetivo de tirar a língua árabe de seu estado de inércia; o desempenho das instituições governamentais (bibliotecas, comitês, escolas, academias de letras); a participação do cidadão “comum” que fomentou a criação de partidos políticos, organizações filantrópicas e científicas e, como não podia deixar de ser, as criações literárias de muitos autores árabes que, embora frequentemente “românticas” e saudosistas, inspiraram o povo a sonhar com um retorno ao passado heróico e a reviver as glórias do império islâmico. Destaca-se abaixo os dois fatores mais contundentes:

4.1 CONTATO COM O OCIDENTE

De acordo com Chejne (1969), El-Khafaifi (1985), e Sawaie (2000), um dos atores fundamentais que instigou a *Renascença Árabe*, foi a expedição liderada por Napoleão em 1789 que, embora de curta duração, promoveu a aproximação (embora utilitária) entre a Europa e o Mundo árabe. A fundação da ciência de *Egiptologia* trouxe contato ininterrupto entre as duas regiões. As ideias de uma Europa que havia experimentado a Renascença, a Reforma, o Iluminismo e que estava começando a sentir os efeitos da Revolução Industrial, muito influenciaram as nações árabes. Além disso, a campanha de Napoleão introduziu o mundo árabe à imprensa e assim, pela primeira vez, o conhecimento nos diversos domínios da ciência tornou-se disponível ao cidadão comum (COLE, 2007).

⁵⁶ Embora não tivesse sido um escritor original, As-Suyūṭī contribuiu muito para o avanço de diversas disciplinas. Ele escreveu mais de 300 obras versando sobre uma ampla gama de assuntos, mas em especial as ciências religiosas islâmicas (sendo a exegese e hermenêutica sua especialização). Seus mais importantes trabalhos foram o *Al-muḥḥir fī ‘ulūm al-luġa* (“Guia para as ciências da linguagem”), uma enciclopédia linguística na qual ele discorre sobre a história, fonética, semântica e morfologia da língua árabe (baseado em seus predecessores Ibn Jinnī e Ibn Fāris) e, em co-autoria com Jalāl Ad-Dīn al-Maḥallī, escreveu *Tafsīr al-Jalālayn* (“Interpretação/Explicação dos dois Jalāls”), um comentário do Alcorão palavra-por-palavra.

Como resultado desse contato “inaugural” com o Ocidente, e o posterior contato com as potências européias através da colonização, o mundo árabe abriu-se para um “diálogo” com o Ocidente, especialmente durante o reinado de Muḥammad °Alī (1805-1848)⁵⁷, quando vários estudiosos e eruditos árabes foram enviados à Europa a fim de estudarem as novas ideias e pensamentos originados pelo Iluminismo. A experiência provou ser positiva para ambas as partes, contudo, ao retornarem, os árabes perceberam que o verdadeiro obstáculo para a disseminação das novas ideias era a inadequação da terminologia científica árabe. A princípio o dilema estava centrado apenas na representação dos termos para representarem as instituições francesas, assim o “théâtre” tornou-se o /tiyātru/, “spectacle” /sbaktākīl/, “opéra” /ubirā/, o “journal” /jurnāl/, “la poste” /al-būṣṭa/, e a “la politique” /al-būlitīqā/. Mas logo, eles tiveram que tratar com o restante das ideias de uma Europa modernizada:

Os desafios culturais, políticos, militares e tecnológicos que resultaram do contato europeu com o Oriente Médio, e as mudanças institucionais que as acompanharam, mostraram ser um ponto crucial no desenvolvimento da língua árabe, particularmente seu léxico (SAWAIE, 2000, p. 395).⁵⁸

Muitos eruditos desempenharam importantes papéis nessa reforma linguística, entre os mais famosos está Rifā°a Rāfi° al-Ṭaḥṭāwī (1801-1873), que contribuiu para o desenvolvimento da língua árabe através de suas inúmeras traduções de obras estrangeiras, e da compilação de muitos dicionários, glossários e obras de cunho terminográfico, em especial o glossário /luḡat al-jarā'id/, “A linguagem da imprensa”. Tais trabalhos procuram responder as necessidades terminológicas da sociedade árabe.

De acordo com Ṭaḥṭāwī, citado por Sawaie (2000), a tradução de material de outra língua requer o domínio da língua sendo traduzida (língua de partida) e da língua para a qual o material estava sendo traduzido (língua de chegada), bem como o conhecimento da disciplina em questão. Essa abordagem fez de Ṭaḥṭāwī um mestre

⁵⁷ Heyworth-Dunne (1940, p. 326) assevera que a maior herança que Muḥammad °Alī legou às gerações futuras foi o redirecionamento que ele deu à língua árabe e sua literatura. Ele pavimentou o caminho para o reavivamento linguístico, uma vez que, por vários séculos a língua tinha estado confinada às necessidades da mesquita, das madrasas [escolas tradicionais] que estavam anexadas a elas, e aos antiquados interesses científicos de uns poucos eruditos associados à Al-Azhar.

⁵⁸ “The cultural, political, military, and technological challenges that resulted from the European contact with the Arab East, and the institutional changes that accompanied them, proved to be a crucial turning point in the development of the Arabic language, particularly its lexicon.”

nas obras que ele verteu para o árabe que resumiam em quatro áreas do conhecimento: direito, geografia, geometria e história.

A preocupação com a terminologia levou ao surgimento dos primeiros precursores das Academias linguísticas, mas estas, ainda em fase embrionária, desapareceram. Foi somente o começo do século vinte que viu o surgimento das cinco academias de língua árabe existentes hoje.

4.2 O ESTABELECIMENTO DAS ACADEMIAS DE LETRAS

Conquanto um fenômeno antigo – e registrado nas *sutras* de Panini (c. 400 a.C.) e mais tarde nas obras dos filósofos da antiguidade grega – o envolvimento humano na língua ganhou especial projeção com o advento das academias de letras, que proveu legitimidade oficial à tarefa de manipulação linguística. A mais antiga delas, a Academia Italiana Della Crusca, foi fundada em Florença em 1582. Esta foi seguida pelo estabelecimento da Academia Francesa em 1635. Essas instituições inspiraram a criação de muitas outras, primeiramente no continente europeu, mas depois na Ásia, América Latina (no Brasil em 1897) e, mais recentemente, no Oriente Médio. Entre as mais célebres estão as da Espanha (1713), Suécia (1786) e Hungria (1830). Em vários países, notavelmente Estados Unidos e Inglaterra, essa iniciativa não foi bem-sucedida. Nos Estados Unidos, a proposta para a criação da “American Society of Language” foi recebida pelo Congresso em 1806, mas a moção foi rejeitada. Depois de várias tentativas frustradas foi criada a “American Academy of Languages and Belles Lettres” em New York, mas, depois de dois anos de existência e sem o apoio governamental, a academia interrompeu suas atividades (CRYSTAL, 1987).

As atividades de tais instituições têm sido normativa e purista por natureza, em uma tentativa de expurgar a língua daquilo que lhe é pernicioso, especificamente, as unidades lexicais estrangeiras que impregnam seu universo lexical. A *Academia Francesa* é um protótipo dessa atitude. Outras agências linguísticas, particularmente no bloco chamado de “Países do Sul”, têm se envolvido na função de standardização linguística rejeitando termos técnicos internacionais numa tentativa de combater o colonialismo cultural ocidental.

Nahir (1977) apresenta especificamente o escopo desse planejamento delimitando-o em cinco aspectos principais: (a) purificação linguística, que se refere

ao uso prescritivo (e correto) da língua enquanto mantém sua pureza; (b) avivamento linguístico, que se propõe a restabelecer uma linguagem antiga a seu status anterior ou, em casos extremos, a “ressurreição” de uma língua morta (como exemplificado no caso do hebraico); (c) reforma linguística, que visa a facilitar o uso da língua ao simplificar seu vocabulário e ortografia; (d) standardização linguística, que concentra esforços para fazer de um dialeto regional uma das principais línguas em nível nacional; (e) modernização lexical, que se refere aos esforços de criar novo vocabulário para satisfazer as necessidades da era moderna.

Como mencionado anteriormente, a cultura ocidental impactou o mundo de maneira *sui-generis* no início do século XX. As modernas ciências e tecnologias floresceram e os povos árabes, agora divididos em estados politicamente independentes, preocuparam-se com a modernização de suas sociedades. Países que até então tinham estados isolados dos centros de pesquisa científica viram-se unidos através da mídia moderna. A fim de abarcar o conhecimento, os árabes sentiram a necessidade de criar instituições científicas oficiais capazes de ajudar no processo de modernização, particularmente no âmbito do grande vácuo terminológico existente na língua árabe para exprimir as ideias advindas das experiências ocidentais.

Alguns países, quando confrontados com o mesmo problema, arquitetaram uma revolução linguística, como é o caso da Turquia e Malásia (e mais recentemente, Israel). Entretanto, o mesmo não é possível com o mundo árabe, uma vez que não é possível impor uma norma nos vinte países que têm o árabe como língua nacional.

O estabelecimento das Academias Árabes de Letras (a partir de 1919) foi um passo concreto em direção ao estabelecimento e uma normatização da terminologia em nível trans-nacional. De acordo com El-Khafaifi (1985), o principal propósito dessas academias é a “adaptação da língua às necessidades dos tempos modernos a fim de que ela possa funcionar com êxito” (pp. 35,36).⁵⁹

A primeira academia a ser estabelecida foi a de Damasco (1919), seguida pela do Cairo (1932), a de Bagdá (1947) e a de Amã (1976). Em 1967 foi fundada em Rabat uma repartição internacional, o Departamento de Coordenação Permanente. Esse último, afiliado à Liga Árabe, se difere das academias árabes por se preocupar

⁵⁹ “the adaptation of the language to the needs of modern times so that it may function successfully.”

com exclusividade à eliminação da multiplicidade de formas e promover a padronização do árabe moderno, uma iniciativa muito apropriada, pois a pluralidade terminológica é um dos grandes problemas enfrentados na terminografia árabe moderna⁶⁰. Al-Qurashi (1982, p. 235), em sua tese de doutoramento, atesta que “essa pluralidade terminológica naturalmente cria confusão, porque foi-se o tempo no qual a profusão de sinônimos era um sinal de riqueza linguística e refletia uma inerente qualidade da língua em questão.”⁶¹ Entretanto, a padronização terminológica no mundo árabe é uma tarefa hercúlea, visto ser a língua compartilhada por vinte nações autóctones com diferentes heranças linguísticas devido ao período de colonização. O legado da colonização ainda se manifesta na interface do árabe utilizado.

Chejne (1969) afirma que todas as academias compartilham os mesmos objetivos de preservação e revitalização do árabe clássico como uma língua unificada para todos os falantes do árabe. Esse alvo é atingido através do patrocínio às pesquisas em linguística árabe, cunhagem de palavras (de acordo com os padrões morfológicos e fonológicos do árabe) que substituirão a estrangeirismos, etc. El-Khafaifi (1985), complementa essa ideia ao atestar que as academias não estavam interessadas apenas na cunhagem de palavras derivadas de raízes árabes, ou na “arabização” de empréstimos estrangeiros, mas, também, reviver palavras árabes arcaicas cujo sentido poderia ser aplicado às necessidades do mundo moderno.

A Academia do Cairo é uma das mais ativas em seu papel de fortalecer a língua árabe. Ela tem 25 comitês, e a maioria deles ocupa-se com a cunhagem de equivalentes árabes para os termos estrangeiros. At-Tarzi (1999), citado por Al-

⁶⁰ El-Khafaifi (1985) destaca vários exemplos da pluralidade terminológica, entre elas pode ser citado o vocábulo “constituição” que, na Síria e Iraque é /dastūr/ ou /dustūr/ - originalmente do persa significando “estatuto”, “regulamento” - enquanto que no Cairo é /qānūn asāsī/ - originalmente do grego “canon” ou “lei” e o vocábulo árabe /asāsī/ “básico”. Um segundo vocábulo é “pêndulo” que no Iraque é /raqqāṣ/ (um dançarino profissional), enquanto que no Egito é /bandūl/ (claramente um empréstimo de uma língua do tronco indo-europeu, onde o fonema “p”, que inexistia em árabe, é substituído por sua correlata sonora; e, na Síria, o mesmo instrumento é denominado /nawwās/ (pendente; algo que agita, balança ou oscila). Chejne (1969, p. 157) relata que o mesmo fenômeno ocorre na terminologia educacional. Na tradução do *Educação nos Países Árabes* do inglês para o árabe, Arkāwī, que era o co-autor da obra, descobriu que era difícil encontrar palavras uniformes para descrever escolas particulares, profissionais, técnicas, industriais, artísticas e fundamentais, porque diferentes palavras são usadas nos diferentes países árabes.

⁶¹ “This terminological plurality naturally creates confusion because the time has passed in which the profusion of synonyms was a sign of the linguistic richness and reflected an inherent quality of the language in question.”

Qahtani (2000, p. 28), diz que a tarefa da Academia é a de “manter a pureza do árabe, fazendo-o capaz de expressar os novos avanços das ciências e artes, e desenvolver um novo dicionário para a língua.”⁶²

Os neologismos cunhados pela academia variam de acordo com os campos de conhecimento. “De acordo com o relatório estatístico apresentado na 64ª conferência (1997), o número de termos cunhados pela Academia de Língua do Cairo até então era 135.076.”⁶³ (AL-QAHTANI, 2000, p. 30). Essa cifra incluiu 9.113 termos para o domínio do direito; 20.750 para a biologia; 20.031 para a medicina; 14.746 para a física; 11.147 para o petróleo; 4.903 para a filosofia; 2.391 para as artes.

Essa amostragem refere-se apenas à Academia Caiota, que é a mais estudada, e a de maior influência no mundo árabe (EL-KHAFAIFI, 1985). Entretanto, é legítimo dizer que todas as academias têm se envolvido na tarefa de modernização do árabe. Um dos problemas encontrados é a quantidade de termos, bem como a velocidade com a qual as mudanças ocorrem nos campos da ciência e tecnologia. Um cientista dificilmente esperaria pelos termos cunhados pela academia antes publicar sua pesquisa. Dessa maneira, uma enxurrada de termos provindos do próprio meio acadêmico infiltra a língua antes que as academias tenham tempo hábil para cunhar a terminologia apropriada.

De acordo com El-Mouloudi (1986) todas as academias têm seguido o método tradicional de inserção à língua que foi sancionado pelos linguístas e gramáticos do passado. Ele censura essa abordagem e culpa a academia pela demora na apresentação de nova terminologia: “um princípio predominante que tem guiado [a academia] e ao mesmo tempo diminuído a produtividade lexical tem sido o apoio quase que total nos antigos métodos de nomeação para ideias e conceitos” (p. 98)⁶⁴. De acordo com o autor, essa insistência em seguir os métodos tradicionais de cunhagem é problemática porque muitos dos termos da moderna linguagem científica (muitas vezes derivadas de línguas indo-européias) foram, originalmente, aglutinados com prefixos e sufixos

⁶² “maintain the purity of Arabic, make it capable of expressing new advancement in sciences and arts, and develop a new dictionary for the language.”

⁶³ “According to a statistical report submitted to the 64th conference (1997), the number of terms that have been coined by the CLA so far is 135076.”

⁶⁴ “A predominant principle which has guided and at the same time slowed down lexical productivity has been the almost total reliance on the native language repertoire in the process of naming ideas and concepts.”

(gregos e latinos), e o árabe não tem, em sua estrutura, equivalentes para tais conceitos. Da mesma forma, o uso de composição sintagmática que é comum na formação de conceitos científicos não é muito frequente em árabe.⁶⁵

É sabido que um aspecto primordial para o fortalecimento linguístico de uma comunidade é a capacidade que uma determinada língua tem para gerar novas expressões e vocábulos em resposta às demandas do meio, e esse é um dos maiores problemas que a língua árabe ainda enfrenta, ou seja, a adaptação do vernáculo aos conceitos técnicos e científicos provenientes, primordialmente, das línguas ocidentais. Contudo, as academias têm procurado responder a essa necessidade.

Neste capítulo apresentou-se a língua árabe de uma maneira genérica, focando em sua ascensão, declínio e revitalização. O próximo capítulo tratará do movimento de codificação/padronização que ocorreu durante os séculos VII-X, por intermédio de exegetas, gramáticos, filólogos, e lexicógrafos. Também tratará de uma especificidade da língua, sua gramática, em especial o lugar do verbo.

⁶⁵ Por essa e outras razões, muitos eruditos modernos têm questionado o papel das academias de letras. O *Planejamento Linguístico* (PL), a ciência que legitima a intervenção externa em uma língua, ainda é muito recente, embora o envolvimento humano na língua não o seja. Estudiosos – incluindo gramáticos, filólogos e filósofos – têm estado envolvidos na planificação linguística desde tempos imemoriais.

A despeito de ser uma disciplina relativamente nova, o planejamento linguístico acumulou uma extensa literatura e muitos proponentes têm envidado esforços para defini-lo. Haugen (1966, p. 287) define PL como “a tarefa normativa das academias e comitês linguísticos que forma parte daquilo que é conhecido como cultivo linguístico [...] é toda proposta para reforma ou standardização linguística”. Rubin e Jermudd (1971, p. xvi) descreveram PL como a “mudança linguística deliberada, ou seja, mudanças no sistema do código da língua ou no falar, ou em ambos, que são planejadas por organizações que foram estabelecidas para tais propósitos ou a quem foram outorgadas o mandato de cumprir tais propósitos”. Fishman (1974) define PL como “a busca organizada de soluções para problemas linguísticos, tipicamente em nível nacional.” Tollefson (1991, p. 16) define o termo PL como sendo “todo esforço consciente de afetar a estrutura ou a função de uma variedade linguística. Estas tarefas podem envolver a criação de ortografias, programas de standardização e modernização, ou destinar funções para línguas particulares dentro das sociedades multilíngues.” Na opinião de Schiffman (1996, p. 3) “entende-se por planejamento linguístico um conjunto de medidas concretas tomadas dentro do âmbito de políticas linguísticas para atuar na comunicação linguística em uma comunidade, tipicamente ao direcionar o desenvolvimento de suas línguas.”

Embora essas definições diferenciem-se uma das outras, existem traços semênicos comuns entre elas, o que leva a conceptualização nocional de planejamento linguístico como sendo uma atividade humana consciente que busca a solução de problemas linguísticos, comumente apresentados em escala nacional. Um outro traço presente na maioria das definições é que a mudança na estrutura de uma língua ou sua função, ou ambas, estão presentes no escopo das atribuições do PL.

CAPÍTULO II

A GRAMÁTICA ÁRABE CODIFICADA: A ESTRUTURA VERBAL

Como Venus, a língua árabe nasceu em um estado de perfeita beleza – beleza que ela preservou, a despeito de todas as convulsões históricas e as influências maléficas do tempo. Robert Marzari⁶⁶

Este capítulo se divide em duas partes principais: A primeira discorre sobre a codificação linguística e a cristalização da gramática árabe enfocando, em especial, o lugar do verbo em duas tradicionais escolas filológicas. A segunda apresenta os verbos árabes e seus padrões de derivação.

Vários estudiosos [entre eles Šawqī Dayf (1968) e Ignaz Goldziher (1994)] têm sugerido que a cristalização da estrutura e da gramática árabe foi motivada pela necessidade de estabelecer um texto definitivo do Alcorão, a fim de salvaguardá-lo dos mal-entendidos e das ambiguidades que a falta de um paradigma fixo e conhecido poderiam causar⁶⁷ e, concomitantemente, preservar a língua como um todo dos solecismos (em especial os agramatismos) no falar do crescente número de neo-muçulmanos que não tinham o árabe como língua nativa.

A codificação linguística impulsionada por motivos religiosos não é uma exclusividade do árabe. Comumente, as palavras usadas em ritos religiosos devem ser reproduzidas com exatidão para que possam ser ouvidas e atendidas pela divindade. Longyear (2000) e Itkonen (1991) atestam que os registros escritos mais antigos sobre codificação linguística remetem a influência da religião na Índia, quando os sacerdotes hindus perceberam que a vertente oral do Sânscrito havia mudado desde a compilação de seus textos sagrados, os Vedas. Panini, um gramático indiano que viveu no século IV a.C., inspirado por esse fato, produziu o primeiro manual

⁶⁶ “Like Venus, the Arabic language was born in a state of perfect beauty in a state of perfect beauty and it has preserved this beauty, despite all historical upheavals and corrupting influences of time.” (MARZARI, 2006, p. 34)

⁶⁷ Como já mencionado anteriormente, o Alcorão foi fruto de revelações intermitentes que tomaram um período de aproximadamente 23 anos (ABU-HAMDIYYAH, 2000). Depois da morte de Mohamed e de vários seguidores que o haviam memorizado, sentiu-se a necessidade de compilar as mensagens e oráculos em um único registro escrito. As mensagens foram coletadas não apenas da memória de pessoas, mas de inscrições em pedras, ossos de animais, pergaminhos, folhas de palmeiras, etc. (HITTI, 1944). Para que tal tarefa pudesse ser levada a cabo com êxito, necessitou-se estabelecer um sistema uniforme, especialmente com relação à representação de gráfica das vogais breves e outros sinais diacríticos (como a geminação, alongamento, etc).

linguístico de que se tem notícia descrevendo as regras morfofonológicas do Sânscrito. Goldziher (1994, p.04) corroborando essa influência da religião na língua acrescenta:

Exatamente como a gramática indiana foi influenciada pelos Vedas, [...] os chineses pelos escritos de Confúcio, e o hebraico pelo cânon bíblico, a motivação para o encetamento dos estudos gramaticais árabes foi proporcionado pelo estudo profundo do sagrado livro islâmico.⁶⁸

Na língua árabe, a tradição atribui a [°]Alī (morte 661 d.C.), o quarto califa, a prerrogativa de ser o primeiro a impulsionar o estabelecimento da gramática como uma ciência, mas cabe a Abū- Al-Aswad Ad-Du'alī (morte 688 d.C.), a honra de ser chamado o fundador da gramática árabe. A tradição reza que foi [°]Alī quem recrutou a Ad-Du'alī e lhe deu a tarefa de codificar a língua. Ibn-Al-Anbārī assim registra esse intercâmbio (1985, p. 18):

Visitei o *príncipe dos crentes* [título dado aos califas] [°]Alī Ibn-Abī-Ṭālib e o encontrei com um fragmento [manuscrito] em suas mãos. Então lhe perguntei: 'O que é isso, ó príncipe dos crentes?' Ele então respondeu: 'Eu estava meditando no falar das pessoas e percebi que este se corrompeu devido à associação com os bárbaros [não-árabes] (quer dizer, estrangeiros). Então eu quis dar a eles algo ao qual eles pudessem se remeter e fiar-se em'. Depois disso deu-me o fragmento e nele estava escrito 'A língua em sua totalidade é nome, verbo e partícula [...]' E me disse: Siga esta regra [sintaxe, gramática] e redija [compile / acrescente a] sobre ela o que te ocorrer.⁶⁹

Na sentença “/‘unḥu hāḍa an-naḥw/” (“Siga esta gramática [regra]”), o radical /n-ḥ-ā/ é o originador tanto do verbo “seguir” (/‘unḥu/ - 2ª pessoa/ singular/ masculino/ imperativo) quanto do vocábulo *gramática* /naḥw/. Segundo Wehr (1994), a carga semântica do radical é “tomar uma direção, seguir, ser guiado por”. As implicações são claras, *gramática*, é o “caminho [parâmetro, modelo] a ser seguido”.

⁶⁸ “Just as Indian grammar was stimulated by the Vedas, [...] the Chinese by the books of Confucius, and the Hebrew by the Biblical canon, the motivation for the inception of Arabic grammatical studies was provided by the penetrating study of the Muslim Holy Book.”

⁶⁹ دخلت على أمير المؤمنين علي أبي طالب (رضي الله عنه) فوجدت في يده رقعة. فقلت: ما هذا يا أمير المؤمنين فقال إنني تأملت كلام الناس فوجدته قد فسد بمخالطة هذه الحمراء (يعني الأعاجم) فأردت أن أضع لهم شيئاً يرجعون إليه ويعتمدون عليه. ثم القى إلي الرقعة وفيها مكتوب: الكلام كله اسم وفعل وحرف. <...> وقال لي: أتج هذا النحو وصنف إليه ما وقع إليك.

A narrativa acima tem um caráter etiológico, procurando atribuir a origem da ciência a uma venerável figura de autoridade. Bohas, Guillaume e Kouloughi (1990) afirmam que muitos arabistas descartam esta tradição, considerando-a como meramente uma lenda.

Goldziher (1994) atesta que Ad-Dua'alī foi o primeiro a escrever uma obra gramatical baseado nas informações linguísticas transmitidas por 'Alī, que permeiam todos os escritos dos gramáticos e filólogos que vieram posteriormente, isto é, as principais divisões da língua árabe: /'ism/ nome, /fi'l/ verbo, e /ḥarf/ partícula (que incluem os advérbios, preposições, pronomes, etc.). Sībawayhi (morte 793 d.C.), um dos mais notáveis gramáticos árabes, inicia sua obra imortal com a célebre citação da divisão tríplice da língua e, mais adiante na mesma obra, elabora longamente sobre o assunto.

A origem da codificação gramatical árabe está permeada de narrativas envolvendo erros gramaticais crassos; tantas instâncias, que é difícil distinguir o que é mitológico daquilo que é factual. Ibn-Al-Anbārī em sua obra *Nuzhat Al-alibba'* (publicada postumamente em 1284 d. C) atesta a relutância de Ad-Dua'alī em aceitar o encargo, e apresenta diferentes situações que o levaram a rever sua posição e finalmente aceitar a tarefa de codificar a língua e a gramática árabe. Entre as narrativas mais difundidas encontra-se o jocoso episódio no qual Ad-Dua'alī, após ter rejeitado o pedido para estabelecer as regras de regência nominal (declinação), encontra-se com alguém à beira da estrada que recita um versículo com a declinação errada, dizendo “Allah está em rompimento com os idólatras e [com] Seu Mensageiro” (no genitivo), em vez de dizer, no nominativo, “Allah e Seu Mensageiro estão em rompimento com os idólatras”⁷⁰. Esse evento fez com que Ad-Dua'alī reconsiderasse sua decisão.

A necessidade de padronização da língua é amplamente discutida por Versteegh (2004). Em seu livro *The Arabic Language*, ele cita três razões pelas quais fez-se necessário uma premente estruturação e codificação linguística nos primórdios do império islâmico: Primeiro, a comunicação no império estava ameaçada devido à divergência entre o falar beduíno e as demais variedades linguísticas das comunidades conquistadas. Em segundo lugar, a sede do império, tanto em Damasco (661-750 d.C.) quanto em Bagdá (750-1258 d.C.), regia os súditos nos diferentes aspectos da vida em

⁷⁰ A sentença “أَنَّ اللَّهَ بَرِيءٌ مِنَ الْمُشْرِكِينَ وَرَسُولُهُ” /’anna Allaha bariy’un min Al-mušrikīna warasūlahu/ retirado da Sūrat At-Tawbah 9:3 (Sura do Arrependimento), diz respeito à quebra de relação entre Allah [e Muḥammad] com os idólatras da Península Arábica. Uma simples mudança na regência (declinação nominal) alterou o texto de /rasūlahu/ no caso acusativo, para /rasūlihi/ no caso genitivo, uma forma não intencionada pelo autor e que mudou o sentido original do texto. Nessa tradução privilegiou-se a versão oficial respaldada pela Liga Islâmica Mundial, mas uma tradução alternativa poderia ser: “Allah e Seu Mensageiro repudiam/rejeitam os idólatras”.

comunidade, incluindo os aspectos econômico, religioso, social e, também, o linguístico. Se o árabe era para ser usado como “língua de administração”, este deveria estar padronizado. Em terceiro lugar, a nova realidade da civilização árabe (influenciada pelos bolsões de cultura helênica e siríaca presentes nas regiões conquistadas) exigia uma expansão lexical a fim de abarcar e denominar os novos conceitos e conhecimentos advindos desse contato. Para salvaguardar a univocidade na comunicação, a língua deveria ser regulamentada e, até onde possível, uniformizada. E é sobre essa tarefa que os inúmeros gramáticos, filólogos e lexicógrafos se debruçaram nos séculos seguintes. Versteegh (2004, p. 53) assim descreve esse processo de codificação linguística:

O pré-requisito mais importante para a codificação escrita da língua foi a invenção de uma ortografia, ou melhor, uma adaptação [do sistema] de práticas escribas existentes para a nova situação. Depois disso uma norma estandardizada para a linguagem foi elaborada, e o léxico foi catalogado e expandido. Subsequentemente, quando estas necessidades haviam sido satisfeitas, um padrão estilístico foi desenvolvido.⁷¹

Embora os originadores da codificação linguística sejam matéria de disputa⁷², a participação de Ad-Dua'alī no processo é indiscutível, particularmente em seus primórdios. Ibn-Al-Anbārī registra o diálogo entre Ad-Dua'alī e seu escriba em uma das primeiras tentativas da criação de um sistema de diacríticos:

Pegue [uma cópia] do Nobre Alcorão e imerja o tinteiro em cores diferentes [de maneira que] se eu abrir [fataḥtu] meus lábios coloque um pingo [ponto] sobre a letra, e se comprimir [ḍammantu] meus lábios coloque um ponto ao lado da letra, e se eu entreabrir [kasartu] meus lábios coloque um pingo debaixo da letra, e se produzo um som semelhante a um canto [zumbido] pingue dois pontos. (AL-ANBĀRĪ, 1985, p. 20).⁷³

⁷¹ “The most important prerequisite for the written codification of the language was the invention of an orthography, or rather the adaptation of existing scribal practices to new situations. Then a standardised norm for the language was elaborated, and the lexicon was inventoried and expanded. Subsequently, when those requirements had been met, a stylistic standard was developed.”

⁷² Abid (2009, p. 58, 59) sugere outros dois nomes: Naṣr Ibn ʿĀsim (morte 707) e ʿAbd Al-Raḥmān Ibn Hurums (morte 735) que estão vinculados à codificação gramatical, mas a tradição tem reservado a Ad-Dua'alī o título de Fundador da gramática árabe. El-Mouloudi (1986) acrescenta à lista o nome de ʿAbd Al-ʿAzīz Al-Qāri. Belguedj (1973, p. 5, 6), entretanto, esclarece que as investigações desses pioneiros estiveram focalizadas apenas em alguns pontos gramaticais decorrentes de suas leituras do Alcorão, sem a pretensão de fazer generalizações ou propor soluções.

⁷³

خذ المصحف وصبغا يخالف لون المداد فإذا فتحت شفتي فأنقط واحدة فوق الحرف وإذا ضممتها فاجعل النقطة إلى جانب الحرف وإذا كسرتهما فاجعل النقطة في أسفله فإن اتبعت شيئاً من الحركات غنة فأنقط نقطتين.

Nesta narrativa, a origem das três vogais breves e da nunação⁷⁴ são atribuídas a Ad-Dua'alī, e as denominações /fathā/, /ḍamma/, e /kasra/ são interconectadas com suas articulações. Az-Zubaydī (1954) atesta que esse sistema foi aperfeiçoado por Ḥalīl Ibn-Aḥmad (morte 791 d.C.) que substituiu o sistema de “pontos” por formas específicas para as três vogais: um pequeno /wāw/ para a vogal “u”, uma parte do grafema /'alif/ para a vogal “a”, e parte do grafema /yā'/ para a vogal “i”. Ele também utilizou parte do grafema /sīn/ para representar a geminção (šadda: realização dupla de um mesmo som). Uma vez cristalizada a ortografia, a língua árabe teve a infra-estrutura necessária para expandir-se.

1. AS ESCOLAS DE BAṢRA E DE KŪFA: GÊNESE DA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Conquanto muitas iniciativas para a codificação linguísticas possam ser vistas nos primórdios da civilização islâmica⁷⁵, foi o estabelecimento de duas escolas filológicas que marcou o início de uma tradição gramatical propriamente dita.

As duas cidades – Baṣra e Kūfa – foram fundadas estrategicamente em lados opostos do rio Eufrates (no atual Iraque), e ambas as comunidades desempenharam papéis importantes em campanhas militares, particularmente na sangrenta disputa pelo poder após a morte de ʿAlī. Kūfa sempre mostrou-se leal aos seguidores de ʿAlī, enquanto que Baṣra tinha um compromisso de fidelidade a ʿĀ'īša.⁷⁶

⁷⁴ Nunação é o fenômeno através do qual a última vogal de um vocábulo é seguido pelo som de “n”, fazendo com que a realização da sílaba final termine com /an/, /in/, /un/ dependendo da função que o vocábulo exerce no enunciado.

⁷⁵ Pellat (1953, p. 130) também acrescenta a ʿAbduAllāh Ibn-Ishāq como um dos primeiros estruturadores da língua e um dos mais notáveis representantes de sua geração. Segundo Pellat este erudito é creditado com o estabelecimento das “ciências da língua árabe” como uma disciplina autônoma, separada das “ciências do Alcorão”, e possuindo metodologias e abordagens próprias.

⁷⁶ O antagonismo entre ʿAlī e ʿĀ'īša, historicamente, foi muito forte. ʿĀ'īša foi a terceira [e a favorita] esposa de Muḥammad. A medida que o poder de Muḥammad aumentava, suas esposas passaram a ter um status elevado na comunidade dos fiéis, incluindo o título de “Mãe dos crentes” (Alcorão 33:6). Helmi Nasr, o tradutor do Alcorão para o português, diz em nota sobre esse versículo: “Entenda-se que é dever dos crentes respeitarem as mulheres do Profeta e as venerarem como se fossem suas próprias mães, ficando-lhes, portanto, vedado casarem-se com elas” (ALCORÃO, p. 679). Dessa maneira, ʿĀ'īša tornou-se viúva e sem filhos aos 18 anos. Nos doze anos seguintes, primeiramente sob o governo de seu pai, Abū-Bakr (por dois anos), e depois sob o governo de ʿUmar (por dez anos), ela não desempenhou nenhum papel significativo, mas seguindo a oposição que se seguiu com o terceiro califa, ʿUṯmān, ela parece ter se tornado mais *politicizada*. Ela repudiou esse levante contra o líder, mas, curiosamente, saiu de Medina (a sede do governo) para Meca, de onde, quatro meses depois, foi para Baṣra com um grupo de seguidores. ʿAlī também deixou Medina e foi para Kūfa. Nessa região houve uma sangrenta batalha [A *Batalha do Camelo*, assim denominada porque se concentrou ao redor do

Goldziher (1994) atesta que as duas cidades contrastavam uma com a outra não apenas na afiliação política, mas em quase todos os outros aspectos da vida, incluindo a própria natureza dos moradores. Os habitantes de Kūfa eram alegres e vivazes, enquanto os de Bašra eram “insípidos e enfadonhos” (p.32). Cada cidade desenvolveu seu próprio /maḏhab/ que em Wehr (1979) aparece com diferentes acepções: “procedimento, abordagem, crença, opinião” e, por extensão, “escola”. Goldziher (1994, p. 33) testemunha:

Uma vez fundadas, essas duas escolas, obviamente, não foram confinadas ao território das duas cidades, mas todos os gramáticos, independente de onde estivessem, ou se associavam à escola de Bašra ou a de Kūfa, até que no final do décimo século, uma escola eclética foi fundada em Bagdá. Nessa [nova] escola os elementos de Bašra eram predominantes, mas ela não estava livre da infiltração de ideias da escola de Kūfa.⁷⁷

1.1 FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS

Depois de Ad-Dua’alī, a produção gramatical passou por uma curta fase de estagnação. Esse fato é indicado pela ausência de registros gramaticais escritos durante o período, e pelo silêncio dos comentaristas gramaticais ao se reportarem à época (ABID, 2009).

Um novo impulso para a gramática foi sentida com a chegada de Ḥalīl Ibn-Aḥmad (morte 791), que envidou um esforço hercúleo para repertoriar o léxico árabe no primeiro dicionário de língua geral. Haywood (1965) e Versteegh (1997) esclarecem que esta obra foi organizada de acordo com os pontos de articulação, começando com a gutural /ʿayn/ e terminando com a bilabial /mīm/. Este registro é conhecido como /kitāb al-ʿayn/ “Livro [da letra] ʿAyn”. Mahadin (1982) atesta que Ḥalīl também estabeleceu a estrutura canônica dos verbos árabes como sendo, em princípio, trilíteros – mesmo os verbos fracos que, em certas situações têm um de seus radicais /w/ ou /y/ eliminado.

camelo que levava a liteira de ʿĀʾiṣā]. Nessa batalha ʿAlī foi o vencedor. Depois da derrota ʿĀʾiṣā retornou para Medina (WATT, 1986).

⁷⁷ “Once founded, these schools were not of course confined to the territory of the two towns, but every grammarian, whether he might be, joined either the Bašran or the Kūfan school, until, at the end of the 10th century, an eclectic school was established in Baghdad. In this school the Bašran element was predominant but it was not free from the infiltration of the ideas of the Kūfan school either.”

Um segundo legado de Ḥalīl – talvez tão importante quanto a sua catalogação da língua, e o aperfeiçoamento do sistema ortográfico – foi sua mentoria a Sībawayhi, o primeiro gramático a redigir uma descrição da língua árabe de maneira abrangente e sistemática. Sua obra /al-kitāb/ “O livro” trata de inúmeros fenômenos na língua e tornou-se referência para todos os gramáticos que vieram após ele (IBN KHALDUN, 1960). Carter (1973, p.146), testemunhando de seu conhecimento e da habilidade linguística de Sībawayhi, escreve:

O primeiro trabalho sistemático da língua árabe, *O Livro* de Sībawayhi (falecido no final do oitavo século d.C.), apresenta um tipo de análise estruturalista desconhecida para o ocidente até o século 20. Tratando a língua como uma forma de comportamento social, Sībawayhi adotou o critério ético contemporâneo para avaliar a correção gramatical em todos os níveis de análises: /ḥasan/ ‘boa, e /qabīḥ/ ‘má’ indica correção estrutural, enquanto que /mustaqīm/ ‘certo’ e /muḥāl/ ‘errado’ refere-se à eficácia do falante na comunicação dentro das convenções de sua comunidade linguística [...].⁷⁸

Ḥalīl e seu discípulo Sībawayhi tornaram-se as incontestáveis autoridades no que se refere à gramática árabe. Suas obras são reconhecidas como verdadeiros marcos históricos. Sībawayhi também é tido como o fundador da Escola de Baṣra, e aquele que deu início a uma longa lista de gramáticos e sistematizadores da língua.

Quanto à Escola de Kūfa, suas origens podem ser traçadas a Al-Kisā’ī (morte 805 d.C.), mas foi seu pupilo, Al-Farrā’ (morte 822 d.C.), que trouxe verdadeiro destaque à escola. Al-Farrā’ foi um dos primeiros a sustentar que a linguagem do Alcorão era gramaticalmente perfeita, o que, de certa forma, fortaleceu a relação entre os as ciências gramaticais e a instituição do Islamismo. Ele escreveu um detalhado comentário gramático do Alcorão /ma‘ānī al-qur’ān/ “Os sentidos do Alcorão” – que se tornou referência para muitos que vieram após ele (ABID, 2009).

A história dessas duas escolas é marcada por acirrados atritos. Esta rivalidade faz-se sentir em todos os campos do saber, incluindo as ciências da interpretação do Alcorão (exegese e hermenêutica), história, jurisprudência, mas, com maior

⁷⁸ “The first systematic work of Arabic grammar, the Book of Sibawaihi (died late 8th century A.D.), presents a type of structuralist analysis unknown to the West until the 20th century. Treating language as a form of social behaviour, Sibawaihi adapted contemporary ethical criteria to evaluate linguistic correctness at all levels of analysis: hasan ‘good’ and qabih ‘bad’ indicate structural correctness, while mustaqim ‘right’ and muhal ‘wrong’ apply to the speaker’s effectiveness in communicating within the conventions of his speech community.”

intensidade, na linguística, especialmente nos assuntos gramaticais. Abid (2009, p. 68) atesta:

Embora as duas “escolas” possam ser interpretadas simplesmente como a materialização de dois posicionamentos opostos para com a linguagem, os [gramáticos] de Baṣra representavam o ideal de confinar a língua árabe ao menor número possível de regras, enquanto que os [gramáticos] de Kūfa estavam prestes a admitir qualquer quantidade de anomalias em seu sistema.⁷⁹

O conflito entre os filólogos das duas escolas podem ser remetidas a um ponto fundamental: a questão de “autoridade”, ou seja, o aparato linguístico que respaldaria seus posicionamentos. Os gramáticos, profundamente influenciados pela filosofia grega – em especial a lógica –, entendiam que um corpus de referência necessitava ser delimitado para que seus pressupostos linguísticos pudessem ter a reconhecida validade e aceitação. Goldziher (1994), Bernards (1997), e Abid (2009), sugerem que a escola de Baṣra adotou um “corpus fechado” (Alcorão e a poesia pré-islâmica), enquanto que a escola de Kūfa aderiu a um “corpus aberto” (que além desses dois componentes agregou um terceiro: a linguagem em uso dos poetas contemporâneos /muwalladūn/⁸⁰). Esses corpora (aberto e fechado) eram a matriz que legitimava os pontos de vista gramaticais de um dado filólogo.

Bohas, Guillaume e Kouloughi (1990) concordam, em princípio, com esse entendimento, mas também reconhecem que essa delimitação é problemática, pois veicula a imagem que o corpus de Baṣra era sistemático e organizado, enquanto que o de Kūfa era uma coletânea de ideias descoordenadas, das quais é impossível reconstituir um sistema coerente e coeso, visto ser um *corpus de referência* dinâmico e, por definição, mutável. Segundo eles, essa compreensão não é apenas inexata, ela é daninha porque induz ao erro. Contudo, ela tem sido a chave de interpretação de muitos arabistas e pesquisadores da gramática árabe medieval, muitos dos quais

⁷⁹ “Though the two ‘schools’ may best be interpreted simply as the embodiment of two opposing attitudes to language, the Baṣrans represented the ideal of reducing Arabic to the least number of rules, while the Kufans were prepared to admit any number of anomalies into their system.” Na prática isso só poderia acontecer se respaldados pela linguagem em uso e representados no léxico dos poetas contemporâneos. Esse conflito é claramente notado quando os diferentes gramáticos eram confrontados com as “exceções” gramaticais, o conceito denominado em árabe de /aš-šāḍḍ/, ou seja, um paradigma (de derivação) que inexistia no corpus de referência.

⁸⁰ Khoury (1960, p. 338 nota de rodapé), tradutor dos *Prolegômenos* (ou *Filosofia Social*) de Ibn-Ḥaldūn, assim comenta esse vocábulo: “Pelo termo *Muwallad* os literatos árabes designam a classe de poetas que sucedeu a dos poetas pré-islâmicos e precedeu a dos poetas cuja a educação fôra feita nas cidades.”

caracterizam os gramáticos de Kūfa como ardentes defensores da “linguagem em uso”, baseados em dados transmitidos /samā^c/,⁸¹ enquanto que os gramáticos de Baṣra são descritos como partidários da “analogia” /qiyās/ e da racionalização da linguagem. Esses estereótipos, embora baseados em indícios de verdade, são interpretações “oficiais” fabricadas por gramáticos e comentaristas de um período posterior.

Bohas, Guillaume e Kouloughi (1990) apenas pincelam esse assunto, mas vários estudiosos têm se debruçado sobre os argumentos dos gramáticos medievais buscando por indícios que corroborem a existência dessas facções no período formativo da codificação gramatical. As evidências indicam que havia uma clara dicotomia entre as abordagens seguidas pelas duas escolas, mas muitos eruditos crêem que as diferenças tomaram uma amplitude fora de proporção. De acordo com a pesquisa de Bernards (1997), não existe nenhum traço de dicotomia entre Baṣra e Kūfa (como *escolas* no sentido usual do termo) nos registros gramaticais mais antigos, foi somente na segunda metade do nono século que começaram a ser salientadas as diferenças que se cristalizaram nos escritos dos comentaristas das obras gramaticais redigidas nos séculos anteriores. Um claro exemplo dessa abordagem é a obra de Ibn-Al-Anbārī [577 Hegiri] (1961) */Al-inṣāf fī masā'il al-ḥilāf bayna an-naḥwiyyīn al-baṣriyyīn wal-kūfiyyīn/* “Imparcialidade [ou Julgamento imparcial] nas questões divergenciais entre os gramáticos de Baṣra e Kūfa”. Nessa obra, Ibn-Al-Anbārī arrola 108 questões gramaticais entre as duas escolas rivais, tratando cada uma delas com riqueza de detalhes.

A exemplo de Bohas, Guillaume e Kouloughi (1990), Bernards (1997) e Abid (2009) atestam que, com o passar do tempo, a animosidade entre as duas escolas se intensificou, e sua origem foi artificialmente recuada aos primeiros gramáticos, notavelmente Sībawayhi de Baṣra e Al-Farrā' de Kūfa (que, devido à sua influência, eclipsou a Al-Kisā'ī – o legítimo iniciador da escola). É de comum acordo entre os estudiosos que havia certas diferenças terminológicas superficiais entre as duas escolas, mas não uma consciente oposição sistematizada, fato que só veio à tona

⁸¹ O conceito conhecido por /samā^c/ é comumente usado em oposição a /qiyās/, e refere-se à aqueles termos irregulares que não se conformam aos paradigmas estabelecidos, mas que, de uma maneira ou de outra, encontraram sua aceitação no léxico dos falantes árabes.

muito tempo após a morte dos gramáticos iniciais. E, embora Ibn-Al-Anbārī tenha descrito as principais controvérsias entre as duas escolas, muitos eruditos crêem que as diferenças arroladas eram “irremediavelmente inconsistentes”.

1.2 O STATUS DO VERBO EM KŪFA E EM BAŞRA

O árabe, como todas as vertentes linguísticas do tronco semítico, é um idioma baseado no sistema de derivação, ou seja, um agrupamento de fonemas – que traz em sua constituição uma carga semântica intrínseca – se torna a matriz geradora de novos vocábulos. Esse fenômeno sempre chamou a atenção dos gramáticos e gerou muitas controvérsias e debates entre eles. Afinal, qual era o *núcleo* que dava origem ao léxico? A polarização notada nas abordagens entre as duas escolas também fez sentir-se nesse assunto. Em realidade, Mahadin (1982) acredita que essa era a diferença essencial entre as duas escolas filológicas na história da linguística árabe.

A Escola de Başra, por um lado, defendia o nome deverbal /maşdar/, como o originador do universo lexical. Mahadin (1982, p. 10) arrazoa que os argumentos usados pela escola não eram “baseados em evidências linguísticas, mas em fatores extralinguísticos, a saber, filosofia e lógica, e eram extensões de suas opiniões da criação do mundo”.⁸² Essa opinião parece ser consistente com a abordagem seguida pela escola de maneira geral, mas Elamrani-Jamal (1983) parece discordar da opinião de Mahadin, e cita dois argumentos que parecem apoiar o parecer da Escola de Başra: O argumento etimológico: O /maşdar/ (nome deverbal), em árabe, significa a “fonte”, ou o “ponto de partida, de origem” de algo; ou o lugar de procedência de algo (WEHR, 1979). “Nós dizemos *maşdar de camelos*, o lugar de onde eles procedem” (ELAMRANI-JAMAL, 1983, p. 118)⁸³. Então, por extensão, os gramáticos de Başra, baseados nessa característica etimológica (entre outros aspectos), deduziram que o /maşdar/ em sua língua é o seu ponto de origem.

O segundo argumento é o morfológico: Se o /maşdar/ é derivado de um verbo, logo, todo /maşdar/ tem que estar atrelado a uma raiz verbal, mas tal fato não ocorre, porque há muitos /maşādir/ [plural de /maşdar/] que não correspondem a nenhum

⁸² “Their arguments were not based on linguistic evidence, but rather on extra-linguistic factors; namely philosophy and logic, which were extensions of their views of the creation of the world.”

⁸³ “On appelle *maşdar* des chameaux le lieu d’où ils reviennent.”

verbo. “Dessa maneira, os vocábulos *rujūliya* (o fato de ser homem), *bunuwwa* (o fato de ser filho) ou *umūma* (o fato de ser mãe) não correspondem a nenhum verbo qualquer que seja a raiz” (ELAMRANI-JAMAL, 1983, p. 118).⁸⁴

A Escola de Kūfa, por outro lado, posicionou-se advogando que o verbo /fiʿl/ era a mola propulsora do léxico árabe (ELAMRANI-JAMAL, 1983). Esse argumento também tem como fundamento o aspecto morfológico da língua. Os gramáticos de Kūfa corroboravam sua posição com exemplos dos verbos côncavos⁸⁵. Dessa maneira, o /maṣdar/ de /qāma/ “levantar-se” é /qiyām/ e o de /ʿawira/ “tornar-se cego de um olho; perder um olho” é /ʿawarān/. Em ambos os casos, a construção do /maṣdar/ é côncava, exatamente como o verbo da mesma raiz. Assim, quando o verbo é *são*⁸⁶ seu /maṣdar/ é *são*, e quando o verbo é côncavo, seu /maṣdar/ também o é. Logo, a forma verbal precede ao do /maṣdar/.

Uma detalhada reflexão sobre esse tema, embora importante e fascinante, está fora do escopo dessa dissertação, mas a conclusão a que se chega é que não há evidências definitivas para comprovar que uma ou outra escola esteja correta em seu posicionamento. Muitos arabistas e pesquisadores modernos têm, conscientemente ou não, evitado esse tópico, o que parece indicar que o tema tem sido descartado como irrelevante, quiçá apenas uma versão linguística do proverbial dilema “ovo ou galinha”.

Sabe-se, entretanto, que muitos aspectos da abordagem linguística da Escola de Baṣra foram incorporados à nova escola em Bagdá. Bohas, Guillaume e Kouloughi (1990) e Fleisch (1961), atestam que com o triunfo de Al-Mubarrad (de Baṣra) sobre Taʿlab (de Kūfa) durante os últimos anos do nono século, inaugurou um período de homogeneização gramatical onde, por mais de um século, todos os gramáticos importantes ou eram discípulos diretos de Al-Mubarrad, ou pupilos de um de seus seguidores. Dessa maneira, pode-se afirmar que a Escola Filológica de Baṣra continuou a existir através de seu próprio legado para a história da linguística árabe.

⁸⁴ “Ainsi aux mots *rujūliya* (le fait d’être homme), *bunuwwa* (le fait d’être fils) ou *umūma* (le fait d’être mère) ne correspond aucun verbe qui en soit la racine.”

⁸⁵ Os verbos côncavos são aqueles cuja radical medial é uma consoante débil (/wāw/ ou /yāʾ/).

⁸⁶ “São” (regulares) é usado em oposição aos verbos “*defectivos*”. Vide nota 91.

Porém, na prática lexicográfica, a perspectiva de Kūfa – naquilo que se refere ao verbo como sendo o emanador do universo lexical árabe – acabou sendo aceita e consagrada no decorrer da história. Filólogos e lexicógrafos árabes, usualmente partem do radical verbal para a derivação de novas formas. Notáveis arabistas, entre eles os conceituados filólogos ocidentais que redigiram obras seminais sobre a gramática árabe, Wright ([1859] 1995), Haywood e Nahmad (1995), e Cowan (2006), também são desse parecer.

Da mesma forma, os professores de árabe como língua materna e estrangeira, também utilizam essa característica da língua como uma ferramenta para o ensino e aquisição de novo vocabulário, comumente partindo do verbo para as outras partes do discurso (WIGHTWICK; GAATAR, 2008; KHOURY, 2008; ARYAN, 2001). Comentando sobre a produtividade de tal ferramenta, Al-Batal (2006, p. 338) atesta:

Quando os aprendizes encontram uma nova palavra em árabe, eles podem ser capazes de adivinhar seu significado baseado em seus conhecimentos do sentido da raiz. O sistema de *raiz e paradigma* do árabe representa uma ferramenta poderosa para a aprendizagem de vocabulário. Falantes nativos do árabe utilizam seu conhecimento subconsciente desse sistema quando são confrontados com vocábulos que não lhes são familiares.⁸⁷

O princípio da derivação morfológica árabe, quer originando-se no verbo quer no nome deverbal, é o que os arabistas chamam de “raiz e paradigma” (ou *raiz e padrão derivacional*) da língua árabe (HOLES, 2004, p. 99). Para um melhor entendimento dessas estruturas, passa-se a apresentá-las, iniciando com uma breve descrição do alfabeto árabe e de seu sistema verbal. As derivações verbais são apresentadas logo a seguir.

⁸⁷ “When learners encounter a new word in Arabic, they might be able to make a guess of its meaning based on their knowledge of the meaning of root through a different word. The root and pattern system of Arabic represents a powerful tool for incidental vocabulary learning. Native speakers of Arabic utilize their subconscious knowledge of this system when they encounter unfamiliar words.”

2. O ALFABETO E O VERBO ÁRABE: INFORMAÇÕES PRELIMINARES

2.1 O ALFABETO: CARACTERÍSTICAS GERAIS

O alfabeto árabe é composto por 29 grafemas, representando consoantes, e vogais longas⁸⁸. O árabe se escreve da direita para a esquerda, e não tem letras maiúsculas⁸⁹, mas essas letras, em sua maioria, têm duas ou mais formas gráficas ligeiramente diferentes, que são usadas em função da posição em que ocorrem no vocábulo.

Há três representações vocálicas (sinais diacríticos) em árabe que são posicionados sobre ou sob as consoantes as quais elas vocalizam (aqui retratadas tendo por base o grafema ب /b/): **َ** /ba/, **ِ** /bi/, **ُ** /bu/. Estes sinais expressam graficamente três vogais breves. Suas correspondentes longas são representadas pelos grafemas **ا** /ā/, **ي** /ī/, **و** /ū/. Conectados ao grafema ب /b/, elas são assim representadas: **با** /bā/, **بي** /bī/, **بو** /bū/. As vogais breves, frequentemente, não são indicadas em um texto, com exceção do Alcorão, alguns livros textos do ensino fundamental, dicionários, e outros materiais especializados. Ocasionalmente, um vocábulo aparece grafado em uma passagem, mas é porque o autor julgou que o sentido poderia se tornar ambíguo se não totalmente vocalizado. Tome-se o exemplo do radical قبل /q-b-l/ que poderia ser lido como /qabla/ “antes”, /qabila/ “ele aceitou”, /qubila/ “ele foi aceito”, etc. Normalmente, o contexto no qual o vocábulo está inserido esclarece quais vogais usar mas, se ambíguo, o autor pode escolher representá-lo com todas as vogais (ABDO, 1962).

⁸⁸ As vogais breves são representadas por diacríticos posicionados sobre ou sob as consoantes para indicar o som vocálico seguinte.

⁸⁹ Aparentemente essa característica está em processo de mudança. Vaglieri (2002, p. 48) aponta que o Ministério da Educação Pública no Egito divulgou os grafemas ao lado como sendo a representação da variedade maiúscula do alfabeto árabe para uso no país.

Outros sinais diacríticos são usados para designar o emudecimento de uma consoante, nunação, etc. Optou-se aqui por excluir essas informações, já que elas não são imprescindíveis para o entendimento do assunto em pauta.

2.2 O VERBO ÁRABE: CARACTERÍSTICAS GERAIS

▪ Os verbos árabes são classificados em *simples* (não derivados) e *derivados*. A forma verbal básica (paradigma CvCvCv) é chamada de /al-mujarrad/, significando “desnuda, despida” (WEHR, 1979), porque o verbo está “despojado”, ou seja, livre de prefixos e infixos. As formas verbais derivadas são chamadas de /al-mazīd/, que significa “acrescida, aumentada” ou “adicionada” (WEHR, 1979). As formas verbais derivadas são formadas e fundamentadas na estrutura e no sentido primário da forma verbal básica, contudo, acrescida de prefixos, infixos e alternâncias vocálicas (ABU-CHACRA, 2001).

▪ Os verbos também podem ser classificados de acordo com o número de grafemas (consoantes) em seu radical, que podem ser trilíteres ou quadrilíteres.⁹⁰ O radical – seja ele de três ou quatro consoantes – mantém uma forma fixa, ou seja, a ordem dos grafemas dentro de um vocábulo derivado é rígida. Tome-se o seguinte verbo como exemplo para a forma básica:

1. ك /kāf/ 2. ت /tā'/ 3. ب /bā'/ = /kataba/ “escrever”

⁹⁰ Existe também um número ínfimo de verbos quinquilíteres (cinco consoantes). Wehr (1979) em seu *Dictionary of Modern Written Arabic* relaciona quatro deles dentre um corpus de 8.327 verbos elencados. Três desses têm a radical final geminada. Nenhum verbo quinquilítere dá origem a outros: /tafaj'ana/ “comer vorazmente, sofregamente”; /'išra'abba/ “esticar o pescoço”; /'išma'azza/ “sentir repugnância, aversão, nojo”; /iḍmaḥalla/ “desaparecer, sumir; reduzir, definhar, minguar”.

Agora, tome-se o vocábulo /kitāb/ “livro” como exemplo de derivação nominal:

▪ Baseados no tipo de grafemas os verbos são classificados em regular (“são”) ou defectivos (“côncavos”, “duplamente irregulares”, “hamzados” e “fracos”)⁹¹.

▪ Os verbos árabes, quanto à sua função, pode ser classificados em principal ou auxiliar. *Principal* é o verbo de significação plena, nuclear em uma oração. O verbo *auxiliar* (apenas um em árabe: /kāna/ “ser/estar”) é usado para apresentar nuances no aspecto verbal⁹² (COWAN, 2006).

▪ A nomenclatura “infinitivo verbal” não existe em árabe, contudo o conceito é expresso com o verbo conjugado na terceira pessoa/masculino/singular/perfectivo. Tome-se, por exemplo, o radical /k-t-b/ que, como já mencionado, denota a ideia de escrever. Em sua forma mais simples o trigrama KaTaBa significa “ele escreveu”. Por convenção essa estrutura é usada como a forma canônica do verbo, que equivale ao infinitivo nas línguas do tronco indo-europeu: escrever.

▪ Embora a vogal na radical medial do perfectivo mude em alguns verbos da forma básica (forma I), por exemplo, /daḥala/ “entrar”, /šariba/ “beber”, /kabura/ “crescer, envelhecer”, elas permanecem as mesmas nas formas verbais derivadas.

⁹¹ Côncavos: aqueles cuja radical medial é uma consoante débil (/wāw/ ou /yā’/). Duplamente irregulares: quando duas consoantes débeis /wāw/ e/ou /yā’/ aparecem em qualquer posição na raiz de um dado verbo. Fracos: aqueles cuja radical final é a consoante débil /wāw/ ou /yā’/. Hamzados: quando a /hamza/ “parada glotal” aparece em qualquer das radicais de um verbo.

⁹² Mace (2007) descreve duas situações nas quais o verbo /kāna/ é usado como auxiliar:

- Qualquer pessoa de /kāna/ + a mesma pessoa do imperfeito de qualquer verbo = ao sentido de *pretérito imperfeito* no português, ou seja, ações contínuas, habituais ou repetidas: /kunt askun fi dimašq ‘indmā wašal/ “[Eu] morava em Damasco quando ele chegou”.
- Qualquer pessoa de /kāna/ + a mesma pessoa do perfectivo de qualquer verbo = ao sentido de *pretérito mais-que-perfeito composto* no português: /kunna qad qara’na il-waṭīqa qabla wuṣūlihi/ “[Nós] tínhamos lido o documento antes da chegada dele”.

▪ Transitividade e intransitividade. O verbo transitivo é chamado /muta^caddi/ e o intransitivo /lāzim/. O verbo transitivo pode ter um objeto e ainda assim pode estar no passivo, enquanto que o intransitivo não, como nas sentenças: /kasara aṭ-ṭālibu al-qalama/ “O estudante quebrou a caneta” (sentença transitiva); /inkasara al-qalamu/ “A caneta foi quebrada”.

▪ Flexões dos verbos: Como em português o verbo árabe apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, e de voz:

- a. Quanto ao número: O verbo árabe admite três números: o singular, o dual (para duas pessoas ou coisas somente), e o plural (acima de três pessoas ou coisas).
- b. Quanto às pessoas: O verbo possui três pessoas, relacionadas diretamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito:

- Aquele que fala: singular e plural – sem distinção de gênero;

- Aquele a quem se fala: singular, dual, plural – com distinção de gênero (exceto o dual que apresenta uma forma única para o masculino e feminino).

- Aquele de quem se fala: singular, dual, plural – com distinção de gênero.

- c. Quanto aos tempos verbais: a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. Em árabe existe apenas dois tempos verbais, “o perfectivo [/māḍī/] que denota uma ação que no tempo indicado estava completada e terminada, e o imperfectivo [/muḍāri^c/], que denota uma ação que estava incompleta ou não terminada no tempo expresso ou implícito” (COWAN, 2006, p. 63). Os termos “perfectivo” e “imperfectivo” descrevem melhor a ação verbal do que os históricos *passado* e *presente* usado pelos filólogos árabes tradicionais, isso porque estes termos induzem ao erro ao descreverem o *tempo* no verbo árabe. Segundo Bulos (1965, p. 35), o verbo árabe

expressa o grau de realização de um processo, a realização de um evento. [O verbo árabe] se ocupa com a conclusão ou a inconclusão de uma ação, e isto nos dá a oposição perfeito/imperfeito, embora com outras nuances de aspecto – a saber, resultativo e iterativo.

Entretanto, não se deve supor que o falante nativo de árabe vive fora da esfera de tempo. Pelo contrário, ele sabe como especificar o tempo em sua fala, mas ele lança mão de esquemas sintáticos, a fim de que a noção de tempo emergja do contexto, mais especificamente de tais elementos como o uso de advérbios, frases adverbiais e partículas.⁹³

- d. Quanto ao modo: Diferentemente do português, onde os modos são caracterizados pelas diferentes formas que o verbo toma para indicar a atitude (certeza, dúvida, ordem, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que anuncia, na língua árabe o modo /ḥāl/ indica se o verbo é regido ou não-regido. Em realidade, “modo” em árabe pode ser comparado às declinações (casos) sofridas pelos substantivos e adjetivos em algumas línguas – como em grego e latim, por exemplo. Em árabe, somente os verbos no imperfectivo têm modos regidos ou não-regidos, e eles são determinados sintaticamente, especialmente pela presença de certas partículas (conjunções) precedendo o verbo (WRIGHT, [1859] 1995; UL-HAQ, 1998). O imperfectivo deve estar em um dos seguintes modos: Indicativo /marfū^c/⁹⁴, subjuntivo /maṣūb/⁹⁵, jussivo /majzūm/⁹⁶ ou imperativo /ʾamr/⁹⁷. Geralmente, o modo é marcado por uma terminação específica, normalmente uma vogal (ou pela ausência dela) no último radical do verbo conjugado no imperfectivo.

⁹³ “[...] expresses the degree of realization of a process, the realization of an event. It is concerned with the completion or incompleteness of an action, and this gives us the perfect/imperfect opposition, though there are other nuances of aspect – namely, resultative and iterative. It must not be supposed, however, that the Arabic-native speaker lives outside the realm of time. On the contrary, he knows how to specify time in his speech, but he resorts to syntactical devices, so that the notion of time emerges from the context, more specifically from such elements as include the use of adverbs, adverbial phrases, and particles.”

⁹⁴ Modo Indicativo: Semelhante ao português. Nenhuma partícula (a característica que marca o modo subjuntivo e jussivo) o precede.

⁹⁵ Modo Subjuntivo: É utilizado nas orações subordinadas depois das seguintes conjunções (partículas /maṣb/): /ʾan/ “que”; /ʾallā/ “que não”; /li/, /kay/, /likay/ e /liʾanna/ “para que”; /kaylā/, /likaylā/ e /liʾallā/ “para que não”; /ḥattā/ “até, para que”. (COWAN, 2006; HAYWOOD E NAHMAD, 1995)

⁹⁶ Modo Jussivo: É utilizado nas orações subordinadas depois das seguintes conjunções (partículas /jazm/): /lam/ essa conjunção anula a ação imperfectiva do verbo, dando a ele o sentido do perfectivo (ou seja, que a ação foi realizada); /lamma/ “ainda não”; /lā/ “não”; /ʾin/ “se” (HAYWOOD E NAHMAD, 1995; WRIGHT, [1859] 1995).

⁹⁷ Modo Imperativo: Com o mesmo sentido de “ordem, comando” do português, mas não inclui o sentido de “proibição” comumente usado em português (essa característica é expressa com o verbo no modo jussivo precedido da partícula de negação /lā/). Este modo é usado somente para a segunda pessoa (singular, dual, plural) enquanto que no português também pode ser usado para a primeira pessoa do plural.

e. Quanto às vozes: Podem ser ativa /maʿlūm/ “conhecido”, ou passiva /majhūl/ “desconhecido”. Seus grafemas permanecem os mesmos, apenas há alteração vocálica.

- Conjugações: Diferentemente do português que tem diferentes paradigmas dependendo da terminação verbal (vogal temática + sufixo “r” = -ar, -er, -ir), na língua árabe, tanto no perfectivo como no imperfectivo, o radical de todos os verbos *sãos* (regulares) mantém-se basicamente o mesmo, recebendo suas inflexões através de sufixos (como no caso do perfectivo) ou através de prefixos e sufixos (como no caso do imperfectivo). Ilustra-se aqui esta característica com o seguinte paradigma:

Pessoa	Número/Gênero	Perfectivo	Imperfectivo (Indicativo)
Primeira Pessoa	Singular / Ø	/katab-tu/	/ʾa-ktub-u/
	Plural / Ø	/katab-na/	/na-ktub-u/
Segunda Pessoa	Singular / Masc.	/katab-ta/	/ta-ktub-u/
	Singular / Fem.	/katab-ti/	/ta-ktub-īna/
	Dual / Ø	/katab-tumā/	/ta-ktub-āni/
	Plural / Masc.	/katab-tum/	/ta-ktub-ūna/
	Plural / Fem.	/katab-tunna/	/ta-ktub-na/
Terceira Pessoa	Singular / Masc.	/katab-a/	/ya-ktub-u/
	Singular / Fem.	/katab-at/	/ta-ktub-u/
	Dual / Masc.	/katab-ā/	/ya-ktub-āni/
	Dual / Fem.	/katab-atā/	/ta-ktub-āni/
	Plural / Masc.	/katab-ū/	/ya-ktub-ūna/
	Plural / Fem.	/katab-na/	/ya-ktub-na/

2.3 A RADICAL VERBAL COMO PARADIGMA DERIVACIONAL

Como já mencionado anteriormente, a língua árabe é de natureza derivacional. As diferentes combinações de fonemas remetem a noções específicas. Prefixos, sufixos, e infixos inseridos a esse radical dão origem a novos vocábulos (sejam eles verbos ou substantivos). A frequente regularidade dos padrões derivacionais tem imortalizado a tradição de que uma vez conhecida a carga semântica de um radical verbal, outros verbos e vocábulos que compartilhem o mesmo radical terão significados frequentemente relacionados à ideia principal. Esse argumento não é infalível, mas como já mencionado acima, tem sido abundantemente usado pelos professores de árabe como ferramenta para aquisição linguística⁹⁸.

Convencionou-se entre os arabistas listar as modificações ocorridas no radical do verbo com numerais romanos. Essa mudança acarreta novas nuances de sentido aos verbos. No árabe clássico são categorizadas quinze formas verbais (I-XV). Em árabe padrão moderno (APM) somente as dez primeiras dessas formas são comuns. As XI-XV são de raríssimas ocorrências. Em teoria, a derivação seguindo o paradigma morfosemântico, pode ser aplicada a qualquer radical. Entretanto, na prática, nenhum verbo apresenta conjugação em todas as formas.

Alguns padrões de derivação têm mais de um sentido associados a eles (por exemplo a forma II que tem cinco sentidos básicos), mas a maioria dos verbos – particularmente devido a sua carga semântica – só pode evidenciar um dos sentidos básicos da forma verbal em questão.

Uma breve descrição dessas nuances pode ser vista no trabalho de Gaudefroy-Demombynes e Bachère (1952) que, baseados na morfologia e semântica geral dos verbos, classificaram resumidamente as mencionadas gradações dessa maneira:

⁹⁸ Alguns poucos estudiosos têm verbalizado certo desacordo com relação a esse entendimento. Entre eles Hassanein e Abdou (1991, p. x), que na introdução ao *The Concise Arabic-English Lexicon of Verbs in Context*, objetam à ênfase que tem sido dispensada ao valor dos “sentidos primários” de um verbo como paradigma de derivação e como ferramenta de aquisição de vocabulário. Segundo eles, essa tradição é nociva, pois pode passar uma imagem ilusória da língua. Eles citam o caso do verbo /ḥaḍara/ que tem o sentido de “vir” na forma I; “preparar” na forma II; “fazer uma preleção” na forma III; “trazer” na forma IV, e “ser civilizado” na forma V. “Qual é o elo entre todos esses sentidos?” Perguntam eles. E, “qual a conexão entre esses sentidos e o significado da forma VIII, ‘morrer’?” E eles chegam à conclusão que “somente os aprendizes mais imaginativos podem compreendê-los como uma extensão lógica do sentido básico ‘vir’ da raiz na forma I”.

Radical Base: CvCvCv	Forma I
Radicais Factitivo ⁹⁹ - Causativos	Formas II, III, IV
Radicais Reflexivo – Passivos	Formas V, VI, VII, VIII, X
Radicais para cores e defeitos	Forma IX

Como ilustração para essa classificação, observe o seguinte verbo /K-T-B/:

- I. /KaTaBa/ - “escrever”
- II. /KaTTaBa/ - “fazer alguém escrever”
- III. /KāTaBa/ - “corresponder com alguém”
- IV. /’aKTaBa/ - “ditar”
- V. Esta forma não ocorre com o radical /KTB/
- VI. /taKāTaBa/ - “corresponder um com outro”
- VII. /inKaTaBa/ - “assinar” (jornal, revista, etc)
- VIII. /iKtaTaBa/ - “copiar”
- IX. Esta forma não ocorre com o radical /KTB/
- X. /istaKTaBa/ - “fazer uma cópia [para si]”

O verbo em árabe é complexo, mas é altamente regular e simétrico. Os antigos gramáticos árabes formularam suas hipóteses baseados essencialmente em noções matemáticas e, firmados em observação, comparação e generalização dos paradigmas, eles desenvolveram o conceito de /*qiyās*/ (molde, paradigma) da derivação. Todo radical árabe tem em seu âmago, teoricamente, o mesmo potencial para derivação e geração de novos vocábulos.

O mesmo tipo de correspondência *raiz* ↔ *sentido* pode ser observado nas derivações nominais. Assim, ainda prosseguindo como o exemplo do radical /K-T-B/, as seguintes derivações podem ser notadas:

⁹⁹ Dubois et al. (1973, p. 260), explicam que o factitivo é uma forma do aspecto do verbo na qual está envolvido a ideia de fazer ou causar. “Assim, a frase *Pedro fez Paulo cair*, exprime o fato que Pedro agiu de certa maneira que teve por resultado a queda de Paulo.”

/KiTāB/ - “livro”

/maKTaB/ - “escrivaninha, escritório”

/maKtaBa/ - “biblioteca”

/KāTiB/ - “escritor, escriturário”

/maKTūB/ - “escrito”

Esses padrões de derivação verbal (formas I-XV) descritos pelos arabistas, foram formulados pelos gramáticos árabes do sétimo/oitavo século e chamados por eles de /wazn/ “métrica, padrão”. Cowan (2006, p. 33) assim descreve o uso desse paradigma derivacional:

Quando os árabes começaram a ensinar sua língua depois da expansão islâmica do século VII, adotaram a palavra mais simples da língua **فَعَلَ** /fa^ʕala/, “ele fez”, e utilizaram suas três letras radicais ف /f/, ع /^ʕ/, ل /l/, com total independência da ideia de “fazer”, para descrever os diferentes modelos de palavras que eles constatarem como existentes. Assim, eles dizem que **كَتَبَ** /kataba/, “ele escreveu”, pertence ao modelo **فَعَلَ** /fa^ʕala/, **كُتِبَ** /kutiba/, “foi escrito”, pertence ao modelo **فُعِلَ** /fu^ʕila/, **كِتَابٌ** /kitābun/, “livro” ao modelo **فِعَالٌ** /fi^ʕālun/ [...], e assim por diante.¹⁰⁰

Descreve-se abaixo a formação e os sentidos básicos dos dez principais padrões derivacionais dos verbos no Árabe Padrão Moderno. De maneira nenhuma pretende-se tratar o assunto de maneira exaustiva, apenas salientar a estrutura do verbo árabe trilítere e demonstrar sua capacidade de derivação:

2.3.1 FORMA I – **فَعَلَ** /fa^ʕala/

Este é o paradigma mais comum dos verbos árabes e, embora grafado como /fa^ʕala/, ele também pode ser realizado como /fa^ʕila/ e /fa^ʕula/, trazendo em sua essência denotações específicas (Cowan, 2006).

/fa^ʕila/ frequentemente indica uma ação ou estado temporário, por exemplo:

/saqina/ “estar doente, enfermo”

/samina/ “estar gordo”

¹⁰⁰ Bulos (1965) afirma que muitos arabistas preferem usar o trígama /q-t-l/ para a primeiro, segundo e terceiro radicais respectivamente, como um substituto ao molde /f-^ʕ-l/. Isso pode ser atrelado à dificuldade de transcrição e/ou de pronúncia do modelo tradicional.

Já o paradigma /fa^cula/ sempre denota uma qualidade permanente:

/qabuḥa/ “ser feio”

/baduna/ “ser obeso”

2.3.2 FORMA II – فَعَّلَ /fa^cala/

A característica distintiva dessa forma é a duplicação da radical medial. Os verbos dessa forma denotam cinco sentidos básicos:

SENTIDO BÁSICO	RADICAL (FORMA I)	DERIVAÇÃO FORMA II
Causativo	/ʿalima/ “saber, conhecer”	/ʿallima/ “ensinar, instruir”
Intensidade da ação	/qatala/ “matar”	/qattala/ “massacrar”
	/kasara/ “quebrar”	/kassara/ “esmiuçar”
Intransitivo para transitivo	/daḥala/ “entrar”	/daḥḥala/ “colocar (algo) em, introduzir, enfiar”
Estimação	/kaḍaba/ “mentir”	/kaḍḍaba/ “considerar (alguém) mentiroso; não acreditar em (alguém)”

Essa forma também pode ser derivada de substantivos:

RADICAL (SUBSTANTIVO)	DERIVAÇÃO FORMA II
/ḍaḥab/ “ouro”	/ḍaḥhaba/ “folhear [a ouro], dourar”
/silāḥ/ “arma” (armamento)	/sallaḥa/ “armar, abastecer com armas”
/ḥubz/ “pão”	/ḥabbaza/ “fazer pão”

Gaudefroy-Demombynes e Blachère (1952) acrescentam um outro sentido básico a essa forma: ela é utilizada como um mecanismo para exprimir a ação de pronunciar uma expressão litúrgica:

/kabbara/	- Dizer /allahu ‘akbar/ “Deus é o maior [de todos]”
/sallama/	- Dizer /ʾassalāmu ʿalaykum/ “que a paz esteja sobre vós”
/sabbaḥa/	- Dizer /subḥāna llah/ “louvores a Deus”
/sammā/	- Dizer /bismi llah/ “em nome de Deus”

2.3.3 FORMA III – فاعِل /fā^cala/

Sua marca distintiva é o /'alif – ā/ após a radical inicial. Os verbos dessa forma essencialmente denotam a ideia de intenção e propósito a fim de realizar o ato expresso pela raiz. Essa noção, entretanto, segundo Gaudefroy-Demombynes e Blachère (1952, p. 54) é insuficiente, e deve-se incluir a ela a ideia de “unir-se a alguém no cumprimento de tal ato”, dessa forma a noção de reciprocidade é salientada.

SENTIDO BÁSICO	RADICAL (FORMA I)	DERIVAÇÃO FORMA III
Ato de fazer algo a alguém	/kataba/ “escrever”	/kātaba/ “escrever a, manter correspondência com”
Intenção de fazer algo a alguém	/qatala/ “matar”	/qātala/ “batalhar” [tentar matar]
	/sabaqa/ “chegar antes, preceder”	/sābaqa/ “competir” [tentar chegar antes]

Em alguns verbos da forma III o sentido de reciprocidade não está presente, apenas o conceito de esforço (Cowan, 2006):

/sāfara/ “viajar”

/bālaḡa/ “exagerar”

Gaudefroy-Demombynes e Blachère (1952) também sugerem que essa forma verbal também pode denotar o conceito de “fazer algo a alguém” sem, necessariamente, ter o conceito de mutualidade, particularmente quando os verbos da forma I estão no paradigma /fa^cula/:

RADICAL (FORMA I)	DERIVAÇÃO FORMA III
/ḡasuna/ “ser bonito”	/ḡāsana/ “tratar bem, tratar (alguém) com benevolência”
/ḡašuna/ “ser rude”	/ḡāšana/ “brutalizar”

2.3.4 FORMA IV – أَفْعَلَ /ʾafʿala/

Esta forma verbal exprime, por excelência, os conceitos factitivos e causativos da língua árabe. Ela também pode fazer um verbo intransitivo tornar-se transitivo. A característica distintiva é a /hamza – ‘/ que é agregada antes da radical inicial, causando seu “emudecimento”.

SENTIDO BÁSICO	RADICAL (FORMA I)	DERIVAÇÃO FORMA IV
Factitivo	/ʿalima/ “saber, conhecer”	/ʾaʿlama/ “informar” [fazer saber]
	/ḥaraja/ “sair”	/ʾaḥraja/ “remover” [fazer (algo) sair, retirar]
Causativo	/šakā/ “reclamar, apresentar queixa”	/ʾaškā/ “responder à queixa de alguém”
	/šaraḥa/ “gritar”	/ʾašraḥa/ “responder ao grito/chamado (de alguém)”

2.3.5 FORMA V– تَفَعَّلَ /tafaʿʿala/

A forma V fornece o sentido reflexivo-passivo da forma II. É constituída ao acrescentar-se o prefixo /ta/ à forma II.

RADICAL (FORMA II)	DERIVAÇÃO FORMA V
/ʿallama/ “ensinar, instruir”	/taʿallama/ “aprender”
/kabbara/ “considerar como grande”	/takabbara/ “considerar-se como grande (superior), orgulhar-se”

Como verbo derivado da forma nominal (procedente de um substantivo), essa forma denota “fingir, passar-se por”, ou “declarar-se”

RADICAL NOMINAL	DERIVAÇÃO FORMA V
/ʿarab/ “árabe”	/taʿarraba/ “fingir ser de origem árabe”
/nabiyy/ “profeta”	/tanabba’a/ “passar-se por profeta”
/naṣrāniyy/ “cristão”	/tanaṣṣara/ “declarar-se cristão” [professar o cristianismo]
/majūs/ “zoroastrista”	/tamajjasa/ “declarar-se zoroastrista”

2.3.6 FORMA VI – تَفَاعَلَ /tafāʿala/

Essa forma geralmente tem duas características: Prover o reflexivo da forma III, e também denotar a ideia de “fingir, aparentar, passar por”. Essa forma verbal é formada pelo acréscimo do prefixo /ta/ à forma III do verbo.

SENTIDO BÁSICO	RADICAL (FORMA III)	DERIVAÇÃO FORMA VI
Reflexivo de III	/ḥādaṭa/ “falar com alguém” /ʿāwana/ “ajudar”	/taḥādaṭa/ “conversar, dialogar” /taʿāwana/ “cooperar” [ajudar um ao outro]
Simulação	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px;">RADICAL (FORMA I)</div> /mariḍa/ “estar doente” /ʿamiya/ “estar cego”	/tamāraḍa/ “fingir-se de doente” /taʿāmā/ “fazer-se de cego”

Segundo Wightwick e Gaatar (2008) alguns dos verbos da forma VI também estão ligados a “estado, condição”, onde em português normalmente são expressos por meio de adjetivos:

/takāsala/ “ser preguiçoso; estar com preguiça”

تَكَاسَلْتُ فِي الصَّبَاحِ فَفَاتَنِي الْقِطَارُ - /takāsaltu fī-ṣ-ṣabāḥ fa-fātanī al-qīṭār/

“Eu estava com preguiça de manhã, então perdi o trem.”

/taḍāyaqa/ “estar incomodado, irritado, aborrecido”

هَلْ تَتَضَايِقُ مِنَ الدُّخَانِ؟ - /hal tataḍāyaq min-a-d-duḥān?/

“A fumaça lhe incomoda?” [lit. Você se incomoda com a fumaça?]

Gaudefroy-Demombynes e Blachère (1952) advogam que em alguns verbos a forma exprime um aspecto gradativo da ação:

RADICAL (FORMA I)	DERIVAÇÃO FORMA VI
/saqata/ “cair”	/tasāqata/ “cair pedaço por pedaço”, “cair sucessivamente, gradualmente” (ex. cabelo)
/masaka/ “pegar, agarrar”	/tamāsaka/ refere-se a algo onde as partes são entrelaçadas umas as outras: “ser compacto, sólido, coerente”

2.3.7 FORMA VII – **انْفَعَلَ** /infa^cala/

Esta forma denota o conceito reflexivo-passivo da forma I. Sua marca distintiva é o /in/ antes da radical inicial.

RADICAL (FORMA I)	DERIVAÇÃO FORMA VII
/kataba/ “escrever”	/inkataba/ “foi escrito”
/kasara/ “quebrar”	/inkasara/ “foi quebrado, está quebrado”
/kašafa/ “descobrir”	/inkašafa/ “foi descoberto”

Gaudefroy-Demombynes e Blachère (1952) acrescentam que em alguns verbos da forma VII o paciente sofre a ação do verbo (na forma I) ao qual ele responde de maneira involuntária:

RADICAL (FORMA I)	DERIVAÇÃO FORMA VII
/qāda/ “conduzir em cabresto”	/inqāda/ “deixar-se conduzir, ser dócil”
/ḥada ^c a/ “enganar, iludir”	/inḥada ^c a/ “deixar-se enganar”

Certos verbos da forma VII, por seus significados, são reflexivo-passivos da forma IV e não da forma I como geralmente acontece:

RADICAL (FORMA IV)	DERIVAÇÃO FORMA VII
/ʾaḡlaqa / “fechar”	/inḡalaqa/ “estar fechado, aferrolhado”
/ʾaṭfaʾa/ “apagar”	/inṭafaʾa/ “ser apagado”

2.3.8 FORMA VIII – اِفْتَعَلَ /ifta^cala/

A forma VIII é constituída ao acrescentar-se um /i/ (ل) antes da radical inicial e o /ta/ antes da radical medial. Não existem padrões de significados consistentes relacionados a esta forma verbal, contudo Wightwick e Gaatar (2008) asseveram que os verbos dessa forma são bem próximos ao significado da forma básica (I). Cowan (2006) e Gaudefroy-Demombynes e Blachère (1952), afirmam que eles também podem ser reflexivo-passivas da forma básica.

RADICAL (FORMA I)	DERIVAÇÃO FORMA VIII
/jama ^c a/ “reunir, juntar”	/ijtama ^c a/ “congregar, agrupar”
/qaruba/ “estar próximo”	/iqtaraba/ “aproximar, avançar”
/našara/ “publicar,divulgar”	/inkašafa/ “tornar-se muito difundido; alastrar”

Certos verbos da forma VIII também têm o sentido de reciprocidade, assemelhando-se aos da forma VI:

/iqtatala/ “matar-se um ao outro” = /taqātala/ (mesmo sentido, forma VI)
 /iḥṭašama/ “estar em conflito um com outro” = /taḥāšama/ (mesmo sentido, forma VI)

2.3.9 FORMA IX – اِفْعَلَّ /if^calla/

Esta forma é raramente usada, pois ela se aplica somente a cores e defeitos físicos. Esta forma é denominativa por excelência (ou seja, é derivada de um nome – nesse caso, de adjetivos)¹⁰¹. Ela é caracterizada pelo /’alif/ com uma /hamzat waṣil/ e pela duplicação da radical final.

RADICAL DENOMINATIVO	DERIVAÇÃO FORMA IX
/’aḥmar/ “vermelho”	/iḥmarra/ “avermelhar-se, ruborizar, enrubescer”
/’ašfar/ “amarelo”	/iṣfarra/ “amarelar-se; tornar-se pálido”
/’a ^c war/ “cego de um olho, caolho”	/i ^c warra/ “tornar-se cego de um olho; tornar-se caolho”
/’a ^c waj/ “curvado, torcido”	/i ^c wajja/ “entortar-se; encurvar-se”

¹⁰¹ De acordo com Gaudefroy-Demombynes e Blachère (1952, p. 68), mesmo quando pareça possível atrelar o verbo da forma IX a um verbo simples [da forma I], é ao adjetivo do tipo /’af^calu/ que ele deve ser remetido, a fim de ter sua origem rastreada.

2.3.10 FORMA X – اِسْتَفْعَلَ /istafʿala/

Esta forma é marcada pelo prefixo /ista/ antes da radical inicial e pela eliminação da vogal na radical inicial. O sentido básico dessa forma é “pedir” ou “buscar” algo.

RADICAL	DERIVAÇÃO FORMA X
/ʾaḍina/ “permitir”	/istaʾḍana/ “pedir permissão”
/ḡafara/ “perdoar”	/istaḡfara/ “pedir perdão”
/ʿalama/ “saber, conhecer”	/istaʿlama/ “indagar, informar-se, pedir informações” [buscar conhecimento]

Cowan (2006) acrescenta que a forma também pode implicar em juízo e consideração:

/hasuna/ “ser bonito” $\Rightarrow$ /istaḥsana/ “admirar” [considerar (algo) bonito]

Segundo Gaudefroy-Demombynes e Blachère (1952), uma certa quantidade de verbos da forma X, de origem denominativa, exprime a ideia de “escolher como auxiliar”, ou seja, “nomear a uma função”.

RADICAL DENOMINATIVO	DERIVAÇÃO FORMA X
/ḥalīfa/ “califa, sucessor”	/istaḥlafa/ “escolher por sucessor, califa”
/wazīr/ “vizir, ministro”	/istawzara/ “escolher por vizir, ministro”
/ʿāmil/ “governador”	/istaʿmala/ “nomear governador”

Assim, neste capítulo explorou-se o processo de codificação linguística, a formação das escolas filológicas, e a centralidade do verbo trilítere no universo lexical árabe – bem como sua capacidade de derivação, com a finalidade de elucidar algumas características que julgamos importantes para o compreensão do processo a seguir. O próximo capítulo lançará as bases metodológicas para a compilação do proposto dicionário de verbos árabes.

CAPÍTULO III

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E APLICAÇÃO NA LEXICOGRAFIA ÁRABE

A riqueza de uma língua não é para ser medida por quantas de suas palavras estão elencadas em dicionários ou pelo número de sinônimos em seus dicionários. Porque os dicionários não são apenas um registro das palavras vivas; eles também são um cemitério de palavras. Isto é particularmente verdadeiro sobre dicionários árabes, uma vez que eles contêm uma abundância de palavras que não são mais usadas e por isso perderam seu valor. Sati Husri¹⁰²

Esse capítulo divide-se em duas partes principais. A primeira procura apresentar, de maneira resumida, a trajetória histórica percorrida pelos dicionários e os pressupostos teóricos nos quais estão fundamentados uma obra lexicográfica, em especial aquelas características que julgaram ser pertinentes à estrutura do dicionário proposto nessa dissertação. Os conceitos básicos aqui explorados são: lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia. Já na segunda parte desse capítulo procura-se apresentar, brevemente, a lexicografia árabe monolíngue, bilíngue, e a terminografia das línguas de especialidade (destacando o período que vai da aurora da ciência lexicográfica à *Nahḍa*).

1. LINGUAGEM E DICIONÁRIOS

A linguagem – o principal veículo através do qual os seres humanos se comunicam – sempre encantou e mistificou a humanidade. Devido a isso, teorias, hipóteses e especulações sobre a sua origem e desenvolvimento remontam-se à milhares de anos.

Nesse passado remoto os seres humanos transmitiam suas tradições para as próximas gerações através de dois meios básicos: oralidade (palavra de boca) e representações gráficas (pinturas nas cavernas, por exemplo). Mas foi somente com o advento da escrita que se possibilitou a compilação de dicionários. A primeira obra

¹⁰² “The richness of a language is not to be measured by how many of its words are collected in dictionaries or by the number of fixed synonyms in its dictionaries. For dictionaries are not only a register of living words; they are also a cemetery of words. This is particularly true of Arabic dictionaries, since they contain an abundancy of words which are not used anymore and which have lost their value.” Sati Husri (Apud MARZARI, 2006, p. 21)

lexicográfica de que se tem notícia trata-se de uma produção assíria que se remonta a muitos séculos antes de Cristo. Esta obra, alguns tabletes de argila com as palavras organizadas em colunas e grafadas com a escrita cuneiforme, foi encontrada na cidade de Elba (agora parte da Síria) e registrava palavras na língua suméria com equivalentes no idioma acádico (BREADY, 2004). Haywood (1960, p. 5), avaliando esse documento lexicográfico, retrata-o como um “protótipo” do dicionário como é conhecido nos dias atuais: “o germe da ideia de dicionário era conhecida na Assíria quase mil anos antes de Cristo.”¹⁰³

A codificação linguística, primeiro com os indianos e depois com os gregos, possibilitou que essa prática criasse raízes. Foram os filósofos gregos que especularam sobre a origem da linguagem e o relacionamento entre os diferentes objetos e seus nomes. Depois disso, começaram a discutir as regras que governam a linguagem, isto é, a gramática. E, finalmente, no século III a.C., começaram a codificar as palavras de acordo com as diferentes partes do discurso e a cunhar denominações para as diferentes formas de verbos e substantivos (LONGYEAR, 2000).

As evidências históricas apontam que a tradição ocidental da confecção de dicionários também começou com os gregos. Entretanto, Read (2002) sugere que esse impulso somente ocorreu depois que a linguagem tinha mudado tanto que se fazia necessário explicações e comentários para que pudesse ser entendida. Dessa maneira, no primeiro século d.C., Pamphilus de Alexandria compilou o primeiro dicionário na língua grega. Outros seguiram essa iniciativa, entre os quais uma obra lexicográfica que catalogava listas do vocabulário em uso pelos atenienses.

Essa tradição lexicográfica continuou com os romanos que, com a expansão do império, reconheceram a importância dessa ciência e, ainda no primeiro século d.C., compilaram e circularam a obra *De Verborum Significatu* (O significado das palavras), que é referência em termos de antiguidade e gramática latina. Por séculos a língua latina prevaleceu no mundo ocidental, mesmo depois da queda do império, sustentada pela liturgia cristã. Somente durante a Renascença foi que as línguas modernas derivadas do latim tiveram seus primeiros dicionários: primeiramente o

¹⁰³ “[T]he germ of the dictionary idea was known in Assyria nearly a thousand years before Christ.”

italiano com o *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (1612), depois o francês com o *Dictionnaire de l'Académie Française* (1694), e finalmente o espanhol com o *Diccionario de la lengua española*, publicado entre 1726 e 1736 pela Real Academia Espanhola (Biderman, 1984).

A lexicografia árabe antecede em muito a essas obras, como se verá mais adiante. Os copiosos tratados lexicográficos foram motivados pelo amor à língua que, como já foi mencionado, era visto como uma dádiva divina. Devido a essa característica, esta língua deveria ser mantida pura, livre de estrangeirismos e corrupções, e o labor lexicográfico – tanto na listagem do léxico quanto na definição dos verbetes – facilitaria essa tarefa.

Abaixo, explora-se os vários conceitos que norteiam as obras lexicográficas de uma maneira geral. Ressalta-se que essa apresentação não tem por objetivo ser exaustiva. Procura-se, tão somente, apresentar considerações basilares sobre o assunto, particularmente porque são termos de importância capital para o assunto em pauta.

2. LÍNGUA E LINGUAGEM

Já foi dito que a linguagem é, por excelência, a mais humana das experiências humanas. Ela não é apenas um fenômeno característico do ser humano enquanto indivíduo, ela também é um instrumento de organização social. Sapir (1961, p. 19) pleiteia que existe uma relação intrínseca entre a comunicação linguística e a realidade sócio-cultural de uma sociedade:

A língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura. Em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. É uma ilusão pensar que possamos entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem auxílio de simbolismo lingüístico, que torna esses lineamentos significativos e inteligíveis à sociedade.

Para Sapir, bem como para inúmeros sociolinguístas, a língua serve como um “mapa” da realidade social, já que fatores sócio-culturais se refletem claramente no falar de uma dada sociedade. O universo lexical de uma língua, ou seja, as unidades lexicais por meio das quais se comunicam os membros de uma determinada

comunidade, é extremamente importante, uma vez que representa um autêntico patrimônio sociocultural da sociedade em questão. Esse universo lexical é um sistema aberto que se modifica e se expande continuamente, criando e adotando novos vocábulos através de vários processos que incluem a neologia formal, neologia semântica, neologia por empréstimo, e neologia pela adoção de vocábulos de outros universos linguísticos.

A língua é uma prática adquirida e transmitida de geração a geração, e envolve a apreensão de diferentes aspectos gramaticais. Entre os muitos estudiosos da linguagem que procuraram conceituá-la encontra-se Ferdinand de Saussure ([1916], 1972), que a considerava como um sistema de relações ou como um conjunto de sistemas interligados, cujos elementos (sons, palavras, etc.) não têm nenhum valor independente das relações de equivalência e de oposição que os unem.

Saussure também salienta que a língua é um sistema de signos. Em sua tradicional dicotomia “*langue/parole*” – “língua/fala”, Saussure qualifica *langue* como o próprio sistema que é constituído por regras fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas. A *parole* é qualificada como a escolha do indivíduo na realização concreta dos elementos do sistema. Dessa maneira, a *parole* é vista como instrumento de produção individual da *langue* que pertence à toda comunidade linguística em questão.

Coseriu (1967) reformula a concepção saussuriana *langue-parole* por crer que essa dicotomia não seja suficiente para demonstrar o que se passa na linguagem. Ele apresenta um conceito paralelo que é o da *norma*. Comentando sobre essa contribuição, Lopes (1995, p. 80) declara:

Tal como a *langue*, a norma é convencional; tal como a *parole* ela é opcional. Mas, diferentemente da *parole*, que é opção individual, deliberação de cada falante em cada enunciação concreta, a norma implica numa opção do grupo a que pertence o falante e pode, assim, divergir das demais normas seguidas por outros grupos da mesma comunidade linguística.

Chomsky (1965), cujas primeiras discussões deram origem à gramática gerativa, foi um notável linguísta que elaborou um conceito de língua que está muito próximo do conceito saussuriano de *langue-parole*: o *competência-performance*. A competência (*langue*) remete-se ao sistema de regras da língua que uma determinada

pessoa domina. A performance (*parole*), por outro lado, diz respeito à atualização ou à manifestação desse sistema em atos concretos.

Com essa introdução à língua, passa-se agora a apresentar o arcabouço teórico das obras lexicográficas. Ainda que as disciplinas envolvidas no estudo estejam bem próximas e defini-las torna-se, a cada dia, uma tarefa cada vez mais difícil (pois elas compartilham fronteiras amplas entre as ciências da linguagem), procurou-se apresentá-las de uma maneira sucinta.

Barbosa (1990), em seu artigo “Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação”, sumariza em um único parágrafo importantes concepções que serão pormenorizados mais adiante, mas vale antecipar alguns desses princípios como uma introdução ao assunto. A autora postula que os princípios de interdisciplinaridade das ciências básicas e aplicadas também são notadas nas ciências da linguagem; nela, cada área mantém uma cooperação estreita e recíproca com as outras, sem deixar de ter, individualmente, suas especificidades epistemológicas. A *lexicologia* ↔ *lexicografia* e a *terminologia* ↔ *terminografia*, como pares distintos, apresentam, nas tarefas que lhes são atribuídas, uma área muito grande de intersecção, de modo que é difícil delimitar-lhes fronteiras fixas, mas pode-se entender que a lexicologia tem como sua ciência aplicada a lexicografia, enquanto que a terminografia é a ciência aplicada da terminologia. Cabe à lexicografia a produção de obras dicionarísticas no domínio de língua geral, e à terminografia a terminologia das línguas de especialidade.

3. LEXICOLOGIA

A lexicologia é a disciplina entre as ciências da linguagem que estuda o léxico em suas várias perspectivas. O léxico de uma dada língua é o conjunto de palavras, ou lexias, que a constitui. As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Segundo Haensch (1982, p. 93) “a lexicologia é a descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo.”¹⁰⁴

¹⁰⁴ “[...] la descripción del léxico que se ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de un sistema individual o de un sistema colectivo”.

De acordo com Vilela (1994), a lexicologia é o ramo da ciência linguística que descreve a natureza e a composição da linguagem, ou seja, é o estudo científico do léxico. Ela estuda as palavras de uma língua em todos seus aspectos: etimológicos, fonológicos, morfológicos, etc., mas tem uma ligação especial com a semântica. Vilela (1994, p. 10) assim define o objeto dessa ciência: “[A] lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incluindo sobretudo a análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações”.

Barbosa (1990, p. 153) também chama atenção para os aspectos acima, enumerando as diferentes tarefas da lexicologia: definir conjuntos e subconjuntos lexicais (universo léxico, conjunto vocabulário, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo); conceituar e delimitar a unidade lexical de base (a lexia); analisar e descrever as estruturas morfo-sintático-semânticas dessas unidades lexicais, sua estruturação, tipologia e possibilidades combinatórias; abordar a palavra como geradora e como reflexo de recortes culturais; estabelecer a rede de relações das palavras de um sistema linguístico; circunscrever a aptidão das palavras, para se interligarem a planos morfossintático, sintático e semântico, nos eixos paradigmático e sintagmático; estudar o conjunto de palavras de determinado sistema, ou de um grupo de indivíduos.

Entretanto, não é atribuição da lexicologia, de acordo com Vilela (1994), providenciar um inventário de todo o material armazenado no léxico. Sua tarefa é fornecer pressupostos teóricos que permitam traçar as linhas que coordenem o léxico de uma língua.

3.1 LÉXICO

Tecendo considerações sobre o léxico, Henriques e Damião (2000) afirmam que este é um inventário aberto, contendo um número infinito de palavras, que pode ser aumentado não apenas pela inserção de novos vocábulos, mas também por mudanças de sentidos dos vocábulos já existentes. Biderman (2001, p. 12) reitera e amplia essa ideia ao afirmar: “O léxico é um sistema aberto com permanente possibilidade de ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade lingüística.”

Sandmann (1991, p. 59) citado por Silva (2003) expõe também sua ideia com relação à ampliação do léxico, considerando-o como:

Expressão da cultura de uma comunidade humana maior ou menor, é natural que a língua acompanhe as mudanças ou a evolução dessa cultura, criando inclusive unidades lexicais novas para rotular novos aspectos da cultura. [...] A língua lança mão, para tal, habitualmente, de modelos produtivos tradicionais, não sendo comum, em geral, a inovação nesse campo.

Essas poucas considerações sobre o léxico indicam que, além de constituir-se do saber vocabular de um determinado grupo linguístico e cultural definido, é marcadamente dinâmico, uma vez que "[...] palavras e expressões surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações ..." (BARCELOS *IN* AZEREDO, 2000, p.142)

3.2 UNIDADE BÁSICA DO LÉXICO

Existe uma grande variedade de termos para denominar a unidade básica do léxico, entre os quais o termo “*palavra*”, que os falantes de uma língua reconhecem intuitivamente. Rey (1986, p. 33), jocosamente indaga: “Mas o que é uma palavra? Uma pergunta aparentemente simples, exceto para os linguístas.”¹⁰⁵

De fato, os especialistas têm debatido muito sobre o tema, particularmente quanto à identificação e definição da *palavra* em comparação com outras categorias da descrição linguística. Muitos linguístas têm sugerido vários termos que complementam ou, na maioria dos casos, substituem essa designação. O termo clássico formulado por Bloomfield (1935) designando a unidade mínima significativa é *morfema* (livres e presos). Ullmann (1964, p. 219) comentando sobre essa terminologia declara:

Desde Aristóteles, tem sido uma prática habitual considerar a palavra como a unidade mínima significativa da fala. Nós sabemos que não é assim. O ‘menor elemento significativo na expressão de uma língua’ é o morfema, não a palavra. A palavra propriamente dita é definida na forma clássica de Bloomfield como uma ‘forma livre mínima’ (Bloomfield, 1933), que pode consistir de um ou mais morfemas.¹⁰⁶

¹⁰⁵ “Mais qu’est-ce qu’un mot? Question simple en apparence, sauf pour les linguistes.”

¹⁰⁶ “It has been customary since Aristotle to regard the word as the smallest meaningful unit of speech. We know that this is not so. The ‘smallest meaningful element in the utterance of a language’ is the

Barbosa (1978, p. 106) acrescenta as seguintes informações sobre os morfemas: “[...] os morfemas lexicais ou *lexemas* pertencem a um inventário aberto, não finito; os morfemas gramaticais ou gramemas, um inventário fechado, finito.”

A denominação introduzida neste ponto, *lexema*, como um sinônimo para morfema, é um dos termos usados com muita frequência no campo da lexicologia e lexicografia, tendo em vista designar a unidade básica lexical: a forma canônica representado nas entradas de um dicionário.¹⁰⁷ Esse termo, aqui citado por Barbosa (1978), foi cunhado por John Lyons (1969) para evitar a ambiguidade de *palavra* utilizada em vários níveis da linguística e da ortografia (CRYSTAL, 1985)¹⁰⁸. Discorrendo sobre este termo, Laroca (1994) esclarece:

Do ponto de vista morfológico ou gramatical, as palavras propriamente ditas seriam representações concretas dos lexemas (quer flexionados ou não). Assim, escrevo, escrevia, [...] são palavras que manifestam o lexema ESCREVER; [...] Os lexemas são, portanto, unidades lexicais abstratas que representam determinado paradigma. Constituem entradas de dicionários e podem ser simples como ESCREVER, compostos como GUARDA-ROUPA, derivados como LIVRARIA.

Nessa dissertação os termos *palavras*, *lexemas* e *unidades lexicais* são usados intercambiavelmente. Apesar das diferentes nuances no significado desses termos, preferiu-se ater-se a eles, visto que não há consenso entre os linguístas sobre os critérios para delimitação do conceito de “palavra”. Biderman (2001, p. 12) também espelha essa postura. Ela, reconhece a impossibilidade de definir e delimitar a *palavra*, mas admite, baseada na tese de Sapir-Worf, “[...] que a conceituação e a delimitação da palavra devem ser formuladas para cada língua ou grupo de línguas afins”.

morpheme, not the word. The word itself is defined in Bloomfield’s classic formula as a ‘minimum free form’, Bloomfield 1933, which may consist of one or more morphemes.”

¹⁰⁷ As diferentes realizações do lexema (formas flexionadas, por exemplo) constituem as subentradas de um dicionário, compartilhando o mesmo significado básico da entrada em questão.

¹⁰⁸ Nas palavras de Crystal (1985, p. 157) “Sua [de Lyons] motivação original era reduzir a ambiguidade do termo palavra, que era aplicada aos níveis ortográfico/fonológico, gramatical e lexical, além de elaborar um termo mais apropriado para quando se discute o vocabulário de uma língua. Assim o lexema é uma unidade abstrata subjacente a grandes conjuntos de variantes gramaticais, como caminho, caminha, caminhou, caminhando, etc.”

3.3 RELAÇÕES LINGÜÍSTICAS DE SIGNIFICADO

Quais fatores estão em questão para que haja comunicação? O que veicula *significado* e *compreensão* na comunicação? Weiss (1998, p. 26) responde a essas perguntas sugerindo variados fatores:

O que ‘faz sentido’ na comunicação são fatores como o significado (intra- e inter-lingüístico) do lexema, a função gramatical, o contexto em que o lexema está usado, fenômenos paralingüísticos como entonação, acentuação, pausas (na fala) e marcas de pontuação (na forma escrita). O característico da língua, então, é a transmissão, através da fala e da escrita, de comunicação significativa.

Os “significados” dos lexemas podem ser lexicais ou gramaticais (conforme o que abordou Barbosa acima). Eles podem ter significados múltiplos (polissemia), ou ter significados diferentes para uma mesma forma (homonímia), e também contar com variadas relações de significados entre os lexemas (como é o caso de sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia e co-hiponímia). A apresentação desses lexemas sem deixar margem à ambiguidade é uma das tarefas do lexicógrafo que usa diferentes critérios e ferramentas para tratá-los, das quais o método de organização do léxico, que pode ser dividido em procedimento semasiológico e procedimento onomasiológico.

A semasiologia, de um lado, é descritiva, tratando os significados de uma palavra (o significado do significante), e parte do lexema para a descrição de seu significado. “É um processo de definição e decodificação, uma relação intra-lingüística entre palavra e palavra” (WEISS, 1998, p. 27). A onomasiologia, por outro lado, é normativa, tratando das designações (o significante do significado), e parte da significação para chegar a uma designação. “É um processo de nomeação e codificação, uma relação extralingüística entre a palavra e o mundo” (WEISS, 1998, p. 27).

Brevemente mencionados acima, algumas relações linguísticas de sentido comumente usadas na metodologia da obra lexicográfica, são agora apresentadas seguidas de algumas definições já consagradas. Esses conceitos são basilares na compilação de dicionários:

- Monossema: lexemas que possuem um único significado, como alguns termos científicos, como por exemplo: laringologia, apendicectomia, etc.
- Polissemia: lexemas com vários sentidos. Pode haver, segundo Weiss (1998, p.27) "... polissemia de palavras, de seqüências de palavras, de interpretação, etc.". Dubois et al. (1973), esclarecem que a polissemia está em relação com a frequência das unidades: quanto mais frequente uma unidade, mais sentidos possui.
- Homonímia: lexemas com diferentes sentidos, mas com idêntica forma fônica (homofonia) ou gráfica (homografia);
- Paronímia: lexemas de sentido diverso, mas que se aproximam pela forma gráfica ou mesmo pelo som. Esta afinidade pode suscitar confusões. Henriques e Damião (2000, p. 50) ilustram esse conceito com os seguintes pares: delatar (denunciar) / dilatar (alargar); descriminar (isentar de crime) / discriminar (diferenciar); elidir (suprimir) / ilidir (refutar, anular); emitir (mandar para fora) / imitir (investir em); infligir (aplicar pena) / infringir (desobedecer).
- Hiperonímia: termo que indica haver uma relação entre um elemento "superordenado" (LYONS, 1978) e os diferentes elementos incluídos numa determinada categoria do léxico, chamados hipônimos: *animal* é o hiperônimo de *gato*, *cão*, *cavalo*, etc.
- Híponímia¹⁰⁹: designação para a relação das unidades léxicas subordinadas a um termo superordenado: *cavalo* é um hipônimo (termo específico) de *animal* (termo genérico).
- Sinonímia: lexema que pode substituir outro em pelo menos um contexto isolado. Lopes (1995, p. 256) afirma que dois termos, a e b, são sinônimos "... se as frases que obtemos, comutando-os, possuírem, sob algum ponto de vista, sentidos correspondentes". Todavia, não há sinonímia perfeita dentro de uma mesma língua, em todos os contextos, e entre itens correlatos de línguas diferentes. Henriques e Damião (2000, p. 49) exemplificam essa questão [inexistência de sinonímia perfeita] com a seguinte série: soldo, fêria, vencimentos, honorários e estipêndios que são sinônimos de "salário", mas

¹⁰⁹ Lyons (1978, p. 482) esclarece: "O termo híponímia não faz parte da terminologia tradicional do semanticista; é de criação recente, por analogia a sinonímia e antonímia. Embora uma palavra nova, a noção é bastante tradicional e é reconhecida como um dos princípios constitutivos na organização do vocabulário de todas as línguas."

que se qualifica dependendo do grupo a que se refere: soldo (soldados), salário (assalariados), férias (comerciante), vencimentos (deputados), honorários (advogados), estipêndios (magistrados). Pode-se acrescentar a essa lista o termo *prebenda* (para religiosos).

- Antonímia: lexema que designa uma relação de oposição entre itens lexicais. Assumimos que esta relação de oposição não se dá apenas como relação de contrariedade, mas também de contraditoriedade, o que expressa uma ideia melhor de antonímia.

4. LEXICOGRAFIA

Como já mencionado, a lexicografia está intimamente relacionada à lexicologia.¹¹⁰ Para alguns autores como Crystal (1988) e Barbosa (1990), a lexicografia pode ser considerada como um ramo da “lexicologia aplicada”. De acordo com Welker (2004, 2008), a lexicografia engloba dois sentidos: *lexicografia prática*, ou seja, a técnica ou arte da confecção de dicionários; e a *lexicografia teórica* ou *metalexicografia*, que trata da problemática do fazer lexicográfico, da lexicografia histórica, da tipologia de dicionários, e pesquisa sobre o uso de dicionários (ZUCCHI, 2010).

A lexicografia, como técnica de elaboração de obras lexicográficas, envolve a compilação, análise, classificação, definição (ou, no caso de dicionários que contemplam duas línguas ou mais, a equivalência) e o processamento de unidades lexicais da língua ou parte dela. Já que, como afirma Haensch (1982), os dicionários podem elencar uma porção maior ou menor do léxico de uma língua (ou seja, todos os tipos de itens lexicais) ou apenas um tipo específico (verbos, sinônimos, etc.) ou podem restringir-se a fraseologias (expressões idiomáticas, provérbios, etc.).

Hartmann (1983, p. 4) em seu *Lexicography: Principles and Practices* descreve, brevemente, os princípios que norteiam a toda atividade lexicográfica. Esses princípios já foram mencionados acima, mas a abordagem de Hartmann coloca em evidência aquilo que é essencial para a compreensão: 1. A lexicografia se ocupa com

¹¹⁰ Dapena (2002) admite que a distinção entre lexicografia e lexicologia não é óbvia, uma vez que os especialistas ainda não chegaram a um acordo. Para muitos, a lexicologia não se diferencia da semântica, e a lexicografia é vista apenas como uma disciplina linguística de caráter especulativo, eminentemente prático e não estritamente linguístico.

a descrição e explicação do léxico de uma língua; 2. A unidade básica de sentido em um dicionário é o lexema, que combina a forma e o sentido; 3. As obras lexicográficas podem descrever “todo” o vocabulário de uma língua ou apenas em um de seus aspectos; 4. As técnicas de produção dicionarísticas necessitam desenvolver uma ‘metalinguagem’ para tratamento e apresentação da informação; 5. Em última instância, todos os dicionários devem ser impulsionados pelas necessidades dos consulentes à quem eles servem.

Dessa maneira, os critérios de confecção de obras lexicográficas são determinados pela natureza da obra e pela “audiência” (público alvo) que o dicionário pretende atingir. A lexicografia (em contraste com a terminografia) segue o procedimento semasiológico, uma vez que parte da palavra para chegar à ideia, ou, usando as palavras de Barbosa (1999, p. 157), “[...] parte da denominação para chegar à definição.”

Os dicionários que focalizam nos estudantes têm uma abordagem diferenciada, já que responde às necessidades desse público. Welker (2008) discute a *lexicografia pedagógica* (LP), apresentando técnicas que, se seguidas, auxiliarão os consulentes em sua tarefa de compreensão e decodificação de textos em língua estrangeira. Ela (LP) é definida como tendo “o genuíno objetivo de satisfazer as necessidades de informação lexicograficamente relevantes que têm os estudantes em uma série de situações extra-lexicográficas durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira” (TARP 2006:300 *Apud* WELKER, 2008:39).

4.1 TIPOLOGIA DE DICIONÁRIOS

O dicionário é uma obra que descreve o léxico de uma ou mais línguas. O dicionário providencia uma exploração sistemática do vocabulário de uma língua, incluindo, entre outras coisas, significado, variações e uso. Colocando em evidência o lado analítico do dicionário, Bartholomew e Schoenhals (1983, p. 9) argumentam:

A entrada dicionarística em um dicionário bilíngue deve refletir a estrutura léxica da palavra. Ela deve enumerar os diferentes sentidos da palavra, incluindo os significados centrais e os ‘por extensão’. Ele deve incluir qualquer informação essencial na formação de paradigma de formas flexionadas para aquela palavra. Deve distinguir a palavra de outras a ela relacionadas etimologicamente, a saber, seus derivados e compostos. Deve

providenciar distinção da palavra com outras que possuam a mesma forma fonológica (homófonos) ou com formas semânticas compartilhadas (sinônimos, ou parassinônimos). Deveria identificar qualquer expressão idiomática que usa a palavra. A entrada deveria dar a classificação gramatical da palavra (substantivo, verbo, preposição, etc.).¹¹¹

Quanto à organização do dicionário, elas mudam de acordo com o conteúdo e propósito da obra. As definições são apresentadas utilizando o processo semasiológico ou o processo onomasiológico. Podem ser ordenados alfabeticamente, por conceitos, campos semânticos, ou de ordem inversa. As informações contidas na microestrutura variam de acordo com o tipo de dicionário.

A função norteia a organização do dicionário, que pode ter funções diferentes: codificação, decodificação, facilitação na aprendizagem de uma outra língua, construção de um vocabulário técnico ou especializado, etc.

Zucchi (2010) engloba essas diferentes informações e as organiza em um parágrafo coeso e inteligível:

O dicionário é um texto estruturado num eixo vertical e num eixo horizontal. Existe uma terminologia específica que denomina suas partes. O eixo vertical é formado pelo conjunto de *entradas*. A *entrada* é cada unidade lexical – palavra simples, composta, expressões, abreviaturas (dependendo da proposta da obra) – à qual segue o *enunciado lexicográfico*. O conjunto de entradas é chamado de *nomenclatura ou nominata*. A forma como é organizada a obra como um todo recebe o nome de *macroestrutura*. Organização que define a ordem das entradas, de tipo onomasiológico ou semasiológico, a inclusão de tabelas de símbolos fonéticos, de textos com explicações gramaticais e de uso, de ilustrações, e outros. Já o conjunto de informações que segue cada entrada recebe o nome de *microestrutura*. A microestrutura é formada pela *entrada* e pelo *enunciado lexicográfico*.

¹¹¹ “The dictionary entry in the bilingual dictionary should reflect the lexical structure of the word. It should enumerate the distinct senses of the word, including both central and extended meanings. It should include any essential information for forming the paradigm of inflected forms for that word. It should distinguish the word from others related etymologically to it, namely its derivatives and compounds. It should distinguish the word from other words with the same phonological shape (homophones) or with the shared semantic features (synonyms, or near synonyms). It should identify any idioms that employ the word. The entry should give the grammatical classification of the word (noun, verb, preposition, etc.).

4.2 CLASSIFICAÇÃO DOS DICIONÁRIOS

Os dicionários podem ser classificados de acordo com os objetivos ou o público alvo que deseja alcançar. Podem ser:

- Monolíngues: tratam de uma só língua, apresentam-se em ordem alfabética e providenciam ao consulente entendimento para usar determinados vocábulos;
 - Dicionário padrão de língua (instrumento para orientar os consulentes sobre o significado e os usos das palavras);
 - Dicionários especializados: de uma determinada área da língua (sinônimos, gírias, jargões, etc.);
 - Dicionários de ordem inversa, para o uso em rimas, poesias, etc.;
 - Dicionário histórico: diacrônico ou sincrônico figurando o vocabulário de uma época específica.
- Plurilíngues: tratam de duas ou mais línguas, procurando fazer equivalência termo a termo entre elas, ou seja, fornecem equivalentes da língua fonte na língua alvo; Segundo Genouvrier e Peytard (1974) Cabe salientar que os dicionários bilíngues, em geral, seguem algumas características convencionais que incluem os seguintes traços:
 - a. Os dicionários bilíngues para estudantes de língua estrangeira contêm nomenclatura concisa, procurando reunir a unidades lexicais mais frequentes: neologismos, expressões linguísticas e aspectos culturais relacionados à língua em questão.
 - b. São todos elaborados com algum tipo de prefácio, notas sobre pronúncia, notas gramaticais e abreviaturas utilizadas.
 - c. Além disso, tanto na língua de partida quanto na de chegada, apresentam a equivalência da unidade lexical ou termo, muitas vezes exemplificados para esclarecer seu uso.
- Dicionários científicos ou técnicos: contemplam um determinado domínio ou uma determinada língua de especialidade. Podem ser monolíngues ou plurilíngues.
- Dicionários enciclopédicos: correspondem às obras de conhecimentos gerais, trazendo muitas informações (extralinguística) sobre o assunto;

- Tesouro: dicionário como repositório da riqueza vocabular e cultural de uma língua, no caso a língua portuguesa, com a influência de outras línguas: a lusitana, a greco-latina, indígenas, africanas. Enfatiza o enriquecimento vocabular produzido pelos meios de comunicação de massa e a troca de informações .

5. TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA

A terminologia é uma disciplina linguística de origem recente que procura estudar o léxico de natureza técnica e/ou científica, muitas vezes um “recorte” da língua geral chamado, comumente, de léxico especializado ou temático. A terminologia também estabelece o arcabouço teórico para a cunhagem de novos termos científicos e tecnológicos (terminografia). Como já mencionado anteriormente, existe grande área de intersecção entre a terminologia e a terminografia. Essas ciências, como expressa Barbosa (1995), configuram duas posturas e dois métodos em face ao vocabulário técnico: a terminografia, como técnica de dicionários especializados e a terminologia como estudo científico da linguagem especializada.

Ainda no tocante à terminologia, Barbosa (1990), afirma ser esta um conjunto de termos técnicos que constitui o vocabulário de uma área de conhecimento. “Qualquer disciplina e, com maior razão, qualquer ciência tem a necessidade de um conjunto de termos rigorosamente definidos, pelos quais designa as noções que lhes são úteis: esse conjunto de termos constitui, pois, a sua terminologia.” (p. 155).

Andrade (2001, p. 192), citando Cabré (1993, p. 52), define terminologia de uma maneira muito sucinta:

A terminologia é, antes de tudo, um estudo do conceito e dos sistemas conceptuais que descrevem a cada matéria especializada; o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceptual, e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa.

A tarefa básica da terminologia é a de codificar/nomear um fato ou conceito, ou sedimentar a forma já em uso, ou seja, a terminologia volta-se para a normatização dos termos de especialidades, a fim de assegurar a univocidade da comunicação profissional. Demai (2006, pp. 41, 42) assim complementa as tarefas da terminologia:

A prática terminológica recolhe, descreve, processa e apresenta os conceitos da área de especialidade por meio de pesquisa

bibliográfica no *corpus*, o conjunto de textos sob análise, que fornecerão, além dos conceitos, os termos da área e, em muitos casos – diríamos a maioria deles – o conceito dessas áreas e os termos já estão delimitados, definidos e em uso, tanto pela comunidade de especialistas como para os leigos, não tendo assim o lexicólogo ou terminólogo poder real de nomear os objetos da realidade em questão. A terminologia tem o poder – e o dever – de normalização dos termos, mas, na maioria dos casos, não o de sua criação original.

Ainda em seu artigo “Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais”, Andrade (2001) passa a contrastar a diferença entre lexicografia e terminologia, afirmando que a terminologia repertoria uma lista de *conceitos* e busca a designação para cada um deles na *lingua de especialidade* (processo onomasiológico) enquanto que a lexicografia parte das palavras na *língua comum/geral* – que constitui o inventário de uma obra lexicográfica – “e passa a descrevê-las semanticamente, por meio das definições” (p. 192), esse é o processo semasiológico, partindo da forma para o conteúdo.

Barros (2004), em seu *Curso Básico de Terminologia*, ilustra o conceito apresentado acima com o seguinte esquema:

Diagrama 1. Processo onomasiológico

Essa é a representação básica da terminologia: o conceito deve levar a uma denominação / designação. Esse tem sido o trajeto percorrido por terminógrafos ao longo dos séculos que, diante da inexistência de termos em suas línguas que expressassem os fenômenos e noções novas, viram-se levados a denominar essas ideias e noções através de vários procedimentos incluindo (entre outros): (a) a neologia formal (formação de novos termos por meio de derivação, de acordo com as regras de produtividade da língua); (b) neologia semântica (consagração de palavras

do dia-a-dia para designarem os conceitos técnicos); (c) neologia por empréstimo (adoção de palavras estrangeiras e de outros universos linguísticos);

Após essas considerações, convém ressaltar que, como esta pesquisa é muito concisa, não tem o propósito de apresentar discussões teóricas aprofundadas sobre a questão do fazer lexicográfico/terminográfico, a fundamentação exposta não é de natureza propriamente analítica ou investigativa, mas apenas descritiva. Passa-se agora a apresentar a lexicografia e terminografia árabe.

6. ESTUDOS LEXICOGRÁFICOS ÁRABES

Os estudos gramaticais iniciados por Abūl Aswad Ad-Du'alī segmentaram-se em duas ciências separadas: /naḥu/ “gramática” e /ʿilm al-luġa/ “lexicografia ou filologia”. Embora essas duas disciplinas compartilhassem grande área de intersecção, cada uma mantinha funções claramente definidas. Como brevemente mencionado no capítulo anterior, dois personagens dos primórdios das ciências da linguagem no mundo árabe representam bem a segmentação dessas duas disciplinas: Ḥalīl Ibn Aḥmad, o autor do /kitāb al-ʿayn/, sendo o primeiro lexicógrafo, e Sībawayhi, seu pupilo, um dos primeiros a escrever uma gramática¹¹². Haywood (1960, p. 18) compara e define as tarefas do lexicógrafo e do gramático da seguinte maneira:

O /luġawī/ (lexicógrafo) tinha que garantir que a genuína língua dos árabes fosse transmitida à geração seguinte. [Isso era feito] através da checagem de palavras e expressões, e pela incorporação dos mesmos em vocabulários e dicionários. O gramático tinha que mostrar como este material era usado em um discurso coerente, fazendo uma análise e uma síntese, e formulando regras [gramaticais].¹¹³

Os árabes – e aqueles que escreveram em árabe – esmeraram-se na compilação de dicionários e outras obras lexicográficas. Com a possível exceção dos chineses, nenhum outro povo se igualou aos árabes nessa disciplina até o advento da Renascença Europeia. Vários dicionários de língua geral, além de inúmeros tratados

¹¹² É razoável pensar que outros projetos linguísticos menos notórios precederam essas obras mas, até onde pode ser apurado, não sobreviveram. Os gramáticos, biógrafos e comentaristas gramaticais que surgiram posteriormente mencionam alguns filólogos que surgiram no período entre Ad-Du'alī e Ḥalīl Ibn Aḥmad, mas calam-se sobre as obras que estes poderiam ter escrito.

¹¹³ “The lughawī (lexicographer) had to ensure that the pure speech of the Arabs was handed down by checking words and expressions, and incorporating them in vocabularies and dictionaries. The grammarian had to show how this material was used in connected speech, making an analysis and a synthesis, and stating rules.”

terminológicos em domínios específicos da linguagem, testificam da supremacia árabe nesse campo do saber.

6.1 LEXICOGRAFIA ÁRABE MONOLÍNGUE

A grande maioria das obras lexicográficas era, ao contrário da lexicografia de expressão latina, de cunho monolíngue¹¹⁴. As primeiras obras bilíngues apareceram mais de um século após estes primeiros dicionários. Diversos fatores contribuíram para o desenvolvimento de uma lexicografia monolíngue. O primeiro deles, como discutido brevemente no primeiro capítulo, é de ordem religiosa: a lexicografia foi concebida como uma ferramenta para ajudar a compreensão do Alcorão e do *ḥadīṭ* (tradições orais que se remetem a atos ou palavras do profeta do Islamismo). Haywood (1960, p. 17) declara que a “lexicografia (*luġa*) foi inicialmente o estudo de palavras que, embora ocorressem no Qur’ān [Alcorão], nos *ḥadīṭ*, e na poesia pré-islâmica, não eram conhecidas no discurso diário.”¹¹⁵

Entretanto, as entradas dicionarísticas não eram confinadas a essas palavras desconhecidas, ao contrário dos dicionários de outras nações, que limitavam-se em arrolar e explicar vocábulos difíceis e raros. Os compiladores dos dicionários árabes de língua geral aspiravam à registrar o léxico em sua totalidade. A profusão de entradas é a marca registrada do dicionário árabe, de tal maneira que o dicionário escrito por Fīrūzābādī (morte 1414) denominado */qāmūs/* “oceano” passou a designar todos os dicionários a partir de então¹¹⁶.

O segundo fator era de ordem linguística, ou seja, a preservação da pureza do árabe. Obviamente, essa preocupação linguística emanava do fator religioso acima mencionado. Com a catalogação dos vocábulos, os árabes estariam salvaguardando a

¹¹⁴ Grande parte dos dicionários era bilíngue, geralmente contemplando a direcionalidade latim → língua vernacular. Esses dicionários bilíngues deram origem, mais tarde, aos dicionários monolíngues nos falares neo-latinos.

¹¹⁵ “Lexicography (*luġa*) was initially the study of words which, though they occurred in the Qurān, the *ḥadīṭ*, and pre-Islamic poetry, were not known to everyday speech.”

¹¹⁶ A denominação */muḥīṭ/* “circunjacente, compreensivo” (LANE, [1885] 1968) e “oceano” (WEHR, 1979) já havia sido previamente usada por Šāḥib Ibn ‘abbād (morte 955) em sua obra */al-muḥīṭ fil-luġa/* “O oceano da língua”. Contudo, a fixação desse epíteto se deu com Fīrūzābādī (1414) que utilizou um outro termo com o mesmo significado */qāmūs/*. Este termo também denota o “meio” ou “a parte mais profunda” do oceano. Essas denominações são metafóricas e sugerem a amplitude e a profundidade do dicionário. Dois dicionários em particular, */lisān al-‘arab/* “a língua dos árabes” redigido por Ibn Manzūr (morte 1311) com 80.000 verbetes, e */tāj al-‘arūs/* “a coroa da noiva” de Murtaḍā Az-Zabīdī (morte 1791) com 120.000 verbetes, ilustram bem essa atitude abarcadora.

língua da revelação alcorânica. Parte da missão da lexicografia, então, era transmitir a língua *pura* dos árabes. Isso era obtido através do trabalho de averiguação, comumente levado a cabo com informantes de certas tribos árabes do deserto que, supostamente, haviam mantido a língua inalterada em razão de seu isolamento.

O terceiro fator determinante para o desenvolvimento da lexicografia foi o interesse que os árabes tinham na /šīʿr/ “poesia” e na /balāġa/ “retórica”. A poesia pré-islâmica e, de certa forma, aquela do primeiro século depois da hégira, era tida em alta consideração, uma vez que materializava a pureza linguística que os árabes tanto prezavam. As obras lexicográficas, de um lado, cristalizavam as expressões poéticas e, por outro, explicavam os vocábulos desconhecidos empregados pelos poetas em suas criações.

O desenvolvimento da /balāġa/ “retórica” requeria um vocabulário mais amplo, incluindo palavras arcaicas. Dessa maneira, os dicionários especializados contendo expressões /nawādir/ “raras” e /ġarīb/ “obscuras, exóticas, incomuns” eram buscados avidamente. Hitti (1900, p. 21) assim corrobora esse amor pela retórica:

Semitas típicos, os árabes não criaram nem desenvolveram nenhuma arte notável por eles mesmos. A natureza artística deles encontrou expressão sobretudo através de um veículo: a linguagem. Se os gregos foram glorificados em suas estátuas e arquitetura, o árabe encontrou em seu poema lírico, e o hebreu em seu salmo, uma superior maneira de auto-expressão. ‘A beleza de um homem’, declara um adágio árabe, ‘se encontra na eloquência de sua língua.’¹¹⁷

6.1.1 TRANSMISSÃO DOS DICIONÁRIOS

Em seus primórdios, os dicionários árabes eram transmitidos oralmente, uma tradição que perdurou por toda a Idade Média. Além de seu custo elevado, e tomando em consideração a vastidão do império árabe-islâmico, certos manuscritos eram difíceis de serem encontrados e, nessa ausência, fez-se necessário uma maneira alternativa de transmissão. Khoury (1996, p. 19) atesta que os dicionários eram memorizados, fato que concedia um certo prestígio e uma certa confiabilidade à

¹¹⁷ “Typical Semites, the Arabians created or developed no great art of their own. Their artistic nature found expression chiefly through one medium: speech. If the Greek glorified in his statutes and architecture, the Arabian found in his ode, and the Hebrew in his psalm, a finer mode of self-expression. ‘The beauty of a man’, declares an Arabic adage, ‘lies in the eloquence of his tongue.’”

aqueles que os guardavam na memória. Haywood (1960, p. 43) corrobora essa posição de Khoury e afirma que os dicionários eram ensinados não a partir de cópias manuscritas, mas, oralmente, com pessoas que haviam estudado sob a tutela de seus compiladores ou de um de seus pupilos. De fato, os eruditos não se fiavam em manuscritos, pelo fato que os copistas cometiam erros de transmissão.

Nos dias bem antes da [invenção da] imprensa, os livros, sendo escritos manualmente, eram onerosos. Era normal memorizá-los. De fato, a palavra escrita era suspeita, porque os copistas eram passíveis a cometerem erros.¹¹⁸

Al-Khatib (1994, p. 47) declara que somente em meados do século XIX com o desenvolvimento e a difusão da imprensa no mundo árabe, que os famosos dicionários, baseados nos manuscritos existentes, começaram a ser impressos e amplamente propagados. A primeira obra a ser publicada foi a /tāj al-luġa wa ṣiḥāḥ al-ʿarabyia/ “Coroa da língua e a correção do árabe”, em 1865, sendo seguido por inúmeros outros nos anos que se seguiram. Essa obra, bem como o /al-qāmūs al-muḥīṭ/ “O oceano circunjacente” (publicado em 1872), foram classificados por Haywood (1960, p. 116) como “best sellers”.

6.1.2 ORGANIZAÇÃO DA MACROESTRUTURA

Certamente a tradição oral na transmissão de obras lexicográficas teve alguma influência na organização das obras redigidas durante esse período. Como a consulta a um manuscrito não era uma prática corrente, a disposição da nomenclatura não tinha grande importância, embora, como assinala Haywood (1960), uma boa ordenação dos verbetes poderia facilitar a memorização. Foi somente a disseminação das obras dicionarísticas que levou os lexicógrafos a prestarem mais atenção à disposição da nominata.

Os três principais tipos de disposição da nomenclatura nos dicionários árabes são: classificação fonêmica, classificação de acordo com a rima, e a classificação dita “moderna”. Essas disposições têm sido usadas com algumas variações desde o começo da tradição dicionarista árabe (ARIAS, 1996).

¹¹⁸ “In the days long before printing, books, being written by hand, were expensive. It was normal to learn them by heart: indeed, the written word was suspected, as copyists were liable to make mistakes.”

Como já mencionado anteriormente, a classificação fonêmica foi elaborada por Ḥalīl Ibn-Aḥmad. Em seu dicionário, a ordem da macroestrutura segue os pontos de articulação dos sons, começando com os sons produzidos na faringe e progredindo até chegar aos lábios. Essa forma de organização perdurou pelos dois séculos seguintes.

A classificação dos verbetes de acordo com a rima é atribuída à Jawharī (morte 1007). Essa organização consiste em catalogar as entradas de acordo com sua radical final. Depois os verbetes eram arranjados de acordo com o primeiro radical e, por último, de acordo com o radical medial. Haywood (1960) assevera que tal organização era para auxiliar os poetas a encontrar vocábulos que rimariam com uma determinada palavra. Contudo, como a rima árabe não depende apenas da última consoante, os poetas deveriam consultar todas as entradas que terminavam com o som almejado para encontrar um vocábulo que rimaria com a que eles tinham em mente e, além disso, teriam que certificar-se de que a palavra tinha a significação desejada.

Haywood (1960, p. 70) declara que embora esse sistema de organização tivesse sido inútil para os poetas, ele foi providencial para as pessoas comuns e por isso teve uma influência duradoura:

O ‘Ṣaḥāḥ’ ou ‘Ṣiḥāḥ’ foi o primeiro dicionário árabe a ser organizado de acordo com um sistema simples que veio a ser uma obra de referência útil para o leigo comum não especializado na ciência da filologia árabe. [...] Ele se tornou o dicionário árabe padrão, e conservou sua posição de preeminência por trezentos anos, até que foi desbancado pelo ‘Qāmūs’.¹¹⁹

O protótipo da organização classificada como “moderna” teve sua gênese ainda no século X com o filólogo e lexicógrafo Ibn-Fāris (morte 1000 d.C.). Suas duas obras, /al-mujmal fi al-luġa/ “O compêndio da língua” e /maqāyīs al-luġa/ “As medidas da língua” foram arrolados de acordo com as raízes, por sua ordem alfabética, começando pela consoante inicial. Entretanto, uma das características que difere esses dicionários do modelo adotado mais tarde, é que as entradas seguem uma

¹¹⁹ “The ‘Ṣaḥāḥ’ or ‘Ṣiḥāḥ’ was the first Arabic dictionary to be so arranged according to a single simple system as to be a useful reference work for the ordinary layman unskilled in Arabic philological science. [...] It became the standard Arabic dictionary, and retained its position of pre-eminence for three-hundred years, until it was superseded by the ‘Qāmūs’.”

ordem “horária”. Haywood (1960, p. 101) assim explica a organização desses dicionários:

Ibn-Fāris considerava as letras do alfabeto como formando a circunferência de um círculo, cujo movimento apenas era possível em uma direção – digamos, horária. Dessa maneira, tratando das raízes bilíteras que começavam com *rāʾ*, por exemplo, ele não poderia principiar com r-hamza, r-b, r-t, r-t̤, e assim por diante¹²⁰. Ele teria primeiro que começar com r-z, porque *zāy* era a próxima letra depois de *rāʾ*, seguido por r-s, r-š, e assim sucessivamente até r-y, e então retornava ao começo (continuando com o círculo) para r-hamza, r-b, r-t, r-t̤, r-j, r-h, r-ḥ, r-d, r-ḍ.¹²¹

A organização “moderna”, de acordo com Khoury (1996), por muitos anos esteve circunscrita aos vocabulários religiosos, e levou muito tempo para se estabelecer na lexicografia de cunho geral, onde a organização seguindo os padrões da rima estava bem ancorada. Esse modelo – com algumas modificações – ganhou expressão com a obra de ʿUmar Al-Zamaḥṣarī /asās al-balāġa/ “Os fundamentos da retórica”. Nela, a organização alfabética por raízes, é usada tal qual nos dias atuais.

Alguns lexicógrafos modernos, entretanto, conscientes da dificuldade que o consulente pode ter em identificar a raiz de um determinado vocábulo, adotaram um modelo “moderno” simplificado, ou alfabético *puro* (KHOURY, 1996). Nesta organização os verbetes são arrolados em suas formas derivadas, quer dizer, elas fazem parte das entradas de um dicionário e não somente como subentradas em uma dada raiz. A vantagem dessa abordagem para o consulente é que não mais é necessário “despir” o vocábulo para chegar à sua forma básica. Entre os dicionários que adotaram este sistema encontra-se o /ar-raʿid/ “O pioneiro” (publicado em 1965)¹²².

¹²⁰ O alfabeto árabe segue a seguinte ordem: /ʾalif/, /bāʾ/, /tāʾ/, /ṭāʾ/, /jīm/, /ḥāʾ/, /ḥāʾ/, /dāl/, /dāl/, /rāʾ/, /zāy/, /sīn/, /šīn/, /ṣād/, /ḡād/, /ṭāʾ/, /zāʾ/, /ʿayn/, /ġayn/, /fāʾ/, /qāf/, /kāf/, /lām/, /mīm/, /nūn/, /hāʾ/, /wāw/, /yāʾ/, /hamza/. Obviamente, John Haywood (1960) segue uma sequência diferente, onde o /hamza/ é a primeira letra. Essa é uma prática tradicional. Nasr (2005, p. 1) explica que o /ʾalif/ tanto pode ser uma vogal longa como uma consoante, “e nesse caso se chama /hamza/”.

¹²¹ “Ibn Fāris thought of the letters of the alphabet as forming the circumference of a circle, round which movement was possible in only one direction – let us say, clockwise. Thus in dealing with bilateral roots beginning with *rāʾ*, for instance, he could not begin with r-hamza, r-b, r-t, r-t̤, and so on. He had first to begin with r-z, as *zāy* was the next letter after *rāʾ*, then r-s, r-š, and so on, to r-y, and then back to the beginning (continuing with the circle) to r-hamza, r-b, r-t, r-t̤, r-j, r-h, r-ḥ, r-d, r-ḍ.”

¹²² Essa abordagem provocou diferentes reações entre os lexicógrafos modernos. Khoury (1996) cita que Darwish (1956, p. 158) posiciona-se contra essa metodologia porque a mesma não é conveniente à natureza da língua árabe, uma língua derivacional.

6.1.3 CARACTERÍSTICAS GERAIS DESSES DICIONÁRIOS

Independentemente da organização que as obras dicionarísticas adotam, elas ainda se dividem em duas categorias principais: dicionários antigos e dicionários modernos. Apresenta-se aqui algumas características principais dos dicionários antigos – ou seja, as obras redigidas entre os séculos VIII e XVIII¹²³. Optou-se pelos dicionários antigos devido ao prestígio que estes gozam tanto entre os árabes (especialistas e leigos) quanto entre os arabistas (ARIAS, 1996).

Os dicionários árabes antigos se caracterizam, particularmente, por sua característica purística. Khoury (1996) informa que a preocupação em conservar a pureza da língua árabe levou os primeiros lexicógrafos a descartarem de suas obras as palavras de origem estrangeira, como no caso do primeiro dicionário, o /kitāb al-^cayn/. Haywood (1960, pp. 28-37), em sua tradução de parte da introdução à obra, parece confirmar a postulação de Khoury. Nessa introdução, o autor do /kitāb al-^cayn/, Ḥalīl Ibn-Aḥmad, provê claras explicações filológicas para a identificação de vocábulos de origem não árabe. Depois de citar alguns vocábulos, Ḥalīl Ibn-Aḥmad acrescenta:

[...] Estas são adaptações de palavras estrangeiras e não admissíveis na língua árabe, porque elas não contém letras linguais ou labiais; então não aceite nenhuma delas, mesmo que seu formato e composição se assemelhem à palavras árabes. Porque os estrangeiros morando entre os árabes frequentemente introduziram [palavras] que não são árabes, desejando causar confusões e consternações. (HAYWOOD, 1960, p. 32)¹²⁴

Outros lexicógrafos não chegaram ao extremo de banirem os vocábulos estrangeiros de seus dicionários, mas os catalogaram sob entradas trilíteras hipotéticas, causando a impressão (consciente ou não) de que eram unidades lexicais árabes, como é o caso de /al-qāmūs al-muḥīṭ/ de Al-Fīrūzābādī.

¹²³ Esse período abarca a ascensão e o declínio da língua árabe. A produção lexicográfica árabe teve seu apogeu nos primeiros séculos do império árabe-islâmico. A partir do fim do século XIV até a *Nahḍa* (que marca o início da idade “moderna”), a produção literária (e lexicográfica) entrou em um período de estagnação. A ocupação otomana desencorajou o avanço literário e, por um período de quase cinco séculos, apenas um dicionário foi redigido, o /tāj al-^carūs/ “A coroa da noiva” no século XVIII.

¹²⁴ “These are adaptations of foreign words not admissible in Arab speech, because they contain no lingual or labial letters; so do not accept any of them, even though their form and composition resembles Arabic words. For foreigners living among the Arabs often introduced that which was not Arabic, wishing to cause confusions and consternations.”

Outra característica compartilhada entre os dicionários dessa época era a língua utilizada. Conquanto, em raras ocasiões, os lexicógrafos faziam referências às variedades linguísticas de diferentes tribos, a vertente linguística escolhida era o árabe clássico. Khoury (1996, pp. 29, 30) citando Pellat (1976) advoga que os lexicógrafos “se aplicariam, com zelo religioso, a reconstituir a língua árabe em sua totalidade, tomando por base o Alcorão, os ditos de Muhammad e os falantes que eles consideravam como os mais puros.”¹²⁵ Essa abordagem perpetuou a prática de utilizar o árabe clássico como a vertente mais usada na compilação de dicionários.

Três outras importantes características necessitam ser brevemente mencionadas a fim de se ter uma visão panorâmica da lexicografia árabe monolíngue: as particularidades da introdução à obra, público alvo, e microestrutura (definição e abonações).

As introduções nos dicionários árabes normalmente incluem uma história crítica da lexicografia até o momento da compilação do dicionário em questão. Dessa maneira, as introduções constituem importantes documentos para o estudo e desenvolvimento do fazer lexicográfico. Elas também fornecem as obras consultadas (corpus) para a escolha das entradas e definições (HAYWOOD, 1960).

No que se refere ao “público alvo” das obras, “os dicionários antigos são, na maioria, destinados aos eruditos, aos especialistas da língua.”¹²⁶ (KHOURY, 1996, p. 27). Como já mencionado, o primeiro dicionário antigo a ser destinado aos não-especialistas foi o /ṣiḥāḥ/ de Jawharī, seguido pelo /qāmūs/ de Fīrūzābādī. Em seu comentário da introdução à obra, Haywood (1960, p. 85) indica que o dicionário foi redigido com o alvo de ser acessível aos estudantes.

No tocante às definições, Haywood (1986, p. 110) esclarece que estas são apresentadas em quatro maneiras diferentes. A primeira, usada com frequência nos dicionários mais antigos, consistia em usar um único antônimo à entrada em questão. “A fórmula era ‘al-ʿilm naqīd/ḍidd/ḥilāf al-jahl’ (= o conhecimento é o oposto de

¹²⁵ “s’appliquèrent, avec un zèle religieux, à reconstituer la langue arabe tout entière, en prenant pour base le Coran, les dits de Muhammad et les parlers qu’ils considéraient comme les plus purs.”

¹²⁶ “Les dictionnaires anciens sont, pour la plupart, destinés aux érudits, aux experts de la langue.”

ignorância), três palavras diferentes sendo usadas para ‘oposto’.”¹²⁷ A segunda forma de definir uma entrada é usar um único sinônimo ou parassinônimo. Lane ([1863] 1968, p. xxii) declara que “frequentemente, duas palavras sinônimas são usadas para explicar uma a outra. Numerosos casos desse tipo ocorrem no /qāmūs/.”¹²⁸ Haywood (1986, p. 110) exemplifica com o caso de /ʿalima/ e /ʿarafa/: “É verdade que ambas as palavras significam ‘saber’, embora elas tenham diferentes nuances.”¹²⁹

O terceiro tipo de definição era mais preciso e consistia de pelo menos uma sentença.¹³⁰ Esse modelo de definição foi usado nos grandes dicionários, mas mesmos nos dicionários pequenos, as vezes, não havia como evitá-lo. Haywood (1986, p. 110) cita: “Um exemplo de uma definição clara, embora sucinta, é a de /duʿt/ no /muḥīṭ/: “awwal al-marḍ yabdū (= o começo de uma enfermidade que aparece, isto é, os primeiros sintomas).”¹³¹

O quarto tipo de definição é a *definição por implicação*, ou seja, o lexicógrafo fornece, por exemplo, a carga semântica de um verbo e deixa que o consulente deduza o sentido geral do vocábulo talvez através do contexto no qual o mesmo está inserido.

Khoury (1996, p. 28) sugere um outro tipo de definição que ela denomina “não definição”. Esse modelo era usado para aqueles vocábulos que, à priori, não deveriam causar incompreensão. Eles eram acompanhados com a menção /maʿrūf/ “conhecido”. Essa “definição” era para evitar descrever conceitos comuns que faziam parte do cotidiano, como palmeira, abelha, casa, cavalo, etc.

Quanto aos exemplos, todas as citações são extraídas de uma fonte de autoridade. Não há exemplos forjados nos dicionários antigos. A validade de um exemplo é diretamente relacionada à fonte de onde ele provinha. O Alcorão representa a fonte mais autoritativa (tanto em matéria de gramática quanto na atestação da existência de um determinado vocábulo). Os poemas líricos pré-islâmicos e aqueles

¹²⁷ “The formula was al-‘ilm naqīḍ/didd/khilāf al-jahl (= knowledge is the opposite of ignorance), three different words being used for ‘opposite’.”

¹²⁸ “Often, two synonymous words are used to explain each other. Numerous cases of this kind occur in the *Qāmūs*.”

¹²⁹ “It is true that they both mean ‘to know’, though they have different nuances.

¹³⁰ Os dicionários maiores, em especial o /*lisān al-ʿarab*/ “a língua dos árabes”, tinham uma tendência à loquacidade e à digressão “que chegava quase a uma obseção” (HAYWOOD, 1986, 110). Nesses dicionários esse tipo de definição era mais comum.

¹³¹ “An example of a clear yet succinct definition is that of *duʿt* in the *MUḤĪṬ*: “awwal al-marḍ yabdū (= the beginning of an illness that appear, i.e., the first symptoms).

que foram compostos no primeiro século depois da hégira eram a segunda fonte de autoridade. O falar dos beduínos também consistia em uma fonte de autoridade, em especial aqueles que faziam parte de determinados clãs. Haywood (1960) acrescenta à lista de fontes autoritativas os provérbios e citações de outros lexicógrafos renomados.

Os compiladores dos dicionários monolíngues antigos defrontaram-se com uma tarefa intimidadora: decidir quais verbetes seriam catalogados e como organizá-los de maneira coerente; depois teriam que definir os verbetes escolhidos, quer raros ou comuns. Uma tarefa particularmente difícil, especialmente a medida que a língua falada se distanciava da língua literária. E, em terceiro lugar, teriam que justificar as diferentes acepções com abonações de fontes fidedignas. Os dicionários compilados durante essa época parecem indicar que eles não se detiveram diante dessas dificuldades, antes inovaram a ciência da lexicografia e criaram uma tradição que é exemplo para o mundo.

6.2 LEXICOGRAFIA ÁRABE BILÍNGUE

Como visto acima, a lexicografia árabe monolíngue gozava de um lugar de destaque nas ciências da linguagem. A lexicografia bilíngue, por outro lado, ocupava apenas uma posição marginal, com uma aparição tímida no século IX¹³², ou seja, mais de um século após o advento da lexicografia monolíngue. Khoury (1996, p. 32) atesta:

Inexistentes até ao século IX, período no qual apareceu o primeiro dicionário bilíngue árabe, as obras lexicográficas árabes bilíngues permaneceram muito raras até aos entornos do século XIX. A partir desse momento, a atividade lexicográfica árabe bilíngue experimentou um impulso notável.¹³³

É surpreendente pensar que, por séculos, mesmo estando em contato contínuo com etnias diferentes, os árabes não tenham mostrado interesse à lexicografia bilíngue. Khoury (1996) sugere três fatores principais para essa atitude: A ausência de dificuldades na comunicação entre os árabes e os povos conquistados; o pouco interesse dos árabes nas línguas faladas pelos povos subjugados; e o caráter sagrado da língua árabe.

¹³² Não há consenso entre os eruditos modernos se de fato esta obra lexicográfica pode ser contada como parte do empenho lexicográfico árabe bilíngue.

¹³³ “Inexistants jusqu’au IX^e siècle, période à laquelle est apparu le premier dictionnaire arabe bilingue, les ouvrages lexicographiques arabes bilingues sont demeurés très rares jusqu’aux abords du XIX^e siècle. À partir de ce moment, l’activité lexicographique arabe bilingue a connu un essor remarquable.”

É importante estar cientes que, juntamente com as /futūḥāt/ “triunfos, conquistas [em especial, territoriais]”, o império impôs aos povos dominados a sua língua – que era empregada na administração do império árabe-islâmico¹³⁴. Os povos conquistados eram compelidos a aprenderem a língua do dominador e não vice-versa.

Além disso, a língua dos povos conquistados era tida como inferior ao árabe – tanto por parte dos árabes quanto pela elite desses povos – que procuram dominar a nova língua e participar ativamente da vida literária, incluindo a linguística e a lexicografia (KHOURY, 1996). Perry (1991, p. 2477) confirma essa posição de Khoury e afirma que isso ocorreu com os persas, que se ocuparam na lexicografia árabe:

Pelos primeiros três séculos depois da conquista árabe (aproximadamente 650-950) a linguagem literária dos intelectuais iranianos muçulmanos era o árabe, que por todo o mundo islâmico desfrutava de um status análogo ao do Latim no ocidente cristão. A lexicografia era, consequentemente, em árabe e sobre o árabe; muitos dos primeiros dicionários árabes monolíngues foram obras de iranianos.¹³⁵

Como já sobejamente mencionado, a crença na superioridade da língua fez com que “os árabes concentrassem sua atenção nos domínios linguístico e lexicográfico, sobre a língua árabe, a única digna de ser estudada, fato que favoreceu a lexicografia monolíngue em detrimento da lexicografia bilíngue” (KHOURY, 1996, p. 35).¹³⁶

Em suma, os árabes estando em uma posição de domínio, tendo um alto apreço por sua língua, e alentando uma depreciação pelo linguajar de outros povos,

¹³⁴ Foi somente com o advento e o florescimento da dinastia Omíada (661-750) que o império islâmico se organizou como *estado* na acepção mais contemporânea do termo. O quinto califa, e o inaugurador da dinastia Omíada, Mu^cāwiya (governou entre 661-680 d.C.) adaptou o seu aparato burocrático à modelos estrangeiros: as práticas administrativas sassanidas. A língua grega manteve-se como a língua de administração, mas foi gradualmente perdendo seu poder. No governo de Yazīd I (680-683) a forma administrativa já havia sido “arabizada”, mas o grego ainda era a língua mais utilizada. Foi somente com o califa Abd Al-Malik (684-705) que árabe definitivamente substituiu a língua grega como língua de administração em 697 (TOORAWA, 2005).

¹³⁵ “For the first three centuries after the Arab conquest (ca. 650—950) the literary language of Muslim Iranian intellectuals was Arabic, which throughout the Islamic world enjoyed a status analogous to that of Latin in the Christian west. Lexicography was accordingly in and of Arabic; several of the earliest monolingual Arabic dictionaries were the work of Iranians.”

¹³⁶ “[...] les arabes ont concentré leur attention, dans les domaines linguistique et lexicographique, sur la langue arabe, seule digne d’être étudiée, ce qui a avantage la lexicographie arabe monolingue au détriment de la lexicographie bilingue.”

levou a um desinteresse pela lexicografia bilingue, que vai perdurar por muitos séculos até a derrocada do califado abássida em 1258.

6.2.1 PRIMEIROS DICIONÁRIOS BILÍNGUES

O primeiro dicionário bilíngue envolvendo a língua árabe apareceu no fim do século IX. Trata-se de um dicionário siríaco-árabe redigido pelo lexicógrafo siríaco Bar ʿAlī, tendo por base um dicionário grego-siríaco compilado por Ḥunayn Ibn-Ishāq (KHOURY, 1996). Haywood (1960) reconhece a existência dessa obra lexicográfica, mas a classifica como sendo parte da tradição lexicográfica siríaca e não da árabe. Collison (1982) citado por Khoury (1996) informa que um segundo dicionário siríaco-árabe apareceu no século XI /kitāb at-turjumān fī taʿlīm luġat assuryān/ “livro do tradutor [destinado ao] no ensino da língua siríaca, sendo redigido por Elias Bar Šīnāya.

Essas obras lexicográficas parecem estar diretamente relacionadas ao *Movimento de Tradução* que se iniciou no século IX em Bagdá, quando se deu a transmissão do saber grego aos árabes que, frequentemente, tinha o siríaco como intermediário (maiores informações no capítulo I).

Ainda no século XI aparece um dicionário turco-árabe tendo por objetivo ajudar os árabes a aprenderem a língua turca: /dīwān luġat it-turk/ “Coletânea da língua dos turcos”, compilado por Al-Kašġarī em 1032. De acordo com Haywood (1991-b, p. 3086), Al-Kašġarī, na introdução à sua obra, utiliza o fervor religioso para estimular a aprendizagem do turco:

Ele menciona uma tradição do Profeta obviamente forjada, que ele havia ouvido dos especialistas em Bokhara e Nisapur, predizendo que os turcos desfrutariam de um longo governo, e que, dessa maneira, cabia aos muçulmanos aprenderem a língua deles [dos turcos].¹³⁷

Este dicionário é considerado por Haywood (1991-b) como a primeira obra lexicográfica bilíngue árabe. Se esse realmente for o caso, a lexicografia bilíngue levou três séculos para aparecer depois da lexicografia monolíngue.

¹³⁷“He quotes an obviously spurious tradition of the Prophet, which he had heard from experts in Bokhara and Nisapur, foretelling that the Turks would enjoy long rule, and that it therefore behoved Muslims to learn their language.”

Aproximadamente um século mais tarde o primeiro dicionário árabe-persa foi compilado por Zamaḥṣarī (morte 1144) /muqaddimat al-‘adab/ “introdução à cultura”, no qual o autor tem como propósito ajudar iranianos a aprenderem o árabe. Haywood (1960) afirma que a organização desse dicionário é muito complexa, pois seu autor utiliza em uma mesma obra diversos tipos de organização conhecida pelos árabes. Os substantivos, verbos e partículas são tratadas em divisões separadas. Na seção designada aos substantivos, a organização é feita por campos semânticos, começando com o tempo, céu, terra e água. Depois os tópicos incluem plantas, móveis, religião, ocupações, roupas, armas, etc. No fim dessa divisão são arroladas as partículas, incluindo pronomes, preposições e interjeições. Na parte dedicada aos verbos, as entradas são organizadas de acordo com o número de letras das raízes, a natureza dos verbos e a rima.

Esta obra é de considerável interesse para os estudantes de turco devido as palavras dialetais nela inseridas, e porque traz à luz o desenvolvimento das línguas túrquicas. O autor registra suas palavras na escritura árabe, e suas explicações e definições estão em árabe. Em realidade, a introdução é escrita na mais magnífica prosa árabe rimada. A organização – tão complexa que quase chega a nos afrontar – mostra sinais da influência árabe. (HAYWOOD, 1960, P. 119).¹³⁸

No mundo árabe ocidental (Espanha)¹³⁹, três importantes dicionários bilíngues compilados entre os séculos XI e XVI chegaram até nós. O *Glossarium Latino-Arabicum* foi compilado no século XI. Este é um dicionário árabe-latim de língua geral, na qual as entradas são classificadas em ordem alfabética “e que compreendem um bom número de unidades lexicais correntes” (KHOURY, 1996, p. 39).¹⁴⁰

¹³⁸ “This work is of considerable interest to students of Turkish, because of the dialect words included, and for the light it sheds on the development of the Turkic languages. The author writes his words in the Arabic script, and his explanations and definitions in Arabic. Indeed, the introduction is written in the richest of Arabic rhymed prose. The arrangement – so complex as almost defy us – shows signs of Arabic influence.”

¹³⁹ Os árabes adentraram a Península Ibérica a partir de 710 e foram paulatinamente conquistando o território português e espanhol. Com o passar do tempo, o califado sediado nessa região começou a enfraquecer-se politicamente e a fragmentar-se. Aos poucos surgiram vários pequenos principados. Os cristãos do norte da Espanha começaram um processo sistemático de *Reconquista* - de Toledo (1085) à Granada (1492) – quando o último principado árabe foi derrotado e expulso da Península pelos reis católicos Ferdinando (de Aragon) e Isabella (de Castilla). Com esse pano de fundo histórico, espera-se que não seja difícil compreender o desenvolvimento de uma lexicografia bilíngue seja ela de expressão árabe-latim ou árabe-castelhano.

¹⁴⁰ “y qui comprend un bon nombre d’UL courantes.”

O segundo dicionário intitulado *Vocabulista in Arabica*, foi composto em 1275. Esta obra, redigida por um célebre teólogo e filósofo catalão – Raymond Martin, era um dicionário bidirecional árabe-castelhano e castelhano-árabe. O terceiro dicionário, *Vocabulista Aravigo em Letra Castellana*, foi publicado no começo do século XVI, pouco após a expulsão do último reduto árabe na Espanha. Haywood (1960, p. 129) assim se refere à essa obra:

A conquista espanhola de Granada foi seguida por um esforço da parte da Igreja para converter os mouros para o cristianismo. O arcebispo de Granada, Ferdinand de Talavera, comissionou Pedro de Alcala para escrever seu ‘Vocabulista Aravigo en Letra Castellana’. Ele foi publicado em 1505.¹⁴¹

Duas características principais diferem este dicionário dos outros dois citados anteriormente: o fato que as entradas aparecem em caracteres latinos em vez de caracteres árabes; e a questão que este utiliza a língua em uso em Granada do século XV e não a língua clássica (KHOURY, 1996).

As obras dicionarísticas mencionadas até este ponto representam os esforços bilíngues nos confins do império islâmico. Fora do perímetro islâmico, os dicionários envolvendo o árabe também foram muito importantes, especialmente na Europa Ocidental.

Haywood (1991-b) declara que o desenvolvimento da lexicografia árabe na Europa Ocidental (entre os séculos XVI e XIX) foi um subproduto da *Renascença* e da *Reforma*. Do ponto de religioso, a língua árabe era importante porque lançava luz no hebraico e outras línguas semíticas. Do ponto de vista econômico, a língua árabe era importante devido ao contato comercial com os povos árabes, particularmente com a expansão européia durante esse período e a ocupação de terras muçulmanas. Do ponto de vista cultural/acadêmico a língua árabe era importante porque provia o elo de ligação entre os eruditos europeus e o “objeto” de suas pesquisas. O surgimento do Orientalismo (incluindo disciplinas como egiptologia, línguas semitas, etc.) ancorou o interesse da Europa na região. Dessa maneira, a interação Europa ↔ império islâmico, proveu um solo fértil para o desenvolvimento da lexicografia

¹⁴¹ “The Spanish conquest of Granada was followed by a determined effort on the part of the Church to convert the Moors to Christianity. The Archbishop of Granada, Ferdinand de Talavera, commissioned Pedro de Alcala to write his ‘Vocabulista Aravigo en Letra Castellana.’ It was published in 1505.”

bilíngue envolvendo o árabe. Uma tarefa difícil, como atesta Haywood (1991-b, p. 3087):

Os compiladores desses dicionários enfrentaram dificuldades desencorajadoras. Eles dependiam de manuscritos de dicionários, na maior parte organizados por ordem de rima [classificados] sob raízes, mas que não tinham um sistema regular para repertoriar as palavras sob aquelas raízes. Assim, a tradução das definições e citações (se alguma) era apenas a metade do trabalho.¹⁴²

A despeito dessas dificuldades, três dicionários seminais apareceram durante esse período. O primeiro foi o *Lexicon Arabico-Latinum*, publicado em 1653 em Leiden. Em seu prefácio, Jacobus Golius, o autor, especifica como ele organizou o dicionário, e arrola as formas verbais (raízes e doze formas derivadas para os radicais trilíteres e três formas para os radicais quadrilíteres). Ele também enumera as fontes consultadas, começando pelo /ṣaḥāḥ/ de Jawharī que perfaz a parte principal do dicionário. Depois Golius lista outros dicionários, o Alcorão, e algumas poucas obras literárias. As definições são breves. Essa obra é um vocabulário básico para a decodificação do Alcorão e literatura clássica (HAYWOOD, 1991-b).

O *Lexicon Arabico-Latinum* de Georg Freytag, foi publicado entre 1830 e 1837, baseado primordialmente no /qāmūs/ de Fīrūzābādī. Semelhante ao dicionário de Golius, as definições são básicas e sucintas, mas contém um número maior de entradas.

O terceiro dicionário, *Arabic-English Lexicon* de Lane (publicado entre 1863 e 1893), é um dicionário com definições em inglês, em vez do latim usado por Golius e Freytag. Lane ([1863] 1968), na introdução à sua obra, esclarece que o dicionário é baseado no /tāj al-^carūs/ de Zabīdī, mas também inclui o /al-jamhara/ de Ibn-Durayd, /lisān al-^carab/ de Ibn-Manzūr, o /qāmūs/ de Fīrūzābādī e também cerca de outras cem obras literárias. “Lane procurou dar as mais completas e mais acuradas definições em inglês, abonadas com citações de lexicógrafos árabes e citações literárias” (HAYWOOD, 1991-b, p. 3088)¹⁴³.

¹⁴² “The compilers of these dictionaries faced daunting difficulties. They depended on MSS of dictionaries, mostly arranged in ‘rhyme order’ under roots, but with no regular system for listing words under these roots. Thus the translation of definitions and citations (if any) was only half the work.”

¹⁴³ “Lane aimed to give the fullest and most accurate English definitions, supported by citations from Arab lexicographers and literary quotations.”

O prefácio da obra é rica em informações, apresentando a história da língua árabe, uma hierarquia das fontes autoritativas estabelecidas pelos árabes, bem como os diferentes tipos de definições empregados pelos lexicógrafos nos antigos dicionários (EL-BADRY, 1986).

Um dos maiores problemas relacionados à esse dicionário é o fato que Lane faleceu antes de terminá-lo. Três volumes (dos oito que perfazem a obra completa) foram publicadas postumamente, dois dos quais foram organizados depois de sua morte baseado em notas deixadas por Lane, mas que não têm a mesma profundidade no tratamento das entradas. Apesar dessa deficiência, o dicionário é considerado um dos mais primorosos em qualquer língua (HAYWOOD, 1991-b). El-Badry (1986), atestando a minuciosidade da obra, cita a entrada /alif/ (a primeira letra do alfabeto árabe) que no dicionário ocupa quase três páginas.

Muitas outras obras dicionarísticas poderiam ser mencionadas, mas é certo que não se pode inventariar a todas, já que esse não faz parte do escopo dessa dissertação. Dessa maneira, privilegiou-se aquelas obras que, historicamente, fazem parte do período que antecede a /nahḍa/. Espera-se que essa reduzida amostragem possa transmitir uma ideia global da lexicografia árabe bilíngue. Os dicionários na direcionalidade árabe → português foram brevemente apresentados na introdução à essa dissertação, quando da revisão de literatura.

6.3 TERMINOLOGIA / TERMINOGRAFIA ÁRABE

Como não se teve acesso à pesquisas especificamente relacionadas aos tratados terminológicos em língua árabe, optou-se por apresentar uma das primeiras obra de cunho terminológico/terminográfico que sobreviveu e chegou até nossos dias.

Haywood (1991-b) atesta que os dicionários especializados eram conhecidos dos lexicógrafos árabe medievais. Isso equivale a dizer que a tradição dicionarística principiada por Ḥalīl Ibn Aḥmad não parou na lexicografia de língua geral. Demai (2006, p. 64) afirma que “há indicações de que a Terminologia no Oriente se iniciou já no século IX, sendo que os árabes foram seus principais representantes”. No Ocidente, o mesmo estudo sistemático com preocupação normalizadora, aconteceu apenas a partir do século XVI com o obra de Versalius, tratando a terminologia da

anatomia e no século XVIII com as obras de Lavoisier e Bertholet, sobre a terminologia da química. Kennedy-Day (2003) valida a postulação de Demai ao afirmar que o tratado de terminologia filosófica mais antigo de que se tem notícia foi o /kitāb al-ḥudūd/ “livro das definições”, a obra composta pelo gramaticista árabe Al-Farra’ (morto em 822 d.C); essa obra, contudo, não sobreviveu. Entretanto, a tradição terminológica com ênfase na criação, sistematização e normatização do vocabulário de especialidade, nesse caso, o filosófico, foi continuada com a obra “*Epístola sobre a definição das coisas e suas descrições*”, de Al-Kindī, o primeiro filósofo árabe. Nela, Al-Kindī catalogou, descreveu e ordenou uma lista de termos filosóficos provenientes do grego, dando a eles uma forma paralela na língua árabe.

Abū Yūsuf Ya’qub Ibn-Ishāq Al-Kindī (796-873) tem sido conhecido como o filósofo árabe por excelência. Nasceu em Kūfa, filho de um governador. Durante o califado de Al-Ma’mūn e Al-Muṭaṣim, Al-Kindī gozava de privilégios especiais, sendo o tutor de Aḥmed, filho deste último. Ele trabalhava com um grupo de tradutores que verteu os textos de Aristóteles, dos neoplatonistas, e dos matemáticos e cientistas gregos para a língua árabe. Adamson (2005) relata que Al-Kindī era apenas uma das vertentes do movimento de tradução. Sua “escola” contrastava com aquela de Ḥunayn Ibn-Ishāq e seu filho Ishāq Ibn-Ḥunayn. “O círculo de Al-Kindī não produziu tantas traduções quanto as do círculo de Ḥunayn, mas algumas das obras que eles traduziram foram de imensa importância em determinar a recepção árabe do pensamento filosófico grego” (ADAMSON, 2005, p. 32).¹⁴⁴

Badawi (1987) afirma que não se sabe com certeza se Al-Kindī traduzia, ele mesmo, as obras gregas, mas sabe-se que ele estava envolvido ativamente no processo de monitoramento e correção das obras traduzidas. Provavelmente, “sua correção se limitava a encontrar a melhor expressão árabe e a propor termos técnicos melhores” (p. 30). Sabe-se, entretanto, que ele escreveu inúmeros comentários dos textos filosóficos de Aristóteles, mostrando uma atitude “englobadora” para com os escritos filosóficos, uma característica muito positiva para aquele que está à porta a fim de receber uma nova doutrina. Essa receptividade às novas ideias é claramente visto em

¹⁴⁴ “Al-Kindī’s circle did not produce as many translations as the Hunayn circle, yet some of the works they did translate were of immense importance in determining the Arabic reception of Greek philosophical thought.”

sua *Filosofia Primeira*, uma epístola filosófica que trata da metafísica como a rainha das ciências, onde a busca da verdade é vista como o objetivo da vida humana.¹⁴⁵

Hernandez (1963, p. 38) atesta a importância do trabalho desenvolvido por Al-Kindī não apenas na recepção da filosofia através da tradução, mas em sua preocupação com a normatização do vocabulário filosófico:

Além disso, ao ser Al-Kindī contemporâneo ao momento em que tem lugar a tradução ao árabe da enciclopédia grega, realizou um grande esforço para estabelecer a terminologia filosófica árabe. Assim, um de seus escritos, *Sobre as definições das coisas e de suas descrições*, é um pequeno mas preciso dicionário árabe, talvez o primeiro dos conhecidos no mundo árabe, de um pouco menos de cem termos, alguns dos quais parecem ter recebido de Al-Kindī um novo significado filosófico. Este trabalho de fixação terminológica se completa pelo uso do método lógico-matemático, único capaz de facilitar o desenvolvimento do pensamento.¹⁴⁶

O tratado conhecido como a *Epístola das Definições* sobreviveu em três manuscritos encontrados em Istambul, Londres e Lisboa (Kennedy-Day, 2003; Frank, 1976). Esta análise é baseado no livro /rasā'il Al-kindī al-falsafiya/ “As epístolas filosóficas de Al-Kindī”, cujo texto foi estabelecido e editado por Muhammad Abdulhadi Abu-Ridah, obra publicada no Cairo, tendo por base apenas o manuscrito de Istambul.

Kennedy-Day (2003), em uma primeira instância, levanta dúvidas quanto a autenticidade da obra. Abu-Ridah (1950), involuntariamente, corrobora essa suspeita ao fornecer informações baseadas em evidências internas (texto e ruptura da convenção de apresentação) e externas (as condições em que foram encontradas o manuscrito). Segundo ele, embora a Epístola tivesse sido encontrada em um único conjunto com os demais tratados de Al-Kindī, a caligrafia desse manuscrito difere da

¹⁴⁵ “Não devemos nos envergonhar de admirar a verdade, nem de obtê-la seja lá de onde vier, ainda que tenha vindo de povos bem distantes de nós e de comunidades tão diferentes, pois não há nada mais fundamental do que a verdade para quem busca a verdade, pois esta não despreza e nem diminui quem a profere e nem quem a traz.” (AL-KINDĪ, 2006, p. 133).

¹⁴⁶ “Además, al ser Al-Kindi coetáneo del momento en que tiene lugar la traducción de la enciclopedia griega, ha realizado un gran esfuerzo para establecer la terminología filosófica árabe. Así, uno de sus escritos, *Acerca de las definiciones de las cosas y de sus descripciones*, es un pequeño pero preciso diccionario filosófico, acaso el primero de los conocidos en el mundo árabe, de poco menos de cien términos, algunos de los cuales parecen haber recibido de Al-Kindi una nueva significación filosófica. Esta labor de fijación terminológica se completa por el uso del método lógico-matemático, único capaz de facilitar el desarrollo del pensamiento.”

dos outros. Além disso, todas as outras epístolas de Al-Kindī têm um pequeno prólogo de dedicação e comentários, mas na *Epístola das Definições* essas características não estão presentes. Entretanto, baseado no restante da leitura de sua introdução à Epístola, pode-se concluir que, se houve dúvida na mente de Abu-Ridah quanto a sua autenticidade, elas foram logo dissipadas. Suas últimas palavras são:

Esta epístola – a despeito de sua brevidade, e a despeito de seu insuficiente conteúdo, e a despeito de tudo o que o instruído leitor moderno pode encontrar nela de deficiência – ela é, até onde eu creio, o primeiro livro sobre definições filosóficas entre os árabes, e o primeiro dicionário de terminologia que chegou até nós.” (ABU-RIDAH, 1950, p. 164).¹⁴⁷

Ainda com relação à evidências externas colocando em dúvida a autenticidade da Epístola, Frank (1976), menciona que Ibn-Al-Nadīm¹⁴⁸ não inclui, por título, a *Epístola das Definições* em sua lista das obras redigidas por Al-Kindī, mas, de uma maneira genérica, ele menciona um tratado que se ocupava “com muitas questões acerca da lógica e outros assuntos, e acerca das definições de filosofia” (p. 09) que, acredita-se, esteja se referindo a Epístola.

Frank (1976) conclui não haver evidência definitiva para provar ou refutar a autenticidade do tratado, e descarta o assunto como irrelevante, pois, embora o assunto afete a posição histórica do documento, ele não tem influência no texto em si. Na pior das hipóteses, o texto pode ser atribuído a um dos discípulos do “Filósofo Árabe”, já que o conteúdo da Epístola reflete o pensamento da Escola de Al-Kindī.

A ausência do “prólogo” mencionado acima, deixa lacunas no que se refere ao propósito e a delimitação do público alvo da Epístola. Kennedy-Day (2003) postula

¹⁴⁷

”هذه الرسالة – على قصرها وعلى قلة شمولها وعلى كل ما يستطيع القارئ الحديث المثقف أن يجده فيها من النقص – هي، فيما أعتقد، أول كتاب في التعريفات الفلسفية عند العرب، وأول قاموس للمصطلحات عندهم وصل إلينا.”

¹⁴⁸ Ibn-Al-Nadīm (morte 998 d.C.), era um /warrāq/ “vendedor de livros” (e/ou um escriba que “copiava manuscritos e os vendia”). Pouco se sabe sobre sua vida, mas sabe-se que ele redigiu um importante livro, o /al-fihrist/ “O índice” (ou, em outras acepções, “catálogo, relação”), uma espécie de inventário dos livros escritos em árabe existentes em sua época. Esta obra está dividida em 10 /maqālāt/ “artigos, tratados” descrevendo brevemente o conteúdo dos livros que cobriam uma ampla gama de assuntos, incluindo as ciências alcorânicas, filologia, filosofia, jurisprudência, história, mas também assuntos “esotéricos” como alquimia, lendas, mágicas, poções, etc. Uma parte da obra era dedicada aos livros que haviam sido traduzidos do grego e siríaco. Em geral, para cada obra apresentada, além do título e assunto, Ibn-Al-Nadīm provia informações sobre o escritor, o tamanho da obra (incluindo o número de páginas, especialmente quando se tratava de poesias, onde o número de linhas também eram informado), já que muitos copistas enganavam seus clientes vendendo obras incompletas (FÜCK, 1986).

que o propósito da obra era normatizar o vocabulário filosófico. Segundo ela, Al-Kindī, sendo o primeiro filósofo a escrever em árabe, enfrentou muitos problemas no que diz respeito à expressão em língua vernacular da terminologia técnica apropriada às noções filosóficas gregas e siríacas. Então, para auxiliar o trabalho de tradução e entendimento, fez-se necessário a criação de um vocabulário terminológico que expressasse os conceitos filosóficos em árabe. Ela afirma que a *Epístola das Definições* “indica a importância que a *falasifa* colocou na exata terminologia filosófica.” (KENNEDY-DAY, 2003, p. 19).¹⁴⁹

Quanto ao público alvo, Kennedy-Day (2003), baseado na escolha dos verbetes de Al-Kindī (onde vários dos conceitos filosóficos são transmitidos através de expressões linguísticas extraídas da linguagem comum, ou seja, deslizes linguísticos), sugere que sua audiência tinha pouco conhecimento de filosofia, talvez membros da corte. Muitas das definições são breves o suficiente para serem memorizadas e talvez substituídas (como um sinônimo) quando da leitura de um texto filosófico.

A *Epístola das Definições* baseada no manuscrito de Istambul contém uma lista de 96 termos, cada um deles seguido por uma breve definição. Todos são termos filosóficos ou, pelo menos, são termos usados no domínio da filosofia. Kennedy-Day (2003, p. 29) afirma que “[n]essas definições, Al-Kindī usa a técnica pedagógica de aumentar o conhecimento do leitor, partindo do que ele já conhece para chegar naquilo que ele não sabe, até que, gradualmente, ele se familiarize com a maneira filosófica de pensar.”¹⁵⁰

É importante notar que, quando os árabes começaram a traduzir os textos gregos e siríacos durante o nono século, não havia um vocabulário técnico em árabe para expressar as noções filosóficas já consagradas naqueles idiomas. Dessa maneira, pode ser afirmado que um dos maiores legados de Al-Kindī para a filosofia de expressão árabe foi a formalização da linguagem de especialidade filosófica, que foi materializada no corpus de sua *Epístola das Definições* (WALZER, 1962).

¹⁴⁹ “... indicates the importance the *falasifa* placed on accurate philosophical terminology.”

¹⁵⁰ “In these definitions Al-Kindi uses the pedagogical technique of building up a reader’s knowledge, beginning from what a reader knows to what she does not know, until the reader gradually becomes acquainted with the philosophical way of thinking.”

À guisa de exemplo, tome-se os seguintes termos propostos por Kennedy-Day (2003): /al-jawhar/, /al-hayūlā/ e /al-^cilla al-‘ulā/. O termo /jawhar/, ou seja, *substância*, vem do étimo persa que significa gema ou jóia. Na época das traduções já havia sido adotada pela língua geral, mas com Al-Kindī ela passou a ter um sentido técnico. O mesmo pode ser dito de /hayūlā/, embora não sendo usada anteriormente na linguagem quotidiana, ela passou a significar “matéria”, transliterada do termo grego “*hyle*” (ύλή) com o mesmo significado. Como uma palavra emprestada do grego, o vocábulo, usado no sentido filosófico, tornou-se um termo não específico, não trazendo à mente nenhum tipo peculiar de material.

A convenção de adotar termos estrangeiros para expressar conceitos novos é comum no domínio terminológico porque essas palavras não têm a “bagagem” que outras teriam. Elas são “artificiais”, fato que lhes proporciona uma utilidade sui generis na tarefa de representar uma ideia. “A medida que empréstimos linguísticos estrangeiros são páginas brancas na linguagem receptora, elas exibem uma pureza [linguística] que palavras nativas não têm”. (KENNEDY-DAY, 2003, p. 23).¹⁵¹

Com respeito ao conceito “causa” pode-se dizer que foi uma escolha arbitrária de Al-Kindī. Há duas palavras em árabe que transmitem essa ideia, “*al-^cilla*” (pl. “*ilal*”) e “*sabab*” (pl. “*asbāb*”). Al-Kindī escolheu empregar a primeira palavra enquanto outros tradutores e filósofos preferiram a segunda. “Na conhecida edição árabe da *Física* de Aristóteles, o tradutor Ishaq b. Hunayn, que viveu depois de Al-Kindī, usou o *asbāb* para causas, não *al-^cilal*.” (KENNEDY-DAY, 2003, p. 27).¹⁵²

Kennedy-Day (2003) e Frank (1997) creem que a escolha de Al-Kindī por /al-^cilal/ deve-se ao fato de que esse termo tinha menos bagagem histórica, já que /*asbāb*/ era um termo reconhecidamente alcorânico. “Ele talvez estivesse se distanciando da teologia, ao indicar um vocabulário técnico para a filosofia. Talvez ele tivesse esperando se proteger das controvérsias religiosas ao expressar suas ideias em uma linguagem não-religiosa.” (KENNEDY-DAY, 2003, p. 27).¹⁵³

¹⁵¹ “Insofar as foreign words are blank slates in the receptor language, they exhibit a cleanness that indigenous used words do not have.”

¹⁵² “In the known Arabic edition of Aristotle’s *Physics*, the translator Ishaq b. Hunayn who lived after Al-Kindī, used *asbāb* for causes, not *al-^cilal*.”

¹⁵³ “He may have been distancing himself from theology, by indicating a technical vocabulary for philosophy. He may have hoped to protect himself from religious controversies by expressing his ideas in non-religious language.”

Algumas das definições filosóficas de Al-Kindī, com o passar do tempo, entraram também para a língua comum. Versteegh (1997) ilustra isso com a definição para “paixão”. De acordo com Al-Kindī, “paixão é o excesso de amor”¹⁵⁴. A mesma definição foi adotada por Al-Jawharī (morte 1007) em seu dicionário de língua geral. Lane em seu *Arabic-English Lexicon*, quando traduzindo o verbete /ʿiṣq/ “paixão”, seguiu a mesma definição, “amor excessivo” (LANE, [1874] 1968, p. 2054)¹⁵⁵.

Em suma, como já longamente discutido no primeiro capítulo, o contato dos árabes com as ciências gregas dos séculos VIII e IX, foi a mola propulsora para a inserção de diversos termos no banco de palavras da língua. Os árabes, como todos os povos da terra, quando confrontados com o surgimento de novas ideias, tiveram que adaptar sua língua para responder ao novo conhecimento. A língua ajustou-se às mudanças usando os recursos disponíveis em sua própria natureza incluindo o processo de derivação, mas não se limitando a ele. A composição lexical, a arabização (transliteração) de conceitos, e os decalques e deslizes linguísticos foram muito usados no processo de fazer a língua árabe mais apropriada para a discussão das ciências até então inexistentes entre eles.

Al-Kindī foi o estudioso responsável para que essa nova terminologia criasse raízes entre os árabes, deixando de ser uma planta exótica, e tornando-se uma espécie nativa. O epíteto “o filósofo dos árabes” representa bem a sua posição como o primeiro da lista de filósofos árabes. Ele foi a “ponte” que ligou o pensamento grego à tradição filosófica no Islã. O árabe, como língua de chegada para os conceitos filosóficos (e científicos) gregos, necessitava de uma terminologia que não desse margem a ambiguidades, e foi precisamente essa normalização de termos que Al-Kindī conseguiu através de seu trabalho na *Epístola das Definições*.

Explorou-se nesse capítulo as bases de uma obra lexicográfica e como esses princípios foram aplicados à lexicografia árabe. No próximo capítulo apresenta-se, como parte da dissertação, a proposta de um dicionário bilíngue onde a língua fonte é o árabe e a língua de chegada o português.

¹⁵⁴ "العشق: إفراط المحبة"

¹⁵⁵: "Excessive love."

CAPÍTULO IV

DICIONÁRIO DE VERBOS ÁRABE-PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA

A palavra humana é mais expressiva e duradoura que o monumento. Saliente-se as palavras que um povo usava e se saberá suas ideias, aquilo que se encontrava ao alcance de suas mãos ou de sua inteligência, o que se conhecia, o que se ignorava. Tomás de Avellaneda.¹⁵⁶

Esse capítulo discorre sobre a proposta do dicionário bilíngue de verbos propriamente dita. Os capítulos anteriores discutiram a justificativa para a pesquisa, um breve histórico da língua árabe, e a fundamentação teórica. Aqui as implicações e aplicações dos conceitos discutidos anteriormente são materializadas em um modelo de dicionário que se enquadra dentro dos parâmetros da lexicografia pedagógica bilíngue.

O capítulo parte do genérico para o específico, discutindo-se em primeiro lugar os aspectos técnicos do dicionário proposto. Em segundo lugar apresenta-se brevemente a metodologia empregada para a seleção dos verbetes, seguidos pela lista dos 1001 verbos mais frequentes nos corpora literário e jornalístico. O capítulo conclui com uma amostragem de dez verbos - retirados da lista de frequência - que, dependendo da preposição que os seguem, têm suas acepções originais alteradas.

1. ASPECTOS TÉCNICOS

Duran & Xatara (2007), no artigo *Critérios para Categorização de Dicionários Bilíngues*, postulam que há alguns critérios essenciais para a categorização de dicionários sejam eles bilíngues ou monolíngues: alvo geral do dicionário, público alvo, extensão, seleção e a forma de organização da nomenclatura. Os dicionários bilíngues, entretanto, devem responder a mais três outros critérios: funcionalidade, reciprocidade e direcionalidade. Abaixo, esses conceitos são aplicados ao projeto do *Dicionário de verbos árabe-português* seguindo o paradigma sugerido pelas autoras:

¹⁵⁶ “La palabra humana es más expresiva y duradera que el monumento. Señálense las palabras que usaba un pueblo y se sabrá sus ideas, lo que se hallaba al alcance de sus manos ó de su inteligencia, lo que se conocía, lo que se ignoraba.” Tomás de Avellaneda (GARZÓN, T., 1910, p. 100 – apud FABRO, D.).

1.1 ALVO GERAL:

Dicionário bilíngue para ser usado como ferramenta paradidática na aquisição e consolidação linguística especialmente na decodificação de textos.

1.2 DELIMITAÇÃO DO PÚBLICO ALVO:

Estudantes de árabe:

Aprendizes (nível básico e intermediário)

Faixa etária: adulta

1.3 EXTENSÃO E SELEÇÃO:

Como mencionado no título da pesquisa, pretende-se propor um dicionário dos mil e um verbos árabes, privilegiando aqueles mais frequentes nos corpora jornalístico e literário. O levantamento do corpus verbal é essencialmente extra-lexicográfico, baseado primordialmente nas obras “*The basic word list of the Arabic daily newspaper*” (BRILL, 1940) e “*A word count of modern Arabic prose*” (LANDAU, 1959)

1.4 FORMA DE ORGANIZAÇÃO DA NOMENCLATURA:

A entrada de verbetes no corpus segue a norma lexicográfica árabe tradicional, onde os lexemas são apresentados em ordem alfabética por raízes, listados de acordo com seus radicais primários (trilíteres ou quadrilíteres), e as declinações de suas formas verbais (I a X) são arrolados sob essa raiz. Alguns dicionários bilíngues modernos têm rejeitado essa forma de organização de nomenclatura, principalmente aqueles que são confeccionados para consulentes das línguas do tronco indo-europeu, mas acredita-se que as metodologias lineares ocidentais não são apropriadas para representar o sistema trilítere árabe, e que é melhor se ater a um sistema de organização lexicográfica onde os verbetes são organizados com base em seu radical.

1.4.1 QUANTO À MACROESTRUTURA:

O conjunto das entradas, ou seja, a menor unidade autônoma de um dicionário, comumente denominado de nomenclatura e arrolado em forma vertical, como já visto, recebe o nome de macroestrutura (ou nominata). A inserção de uma palavra à macroestrutura, como mencionado anteriormente, segue critérios pré-estabelecidos. As entradas serão escolhidas com base na *linguística de corpus*, considerando sua frequência em diferentes corpora: o jornalístico e o literário.

A lista de frequência de Brill (1940) como indica o título, foi retirada de corpus jornalístico publicados no Egito, Palestina, Líbano e Iraque, consistindo de 136.089 vocábulos corridos, dos quais 5.981 são vocábulos específicos. Os jornais datam de 1937 a 1939. A lista de Landau (1959) foi retirada de um corpus literário egípcio, contendo 60 livros de diferentes gêneros: ensaio, biografia, crítica literária, romance, filosofia popular, livro de viagens, história islâmica e estudos sociais. Foram arrolados 11.284 vocábulos específicos da lista total de 136.089 (como em Brill), uma vez que o plano original era, entre outros fatores, comparar o uso da linguagem nos dois diferentes gêneros.

Os verbos arrolados nas duas listas somam 3.407, incluindo os 900 *hapax legomenae* (verbos com apenas uma ocorrência nos corpora). Desses, privilegiou-se os 1001 mais frequentes (de fato, os 1017 verbos mais comuns, uma vez que os últimos 74 verbos estavam agrupados dentro de uma mesma chave de frequência, e uma ruptura dentro dessa escala poderia descartar verbos relevantes ao público alvo).

1.4.2 QUANTO À MICROESTRUTURA:

A microestrutura – o conjunto de informações que segue a entrada – contará com a transcrição fonológica, apontará se o verbo é transitivo ou intransitivo, decodificará o significado da entrada provendo equivalentes paralelos em português e, se o verbo muda de sentido se seguido por uma preposição, além dos equivalentes em português, contará também com abonações retiradas de corpora jornalístico e literário. Na ausência de exemplos autênticos nos corpora consultados, serão fornecidos exemplos “criados” para ilustrar o uso do verbo em questão.

Levando em consideração o público alvo do dicionário, a micro-estrutura do verbete deverá facilitar a tarefa do estudante de árabe de perceber as nuances nos significados dos verbos árabes, especialmente quando estes são seguidos por preposição. Cada verbete terá um tratamento tentativamente exaustivo, fornecendo ao consulente diferentes equivalências em português à raiz em questão (parassinônimos).

Vários dicionários e manuais são utilizadas para a delimitação dos equivalentes para os verbos escolhidos. Parte-se do estudo de dados já existentes, faz-se uma reorganização desse material e apresenta-se os dados em um formato que auxilia na decodificação de textos e aprendizagem da língua árabe. Clotilde Murakawa (2009, p. 26) confirma que na prática lexicográfica, a influência de uma obra lexicográfica sobre outra é um ponto pacífico e acordado. De acordo com ela, “há um *continuum* de informação lexical que é transmitido de obra para obra. O saber lexicográfico passa de uma época para outra, e de uma obra para outra.” Por isso, quando do tratamento do verbete na microestrutura, a inserção das formas paralelas levará em conta as seguintes obras já existentes:

- Alphonse Sabbagh (*Dicionário Árabe-português-Árabe*);
- Daniel Reig (*Dictionnaire Larousse Arabe-Français*);
- Federico Corriente (*Diccionario Avanzado de Árabe-Español*);
- George M. Abdul-Massih (*Dictionary of Arabic Verb Conjugation*);
- Hans Wehr (*Dictionary of Modern Written Arabic*);
- Hashem Taha Shlah (*Dictionary of Transitive - Intransitive Verbs*);
- Júlio Cortés (*Diccionario de Árabe Culto Moderno*);
- Munir Baalbaki (*Al-Mawrid: A Modern Arabic-English Dictionary*);
- Sam Ammar e Joseph Dichy (*Les Verbes Arabes*)

A fim de manter-se fiel ao propósito de registrar os verbetes que fazem parte da linguagem atual, sempre que possível, procurar-se-á aboná-los com exemplos reais, retirados do banco de dados da Brigham Young University. O “*ArabiCorpus*” é um programa que contém diferentes corpora em árabe, incluindo os dois que serão usados para as abonações: o jornalístico e o literário. Esses corpora cobrem uma extensa área do mundo árabe: Arábia Saudita, Argélia, Egito, Kuwait, Líbano, Marrocos, Palestina, Síria e Sudão.

O corpus jornalístico conta com 83.519.701 palavras/ocorrências advindas dos seguintes jornais:

Jornal	Procedência	Período	Data	Palavras/Ocorrências
Al-Ahram	Egípcio	1 ano	1999	16.475.979
Al-Hayat	Saudita/Libanês	1 ano	1996	21.564.239
Al-Hayat	Saudita/Libanês	1 ano	1997	19.473.315
At-Tajdid	Marroquino	1 semestre	2002	2.919.782
Ath-Thawra	Sírio	1 ano	2000	16.631.975
Al-Watan	Kweitiano	1 semestre	2002	6.454.411

Já o corpus literário arrola 1.930.675 palavras/ocorrências procedentes das seguintes obras literárias:

Autor	Obra
Reem Bassiouney	رائحة البحر (O cheiro do Mar), مدبولي (Madbouly)
Ali Salem	أولادنا في لندن (Nossos filhos em Londres)
Ibrahim Abdel Meguid	لا أحد ينام في الاسكندرية (Ninguém dorme em Alexandria)
Alaa Al-Aswany	عمارة يعقوبيان (Edifício Yacoubian), شيكاغو (Chicago)
Khaled Al-Khamissi	تاكسي (Taxi)
Naguib Mahfouz	الكرنك (Al-Karnak 'Cafeteria Karnak'), أمراء (Eco do esquecimento), السيرة الذاتية (Ecos de uma autobiografia), أولاد حارتنا (Filhos de nosso bairro)
Ahlem Mosteghanemi	عابر سرير (Transeunte numa cama), فوضى الحواس (Caos dos sentidos)
Rajaa Alsanea	بنات الرياض (As garotas de Riyadh (Publicado em português sob o título "Vida Dupla: Um romance sobre o Oriente Médio hoje".))
Tahir Wattar	الولي الطاهر يعود إلى مقامه الزكي (São Tahir retorna à sua posição de inocência), الولي الطاهر يرفع يديه بالدعاء (São Tahir levanta suas mãos em súplicas), الحوات والقصر (O pescador e o palácio)
Tayeb Salih	عرس الزين – (O casamento de Zein)
Edwar Al-Kharat	ترابها زعفران (Cidade de açafrão)
Latifa Al-Zayyat	الشيخوخة وقصص أخرى (A velhice e outras histórias)
Yahya Haqqi	قصص ليحيى حقي (Obra Completa de Yahya Haqqi)
Elias Khoury	مملكة الغرباء (Reino de estrangeiros)
Ghassan Kanafani	عائد إلى حيفا (Retorno para Haifa), أم سعد (Umm Sa'd), الباب (A porta)
Najah Halo	سر الحياة (O segredo da vida)
Saadallah Wannous	مغامرة رأس المملوك جابر (A Aventura de Mamluk Jabir)

Tamim Sayb	لا تفقأ عينيك يا أديب (Não arranque seus olhos)
Ghada Samman	ختم كذاكرة بالشمع الأحمر (Memória lacrada com cera vermelha)

1.5 FUNCIONALIDADE:

São duas as funções fundamentais de um dicionário bilíngue:

- apoio à codificação
 - ↗ direção língua materna → língua estrangeira
- apoio à decodificação
 - ↖ direção língua estrangeira → língua materna

O dicionário proposto se enquadra como servindo de apoio à decodificação.

1.6 RECIPROCIDADE:

Esse critério remete à língua materna do público alvo:

- Dicionário bilíngue recíproco: se destina tanto ao público-alvo falante da língua-fonte quanto ao público-alvo falante da língua-alvo.
- Dicionário não-recíproco: se destina ao público-alvo de apenas uma das línguas contempladas.

O dicionário proposto é considerado não-recíproco, já que se destina aos falantes da língua alvo, que utiliza seus dados para decodificar informações (orais ou escritas).

1.7 DIRECIONALIDADE:

O critério de direcionalidade permite duas ocorrências: Considerando A e B como línguas envolvidas, o dicionário bilíngue monodirecional apresentaria apenas uma direção possível: AB ou BA. O dicionário bilíngue bidirecional apresentaria ambas as direções: AB e BA.

O dicionário proposto é monodirecional: Árabe – Português

2. LISTA DOS VERBOS MAIS FREQUENTES:

Como se é sabido, uma lista de frequência é comumente produzida tendo em vista, principalmente, a confecção de livros textos e dicionários para aprendizes de línguas (materna ou estrangeira).

É comum e acordado que uma cuidadosa seleção de vocábulos pode conduzir a uma maior eficiência no ensino (e aprendizagem) de um idioma. Por isso decidiu-se utilizar duas das mais conhecidas listas de frequência produzidas em árabe que, embora não sendo as únicas, podem ser consideradas as mais representativas, já que são poucas as listas publicadas que são sistemáticas e mantêm reconhecido rigor acadêmico: A lista de frequência de corpus jornalístico (BRILL, 1940) e a de corpus literário (LANDAU, 1959). As duas listas se complementam e são usadas aqui para prover uma referência para aprendizes de árabe.

2.1 LISTA DE FREQUÊNCIA DE BRILL

Embora Moshe Brill não tenha sido o primeiro a apresentar a lexicometria como ferramenta que auxilie no ensino/aprendizado de uma língua, sua aplicação deste princípio à língua árabe demonstra grande originalidade, particularmente devido às características sui-generis do árabe.

Brill (1940) contou e registrou a maioria dos vocábulos de seu corpus jornalístico por meio de amostragem. Aproximadamente metade de todas as palavras arroladas por ele (aproximadamente 70.000) foi retirada de dois periódicos no Oriente Médio: Al-Ahrām (Egito) e Filasṭīn (Palestina), entre os anos de 1937 e 1939. O método utilizado foi contar os vocábulos nas primeiras e últimas linhas dos editoriais, das notícias locais e estrangeiras, e das reportagens de destaque. Outros 40.000 vocábulos foram enumerados dos mesmos jornais, mas em uma data posterior para determinar a estabilidade da lista de frequência.

Para acentuar ainda mais a objetividade da obra, Brill contou todas as palavras de seis jornais (em lugar de apenas as primeiras e últimas linhas de artigos selecionados) durante o período de 11 de dezembro de 1938 a 15 de janeiro de 1939. Essa contagem retornou aproximadamente 20.000 palavras corridas. O corpus deixou

de ser apenas os dois jornais já mencionados acima para incluir Al-Miṣrī (Egito), Al-Jāmiʿa Al-Islāmiyya (Palestina), Ṣawt Al-Aḥrār (Líbano) e Al-ʿIstiqlāl (Irake).

Uma vez tabulados os resultados, o número de palavras corridas chegou a 136.089 ocorrências. Destes, foram encontrados 5.981 vocábulos específicos que foram organizados em duas listas: uma em ordem alfabética pelas raízes árabes (juntamente com sua respectiva frequência), e uma segunda lista em frequência decrescente, começando com o vocábulo mais comum (في - /fī/ - a preposição “em” com 5870 ocorrências) e terminando com os *hapax legomena*.

O resultado da análise de Brill sugere que o conhecimento das 500 palavras mais frequentes assegura o entendimento de aproximadamente 61.1% do conteúdo dos jornais árabes modernos, enquanto que 1.000 palavras cobririam 75.4% do vocabulário utilizado pela imprensa hoje.

Obviamente, deve-se levar em conta que uma lista de frequência é uma “radiografia” de sua época e da realidade de onde o material consultado procede. Dessa maneira a lista de Brill retrata bem a realidade do fim da década de 30, às vésperas da II Guerra Mundial, período no qual os jornais abundavam com discussões sobre fascismo, nazismo, rearmamento, etc. Vocábulos como “comunismo”, “socialista”, e “telegrama” também aparecem com frequência muito alta, o que provavelmente não refletiria a realidade dos dias atuais. O verbo /ṣarraḥa/ “dar um comunicado, declarar” e o adjetivo /qawmiyy/ “nacional” também poderiam ser caracterizados como frequências de validade questionável, pois suas ocorrências são incomuns.

2.2 LISTA DE FREQUÊNCIA DE LANDAU

Jacob Landau interessou-se pela abordagem de Brill, mas achava a linguagem da imprensa muito restrita. Ele procurou complementar a obra de Brill através da elaboração de uma lista de palavras presentes em corpus literário que, certamente, configuraria mais palavras utilizadas no cotidiano.

Na introdução a seu livro, Landau questiona alguns aspectos da abordagem de Brill, em especial o curto período que a amostragem cobre (aproximadamente dois

anos) e a pluralidade de países representados. Por fim, ele decide percorrer um caminho alternativo onde expande o período da amostragem (obras escritas nas últimas duas décadas) e foca em um único país (Egito), cuja prosa é mais conhecida do que a literatura proveniente de outras partes do mundo árabe:

A literatura egípcia moderna é amplamente lida no Sudão, Síria, Jordânia e Iraque e, aparentemente, também no noroeste africano, Iêmen e Arábia Saudita. Líbano parece ser uma exceção. A restrição dessa pesquisa à literatura egípcia deixa aberto o caminho para a preparação de listas de frequências de literatura árabe moderna em, digamos, Líbano, Síria, ou Iraque numa data futura. (LANDAU, 1959, p. X)¹⁵⁷

Landau limitou seu corpus a sessenta obras literárias e os dividiu em dois grupos. O primeiro grupo consistia de dez obras que incluíam ensaios, autobiografia, crítica literária, romances, história islâmica, filosofia popular e um livro de viagens. Nesses, foram contadas todas as palavras que apareciam nas dez primeiras e últimas páginas da obra em questão.

O segundo grupo (as cinquenta obras restantes), além dos gêneros mencionados acima, também incluía assuntos como sociologia, ciência popular, história geral, história militar, história da filosofia árabe, antologia literária, islamismo, reforma islâmica, personalidades islâmicas, romances históricos, peças teatrais, coleção de preleções sobre economia e finanças, coleção de documentos sobre julgamentos famosos, tratados de problemas sociais e religiosos, e conduta na vida marital. Nessas obras foram contadas todas as palavras das cinco primeiras e últimas páginas. Em obras onde havia prefácio e/ou conclusão, a contagem começou depois do prefácio e terminou antes da conclusão, visto que, via de regra, o vocabulário utilizado nessas sessões é estereotipado e atípico.

Uma vez que os 136.089 vocábulos corridos da prosa egípcia foram enumerados, chegou-se a 11.284 vocábulos específicos, um número bem maior do que aquele encontrado por Brill (5.981), o que era de se esperar, visto que a linguagem da prosa é muito mais variada do que a da imprensa.

¹⁵⁷ “Modern Egyptian literature is widely read in the Sudan, Syria, Jordan and Iraq, and apparently also in Northwest Africa, Yemen and Saudi Arabia. Lebanon seems to be an exception. The restriction of this survey to Egyptian literature leaves the way open to the preparation of word frequency lists of modern Arabic literature in, say, Lebanon, Syria, or Iraq at some future date.”

O sistema de organização dos resultados de Brill foi parcialmente adotado por Landau. Os 11.284 vocábulos específicos foram apresentados em duas listas: uma em ordem alfabética pelas raízes árabes (juntamente com suas respectivas ocorrências no corpus literário, jornalístico e a soma das ocorrências nos dois corpora). Landau também acrescentou duas outras colunas (uma com a transcrição das palavras em caracteres romanos, e a segunda onde apresenta os equivalentes em inglês dos vocábulos em questão¹⁵⁸). A segunda lista foi organizada em frequência decrescente, começando com o vocábulo mais comum (também a preposição “em” في - /fī/ com 6001 ocorrências) e terminando com os *hapax legomena*.

A tabulação de resultados da lista de frequência de Landau indica que a apreensão dos 500 vocábulos mais frequentes possibilitaria o entendimento de aproximadamente 58.53% do conteúdo da prosa árabe, enquanto que 1.000 vocábulos cobririam 70.02% do vocabulário literário.

2.3 AS LISTAS COMBINADAS

Em sua versão combinada (272.178 vocábulos) foram arrolados 12.400 vocábulos específicos, um número muito inferior à soma dos vocábulos específicos das duas listas. Essa característica indica que muitos vocábulos são comuns às duas listas. Entretanto, pode-se perceber que cada corpus mantém seu vocabulário próprio (em grande parte). A palavra /ʿadab/ “polidez, cortesia, boas-maneiras; belas artes” tem uma frequência altíssima no corpus literário e inexistente no corpus jornalístico. O mesmo acontece com a palavra /ʿumm/ “mãe”. Já o adjetivo /rādīkāliyy/ “radical” (no sentido de extremista) e o substantivo /qanāṣil/ “cônsules” somente aparecem no corpus jornalístico. Conclui-se que, embora os corpora tenham grande intersecção vocabular, eles mantêm, individualmente, suas próprias especificidades.

Com relação ao alvo primordial para a produção de listas de frequência, ou seja, auxiliar na escolha de vocábulos para livros textos e dicionários para aprendizes, Landau chega a conclusão que sua obra cumpre esse objetivo. Para ele, se o aprendiz domina os 1.000 vocábulos mais frequentes na lista de frequência combinada, ele/ela

¹⁵⁸ As equivalências foram retiradas da obra: Neustadt D.; Schusser P. **Arabic-Hebrew Dictionary**. Jerusalem: Hebrew University Press. 1947.

tem uma chance real de obter 70-75.4% na compreensão de um texto, não apenas de jornais árabes, mas também de textos da prosa árabe moderna.

2.4 TABELA COM OS VERBOS MAIS FREQUENTES

A tabela seguinte apresenta os 1001 (1017) verbos mais frequentes retirados das listas combinadas de Brill (1940) e Landau (1959). Os verbos são arrolados na ordem alfabética das raízes. As equivalências [aqui grafadas como “glossa”] refletem as acepções dos verbos no contexto onde estavam inseridas, e não necessariamente, com a acepção principal do verbo. A *vírgula* indica acepções sinonímicas, e o *ponto e vírgula* descrevem acepções diferentes (ou figurativas). As sete colunas se explicam por si mesmas, salvo três exceções: Os verbos aparecem conjugados na terceira pessoa, masculino, singular, do perfectivo (que denota uma ação completa e terminada) e do imperfectivo (que denota uma ação incompleta). A coluna central aponta qual é a forma do verbo (vide capítulo 2). Utiliza-se aqui o paradigma consagrado entre os arabistas de listar as modificações ocorridas no radical do verbo com numerais romanos.

أ /'alif/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
أَبَى	يَأْبَى	أَبَى	I	'abā - ya'bā	recusar	0001
أَتَى	يَأْتِي	أَتَى	I	'atā - ya'tī	vir, chegar	0002
	يُؤْتِي	أَتَى	III	ātā - yu'tī	combinar, harmonizar; concordar com	0003
أَثَرَ	يُؤَثِّرُ	أَثَرَ	II	'aṭṭara - yu'aṭṭiru	influenciar, deixar uma marca	0004
	يُؤَثِّرُ	أَثَرَ	III	āṭara - yu'tīru	preferir	0005
	يَتَأَثَّرُ	تَأَثَّرَ	V	ta'aṭṭara - yata'aṭṭaru	ser influenciado; estar agitado	0006
أَجَرَ	يَسْتَأْجِرُ	إِسْتَأْجَرَ	X	ista'jara - yasta'jiru	alugar (de)	0007
أَجَلَ	يُؤَجِّلُ	أَجَلَ	II	'aḥḥala - yu'aḥḥilu	postergar, adiar	0008
أَخَذَ	يَأْخُذُ	أَخَذَ	I	aḥaḍa - ya'ḥuḍu	tomar, pegar; começar	0009
	يُؤْخِذُ	أَخَذَ	III	āḥaḍa - yu'ḥiḍu	queixar-se com, estar zangado com	0010
	يَتَخَذُ	إِتَّخَذَ	VIII	ittahāḍa - yattahīḍu	pegar, apanhar	0011
أَخَّرَ	يَتَأَخَّرُ	تَأَخَّرَ	V	ta'aḥḥara - yata'aḥḥaru	estar atrasado	0012
أَدَّى	يُؤَدِّي	أَدَّى	II	'addā - yu'addī	cumprir, levar a cabo (ex. tarefa)	0013
أَذِنَ	يَأْذِنُ	أَذِنَ	I	'aḍina - ya'ḍanu	permitir, consentir	0014
	يَسْتَأْذِنُ	إِسْتَأْذِنَ	X	ista'ḍana - yasta'ḍinu	pedir permissão a	0015
أَسَّسَ	يُؤَسِّسُ	أَسَّسَ	II	'assasa - yu'assasu	fundar, instituir	0016
أَسَفَ	يَأْسَفُ	أَسَفَ	I	'asifa - ya'safu	estar pesaroso, triste	0017
أَكَّدَ	يُؤَكِّدُ	أَكَّدَ	II	'akkada - yu'akkidu	realçar, enfatizar	0018
	يَتَأَكَّدُ	تَأَكَّدَ	V	ta'akkada - yata'akkadu	estar verificado, averiguado	0019
أَكَلَ	يَأْكُلُ	أَكَلَ	I	'akala - ya'kulu	comer	0020
أَلَفَ	يَأْلَفُ	أَلَفَ	II	'allafa - yu'allifu	formar, organizar; escrever, realizar	0021
	يَتَأَلَّفُ	تَأَلَّفَ	V	ta'allafa - yata'allafu	estar associado, agrupado; estar escrito	0022

أَلَمَ	يُؤْلِمُ	أَلَمَ	III	ālama - yu'limu	causar dor a, ferir	0023
	يَتَأَلَّمُ	تَأَلَّمَ	V	ta'allama - yata'allamu	estar com dor	0024
أَمَرَ	يَأْمُرُ	أَمَرَ	I	'amara - ya'muru	ordenar	0025
أَمَلَ	يَأْمَلُ	أَمَلَ	I	'amala - ya'mulu	esperar, ter esperança	0026
	يَتَأَمَّلُ	تَأَمَّلَ	V	ta'ammala - yata'ammalu	considerar, ponderar	0027
أَمِنَ	يُؤْمِنُ	أَمِنَ	III	āmana - yu'minu	crer, acreditar	0028
أَنَفَ	يَسْتَأْنِفُ	إِسْتَأْنَفَ	X	ista'nafa - yasta'nifu	continuar, começar de novo; apelar (julgamento)	0029
أَيْنَ	يَأُونُ	أَنَ	I	āna - ya'ūnu	chegar, aproximar (tempo)	0030
أَيَّدَ	يُؤَيِّدُ	أَيَّدَ	II	'ayyada - yu'ayyidu	sustentar, encorajar, animar	0031

ب /ba'/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
بَثَّ	يَبْثُ	بَثَّ	I	batta - yabuttu	dispersar, divulgar; irradiar	0032
بَحَثَ	يَبْحَثُ	بَحَثَ	I	baḥaṭa - yabḥaṭu	investigar	0033
	يُبَاحِثُ	بَاحَثَ	III	bāḥaṭa - yubāḥiṭu	discutir	0034
بَدَأَ	يَبْدَأُ	بَدَأَ	I	bada'a - yabda'u	começar, iniciar	0035
	يَبْتَدِئُ	إِبْتَدَأَ	VIII	ibtada'a - yabtadi'u	começar, iniciar	0036
بَدَّلَ	يَتَبَدَّلُ	تَبَدَّلَ	V	tabaddala - yatabaddalu	ser/estar alterado	0037
	يَتَبَادَلُ	تَبَادَلَ	VI	tabādala - yatabādalu	permutar, intercambiar	0038
	يَسْتَبَدِّلُ	إِسْتَبَدَّلَ	X	istabdala - yastabdilu	desejar uma mudança	0039
بَدُو	يَبْدُو	بَدَا	I	badā - yabdū	aparecer	0040
	يُبْدِي	أَبْدَى	IV	'abdā - yubdī	expressar, desabafar	0041
بَذَلَ	يَبْذُلُ	بَذَلَ	I	baḍala - yabḍilu	dar, doar (generosamente)	0042
	يَبْذُلُ			baḍala - yabḍulu		
بَرَّرَ	يُبَرِّرُ	بَرَّرَ	II	barrara - yubarriru	defender, justificar; inocentar	0043
بَرَحَ	يَبْرُحُ	بَرَحَ	I	baraḥa - yabruḥu	deixar, partir	0044
بَرَزَ	يَبْرُزُ	بَرَزَ	I	baraza - yabruzu	evidenciar-se; distinguir-se	0045

برع	تَبَرَّعَ	تَبَرَّعَ	V	tabarra ^a - yatabarra ^u	oferecer (se) espontaneamente	0046
برك	يُبَارِكُ	بَارَكَ	III	bāraka - yubāriku	abençoar	0047
برهن	يُبْرَهُنْ	بَرَّهَنَ	I	barhana - yubarhinu	provar, mostrar evidências	0048
برى	يَتَبَارَى	تَبَارَى	VI	tabārā - yatabārā	competir com	0049
بسط	يَبْسُطُ	بَسَطَ	I	basuṭa - yabsuṭu	ser simples, simplório; desdobrar	0050
	يَبْسِطُ	بَسِطَ	II	bassaṭa - yubassiṭu	simplificar, desdobrar, expandir	0051
بسم	يَبْتَسِمُ	إِبْتَسَمَ	VIII	ibtasama - yabtasimu	sorrir	0052
بشر	يُبَشِّرُ	بَشَّرَ	II	baššara - yubašširu	trazer boas novas; realizar trabalho missionário	0053
	يُبَاشِرُ	بَاشَرَ	III	bāšara - yubāširu	começar, iniciar	0054
بعث	يَبْعَثُ	بَعَثَ	I	ba ^a aṭa - yab ^a aṭu	enviar	0055
	يَنْبَعِثُ	إِنْبَعَثَ	VII	inba ^a aṭa - yanba ^a iṭu	levantar-se, despertar-se	0056
بعد	يَبْعُدُ	بَعَدَ	I	ba ^a uda - yab ^a udu	estar longe de; afastar-se de	0057
	يُبْعِدُ	أَبْعَدَ	IV	‘ab ^a ada - yub ^a idu	mandar embora, despachar; exilar	0058
بغى	يَنْبَغِي	إِنْبَغَى	VII	inbaḡā - yanbaḡī	ser conveniente, adequado; estar a cargo de	0059
	يَبْتَغِي	إِبْتَغَى	VIII	ibtaḡā - yabtaḡī	desejar, aspirar	0060
بقي	يَبْقَى	بَقِيَ	I	baqiya - yabqa	permanecer	0061
بكى	يَبْكِي	بَكَى	I	bakā - yabkī	chorar, prantear	0062
بلغ	يَبْلُغُ	بَلَغَ	I	balaḡa - yabluḡu	chegar; vir	0063
	يُبَالِغُ	بَالَغَ	III	bālāḡa - yubālīḡu	exagerar	0064
	يُبلِّغُ	أَبْلَغَ	IV	‘ablaḡa - yubliḡu	trazer alguém para...; informar	0065
بلى	يَبْلَى	بَلَى	I	baliya - yablā	tornar-se gasto, usado, surrado	0066
	يُبَالِي	بَالَى	III	bālā - yubālī	prestar atenção a	0067
بنى	يَبْنِي	بَنَى	I	banā - yabnī	construir	0068
بهر	يَبْهَرُ	بَهَرَ	I	bahara - yabharu	brilhar; cegar	0069
بوح	يُبِيحُ	أَبَاحَ	IV	‘abāḡa - yubīḡu	permitir	0070
بيت	يَبِيتُ	بَاتَ	I	bāta - yabītu	tornar-se; permanecer; hospedar (à noite)	0071
بيع	يَبِيعُ	بَاعَ	I	bā ^a - yabī ^a u	vender	0072

بين	يَبِينُ	بَانَ	I	bāna - yabīnu	aparecer; tornar-se claro, aparente	0073
	يُبَيِّنُ	بَيَّنَ	II	bayyana - yubayyinu	explicar, esclarecer	0074
	يُبَيِّنُ	أَبَانَ	IV	‘abāna - yubīnu	explicar	0075
	يَتَبَيَّنُ	تَبَيَّنَ	V	tabayyana - yatabayyanu	tonar-se claro, evidente	0076
	يَتَبَايَنُ	تَبَايَنَ	VI	tabāyana - yatabāyanu	ser diferente, contraditório	0077

ت /ta’/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
تبع	يَتَّبِعُ	تَبَعَ	I	tabi°a - yatba°u	seguir	0078
	يَتَّبَعُ	تَتَّبَعُ	V	tatabba°a - yatatabba°u	seguir de perto	0079
	يَتَّبِعُ	إِتَّبَعَ	VIII	ittaba°a - yattabi°u	seguir; tomar (medidas)	0080
ترجم	يُتَرْجِمُ	تَرَجَّمَ	I	tarjama - yutarjimu	traduzir, verter	0081
ترك	يَتْرُكُ	تَرَكَ	I	taraka - yatruku	partir, deixar	0082
تعب	يَتْعَبُ	تَعَبَ	I	ta°iba - yat°ibu	cansar, estar cansado	0083
تلو	يَتْلُو	تَلَا	I	talā - yatlū	seguir; resultar de; recitar	0084
تم	يَتِمُّ	تَمَّ	I	tamma - yatimmu	estar findo, completo	0085
	يَتِمُّ	أَتَمَّ	IV	‘atamma - yutimmu	completar, executar, cumprir	0086
تيح	يُتِيحُ	أَتَاَحَ	IV	‘atāḥa - yutīḥu	capacitar	0087

ث /ta’/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
ثبت	يَتَثَبْتُ	ثَبَّتَ	I	ṭabata - yaṭbutu	ser comprovada a razão de (alguém); estar firme	0088
	يُثَبِّتُ	ثَبَّتَ	II	ṭabbata - yuṭabbitu	fortalecer; provar, pôr à prova	0089
	يُثَبِّتُ	أَثَبَّتَ	IV	‘aṭbata - yuṭbitu	provar; aprovar	0090
ثنى	يَسْتَثْنِي	إِسْتَثْنَى	X	istaṭnā - yastaṭnī	excluir, pôr de lado, excetuar	0091
ثور	يَثُورُ	ثَارَ	I	ṭāra - yaṭūru	atacar, revoltar contra	0092
	يُثِيرُ	أَثَارَ	IV	‘aṭāra - yuṭīru	provocar	0093

ج /jīm/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
جبر	يُجْبِرُ	أَجْبَرَ	IV	‘ajbara - yujbiru	forçar, compelir, constranger	0094
جبل	يَجْبُلُ	جَبَلَ	I	jabala - yajbulu	criar, formar	0095
جدد	يَجِدُّ	جَدَّ	I	jadda - yajiddu	ser sério, importante	0096
	يُجَدِّدُ	جَدَّدَ	II	jaddada - yujaddidu	renovar, reformar	0097
	يَسْتَجِدُّ	إِسْتَجَدَّ	X	istajadda - yastajiddu	renovar	0098
جذب	يَجْذِبُ	جَذَبَ	I	jaḏaba - yajḏibu	puxar, atrair	0099
جرؤ	يَتَجَرَّأُ	تَجَرَّأَ	V	tajarra’a - yatajarra’u	ousar	0100
جرب	يُجَرِّبُ	جَرَّبَ	II	jarraba - yujarribu	experimentar, tentar	0101
جرح	يَجْرَحُ	جَرَحَ	I	jaraḥa - yajraḥu	ferir, machucar	0102
جرد	يُجَرِّدُ	جَرَدَّ	II	jarrada - yujarridu	expor, mostrar, revelar	0103
جری	يَجْرِي	جَرَى	I	jarā - yajrī	fluir, correr	0104
	يُجَارِي	جَارَى	III	jārā - yujārī	disputar, competir com	0105
	يُجْرِي	أَجْرَى	IV	‘ajrā - yujrī	executar	0106
جعل	يَجْعَلُ	جَعَلَ	I	ja‘ala - yaj‘alu	começar	0107
جفف	يَجِفُّ	جَفَّ	I	jaffa - yajiffu	secar, tornar-se seco	0108
جلب	يَجْلُبُ	جَلَبَ	I	jalaba - yajlubu	trazer	0109
جلس	يَجْلِسُ	جَلَسَ	I	jalasa - yajlisu	sentar (se)	0110
جلى	يَتَجَلَّى	تَجَلَّى	V	tajallā - yatajallā	aparecer	0111
	يَنْجَلِي	إِنْجَلَى	VII	injalā - yanjali	tornar-se evidente	0112
جمع	يَجْمَعُ	جَمَعَ	I	jama‘a - yajma‘u	recolher, juntar	0113
	يُجْمَعُ	أُجْمَعُ	IV	‘ajma‘a - yujmi‘u	concordar (conjuntamente)	0114
	يَجْتَمِعُ	إِجْتَمَعَ	VIII	ijtima‘a - yajtami‘u	encontrar, congregar; concordar, combinar	0115
جند	يُجَنِّدُ	جَنَّدَ	II	jannada - yujannidu	mobilizar	0116
جهد	يَجْهَدُ	جَهَدَ	I	jahada - yajhadu	esforçar (se), empenhar (se)	0117
	يَجْتَهِدُ	إِجْتَهِدَ	VIII	ijtahada - yajtahidu	empenhar (se), ser diligente	0118
جهز	يُجَهِّزُ	جَهَّزَ	II	jahhaza - yujahhizu	preparar	0119

جهل	يَجْهَلُ	جَهَلَ	I	jahila - yajhalu	ignorar	0120
جوب	يُجِيبُ	أَجَابَ	IV	‘ajāba - yujību	responder, dar uma resposta	0121
جور	يُجَاوِرُ	جَاوَرَ	III	jāwara - yujāwiru	ser vizinho de	0122
جوز	يَجُوزُ	جَازَ	I	jāza - yajūzu	ser permitido, legítimo	0123
	يُجَاوِزُ	جَاوَزَ	III	jāwaza - yujāwizu	passar, ultrapassar, invadir, exceder (limites)	0124
	يُجِيزُ	أَجَازَ	IV	‘ajāza - yujīzu	permitir	0125
	يَتَجَاوِزُ	تَجَاوَزَ	VI	tajāwaza - yatajāwazu	exceder os limites, invadir	0126
	يَجْتَازُ	إِجْتَازَ	VIII	ijtāza - yajtāzu	cruzar, passar, atravessar	0127
جول	يَجُولُ	جَالَ	I	jāla - yajūlu	perambular, vagar	0128
جاء	يَجِيئُ	جَاءَ	I	jā’a – yaji’u	vir, chegar	0129

ح /ḥā’/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
حَبَّ	يَحِبُّ	حَبَّ	I	ḥabba - yaḥubbu	amar, gostar	0130
	يُحِبُّ	حَبَّبَ	II	ḥabbaba - yuḥabbibu	levar alguém a gostar de	0131
	يُحِبُّ	أَحَبَّ	IV	‘aḥabba - yuḥibbu	amar, gostar	0132
حَجَّ	يَحْتَجُّ	إِحْتَجَّ	VIII	iḥtajja - yaḥtajju	protestar	0133
حَبَّ	يُحْبِبُ	حَبَّبَ	I	ḥajaba - yaḥjubu	esconder, ocultar	0134
حَزَّ	يُحْزِزُ	حَزَزَ	I	ḥajaza - yaḥjizu	impedir, coibir; refrear	0135
حَدَّ	يَحْدُّ	حَدَّ	I	ḥadda - yaḥuddu	delimitar, delinear limites	0136
	يُحَدِّدُ	حَدَّدَ	II	ḥaddada - yuḥaddidu	definir, delimitar	0137
حَدَّثَ	يَحْدُثُ	حَدَّثَ	I	ḥadaṭa - yaḥduṭu	acontecer, ocorrer	0138
	يُحَدِّثُ	حَدَّثَ	II	ḥaddaṭa - yuḥaddiṭu	narrar (estória)	0139
	يُحَدِّثُ	أَحَدَّثَ	IV	‘aḥdaṭa - yuḥdiṭu	causar; inovar	0140
	يَتَحَدَّثُ	تَحَدَّثَ	V	taḥaddaṭa - yataḥaddaṭu	discutir	0141
حَدَّرَ	يَنْحَدِرُ	أَنْحَدَرَ	VII	inḥadara - yanḥadiru	escorregar; cair	0142
حَذَّو	يَحْذُو	حَذَا	I	ḥadā - yaḥdū	imitar, seguir	0143
حَرَّرَ	يَتَحَرَّرُ	تَحَرَّرَ	V	taḥarrara - yataḥarraru	ser liberto de; ser editado	0144

حرب	يُحَارِبُ	حَارَبَ	III	hāraḇa - yuḥāribu	lutar, brigar	0145
حرز	يُحْرِزُ	أَحْرَزَ	IV	‘aḥraza - yuḥrizu	obter	0146
حرس	يَحْرُسُ	حَرَسَ	I	ḥarasa - yaḥrusu	vigiar, guardar, cuidar de	0147
حرص	يَحْرِصُ	حَرَصَ	I	ḥaraṣa - yaḥriṣu	perseverar; desejar, almejar	0148
حرق	يَحْتَرِقُ	إِحْتَرَقَ	VIII	iḥtaraqa - yaḥtariqu	ser aceso, queimado	0149
حرك	يُحَرِّكُ	حَرَّكَ	II	ḥarraka - yuḥarriku	mover, mexer (algo, alguém)	0150
	يَتَحَرَّكُ	تَحَرَّكَ	V	taḥarraka - yataḥarraku	mover-se	0151
حرم	يَحْرُمُ	حَرَّمَ	I	ḥarama - yaḥrimu	pilhar, saquear	0152
	يُحَرِّمُ	حَرَّمَ	II	ḥarrama - yuḥarrimu	proibir	0153
	يَحْتَرِمُ	إِحْتَرَمَ	VIII	iḥtarama - yaḥtarimu	respeitar	0154
حزن	يَحْزَنُ	حَزَنَ	I	ḥazina - yaḥzinu	lamentar, estar pesaroso, ter pena de	0155
حسس	يَحَسُّ	حَسَّ	I	ḥassa - yaḥassu	sentir	0156
	يُحَسُّ	أَحَسَّ	IV	‘aḥassa - yuḥissu	sentir	0157
حسب	يَحْسِبُ	حَسَبَ	I	ḥasaba - yaḥsubu	contar	0158
	يَحْسِبُ	حَسِبَ	I	ḥasiba - yaḥsibu	pensar, considerar	0159
حسم	يَحْسِمُ	حَسَمَ	I	ḥasama - yaḥsimu	cortar; decidir	0160
	يُحْسِنُ	أَحْسَنَ	IV	‘aḥsana - yuḥsinu	comportar-se bem	0161
حسن	يَتَحَسَّنُ	تَحَسَّنَ	V	taḥassana - yataḥassanu	ser/estar aperfeiçoado	0162
	يَحْصُرُ	حَصَرَ	I	ḥaṣara - yaḥṣuru	circundar; pôr cerco a	0163
حصل	يَحْصُلُ	حَصَلَ	I	ḥaṣala - yaḥṣulu	crescer; acontecer	0164
حضر	يَحْضُرُ	حَضَرَ	I	ḥaḍara - yaḥḍuru	chegar, estar presente	0165
	يُحْضِرُ	أَحْضَرَ	IV	‘aḥḍara - yuḥḍiru	trazer; preparar	0166
حطم	يُحْطِمُ	حَطَّمَ	II	ḥaṭṭama - yuḥaṭṭimu	quebrar em pedaços	0167
حفف	يَحْفُفُ	حَفَّ	I	ḥaffa - yaḥuffu	cercar, circundar	0168
حفظ	يَحْفَظُ	حَفِظَ	I	ḥafiẓa - yaḥfaẓu	assistir; memorizar	0169
	يُحَافِظُ	حَافِظَ	III	ḥāfaẓa - yuḥāfiẓu	assistir a, tomar conta de	0170
	يَحْتَفِظُ	إِحْتَفِظَ	VIII	iḥtafaẓa - yaḥtafiẓu	guardar	0171

حفل	يَحْفِلُ	حَفَلَ	I	ḥafala - yaḥfilu	estar cheio	0172
	يَحْتَفِلُ	إِحْتَفَلَ	VIII	iḥtafala - yaḥtafilu	celebrar	0173
حَقَق	يَحَقُّ	حَقَّ	I	ḥaqqā - yaḥuqqu	estar certo, ser verdadeiro	0174
	يُحَقِّقُ	حَقَّقَ	II	ḥaqqāqa - yuḥaqqiqu	verificar, investigar	0175
	يَتَحَقَّقُ	تَحَقَّقَ	V	taḥaqqāqa - yataḥaqqāqu	provar ser verdadeiro	0176
	يَسْتَحَقُّ	إِسْتَحَقَّ	X	istaḥaqqā - yastaḥiqqu	merecer	0177
حَقَر	يَحْتَقِرُ	إِحْتَقَرَ	VIII	iḥtaqara - yaḥtaqiru	desprezar, desdenhar	0178
حَكَم	يَحْكُمُ	حَكَمَ	I	ḥakama - yaḥkumu	julgar	0179
	يَتَحَكَّمُ	تَحَكَّمَ	V	taḥakkama - yataḥakkamu	agir arbitrariamente	0180
حَكَى	يَحْكِي	حَكَى	I	ḥakā - yaḥkī	falar, dizer	0181
حل	يَحُلُّ	حَلَّ	I	ḥalla - yaḥullu	desenredar, resolver	0182
	يَحْتَلُّ	إِحْتَلَّ	VIII	iḥtalla - yaḥtallu	ocupar	0183
حلم	يَحْلُمُ	حَلَّمَ	I	ḥalama - yaḥlumu	sonhar	0184
حمد	يَحْمَدُ	حَمَدَ	I	ḥamida - yaḥmadu	louvar, exaltar	0185
حمل	يَحْمِلُ	حَمَلَ	I	ḥamala - yaḥmilu	levar, carregar	0186
	يَتَحَمَّلُ	تَحَمَّلَ	V	taḥammala - yataḥammalu	pegar (fardo, tarefa); atacar deslealmente	0187
	يَحْتَمِلُ	إِحْتَمَلَ	VIII	iḥtamala - yaḥtamilu	levar, carregar; aguentar; ser possível	0188
حمى	يَحْمِي	حَمَى	I	ḥamā - yaḥmī	proteger	0189
حنق	يَحْنَقُ	حَنَقَ	I	ḥaniqa - yaḥnaqu	irar-se, zangar-se	0190
حنى	يَنْحَنِي	إِنْحَنَى	VII	inḥanā - yanḥanī	ser/estar encurvado; inclinar-se	0191
حوج	يَحْتَاجُ	إِحْتَاَجَ	VIII	iḥtāja - yaḥtāju	necessitar	0192
حوط	يُحِيطُ	أَحَاطَ	IV	‘aḥāṭa - yuḥīṭu	circundar, rodear; especializar (se) em	0193
حول	يَحُولُ	حَالَ	I	ḥāla - yaḥūlu	mudar, passar	0194
	يُحَوِّلُ	حَوَّلَ	II	ḥawwala - yuḥawwilu	mudar, alterar (algo)	0195
	يُحَاوِلُ	حَاوَلَ	III	ḥāwala - yuḥāwilu	tentar, experimentar	0196
	يُحِيلُ	أَحَالَ	IV	‘aḥāla - yuḥīlu	transferir	0197
	يَتَحَوَّلُ	تَحَوَّلَ	V	taḥawwala - yataḥawwalu	ser mudado	0198

حول	يَسْتَحِيلُ	إِسْتَحَالَ	X	istaḥāla – istaḥīlu	ser impossível	0199
حوى	يَحْوِي	حَوَى	I	ḥawā - yaḥwī	conter, incluir	0200
	يَحْتَوِي	إِحْتَوَى	VIII	iḥṭawā - yaḥṭawī	conter, incluir	0201
حيو	يَحْيَا	حَيَّيَ	I	ḥayiya - yaḥyā	viver	0202
	يُحْيِي	حَيَّا	II	ḥayyā - yuḥayyī	saudar	0203
حير	يَحَارُ	حَارَ	I	ḥāra - yaḥāru	vagar, perambular; estar confuso	0204
حين	يَحِينُ	حَانَ	I	ḥāna - yaḥīnu	aproximar	0205

خ /ḥā’/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
خبر	يُخْبِرُ	أَخْبَرَ	VI	‘aḥbara - yuḥbiru	informar	0206
ختم	يَخْتِمُ	خَتَمَ	I	ḥatama - yaḥtimu	assinar; finalizar	0207
خدع	يَخْدَعُ	خَدَعَ	I	ḥada‘a - yaḥda‘u	enganar	0208
خدم	يَخْدُمُ	خَدَمَ	I	ḥadama - yaḥdimu ḥadama - yaḥdumu	servir	0209
	يَسْتَخْدِمُ	إِسْتَخْدَمَ	X	istaḥdama - yastaḥdimu	empregar, usar	0210
خرج	يَخْرُجُ	خَرَجَ	I	ḥaraja - yaḥruju	sair	0211
	يُخْرِجُ	أَخْرَجَ	IV	‘aḥraja - yuḥriju	mandar embora, expulsar; produzir filmes	0212
	يَتَخَرَّجُ	تَخَرَّجَ	V	taḥarraja - yataḥarraju	completar os estudos	0213
خرق	يَخْتَرِقُ	إِخْتَرَقَ	VIII	iḥṭaraqa - yaḥṭariqu	perfurar, penetrar	0214
خسر	يَخْسِرُ	خَسِرَ	I	ḥasira - yaḥsaru	perder	0215
خشي	يَخْشَى	خَشِيَ	I	ḥašiya – yaḥšā	temer	0216
خصص	يَخْصُصُ	خَصَّصَ	I	ḥaṣṣa - yaḥuṣṣu	atribuir, imputar a	0217
	يُخَصِّصُ	خَصَّصَ	II	ḥaṣṣaṣa - yuḥaṣṣiṣu	pôr de lado	0218
	يَخْتَصِّصُ	إِخْتَصَّصَ	VIII	iḥṭaṣṣa - yaḥṭaṣṣu	ser característico de	0219
خضع	يَخْضَعُ	خَضَعَ	I	ḥaḍa‘a - yaḥḍa‘u	submeter, entregar, ceder	0220
خطط	يَخْطُطُ	خَطَّ	I	ḥaṭṭa - yaḥuṭṭu	inscrever	0221
خطئ	يُخْطِئُ	أَخْطَأَ	IV	‘aḥṭa‘a - yuḥṭi‘u	errar	0222

خطب	يَخْطُبُ	خَطَبَ	I	ḥaṭaba - yaḥṭubu	pregar, fazer preleção; pedir em casamento	0223
	يُخَاطِبُ	خَاطَبَ	III	ḥāṭaba - yuḥāṭibu	dirigir-se a (alguém)	0224
خطر	يَخْطِرُ	خَطَرَ	I	ḥaṭara - yaḥṭiru	pensar em	0225
خطو	يَخْطُو	خَطَا	I	ḥaṭā - yaḥṭū	dar passos, caminhar	0226
خفف	يَخِفُّ	خَفَّ	I	ḥaffa - yaḥiffu	ser/estar leve	0227
	يُخَفِّفُ	خَفَّفَ	II	ḥaffafa – yuḥaffifu	aliviar, atenuar	0228
	يَتَخَفَّفُ	تَخَفَّفَ	V	taḥaffafa – yataḥaffafu	tornar-se leve	0229
خفق	يَخْفِقُ	خَفَقَ	I	ḥafaqa - yaḥfiqu	palpitar (coração), vibrar	0230
	يُخَفِّقُ	أَخَفَّقَ	IV	‘aḥafaqa - yuḥfiqu	falhar	0231
خفي	يَخْفَى	خَفِيَ	I	ḥafiya - yaḥfā	esconder-se	0232
	يُخْفِي	أَخْفَى	IV	‘aḥfā - yaḥfī	esconder (alguém)	0233
	يَخْتَفِي	إِخْتَفَى	VIII	iḥtafā - yaḥtafī	desaparecer	0234
خلص	يَخْلُصُ	خَلَّصَ	I	ḥalaṣa – yaḥluṣu	ser puro; ser completo	0235
	يُخَلِّصُ	خَلَّصَ	II	ḥallaṣa - yuḥlliṣu	purificar; completar	0236
	يَتَخَلَّصُ	تَخَلَّصَ	V	taḥallaṣa - yataḥallaṣu	ser salvo de; desvencilhar-se de	0237
	يَسْتَخْلِصُ	إِسْتَخْلَصَ	X	istaḥlaṣa - yastaḥliṣu	extrair; explorar (minerais);	0238
خلط	يَخْلِطُ	خَلَطَ	I	ḥalaṭa - yaḥliṭu	misturar	0239
	يُخَلِّطُ	إِخْلَطَ	VIII	iḥtalaṭa – yaḥtaliṭu	misturar, mesclar	0240
خلع	يَخْلَعُ	خَلَعَ	I	ḥala‘a - yaḥla‘u	remover; destronar	0241
خلف	يَخْلُفُ	خَلَفَ	I	ḥalafa - yaḥlufu	suceder a (alguém); herdar	0242
	يُخَلِّفُ	خَلَفَ	II	ḥallafa - yuḥallifu	legar, deixar (herança, etc.)	0243
	يُخَالِفُ	خَالَفَ	III	ḥālafa - yuḥālifu	desobedecer, diferir, discordar	0244
	يَخْتَلِفُ	إِخْتَلَفَ	VIII	iḥtalafa - yaḥtalifu	ser de opinião diferente, discordar	0245
خلق	يَخْلُقُ	خَلَقَ	I	ḥalaqa - yaḥluqu	criar	0246
خلو	يَخْلُو	خَلَا	I	ḥalā - yaḥlū	estar vazio, desocupado	0247

خوض	يَخُوضُ	خاضَ	I	ḥaḍ a - yaḥuḍ u	cruzar, atravessar (a pé); avançar penosamente	0248
خوف	يُخَافُ	خافَ	I	ḥāfa - yuḥāfu	temer	0249
خول	يُخَوِّلُ	خَوَّلَ	II	ḥawwala - yuḥawwilu	intitular, investir; autorizar, dar poderes a	0250
خون	يَخُونُ	خانَ	I	ḥāna - yaḥūnu	trair	0251
خير	يَخْتَارُ	إِخْتَارَ	VIII	aḥtāra - yaḥtāru	escolher	0252
خيل	يَخَالُ	خَالَ	I	ḥāla - yaḥālu	imaginar, supor	0253
	يُخَيِّلُ	خَيَّلَ	II	ḥayyala - yuḥayyilu	imaginar	0254
	تَخَيِّلُ	تَخَيَّلَ	V	taḥayyala - yataḥayyalu	imaginar, fingir	0255

د /dāl/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
دبر	يُدَبِّرُ	دَبَّرَ	II	dabbara - yudabbiru	organizar, planejar	0256
دخل	يَدْخُلُ	دَخَلَ	I	daḥala - yadḥulu	entrar	0257
	يُدْخِلُ	أَدْخَلَ	IV	‘adḥala - yudḥilu	fazer entrar, trazer para dentro	0258
	يَتَدَخَّلُ	تَدَخَّلَ	V	tadaḥḥala - yatadaḥḥalu	estar misturado a	0259
درس	يَدْرُسُ	دَرَسَ	I	darasa - yadrusu	aprender; estudar	0260
درك	يُدْرِكُ	أَدْرَكَ	IV	‘adraka - yudriku	perceber, estar ciente de; alcançar	0261
درى	يَدْرِي	دَرَى	I	darā - yadrī	saber, conhecer	0262
دعب	يُدَاعِبُ	دَاعَبَ	III	dā‘aba - yudā‘ibu	gracejar, fazer graça; brincar com	0263
دعو	يَدْعُو	دَعَا	I	da‘ā - yad‘ū	chamar, convidar	0264
	يَدَّعِي	إِدَّعَى	VIII	idda‘ā - yadda‘ī	fingir, dissimular	0265
	يَسْتَدْعِي	إِسْتَدْعَى	X	istad‘ā - yastad‘ā	chamar, convocar	0266
دفع	يُدْفَعُ	دَفَعَ	I	dafa‘a - yadfa‘u	empurrar; pagar	0267
	يُدَافِعُ	دَافَعَ	III	dāfa‘a - yudāfi‘u	defender	0268
	يَنْدَفِعُ	إِنْدَفَعَ	VII	indafa‘a - yandafi‘u	arremessar-se em	0269
دقق	يَتَدَقَّقُ	تَدَقَّقَ	V	tadaffaqa - yatadaffaqu	brotar, manar	0270
دفن	يَدْفِنُ	دَفَنَ	I	dafana - yadfinu	enterrar	0271

دَلَّ	يَذُلُّ	دَلَّ	I	dalla - yadullu	mostrar, guiar	0272
	يَسْتَدِلُّ	إِسْتَدَلَّ	X	istadalla - yastadillu	buscar e trazer evidências, provas	0273
دَلَّو	يَذْلِي	أَذْلَى	IV	‘adlā - yudlī	trazer/apresentar (provas, etc.)	0274
دَمَّر	يُدَمِّرُ	دَمَّرَ	II	dammara - yudammiru	destruir	0275
دَنُو	يَدْنُو	دَنَا	I	danā - yadnū	aproximar (se), acercar-se de	0276
دَهَشَ	يَذْهَشُ	دَهَشَ	I	dahiša - yadhašu	espantar-se com	0277
	يُدْهَشُ	أَدْهَشَ	IV	‘adhaša - yudhišu	psamar, surpreender	0278
دَهَمَ	يُدَاهِمُ	دَاهَمَ	III	dāhama - yudāhimu	surpreender, pegar desprevenido	0279
دَوَّرَ	يَدَوِّرُ	دَارَ	I	dāra - yadūru	virar (se), voltar (se), girar	0280
	يُدِيرُ	أَدَارَ	IV	‘adāra - yudīru	comandar, gerir, administrar	0281
دَوَّلَ	يَتَدَاوَلُ	تَدَاوَلَ	VI	tadāwala - yatadāwalu	mudar, deliberar	0282
دَوَّمَ	يَدُومُ	دَامَ	I	dāma - yadūmu	continuar, durar	0283
دَوَّنَ	يُدَوِّنُ	دَوَّنَ	II	dawwana - yudawwinu	registrar	0284
دَيْنَ	يَدِينُ	دَانَ	I	dāna - yadīnu	dever, ter dívidas; estar endividado	0285

ذ /dāl/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
ذَكَرَ	يَذْكُرُ	ذَكَرَ	I	ḏakara - yaḏkuru	dizer, falar	0286
	يُذَكِّرُ	ذَكَّرَ	II	ḏakkara - yuḏakkiru	lembrar	0287
	يَتَذَكَّرُ	تَذَكَّرَ	V	taḏakkara - yataḏakkaru	lembrar-se	0288
ذَهَبَ	يَذْهَبُ	ذَهَبَ	I	ḏahaba - yaḏhabu	ir (se), partir	0289
	يُذْهَبُ	أُذْهَبَ	IV	‘aḏhaba - yuḏhibu	remover, eliminar	0290
ذَوَّقَ	يَذُوقُ	ذَاقَ	I	dāqa - yadūqu	degustar	0291
ذَاعَ	يُذِيعُ	أَذَاعَ	IV	‘aḏā'a - yuḏī'u	irradiar, transmitir	0292

ر /rā'/'

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
رأى	يَرَى	رَأَى	I	ra'ā - yaraā	ver, olhar	0293
	يَرْتَبِي	إِرْتَأَى	VIII	irta'ā - yarta'ī	considerar	0294
ربط	يَرْبُطُ	رَبَطَ	I	rabaṭa – yarbiṭu	amarrar, atar	0295
	يَرْبُطُ	رَبَطَ		rabaṭa - yarbuṭu		
	يَرْتَبِطُ	إِرْتَبَطَ	VIII	irtabaṭa - yartabiṭu	estar unido a, amarrado a	0296
رتب	يَتَرَتَّبُ	تَرَتَّبَ	V	tarattaba - yatarattabu	estar organizado; estar atado	0297
رجح	يَرْجَحُ	رَجَحَ	I	rajaḥa - yarjaḥu	exceder em peso	0298
	يُرجِحُ	رَجَحَ	II	rajjaḥa - yurajjiḥu	exceder em peso; preferir	0299
رجع	يَرْجِعُ	رَجَعَ	I	raja'ā - yarji'u	regressar, retomar	0300
رجو	يَرْجُو	رَجَا	I	rajā - yarjū	esperar, ter esperança	0301
رحب	يُرْحَبُ	رَحَّبَ	II	raḥḥaba - yuraḥḥibu	dar as boas-vindas; receber (alguém)	0302
رحل	يَرْحُلُ	رَحَلَ	I	raḥala - yarḥalu	viajar	0303
رحم	يَرْحَمُ	رَحِمَ	I	raḥima - yarḥamu	compadecer-se	0304
ردد	يَرُدُّ	رَدَّ	I	radda - yaruddu	responder; devolver	0305
	يَرُدُّ	رَدَّدَ	II	raddada - yuraddidu	repetir	0306
	يَتَرَدَّدُ	تَرَدَّدَ	V	taraddada - yataraddadu	ser repetido; hesitar, titubear	0307
	يَسْتَرِدُّ	إِسْتَرَدَّ	X	istaradda - yastariddu	recobrar, recuperar, reentrar em posse	0308
ردي	يَرْتَدِي	إِرْتَدَى	VIII	irtadā - yartadī	vestir	0309
رسل	يُرْسِلُ	أَرْسَلَ	IV	'arsala - yursilu	enviar	0310
رسم	يَرْسُمُ	رَسَمَ	I	rasama - yarsumu	esboçar, desenhá-lo; descrever	0311
رشح	يُرَشِّحُ	رَشَّحَ	II	raššaḥa - yuraššiḥu	nomear, indicar (candidato)	0312
رضي	يَرْضَى	رَضِيَ	I	raḍiya – yarḍā	satisfazer-se com	0313
	يُرْضِي	أَرْضَى	IV	arḍā - yurḍī	satisfazer	0314
رعى	يَرْعَى	رَعَى	I	ra'ā - yar'ā	pastar, apascentar	0315
	يُرَاعِي	رَاعَى	III	rā'ā - yurā'ī	guardar, vigiar; estimar, apreciar	0316
	يَسْتَرْعِي	إِسْتَرْعَى	X	istar'ā - yastar'ī	chamar atenção	0317

رغب	يَرْغَبُ	رَغَبَ	I	rağiba - yargabu	querer, desejar	0318
رفض	يَرْفُضُ يَرْفُضُ	رَفَضَ	I	rafaða - yarfiðu rafaða - yarfuðu	recusar	0319
رفع	يَرْفَعُ	رَفَعَ	I	rafa°a - yarfa°u	levantar, erguer, alçar	0320
	يَتَرَفَعُ	تَرَفَعَ	VI	tarāfa°a - yatarāfa°u	pleitear (em corte), litigar	0321
	يَرْتَفِعُ	إِرْتَفَعَ	VIII	irtafa°a - yartafi°u	elevantar-se acima de	0322
رفق	يُرَافِقُ	رَافَقَ	III	rāfaqa - yurāfiqū	acompanhar	0323
رقب	يَرْقُبُ	رَقَبَ	I	raqaba - yarqubu	ficar atento a	0324
	يُرَاقِبُ	رَاقَبَ	III	rāqaba - yurāqibu	supervisionar; observar atentamente	0325
رقي	يَرْتَقِي	إِرْتَقَى	VIII	irtaqā - yartaqī	subir, ascender	0326
ركب	يَرْكَبُ	رَكَبَ	I	rakiba - yarkabu	montar (um animal); viajar; embarcar	0327
	يُرَكَّبُ	رُكِّبَ	II	rakkaba - yurakkibu	fazer alguém viajar; compor	0328
	يَرْتَكِبُ	إِرْتَكَبَ	VIII	irtakaba - yartakibu	cometer (atos criminais), perpetrar (erros)	0329
رمى	يَرْمِي	رَمَى	I	ramā - yarmī	arremessar, lançar	0330
	يَرْتَمِي	إِرْتَمَى	VIII	irtamā - yartamī	cair, ser derrubado	0331
رهق	يُرْهِقُ	أَرْهَقَ	IV	‘arhaqa - yurhiqu	oprimir	0332
رهن	يَرْهَنُ	رَهَنَ	I	rahana - yarhanu	penhorar	0333
روج	يَرْوِجُ	رَاجَ	I	rāja - yarūju	disseminar; entrar em demanda	0334
روح	يَرْوِجُ	رَاحَ	I	rāha - yarūḥu	ir (se), sair	0335
	يُريجُ	أَرَّاحَ	IV	‘arāha - yurīḥu	deixar sozinho; deixar descansar	0336
	يَرْتَاحُ	إِرْتَاحَ	VIII	irtāha - yartāḥu	descansar; estar contente	0337
	يَسْتَرِيحُ	إِسْتَرَّاحَ	X	istarāha - yastarīḥu	descansar	0338
رود	يَرْوُدُ	رَادَ	I	rāda - yarūdu	excursionar, explorar	0339
	يُرِيدُ	أَرَادَ	IV	‘arāda - yurīdu	querer, desejar	0340
روع	يُرَوِّعُ	رَوَّعَ	II	rawwa°a - yurawwi°u	amedrontar	0341
روق	يَرْوُقُ	رَاقَ	I	rāqa - yarūqu	ser puro; ser querido; encantar	0342
روي	يَرْوِي	رَوَى	I	rawā - yarwī	narrar, contar (estória, tradição)	0343

ز /zāy/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
زحم	يَزْدَحِمُ	إِزْدَحَمَ	VIII	izdaḥama - yazdaḥimu	aglomerar, amontoar; estar apinhado de	0344
زرع	يَزْرَعُ	زَرَعَ	I	zaraʿa - yazraʿu	semear	0345
زعم	يَزْعُمُ	زَعَمَ	I	zaʿama - yazʿumu	fingir, simular	0346
زوج	يَتَزَوَّجُ	تَزَوَّجَ	V	tazawwaja - yatazawwaju	casar-se	0347
زور	يَزُورُ	زَارَ	I	zāra - yazūru	visitar	0348
زيد	يَزِيدُ	زَادَ	I	zāda - yazīdu	concordar com; crescer, acrescentar	0349
	يَتَزَايَدُ	تَزَايَدَ	VI	tazāyada - yatazāyadu	aumentar; sobrepujar	0350
	يَزْدَادُ	إِزْدَادَ	VIII	izdāda - yazdādu	crescer, aumentar	0351
زين	يُزَيِّنُ	زَيَّنَ	II	zayyana - yuzayyinu	decorar, adornar	0352

س /sīn/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
سأل	يَسْأَلُ	سَأَلَ	I	saʿala - yasʿalu	perguntar	0353
	يُسْأَلُ	سَاءَلَ	III	sāʿala - yusāʿilu	perguntar, pedir	0354
	يَتَسَاءَلُ	تَسَاءَلَ	VI	tasāʿala - yatasāʿalu	perguntar-se	0355
سبق	يَسْبِقُ	سَبَقَ	I	sabaqa - yasbiqu	preceder, anteceder	0356
	يَسْبُقُ			sabaqa - yasbuqu		
سجل	يُسَجِّلُ	سَجَّلَ	II	sajjala - yusajjilu	registrar	0357
سحب	يَسْحَبُ	سَحَبَ	I	saḥaba - yashaḥabu	arrastar, puxar	0358
	يَنْسَحِبُ	إِنْسَحَبَ	VII	insaḥaba - yansaḥibu	arrastar-se; retirar	0359
سخر	يَسْخَرُ	سَخَرَ	I	saḥara - yashaḥaru	explorar	0360
سدد	يَسُدُّ	سَدَّ	I	sadda - yasuddu	parar, fechar; encher	0361
سرر	يَسُرُّ	سَرَّ	I	sarra - yasurru	alegrar-se	0362
سرب	يَتَسَرَّبُ	تَسَرَّبَ	V	tasarraba - yatasarrabu	agir sorrateiramente; infiltrar	0363
سرح	يَسْرَحُ	سَرَحَ	I	saraḥa - yasraḥu	levar para pastagem	0364
سرد	يَسْرُدُ	سَرَدَ	I	sarada - yasrudu	perfurar; mencionar; registrar	0365

سرع	يُسْرِعُ	أَسْرَعَ	IV	‘asra‘a - yusri‘u	apressar, acelerar	0366
سرق	يَسْرِقُ	سَرَقَ	I	saraqa - yasriqu	roubar, furtar	0367
سرى	يَسْرِي	سَرَى	I	sarā - yasrī	viajar à noite	0368
سيطر	يُسَيِّطِرُ	سَيَّطَرَ	I	sayṭara - yusayṭiru	governar, reger, dominar	0369
سعد	يُسَاعِدُ	سَاعَدَ	III	sa‘ada - yusā‘idu	ajudar a, cuidar de	0370
سعى	يَسْعَى	سَعَى	I	sa‘ā - yas‘ā	apressar, acelerar	0371
سفر	يُسَافِرُ	سَافَرَ	III	sāfara - yusāfiru	viajar	0372
	يُسْفِرُ	أَسْفَرَ	IV	‘asfara - yusfiru	descobrir, revelar; mostrar	0373
سفاك	يَسْفِكُ	سَفَكَ	I	safaka - yusfiku	derramar (sangue, lágrimas)	0374
سقط	يَسْقُطُ	سَقَطَ	I	saqaṭa - yasquṭu	cair	0375
	يَتَسَاقَطُ	تَسَاقَطَ	VI	tasāqaṭa - yatasāqaṭu	cair; cair gradualmente	0376
سكت	يَسْكُتُ	سَكَتَ	I	sakata - yaskutu	estar em silêncio	0377
سكن	يَسْكُنُ	سَكَنَ	I	sakana - yaskunu	tornar-se quieto, amainar; morar	0378
سلب	يَسْلُبُ	سَلَبَ	I	salaba - yaslubu	roubar, pilhar, saquear	0379
سلح	يُسَلِّحُ	سَلَّحَ	II	sallaḥa - yusalliḥu	armar (equipar com armas)	0380
سلك	يَسْلُكُ	سَلَكَ	I	salaka - yasluku	ir, sair, viajar, agir de determinada maneira	0381
سلم	يَسْلَمُ	سَلِمَ	I	salima - yaslamu	estar são e salvo, estar ileso	0382
	يُسَلِّمُ	سَلَّمَ	II	sallama - yusallimu	ceder, entregar, render (se); salvar, ajudar a escapar	0383
	يُسَلِّمُ	أَسْلَمَ	IV	‘aslama - yuslimu	submeter-se a; tornar-se muçulmano	0384
	يَتَسَلَّمُ	تَسَلَّمَ	V	tasallama - yatasallamu	assumir o comando, direção; tomar posse	0385
	يَسْتَلِمُ	إِسْتَلَمَ	VIII	istalama - yastalimu	assumir o comando, direção; tomar posse	0386
	يَسْتَسَلِّمُ	إِسْتَسَلَّمَ	X	istaslama - yastaslimu	submeter-se a, capitular	0387
سمح	يَسْمَحُ	سَمَحَ	I	samaḥa - yasmaḥu	permitir	0388
سمع	يَسْمَعُ	سَمِعَ	I	sami‘a - yasma‘u	ouvir, escutar	0389

سمع	يَسْمَعُ	إِسْمَعُ	VIII	istama ^a - yastami ^u	ouvir (rádio, etc.)	0390
سمو	يَسْمُو	سَمَا	I	samā - yasmū	ser alto, elevado; subir	0391
سمى	يُسَمِّي	سَمَّى	II	sammā - yusammī	dar um nome, chamar pelo nome	0392
سبح	يَسْبَحُ	سَبَحَ	I	sanaḥa - yasnaḥu	ocorrer a	0393
سند	يُسْنِدُ	أَسْنَدَ	IV	‘asnada - yusnidu	confiar em, contar com; imputar a	0394
	يَسْتَنْدُ	إِسْتَنْدَ	VIII	istanada - yastanidu	confiar em, contar com	0395
سهب	يُسْهِبُ	أَسْهَبَ	IV	‘ashaba - yushibu	falar em detalhes	0396
سهر	يَسْهَرُ	سَهَرَ	I	sahira - yasharu	estar acordado (de noite)	0397
سهل	يَسْهُلُ	سَهَّلَ	I	sahula - yashulu	ser fácil, plano	0398
سهم	يُسَاهِمُ	سَاهَمَ	III	sāhama - yusāhimu	participar em; tirar sorte	0399
سوء	يَسُوءُ	سَاءَ	I	sā’a - yasū’u	ser mau, perverso, maligno	0400
	يُسِيءُ	أَسَاءَ	IV	‘asā’a - yusī’u	maltratar, fazer mal	0401
	يَسْتَأْ	إِسْتَأْ	VIII	istā’a - yastā’u	estar descontente com	0402
سود	يَسُودُ	سَادَ	I	sāda - yasūdu	governar, reger, dominar; ser prevalente	0403
سوق	يَسُوقُ	سَاقَ	I	sāqa - yasūqu	dirigir, conduzir (alguém)	0404
سوى	يُسَوِّي	سَوَّى	II	sawwā - yusawwī	ajustar; completar, fazer	0405
	يُسَاوِي	سَاوَى	III	sāwā - yusāwī	igualar; ser equivalente a	0406
سير	يَسِيرُ	سَارَ	I	sāra - yasīru	ir, caminhar; conduzir-se, comportar-se	0407
	يُسَيِّرُ	سَيَّرَ	II	sayyara - yusayyiru	levar (alguém para fazer algo)	0408
سيل	يَسِيلُ	سَالَ	I	sāla - yasīlu	vazar, verter	0409

ش /šīn/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
شأم	يَتَشَاءُمُ	تَشَاءَمَ	VI	tašā’ama - yatašā’amu	entender como de mau augúrio; ser pessimista	0410
شبيب	يَشِيبُ	شَبَّ	I	šabba - yašibbu	crescer e tornar-se um jovem	0411

شبع	يُسَبِّعُ	أَسْبَعَ	IV	‘ašba ^a - yušbi ^u	saciar; saturar	0412
شبه	يُسَبِّهْ	سَبَّهْ	II	šabbaha - yušabbihu	comparar	0413
	يُسَبِّهْ	أَسْبَهْ	IV	‘ašbaha - yušbihu	ser como...; assemelhar-se a	0414
شجع	يُسَجِّعُ	سَجَّعَ	II	šajja ^a - yušajji ^u	encorajar	0415
شحن	يَسْحَنُ	سَحَنَ	I	šaḥana - yašḥanu	carregar	0416
شدد	يَشْدُدُ	شَدَّدَ	I	šadda - yašuddu	unir, juntar, atar	0417
	يَشْدُدُ	إِشْتَدَّدَ	VIII	ištadda - yaštaddu	tornar-se forte, rigoroso	0418
شرب	يَشْرَبُ	شَرَبَ	I	šariba - yašrabu	beber	0419
شرح	يَسْرَحُ	سَرَحَ	I	šaraḥa - yašraḥu	explicar	0420
شرط	يَسْتَرْطُ	إِسْتَرْطَ	VIII	ištaraṭa - yaštariṭu	estipular	0421
شرع	يَسْرَعُ	سَرَعَ	III	šara ^a - yašra ^u	planejar; legislar; começar	0422
شرف	يُسَرِّفُ	سَرَّفَ	II	šarrafa - yušarrifu	honrar	0423
	يُسَرِّفُ	أَسَرَّفَ	IV	‘ašrafa - yušrifu	supervisionar; estar prestes a	0424
	يَتَسَرَّفُ	تَسَرَّفَ	V	tašarrafa - yatašarrafu	ser honrado, respeitado	0425
شرق	يُشْرِقُ	أَشْرَقَ	IV	‘ašraqa - yušriqu	levantar (sol)	0426
شارك	يُشَارِكُ	شَارَكَ	III	šāraka - yušāriku	participar em; ser um sócio	0427
	يَشْتَرِكُ	إِشْتَرَكَ	VIII	ištāraka - yaštāriku	participar em	0428
شري	يَشْتَرِي	إِشْتَرَى	VIII	ištārā - yaštārī	comprar	0429
شعر	يَشْعُرُ	شَعَرَ	I	ša ^a ara - yaš ^u uru	sentir; discernir	0430
شغل	يَشْغَلُ	شَغَلَ	I	šaḡala - yašḡalu	empregar, usar	0431
	يَسْتَغِلُ	إِشْتَغَلَ	VIII	ištaḡala - yaštaḡilu	ocupar-se com	0432
شفق	يُسْفِقُ	أَسْفَقَ	IV	‘ašfaqa - yušfiqu	apiedar-se de	0433
شقق	يَسْقُ	سَقَّ	I	šaqqā - yašuqqu	rachar, fender, partir, romper	0434
شكك	يَشْكُكُ	شَكَّ	I	šakka - yašukku	duvidar	0435
شكر	يَشْكُرُ	شَكَرَ	I	šakara - yaškuru	agradecer	0436
شكو	يَشْكُو	شَكَا	I	šakā - yaškū	reclamar	0437
شمل	يَشْمُلُ	شَمَلَ	I	šamala - yašmulu	abarcar, abranger	0438
	يَسْتَمِلُ	إِشْتَمَلَ	VIII	ištāmala - yaštāmilu	abarcar; agasalhar-se	0439
شهد	يَشْهَدُ	شَهِدَ	I	šahida - yašhadu	comparecer a, estar presente a	0440
	يُشَاهِدُ	شَاهَدَ	III	šāhada - yušāhidu	testemunhar	0441

شهر	يُسْهَرُ	أُسْهَرَ	IV	‘ašhara - yušhiru	fazer conhecido	0442
	يَسْتَهَرُ	إِسْتَهَرَ	VIII	ištahara - yaštahiru	tornar-se famoso	0443
شور	يُشِيرُ	أُشَارَ	IV	‘ašara - yušīru	indicar; ordenar; aconselhar	0444
	يَسْتَشِيرُ	إِسْتَشَارَ	X	istašāra - yastašīru	aconselhar-se, consultar	0445
شيأ	يَشَاءُ	شَاءَ	I	šā’a - yašā’u	querer, desejar	0446
شيد	يُشَيِّدُ	شَيَّدَ	II	šayyada - yušayyidu	erigir, levantar	0447
شيع	يَشِيعُ	شَاعَ	I	šā’a - yašī’u	ser/estar disseminado, extensamente conhecido	0448
	يُشِيعُ	أَشَاعَ	IV	‘ašā’a - yuštī’u	divulgar	0449

ص /šād/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
صَبَب	يَصِيبُ يَصُبُّ	صَبَّ	I	šabba - yašibbu šabba - yašubbu	derramar, entornar	0450
صَبَح	يُصْبِحُ	أَصْبَحَ	IV	‘ašbaḥa - yušbiḥu	despertar, acordar; tornar (se);	0451
صَبِر	يَصْبِرُ	صَبَرَ	I	šabara - yašbiru	ser paciente, firme	0452
صَح	يَصِحُّ	صَحَّ	I	šaḥḥa - yašihḥu	estar correto, impecável, sadio	0453
صَحَب	يَصْحَبُ	صَحَبَ	I	šaḥiba - yašhabu	acompanhar	0454
صَحَو	يَصْحُو	صَحَا	I	šaḥā - yašḥū	despertar; estar claro (céu)	0455
صَدَد	يَصُدُّ	صَدَّ	I	šadda - yašuddu	deter, parar	0456
صدر	يَصْدُرُ يَصْدِرُ	صَدَرَ	I	šadara - yašduru šadara - yašdiru	sair, vir; ocorrer	0457
	يُصَادِرُ	صَادَرَ	III	šādara - yušādiru	confiscar	0458
	يُصْدِرُ	أُصْدِرَ	IV	‘ašdara - yušdiru	expedir, remeter; emitir	0459
صَدَف	يُصَادِفُ	صَادَفَ	III	šādafa - yušādifu	encontrar ou acontecer por coincidência	0460
صَدَق	يَصْدُقُ	صَدَّقَ	I	šadaqa - yašduqu	ser verdadeiro; estar verificado, conferido	0461
	يُصَدِّقُ	صَدَّقَ	II	šaddaqa - yušaddiqu	crer, acreditar; certificar	0462
صَرَر	يُصِرُّ	أَصْرَرَّ	IV	‘ašarra - yuširru	insistir	0463

صرح	يُصَرِّحُ	صَرَّحَ	II	şarraḥa - yuşarriḥu	declarar; permitir	0464
صرخ	يَصْرُخُ	صَرَخَ	I	şaraḥa - yaşruḥu	gritar	0465
صرف	يَصْرِفُ	صَرَفَ	I	şarafa - yaşrifu	cambiar; gastar (dinheiro)	0466
	يَتَصَرَّفُ	تَصَرَّفَ	V	taşarrafa - yataşarrafu	agir de maneira independente; dispor de, empregar, utilizar	0467
	يَنْصَرِفُ	إِنْصَرَفَ	VII	inşarafa - yanşarifu	sair, ir embora, partir	0468
صعب	يَصْعُبُ	صَعَّبَ	I	şaʿuba - yaşʿubu	ser difícil	0469
صعد	يَصْعَدُ	صَعَدَ	I	şaʿida - yaşʿadu	subir	0470
	يَتَصَاعَدُ	تَصَاعَدَ	VI	taşāʿada - yataşāʿadu	subir, ascender	0471
صغو	يُصْغِي	أَصْغَى	IV	ʿaşgā - yuşġī	ouvir	0472
صفو	يَصْفُو	صَفَا	I	şafā - yaşfū	ser puro	0473
صلح	يَصْلُحُ	صَلَحَ	I	şaluḥa - yaşluḥu	ajustar, adequar	0474
	يُصْلِحُ	أُصْلِحَ	IV	ʿaşlaḥa - yuşliḥu	consertar, melhorar, reformatar	0475
صلو	يُصَلِّي	صَلَّى	II	şallā - yuṣallī	rezar, orar	0476
صنع	يَصْنَعُ	صَنَعَ	I	şanaʿa - yaşnaʿu	fazer, fabricar	0477
صوب	يُصِيبُ	أَصَابَ	IV	ʿaşāba - yuşību	acertar, atingir (alvo); ocorrer (tragédia, etc.)	0478
صور	يُصَوِّرُ	صَوَّرَ	II	şawwara - yuşawwiru	desenhar, pintar	0479
	يَتَصَوَّرُ	تَصَوَّرَ	V	taşawwara - yataşawwaru	ser pintado, retratado; imaginar	0480
صيح	يَصِيحُ	صَاحَ	I	şāḥa - yaşīḥu	gritar	0481
صير	يَصِيرُ	صَارَ	I	şāra - yaşīru	tornar-se; ir (se)	0482

ض /ḡād/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
ضؤل	يَتَضَاعَلُ	تَضَاعَلَ	VI	taḡāʿala – yataḡāʿalu	diminuir, minguar	0483
ضبط	يَضْبِطُ	ضَبَطَ	I	ḡabaṭa - yaḡbiṭu	ajustar; corrigir; ser perito em	0484
	يَضْبُطُ			ḡabaṭa - yaḡbuṭu		
ضجج	يَضِجُّ	ضَجَّ	I	ḡajja - yaḡijju	ser barulhento; vociferar	0485
ضحك	يَضْحَكُ	ضَحِكَ	I	ḡaḡika – yaḡḡaku	rir, gargalhar	0486
	يُضْحِكُ	أُضْحِكَ	IV	ʿaḡḡaka – yuḡḡiku	fazer alguém rir	0487

ضحى	يُضَحِّي	ضَحَّى	II	ḍaḥḥā - yuḍaḥḥī	sacrificar	0488
ضرب	يَضْرِبُ	ضَرَبَ	I	ḍaraba - yaḍribu	bater; golpear; tocar (instrumento)	0489
	يُضْرَبُ	أُضْرِبَ	IV	‘aḍraba - yuḍribu	fazer greve (funcionários)	0490
	يَضْطَرُّ	إِضْطَرَّ	VIII	iḍṭaraba - yaḍṭaribu	estar perturbado, confuso	0491
ضرر	يَضُرُّ	ضَرَّ	I	ḍarra - yaḍurru	fazer mal, prejudicar	0492
	يَضْطَرُّ	إِضْطَرَّ	VIII	iḍṭarra – yaḍṭarru	ser compelido, constrangido a	0493
ضعف	يُضَاعَفُ	ضَاعَفَ	III	ḍā‘afa – yuḍā‘ifu	duplicar	0494
	يَتَضَاعَفُ	تَضَاعَفَ	VI	taḍā‘afa – yataḍā‘afu	ser duplo	0495
ضم	يَضُمُّ	ضَمَّ	I	ḍamma - yaḍummu	adicionar, anexar	0496
	يَنْضُمُّ	إِنْضَمَّ	VII	‘anḍamma - yanḍammu	estar juntos, unidos	0497
ضمن	يَضْمَنُ	ضَمِنَ	I	ḍamina - yaḍmanu	garantir	0498
	يَتَضَمَّنُ	تَضَمَّنَ	V	taḍammanu - yataḍammanu	garantir	0499
	يَتَضَامَنُ	تَضَامَنَ	VI	taḍāmana – yataḍāmanu	ser responsável mutuamente	0500
ضوء	يُضِيءُ	أَضَاءَ	IV	‘aḍā’a - yuḍī’u	emitir um fecho de luz	0501
ضيع	يَضِيعُ	ضَاعَ	I	ḍā‘a – yaḍī‘u	estar perdido, perecer	0502
ضيف	يُضِيفُ	أَضَافَ	IV	‘aḍāfa - yuḍīfu	acrescentar, agregar	0503
ضيق	يَضِيقُ	ضَاقَ	I	ḍāqa - yaḍīqu	ser ou tornar-se estreito, apertado	0504

ط /ṭā’/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
طبع	يَطْبَعُ	طَبَعَ	I	ṭaba‘a - yaṭba‘u	imprimir	0505
طبق	يُطَبِّقُ	طَبَّقَ	II	ṭabbaqa - yuṭabbiqu	cobrir; executar; requerer	0506
	يُطَابِقُ	طَابَقَ	III	ṭābaqa - yuṭābiqu	assentar a	0507
طراً	يَطْرَأُ	طَرَأَ	I	ṭara’a - yaṭra’u	acontecer (de repente)	0508
طرح	يَطْرَحُ	طَرَحَ	I	ṭaraḥa - yaṭraḥu	lançar; sugerir	0509
طرد	يَطْرُدُ	طَرَدَ	I	ṭarada - yaṭrudu	expulsar, impelir	0510
	يَسْتَطِرِدُ	إِسْتَطَرَدَ	X	istaṭrada - yastaṭridu	mudar o assunto; continuar	0511

طرق	يَطْرُقُ	طَرَقَ	I	ṭaraqa - yaṭruqu	bater	0512
	يُطْرُقُ	أَطْرَقَ	IV	‘aṭraqa - yuṭriqu	manter (se) em silêncio	0513
طغو	يَطْغَى	طَغَى	I	ṭagā - yaṭgā	transbordar; ser um tirano, déspota	0514
طلل	يُطِلُّ	أُطِلَّ	IV	‘aṭalla - yuṭillu	deixar sem vingar (sangue)	0515
طلب	يَطْلُبُ	طَلَبَ	I	ṭalaba -	perguntar, pedir; buscar	0516
	يُطَالِبُ	طَالَبَ	III	ṭālaba - yuṭālibu	demandar, exigir	0517
	يَتَطَلَّبُ	تَطَلَّبَ	V	taṭallaba - yataṭalabu	demandar, exigir	0518
طلع	يَطْلَعُ	طَلَعَ	I	ṭala‘a - yaṭlu‘u	subir, levantar	0519
	يَتَطْلَعُ	تَطْلَعُ	V	taṭalla‘a - yataṭalla‘u	apontar, mirar; tencionar	0520
	يُطْلَعُ	إِطْلَعُ	VIII	iṭṭala‘a - yaṭṭali‘u	descobrir; saber	0521
طلق	يُطْلِقُ	أُطْلِقَ	IV	‘aṭlaqa - yuṭliqu	liberar, emancipar	0522
	يَنْطَلِقُ	إِنْطَلَقَ	VII	iṇṭalaqa - yaṇṭaliqu	estar livre; ser enviado; explodir	0523
طمع	يَطْمَعُ	طَمِعَ	I	ṭami‘a - yaṭma‘u	aspirar, cobiçar	0524
طمأن	يُطْمِئِنُّ	إِطْمَأَنَّ	IV	iṭma‘anna - yaṭma‘innu	estar quieto, protegido	0525
طهر	يُطَهِّرُ	طَهَّرَ	II	ṭahhara - yuṭahhiru	purificar, limpar	0526
طور	يَتَطَوَّرُ	تَطَوَّرَ	V	taṭawwara - yataṭawwaru	mudar, desenvolver	0527
طوع	يُطِيعُ	أَطَاعَ	IV	‘aṭā‘a - yuṭī‘u	obedecer	0528
	يَتَطَوَّعُ	تَطَوَّعَ	V	taṭāwwa‘a - yataṭawa‘u	oferecer-se voluntariamente	0529
	يَسْتَطِيعُ	إِسْتَطَاعَ	X	iṣṭaṭā‘a - yastaṭī‘u	poder, ser capaz de	0530
طوف	يَطُوفُ	طَافَ	I	ṭāfa - yaṭūfu	dar uma volta, perambular	0531
طوق	يُطِيقُ	أُطِيقَ	IV	‘aṭāqa - yuṭīqu	ser capaz de	0532
طول	يَطُولُ	طَالَ	I	ṭāla - yaṭūlu	ser comprido, longo	0533
	يُطِيلُ	أُطِيلَ	IV	‘aṭāla - yaṭīlu	alongar, estender	0534
طوى	يَطْوِي	طَوَى	I	ṭawā - yaṭwī	dobrar; cruzar, atravessar	0535
	يَنْطَوِي	إِنْطَوَى	VII	iṇṭawā - yaṇṭawī	estar dobrado; estar concluído	0536
طير	يَطِيرُ	طَارَ	I	ṭāra - yaṭīru	voar	0537

ظ /zā’/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
ظفر	يَظْفَرُ	ظَفِرَ	I	zafira - yazfaru	ganhar	0538
ظلل	يَظِلُّ	ظَلَّ	I	zalla - yazillu	permanecer	0539
ظلم	يَظْلِمُ	ظَلَمَ	I	zalama - yazlimu	lesar, ser injusto com	0540
ظنن	يَظُنُّ	ظَنَّ	I	zanna - yazunnu	supor	0541
ظهر	يُظْهِرُ	ظَهَرَ	I	zahara - yazharu	ser/tornar-se visível	0542
	يُظْهِرُ	أَظْهَرَ	IV	‘azhara - yuzhiru	mostrar	0543
	يَتَظَاهَرُ	تَظَاهَرَ	VI	tazāhara - yatazāharu	fingir; demonstrar	0544

ع /‘ayn/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
عبث	يَعْبِثُ	عَبَثَ	I	‘abaṭa - ya‘biṭu	confundir	0545
	يَعْبِثُ	عَبِثَ	I	‘abiṭa - ya‘baṭu	brincar, divertir-se	0546
عبد	يَعْبُدُ	عَبَدَ	I	‘abada - ya‘budu	adorar (Deus)	0547
عبر	يَعْبُرُ	عَبَرَ	I	‘abara - ya‘buru	passar, atravessar; morrer	0548
	يَعْبُرُ	عَبَّرَ	II	‘abbara - yu‘abbiru	expressar, exprimir	0549
	يَعْتَبِرُ	إِعْتَبَرَ	VIII	i‘tabara - ya‘tabiru	considerar	0550
عثر	يَعْثُرُ	عَثَرَ	I	‘aṭara - ya‘ṭiru	tropeçar, dar passo em falso	0551
	يَعْثُرُ	عَثَرَ		‘aṭara - ya‘ṭuru		
عجب	يَعْجَبُ	عَجِبَ	I	‘ajiba - ya‘jabu	maravilhar-se; espantar-se	0552
	يُعْجِبُ	أَعْجَبَ	IV	‘a‘jaba - yu‘jibu	agradar a, deleitar (se); surpreender	0553
عجز	يَعْجِزُ	عَجَزَ	I	‘ajaza - ya‘jizu	ser incapaz, fraco	0554
عدد	يَعْدُ	عَدَّ	I	‘adda - ya‘uddu	contar	0555
	يُعَدُّ	عَدَّدَ	II	‘addada - yu‘addidu	contar; fazer o panegírico de	0556
	يُعِدُّ	أَعَدَّ	IV	‘a‘adda - yu‘iddu	preparar	0557
	يَتَعَدَّدُ	تَعَدَّدَ	V	ta‘addada - yata‘addadu	multiplicar	0558
	يَسْتَعِدُّ	إِسْتَعَدَّ	X	ista‘adda - yasta‘iddu	preparar-se	0559

عدل	يَعْدِلُ	عَدَلَ	I	‘adala - ya‘dilu	agir justamente; ser justo	0560
عدم	يُعْدِمُ	أَعْدَمَ	IV	‘a‘dama - yu‘dimu	dar a morte a, executar	0561
عدو	يَعْدُو	عَدَا	I	‘adā - ya‘dū	correr	0562
	يَتَعَدَّى	تَعَدَّى	V	ta‘addā - yata‘addā	invadir, adentrar	0563
	يَعْتَدِي	إِعْتَدَى	VIII	i‘tadā - ya‘tadī	invadir; maltratar	0564
عذر	يَتَعَذَّرُ	تَعَذَّرَ	V	ta‘aḏḏara - yata‘aḏḏaru	ser difícil, impossível, impraticável	0565
	يَعْتَذِرُ	إِعْتَذَرَ	VIII	i‘taḏara - ya‘taḏiru	desculpar (se)	0566
عرب	يُعْرِبُ	أَعْرَبَ	IV	‘a‘raba - ya‘ribu	exprimir, expressar	0567
عرض	يَعْرِضُ	عَرَضَ	I	‘araḏa - ya‘riḏu	apresentar, mostrar; oferecer; ocorrer	0568
	يُعارِضُ	عارِضَ	III	‘āraḏa - ya‘āriḏu	opôr-se a	0569
	يَتَعَارِضُ	تَعَارِضَ	VI	ta‘āraḏa - yata‘āraḏu	entrar em conflito (mutuamente)	0570
	يَعْتَرِضُ	إِعْتَرَضَ	VIII	i‘tarāḏa - ya‘tariḏu	opôr-se a , objetar, argumentar	0571
	يَسْتَعْرِضُ	إِسْتَعْرِضَ	X	ista‘raḏa - yasta‘riḏu	passar em revista (tropa, etc.)	0572
عرف	يَعْرِفُ	عَرَفَ	I	‘arafa - ya‘rifu	saber, conhecer, reconhecer	0573
	يَتَعَرَّفُ	تَعَرَّفَ	V	ta‘arrafa - yata‘arrafu	estar definido; estar familiarizado com	0574
	يَعْتَرِفُ	إِعْتَرَفَ	VIII	i‘tarafa - ya‘tarifu	confessar	0575
عري	يَعْتَرِي	إِعْتَرَى	VIII	i‘tarā - ya‘tarī	ocorrer a	0576
عزز	يَعِزُّ	عَزَّ	I	‘azza - ya‘izzu	ser forte; ser caro, prezado	0577
عزم	يَعْزِمُ	عَزَمَ	I	‘azama - ya‘zimu	decidir; convidar	0578
	يَعْتَزِمُ	إِعْتَزَمَ	VIII	i‘tazama - ya‘tazimu	decidir	0579
عطو	يُعْطِي	أَعْطَى	IV	‘a‘ṭā - ya‘ṭī	dar, doar	0580
عفو	يَعْفُو	عَفَا	I	‘afā - ya‘fū	ser apagado; perdoar	0581
عقد	يَعْقِدُ	عَقَدَ	I	‘aqada - ya‘qidu	amarrar; contratar; realizar (reuniões)	0582
	يَتَعَاقَدُ	تَعَاقَدَ	VI	ta‘āqada - yata‘āqadu	fazer um contrato mútuo	0583

عقد	يَنْعَقِدُ	اِنْعَقَدَ	VII	in [°] aqada - yan [°] aqidu	estar amarrado; estar contratado; concluir-se	0584
	يَعْتَقِدُ	اِعْتَقَدَ	VIII	i [°] taqada - ya [°] taqidu	crer, acreditar em	0585
عقل	يَعْقِلُ	عَقَلَ	I	[°] aqala - ya [°] qilu	confinar, deter	0586
	يَعْتَقِلُ	اِعْتَقَلَ	VIII	i [°] taqala - ya [°] taqilu	aprisionar, prender	0587
علل	يَتَعَلَّلُ	تَعَلَّلَ	V	ta [°] allala - yata [°] allalu	dar razões; desculpar-se	0588
علاج	يُعَالِجُ	عَالَجَ	III	[°] ālaja - yu [°] āliju	tratar, cuidar (pacientes)	0589
علق	يُعَلِّقُ	عَلَّقَ	II	[°] allaqa - yu [°] alliqu	agregar, adicionar a; comentar	0590
	يَتَعَلَّقُ	تَعَلَّقَ	V	ta [°] allaqa - yata [°] allaqu	estar agregado, adicionado a	0591
علم	يَعْلَمُ	عَلِمَ	I	[°] alima - ya [°] limu	saber, conhecer	0592
	يُعَلِّمُ	عَلَّمَ	II	[°] allama - yu [°] allimu	ensinar	0593
	يُعْلَمُ	أَعْلَمَ	IV	a [°] lama - yu [°] limu	informar	0594
	يَتَعْلَمُ	تَعْلَمَ	V	ta [°] allama - yata [°] allimu	aprender	0595
علن	يُعلنُ	أعلنَ	IV	a [°] lana - yu [°] linu	proclamar	0596
علو	يَعْلُو	عَلَا	I	[°] alā - ya [°] lū	ser/estar elevado, exaltado; ascender	0597
	يُعلِّي	أَعْلَى	IV	a [°] lā - yu [°] lī	levantar	0598
	يَتَعَالَى	تَعَالَى	VI	ta [°] ālā - yata [°] ālā	ser elevado, exaltado	0599
عم	يَعْمُ	عَمَّ	I	[°] amma - ya [°] ummu	ser comum, predominante	0600
عمد	يَعْمِدُ	عَمَدَ	I	[°] amada - ya [°] midu	tencionar, ter a intenção de	0601
	يَتَعَمَّدُ	تَعَمَّدَ	V	ta [°] ammada - yata [°] ammadu	fazer algo propositadamente	0602
	يَعْتَمِدُ	اِعْتَمَدَ	VIII	i [°] tamada - ya [°] tamidu	contar com	0603
عمل	يَعْمَلُ	عَمِلَ	I	[°] amila - ya [°] malu	fazer; trabalhar, lidar	0604
	يُعَامِلُ	عَامَلَ	III	[°] āmala - yu [°] āmilu	negociar, lidar com	0605
	يَسْتَعْمِلُ	اِسْتَعْمَلَ	X	ista [°] mala - yasta [°] milu	usar, empregar	0606
عنى	يَعْنِي	عَنِ	I	[°] anā - ya [°] nī	tencionar; propor, projetar	0607
	يُعَانِي	عَانَى	III	[°] ānā - yu [°] ānī	sofrer, suportar, passar por (dificuldades)	0608

عهد	يَعْهَدُ	عَهَدَ	I	‘ahida - ya‘hadu	encarregar-se de, cuidar de; cumprir (promessas)	0609
	يَتَعَهَّدُ	تَعَهَّدَ	V	ta‘ahhada - yata‘ahhadu	encarregar-se de	0610
عود	يَعُودُ	عَادَ	I	‘āda - ya‘ūdu	regressar, retornar	0611
	يُعَاوِدُ	عَاوَدَ	III	‘āwada - yu‘āwīdu	regressar a, retornar a (repetidamente)	0612
	يُعِيدُ	أَعَادَ	IV	‘a‘āda - yu‘īdu	devolver (algo) a; repetir	0613
	يَتَعَوَّدُ	تَعَوَّدَ	V	ta‘awwada - yata‘awwadu	habituar-se a	0614
	يَعْتَادُ	إِعْتَادَ	VIII	i‘tāda - ya‘tādu	acostumar-se, habituar-se	0615
عوض	يُعَوِّضُ	عَوَّضَ	II	‘awwaḍ a - yu‘awwiḍ u	compensar	0616
عوق	يَعُوقُ	عَاقَ	I	‘āqa - ya‘ūqu	impedir, atrapalhar, retardar	0617
عون	يُعِينُ	أَعَانَ	IV	‘a‘āna - yu‘īnu	ajudar a	0618
	يَتَعَاوَنُ	تَعَاوَنَ	VI	ta‘āwana - yata‘āwana	ajudar mutuamente; cooperar	0619
	يَسْتَعِينُ	إِسْتَعَانَ	X	ista‘āna - yasta‘īnu	pedir por ajuda	0620
عيش	يَعِيشُ	عَاشَ	I	‘āša - ya‘īšu	viver	0621
عين	يُعَيِّنُ	عَيَّنَ	II	‘ayyana - yu‘ayyīnu	nomear, designar	0622
	يَتَعَيَّنُ	تَعَيَّنَ	V	ta‘ayyana - yata‘ayyanu	ser nomeado, designado	0623

غ /ğayn/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
غبط	يَغْتَبِطُ	إِغْتَبَطَ	VIII	iğtabaṭa - yağtabiṭu	ser/estar alegre, feliz, contente	0624
غدر	يُغَادِرُ	غَادَرَ	III	ğādara - yuğādiru	sair, partir, ir embora	0625
غدو	يَغْدُو	غَدَا	I	ğadā - yağdū	partir cedo (pela manhã)	0626
غرب	يَغْرُبُ	غَرَبَ	I	ğaraba - yağrubu	declinar; pôr (sol)	0627
	يَسْتَغْرِبُ	إِسْتَغْرَبَ	X	istağraba - yastağribu	achar estranho, esquisito; espantar-se; admirar-se	0628

غرق	يَسْتَغْرِقُ	إِسْتَغْرَقَ	X	istağraqa - yastağriqu	absorver; continuar	0629
غرو	يُغْرِي	أَغْرَى	IV	‘ağrā - yuğrī	atrair, seduzir	0630
غسل	يَغْسِلُ	غَسَلَ	I	ğasala - yağsilu	lavar	0631
غطو	يُغَطِّي	غَطَّى	II	ğatṭā - yuğatṭī	cobrir, tampar	0632
غفر	يَغْفِرُ	غَفَرَ	I	ğafara - yağfiru	perdoar	0633
غفل	يَعْفُلُ	عَفَلَ	I	‘afala - ya‘fulu	negligenciar	0634
غلل	يَسْتَعْلِلُ	إِسْتَعْلَلَ	X	istağalla - yastağillu	explorar	0635
غلب	يَغْلِبُ	غَلَبَ	I	ğalaba - yağlibu	superar, conquistar; estar em maioria	0636
	يَتَغَلَّبُ	تَغَلَّبَ	V	tağallaba - yatağallabu	conquistar, dominar	0637
غلق	يُغْلِقُ	أَغْلَقَ	IV	‘ağlaqa - yuğliqu	fechar, trancar	0638
غمر	يَغْمُرُ	غَمَرَ	I	ğamara - yağmuru	inundar, transbordar	0639
غمض	يَغْمِضُ يَغْمِضُ	غَمَضَ	I	ğamaḍa - yağmiḍu ğamaḍa - yağmuḍu	ser/estar obscuro	0640
	يُغْمِضُ	أَغْمَضَ	IV	‘ağmaḍa - yuğmiḍu	fechar os olhos; falar obscuramente	0641
غنم	يَغْتَنِمُ	إِغْتَنَمَ	VIII	iğtanama - yağtanimu	pilhar, saquear; aproveitar-se de	0642
غنى	يُغْنِي	غَنَى	II	ğannā - yuğannī	cantar	0643
غيب	يَغِيبُ	غَابَ	I	ğāba - yağību	estar ausente; estar escondido; desaparecer; pôr-se (sol)	0644
غير	يُغَيِّرُ	غَيَّرَ	II	ğayyara - yuğayyiru	alterar, mudar	0645
	يَتَغَيَّرُ	تَغَيَّرَ	V	tağayyara - yatağayyaru	mudar, ser alterado	0646

ف /fā’/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
فتح	يَفْتَحُ	فَتَحَ	I	fataḥa - yaftaḥu	abrir; conquistar	0647
	يَفْتَتِحُ	إِفْتَتَحَ	VII	iftataḥa - yaftatiḥu	abrir, começar; conquistar	0648
فتر	يَفْتُرُ	فَتَرَ	I	fataṛa - yafturu	acalmar-se, aquietar-se; definir-se	0649
فتش	يُفْتَشُ	فَتَشَ	II	fattaša - yufattišu	buscar; vistoriar	0650
فتن	يَفْتِنُ	فَتَنَ	I	fatana - yaftinu	atrair; apaixonar	0651

فَجَأَ	يُفَاجِئُ	فَاجَأَ	III	fāja'a - yufāji'u	surpreender	0652
فَجَر	يَنْفَجِرُ	إِنْفَجَرَ	VII	infajara - yanfajiru	explodir; romper	0653
فَحَص	يَفْحَصُ	فَحَصَ	I	faḥaṣa - yafḥaṣu	examinar	0654
فَخَر	يَفْخَرُ	فَخَرَ	I	faḥara - yafḥaru	jactar-se, gabar	0655
فَرَج	يَنْفَرِجُ	إِنْفَرَجَ	VII	infaraja - yanfariju	estar aliviado	0656
فَرَح	يَفْرَحُ	فَرَحَ	I	fariḥa - yafraḥu	ser/estar contente, feliz	0657
فَرَد	يُفْرِدُ	أَفْرَدَ	IV	'afrada – yufridu	separar	0658
	يَنْفَرِدُ	إِنْفَرَدَ	VII	infarada - yanfaridu	estar sozinho, agir sozinho	0659
فَرَض	يَفْرِضُ	فَرَضَ	I	faraḍa - yafriḍu	presumir, conjecturar; designar	0660
فَرِغ	يَفْرِغُ	فَرِغَ	I	faraḡa - yafriḡu	ser/estar vazio	0661
	يُفْرِغُ	أَفْرِغَ	IV	'afraḡa - yufriḡu	ser/estar vazio	0662
فَرَق	يُفَرِّقُ	فَرَّقَ	II	farraqa – yufarriqu	dividir; diferenciar; distribuir	0663
	يُفَارِقُ	فَارَقَ	III	fāraqa - yufāriqu	partir, ir embora	0664
	يَتَفَرَّقُ	تَفَرَّقَ	V	tafarraqa – yatafarraqu	estar dividido, espalhado	0665
فَزِع	يَفْزَعُ	فَزِعَ	I	fazi'a - yafza'u	estar com medo	0666
فَسَد	يُفْسِدُ	أَفْسَدَ	IV	'afsada - yufsidu	corromper	0667
فَسَّر	يُفَسِّرُ	فَسَّرَ	II	fassara – yufassiru	explicar, comentar	0668
فَشَل	يَفْشَلُ	فَشَلَ	I	fašila – yafšalu	falhar, ser reprovado	0669
فَشَو	يَفْشُو	فَشَا	I	fašā - yafšū	disseminar, ser divulgado	0670
فَصَل	يَفْصِلُ	فَصَلَ	I	faṣala - yafṣilu	separar; decidir; dispensar	0671
فَضَض	يَنْفَضُّ	إِنْفَضَّ	VII	infaḍḍa - yanfaḍḍu	estar aberto, quebrado; estar concluído	0672
فَضَل	يُفَضِّلُ	فَضَّلَ	II	faḍḍala - yufaḍḍilu	preferir	0673
	يَتَفَضَّلُ	تَفَضَّلَ	V	tafaḍḍala - yatafaḍḍalu	favorecer; dignar-se a	0674
فَضَو	يَفْضِي	أَفْضَى	IV	'afḍā- yufḍī	conduzir a; revelar, declarar	0675
فَطَن	يَفْطِنُ	فَطَنَ	I	faṭuna - yaftīnu	compreender, entender, dar-se conta de	0676
	يَفْطِنُ	فَطِنَ	I	faṭīna - yaftānu	fazer, efetuar; agir	0677
فَعَل	يَفْعَلُ	فَعَلَ	I	fa'ala - yaf'alu	fazer, efetuar; agir	0677
	يَنْفَعِلُ	إِنْفَعَلَ	VII	infa'ala - yanfa'ilu	estar feito	0678

فقد	يَفْقِدُ	فَقَدَ	I	faqada - yafqidu	perder	0679
	يَتَفَقَّدُ	تَفَقَّدَ	V	tafaqqada - yatafaqqadu	visitar; buscar	0680
فقم	يَتَفَاقِمُ	تَفَاقَمَ	VI	tafaqama - yatafaqamu	tornar-se séria (situação)	0681
فكر	يُفَكِّرُ	فَكَرَ	II	fakkara – yufakkiru	pensar, ponderar	0682
فلح	يُفْلِحُ	أَفْلَحَ	IV	‘aflaha - yuflihu	suceder em	0683
فهم	يَفْهَمُ	فَهِمَ	I	fahima - yafhamu	entender	0684
فوت	يَفُوتُ	فَاتَ	I	fāta - yafūtu	passar	0685
فوز	يَفُوزُ	فَازَ	I	fāza - yafūzu	ganhar	0686
فوض	يُفَوِّضُ	فَوَّضَ	II	fawwaḍa - yufawwiḍu	habilitar, capacitar	0687
	يَتَفَاوَضُ	تَفَاوَضَ	VI	tafawaḍa - yatafawaḍu	negociar mutuamente	0688
فوق	يَفُوقُ	فَاقَ	I	fāqa - yafūqu	ultrapassar, superar	0689
	يُتَفَوَّقُ	تَفَوَّقَ	V	tafawwaqa - yatafawwaqu	ultrapassar, superar	0690
فيد	يُفِيدُ	أَفَادَ	IV	‘afāda - yufīdu	favorecer a (alguém)	0691
	يَسْتَفِيدُ	إِسْتَفَادَ	X	istaḥāda - yastaḥīdu	beneficiar, favorecer; coletar dados, informações	0692

ق/qāf/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	N°
قبس	يَقْتَبِسُ	إِقْتَبَسَ	VIII	iqtabasa – yaqtabisu	copiar; citar	0693
قبض	يَقْبِضُ	قَبَضَ	I	qabaḍa - yaqbiḍu	agarrar; pegar, tomar	0694
قبل	يَقْبِلُ	قَبِلَ	I	qabila – yaqbalu	receber; aceitar	0695
	يُقْبِلُ	قَبَّلَ	II	qabbala – yuqabbilu	beijar	0696
	يُقَابِلُ	قَابَلَ	III	qābala - yuqābilu	encontrar; estar em posição oposta, igual ou paralela a	0697
	يُقْبِلُ	أَقْبَلَ	IV	‘aqbala - yuqbilu	chegar a, aproximar-se	0698
	يَسْتَقْبِلُ	إِسْتَقْبَلَ	X	istaqbala – yastaqbilu	encontrar; confrontar, enfrentar	0699
قتل	يَقْتُلُ	قَتَلَ	I	qatala – yaqtulu	matar	0700
قحم	يَقْتَحِمُ	إِقْتَحَمَ	VIII	iqtaḥama - yaqtaḥimu	invadir, penetrar	0701

قدر	يَقْدِرُ	قَدَرَ	I	qadara – yaqdiru	ser capaz; conquistar	0702
	يُقَدِّرُ	قَدَّرَ	II	qaddara – yuqaddiru	estimar, avaliar; decretar; lotear	0703
قدس	يُقَدِّسُ	قَدَّسَ	II	qaddasa – yuqaddisu	santificar, consagrar	0704
قدم	يَقْدُمُ	قَدِمَ	I	qadima – yaqdamu	vir, chegar	0705
	يُقَدِّمُ	قَدَّمَ	II	qaddama - yuqaddimu	oferecer, apresentar; promover; preferir	0706
	يُقَدِّمُ	أَقْدَمَ	IV	‘aqdama – yuqdimu	empreender	0707
	يَتَقَدَّمُ	تَقَدَّمَ	V	taqaddama - yataqaddamu	avançar; preceder; apresentar	0708
	يَسْتَقْدِمُ	إِسْتَقْدَمَ	X	istaqdamu - yastaqdimu	efetuar, realizar; convidar	0709
قذف	يَقْذِفُ	قَذَفَ	I	qadafa - yaqdifu	lançar, atirar, bombardear	0710
قرر	يَقْرُ	قَرَّ	I	qarra - yaqarru	instalar (se); reconhecer	0711
	يُقَرِّرُ	قَرَّرَ	II	qarrara – yuqarriru	decidir; confirmar	0712
	يُقِرُّ	أَقَرَّ	IV	‘aqarra - yuqirru	confirmar; confessar, admitir	0713
	يَتَقَرَّرُ	تَقَرَّرَ	V	taqarrara - yataqarraru	ser decidido, confirmado	0714
	يَسْتَقِرُّ	إِسْتَقَرَّ	X	istaqarra – yastaqirru	estabelecer, estar estabelecido	0715
قرأ	يَقْرَأُ	قَرَأَ	I	qara’a - yaqra’u	ler, recitar	0716
قرب	يَقْرُبُ	قَرَّبَ	I	qaruba - yaqrubu	estar próximo de, aproximar-se	0717
	يَقْتَرِبُ	إِقْتَرَبَ	VIII	iqtaraba – yaqtaribu	aproximar-se	0718
قرح	يَقْتَرِحُ	إِقْتَرَحَ	VIII	iqtaraḥa - yaqtariḥu	sugerir; improvisar	0719
قرن	يُقَارِنُ	قَارَنَ	III	qārana - yuqārinu	comparar; fazer associações entre	0720
	يَقْتَرِنُ	إِقْتَرَنَ	VIII	iqtarana – yaqtarinu	ser/estar unidos; casar-se	0721
قسم	يَقْسِمُ	قَسَمَ	I	qasama – yaqsimu	dividir, repartir	0722
	يُقَسِّمُ	قَسَّمَ	II	qassama - yuqassimu	dividir; conjurar, exorcizar	0723
	يُقَسِّمُ	أَقْسَمَ	IV	‘aqsama – yuqsimu	jurar; prestar juramento	0724
	يَنْقَسِمُ	إِنْقَسَمَ	VII	inqasama - yanqasimu	ser dividido	0725
قصص	يَقْصُ	قَصَّ	I	qaṣṣa - yaquṣṣu	cortar, aparar, tosquiar; narrar	0726

قصد	يَقْصِدُ	قَصَدَ	I	qaşada - yaqşidu	tencionar, projetar	0727
قصر	يَقْصُرُ	قَصَرَ	I	qaşara - yaqşuru	não alcançar; restringir	0728
	يَقْتَصِرُ	إِقْتَصَرَ	VIII	iqtaşara - yaqtaşiru	abreviar; estar contente com; limitar-se a	0729
قضى	يَقْضِي	قَضَى	I	qaḍā – yaqḍī	sentenciar; finalizar; matar; morrer	0730
	يَنْقُضِي	إِنْقَضَى	VII	inqaḍā – yanqaḍī	acabar-se	0731
	يَقْتَضِي	إِقْتَضَى	VIII	iqtaḍā - yaqtaḍī	requerer	0732
قطع	يَقْطَعُ	قَطَعَ	I	qaṭaʿa - yaqṭaʿu	cortar; atravessar; parar; decidir	0733
	يُقَاطِعُ	قَاطَعَ	III	qāṭaʿa - yuqāṭīʿu	interromper; boicotar	0734
	يَنْقُطِعُ	إِنْقُطِعَ	VII	inqaṭaʿa - yanqaṭīʿu	ser interrompido	0735
قطن	يَقْطُنُ	قَطَنَ	I	qaṭana - yaqṭunu	habitar	0736
قعد	يَقْعُدُ	قَعَدَ	I	qaʿada - yaqʿudu	sentar-se; permanecer	0737
قفز	يَقْفِزُ	قَفَزَ	I	qafaza - yaqfizu	pular, saltar	0738
قلل	يَقِلُّ	قَلَّ	I	qalla - yaqillu	ser pouco, insignificante	0739
	يَسْتَقِلُّ	إِسْتَقَلَّ	X	istaqalla - yastaqillu	ser independente	0740
قلب	يَتَقَلَّبُ	تَقَلَّبَ	V	taqallaba - yataqallabu	ser mudado, invertido	0741
	يَنْقَلِبُ	إِنْقَلَبَ	VII	inqalaba - yanqalibu	ser mudado, invertido	0742
قلد	يُقَلِّدُ	قَلَّدَ	II	qallada - yuqallidu	nomear; cingir (se) com uma espada	0743
قلق	يَقْلُقُ	قَلِقَ	I	qaliqa - yaqlaqu	estar preocupado	0744
قنع	يَقْنَعُ	قَنِعَ	I	qaniʿa - yaqnaʿu	ser persuadido; estar contente com	0745
	يُقْنِعُ	أَقْنَعَ	IV	ʿaqnaʿa - yuqniʿu	persuadir; satisfazer	0746
	يَقْتَنِعُ	إِقْتَنَعَ	VIII	iqтанаʿa - yaqtaniʿu	ser persuadido; estar contente com	0747
قهر	يَقْهَرُ	قَهَرَ	I	qahara - yaqharu	dominar, sujeitar; compelir	0748
قود	يَقُودُ	قَادَ	I	qāda - yaqūdu	liderar, conduzir, guiar	0749
قول	يَقُولُ	قَالَ	I	qāla - yaqūlu	falar, dizer; pensar, supor	0750

قوم	يَقُومُ	قَامَ	I	qāma - yaqūmu	levantar (se), erguer (se)	0751
	يُقَاوِمُ	قَاوَمَ	III	qāwwama - yuqāwimu	resistir	0752
	يُقِيمُ	أَقَامَ	IV	‘aqāma - yuqīmu	levantar; residir; prolongar (se);	0753
	يَسْقِمُ	إِسْتَقَامَ	X	istaqāma - yastaqīmu	ser íntegro; estar retilíneo, ereto	0754
قوى	يَقْوَى	قَوِيَ	I	qawiya - yaqwā	ser forte; fortalecer-se	0755
	يُقَوِّي	قَوَّى	II	qawwā - yuqawwī	reforçar, fortalecer	0756
قيد	يُقَيِّدُ	قَيَّدَ	II	qayyada - yuqayyidu	atar, unir; confinar, limitar; registrar	0757
قيس	يَقِيسُ	قَاسَ	I	qāsa - yaqīsu	medir; comparar	0758

ك /kāf/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
كتب	يَكْتُبُ	كَتَبَ	I	kataba - yaktubu	escrever, dar ordens (escritas), prescrever	0759
كتم	يَكْتُمُ	كَتَمَ	I	katama - yaktumu	esconder; restringir-se, controlar-se	0760
كثر	يَكْثُرُ	كَثَرَ	I	kaṭura - yakṭuru	aumentar em número, exceder em número	0761
كذب	يَكْذِبُ	كَذَّبَ	II	kaḏḏaba – yukaḏḏibu	acusar (alguém) de mentir	0762
كرر	يُكَرِّرُ	كَرَّرَ	II	karrara - yukarriru	repetir; refinar, destilar	0763
	يَتَكَرَّرُ	تَكَرَّرَ	V	takarrara - yatakarraru	ser repetido; ser refinado, destilado	0764
كره	يَكْرَهُ	كَرِهَ	I	kariha - yakrahu	não gostar de, detestar	0765
كسب	يَكْسِبُ	كَسَبَ	I	kasaba - yaksibu	ganhar, obter, alcançar	0766
	يَكْتَسِبُ	اِكْتَسَبَ	VIII	iktasaba - yaktasibu	ganhar, obter, alcançar	0767
كشف	يَكْشِفُ	كَشَفَ	I	kašafa - yakšifu	descobrir, revelar; supervisionar	0768
	يَكْتَشِفُ	اِكْتَشَفَ	VIII	iktašafa - yaktašifu	descobrir	0769
كفف	يَكْفُ	كَفَّ	I	kaffa - yakuffu	parar (alguém); privar-se de	0770

كفر	يَكْفُرُ	كَفَرَ	I	kafara - yakfuru	repudiar Allah; apostatar	0771
كفل	يَكْفُلُ	كَفَلَ	I	kafala - yakfulu	ser responsável	0772
كفى	يَكْفِي	كَفَى	I	kafā - yakfī	ser suficiente; satisfazer, bastar	0773
	يَكْتَفِي	اِكْتَفَى	VIII	iktafā - yaktafī	estar contente, satisfeito com	0774
كلف	يُكَلِّفُ	كَالَّفَ	II	kallafa - yukallifu	encarregar (com uma tarefa); custar	0775
	يَتَكَلَّفُ	تَكَالَّفَ	V	takallafa - yatakallafu	fingir; assumir a responsabilidade	0776
كلم	يُكَلِّمُ	كَالَّمَ	II	kallama - yukallimu	falar com, dirigir- se a (oralmente)	0777
	يَتَكَلَّمُ	تَكَالَّمَ	V	takallama - yatakallamu	falar com, discutir	0778
كمل	يُكْمِلُ	كَمَلَ	I	kamala - yakmulu	estar concluído, terminado; estar perfeito	0779
		كَمُلَ	I	kamula - yakmulu		
	يُكْمِلُ	كَمَّلَ	II	kamala - yukammilu	terminar, concluir; aperfeiçoar	0780
	يُكْمِلُ	أَكْمَلَ	IV	‘akmala - yukmilu	estar terminado, perfeito	0781
كون	يَكُونُ	كَانَ	I	kāna - yakūnu	ser, estar, existir, pertencer a	0782
	يُكَوِّنُ	كَوَّنَ	II	kawwana - yukawwinu	criar, fundar, originar	0783
	يَتَكَوَّنُ	تَكَوَّنَ	V	takawwana - yatakawwinu	ser criado, originado	0784

ل /lām/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
لأَم	يُلَآئِمُ	لَآءَمَ	III	lā’ama - yulā’imu	convir a, assentar a; reconciliar; harmonizar com	0785
لَبِث	يَلْبِثُ	لَبِثَ	I	labīṭa - yalbaṭu	permanecer; demorar	0786
لَبِسَ	يَلْبَسُ	لَبَسَ	I	labisa - yalbasu	vestir-se	0787
لَجَأَ	يَلْجَأُ	لَجَأَ	I	laja’a - yalja’u	refugiar-se em	0788
لَحَّ	يُلِحُّ	أَلَحَّ	IV	‘alahḥa - yuliḥḥu	insistir, persistir	0789
لَحَظَ	يُلَاحِظُ	لَا حَظَّ	III	lāḥaḍa - yulāḥiḍu	notar, observar; fazer observações, supervisar	0790

لحق	يَلْحَقُ	لَحِقَ	I	laḥiqa - yalḥaqu	seguir; alcançar, emparelhar-se; advir a (alguém)	0791
لخص	يُلَخِّصُ	لَخَّصَ	II	laḥḥaṣa - yulaḥḥiṣu	resumir, sumariar	0792
لزم	يَلْزِمُ	لَزِمَ	I	lazima - yalzamu	aderir a, apegar-se a; permanecer	0793
	يُلَازِمُ	لَازَمَ	III	lāzama - yulāzimu	apegar-se a, continuar	0794
	يَلْتَزِمُ	إِلْتَزَمَ	VIII	iltazama - yaltazimu	ter que ...; assumir a responsabilidade; monopolizar	0795
لعب	يَلْعَبُ	لَعِبَ	I	laʿiba - yalʿabu	jogar (jogos); tocar (instrumentos musicais); representar (artes cênicas)	0796
لغو	يُلْغِي	أَلْغَى	IV	ʿalḡa - yulḡī	cancelar, revogar	0797
لفت	يَلْفِتُ	لَفَتَ	I	lafata - yalfitu	virar, dar voltas	0798
	يُلْفِتُ	أَلْفَتَ	IV	ʿalfata - yulfitu	virar, dar voltas	0799
	يَتَلَفَّتُ	تَلَفَّتَ	V	talaffata - yatalaffatu	voltar-se para	0800
	يَلْتَفِتُ	إِلْتَفَتَ	VIII	iltafata - yaltafitu	voltar-se para; prestar atenção a	0801
لفو	يُلْفِي	أَلْفَى	IV	ʿalfā - yulfī	encontrar	0802
لقى	يَلْقَى	لَقِيَ	I	laqiya - yalqā	achar, encontrar	0803
	يُلَاقِي	لَاقَى	III	lāqā - yulāqī	encontrar	0804
	يُلْقِي	أَلْقَى	IV	ʿalqā - yulqī	lançar, arremessar	0805
	يَتَلَقَّى	تَلَقَّى	V	talaqqā - yatalaqqā	receber; encontrar	0806
	يَلْتَقِي	إِلْتَقَى	VIII	iltaqā - yaltaqī	encontrar	0807
لمم	يُلِمُّ	أَلَمَّ	IV	ʿalamma - yulimmu	saber bem	0808
لمس	يَلْمِسُ	لَمَسَ	I	lamasa - yalmisu	tocar em, sentir	0809
	يَلْمُسُ	لَمَسَ		lamasa - yalmusu		
	يَلْتَمِسُ	إِلْتَمَسَ	VIII	iltamasa - yaltamisu	requerer, pedir	0810
لهو	يَلْهُو	لَهَا	I	lahā - yalhū	divertir-se; desviar a atenção de	0811
لوح	يُلُوحُ	لَاحَ	I	lāḥa - yalūḥu	aparecer	0812
لوم	يُلُومُ	لَامَ	I	lāma - yalūmu	culpar a	0813
ليق	يَلِيقُ	لَاقَ	I	lāqa - yalīqu	combinar, harmonizar	0814

م /mīm/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
متع	يَتَمَتَّعُ	تَمَتَّعَ	V	tamatta ^a - yatamatta ^u	desfrutar, divertir-se	0815
مثل	يُمَثِّلُ	مَثَّلَ	II	mattala - yumattilu	representar; representar (no palco)	0816
	يَتَمَثَّلُ	تَمَثَّلَ	V	tamattala - yatamattalu	imaginar; trazer como exemplo	0817
مدد	يَمُدُّ	مَدَّ	I	madda - yamuddu	estender; ajudar	0818
	يَمْتَدُّ	إِمْتَدَّ	VIII	imtadda - yamtaddu	ser/estar estendido	0819
	يَسْتَمِدُّ	إِسْتَمَدَّ	X	istamadda - yastamiddu	receber de	0820
مدى	يَتَمَادِي	تَمَادَى	VI	tamādā - yatamādā	perseverar	0821
مرر	يَمُرُّ	مَرَّ	I	marra - yamurru	passar	0822
	يَسْتَمِرُّ	إِسْتَمَرَ	X	istamarra - yastamirru	continuar	0823
مزق	يُمَزِّقُ	مَزَّقَ	II	mazzaqa - yumazziqu	rasgar	0824
مسس	يَمِسُّ	مَسَّ	I	massa - yamissu	tocar em, apalpar, sentir	0825
مسح	يَمْسَحُ	مَسَحَ	I	masaḥa - yamsaḥu	remover, apagar	0826
مسك	يُمْسِكُ	أَمْسَكَ	IV	‘amsaka - yumsiku	segurar; privar-se de	0827
	يَتَمَسَّكُ	تَمَسَّكَ	V	tamassaka - yatamassaku	apegar-se a	0828
مسو	يُمْسِي	أَمْسَى	IV	‘amsā - yumsī	chegar (noite); tornar-se	0829
مشى	يَمْشِي	مَشَى	I	mašā - yamšī	caminhar; ir em frente	0830
مضى	يَمْضِي	مَضَى	I	maḍ ā - yamḍ ī	passar, expirar	0831
مكن	يُمْكِنُ	مَكَنَ	II	makkana - yumakkinu	capacitar; fortalecer, consolidar	0832
	يُمْكِنُ	أُمْكِنَ	IV	‘amkana - yumkinu	habilitar, capacitar	0833
	يَتِمَكَّنُ	تَمَكَّنَ	V	tamakkana - yatamakkanu	ser capaz; ser perito em, dominar	0834
ملل	يَمَلُّ	مَلَّ	I	malla - yamallu	estar enfadado, entediado	0835
ملأ	يَمْلَأُ	مَلَأَ	I	mala ^a - yamla ^u	encher	0836
	يَمْتَلِئُ	إِمْتَلَأَ	VIII	imtala ^a - yamtali ^u	estar cheio	0837
ملك	يَمْلِكُ	مَلَكَ	I	malaka - yamliku	possuir	0838

ملو	يُمْلِي	أَمْلَى	IV	‘amlā - yumlī	ditar	0839
منح	يَمْنَحُ	مَنَحَ	I	manaḥa - yamnaḥu	dar, conceder	0840
منع	يَمْنَعُ	مَنَعَ	I	mana‘a - yamna‘u	prevenir; recusar, privar	0841
منى	يَتَمَنَّى	تَمَنَّى	V	tamannā - yatamannā	expressar esperança	0842
مهد	يُمَهِّدُ	مَهَّدَ	II	mahada - yumahhidu	nivelar, aplanar, alisar	0843
موت	يَمُوتُ	مَاتَ	I	māta - yamūtu	morrer, falecer	0844
ميز	يُمَيِّزُ	مَيَّزَ	II	mayyaza - yumayyizu	distinguir, diferenciar; preferir	0845
	يَتَمَيِّزُ	تَمَيَّزَ	V	tamayyaza - yatamayyazu	distinguir-se, destacar-se	0846
	يَمْتَازُ	إِمْتَازَ	VIII	imtāza - yamtāzu	ser diferente de, distinguir-se	0847
ميل	يَمِيلُ	مَالَ	I	māla - yamīlu	inclinar-se a; tender a	0848

ن /nūn/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
نبت	يَنْبُتُ	نَبَتَ	I	nabata - yanbutu	brotar	0849
نبه	يُنَبِّهُ	نَبَّهَ	II	nabbaha - yunabbihu	despertar; chamar atenção a	0850
	يَنْتَبِهُ	إِنْتَبَهَ	VIII	intabaha - yantabihu	despertar; notar	0851
نتج	يَنْتِجُ	نَتَجَ	I	nataja - yantiju	resultar em	0852
	يُنْتِجُ	أَنْتَجَ	IV	‘antaja - yuntiju	produzir	0853
	يَسْتَنْتِجُ	إِسْتَنْتَجَ	X	istantaja - yastantiju	deduzir	0854
نثر	يَنْثُرُ	نَثَرَ	I	naṭara - yanṭuru	salpicar, polvilhar; disseminar	0855
نجح	يَنْجَحُ	نَجَحَ	I	najaḥa - yanjaḥu	ser bem sucedido em	0856
نجز	يُنْجِزُ	أَنْجَزَ	IV	‘anjaza - yunjizu	completar, terminar; realizar, concluir	0857
نجو	يَنْجُو	نَجَا	I	najā - yanjū	escapar	0858
	يُنَاجِي	نَاجَى	III	nājā - yunājī	confiar, ter confiança em	0859
نحل	يَنْتَحِلُ	إِنْتَحَلَ	VIII	intaḥala - yantaḥilu	plagiar	0860
نخب	يَنْتَخِبُ	إِنْتَخَبَ	VIII	intaḥaba - yantaḥibu	eleger, votar	0861
ندد	يَنْدَدُ	نَدَّدَ	II	naddada - yunaddidu	criticar, difamar	0862

ندب	يَنْتَدِبُ	إِنْتَدَبَ	VIII	intadaba - yantadibu	delegar	0863
ندو	يُنَادِي	نَادَى	III	nādā - yunādī	chamar, convidar	0864
نذر	يُنْذِرُ	أَنْذَرَ	IV	‘andara - yunḏiru	avisar, prevenir	0865
نزع	يَنْزِعُ	نَزَعَ	I	naza ^c a - yanzi ^c u	remover, arrancar; apontar, mirar	0866
	يَنْتَزِعُ	إِنْتَزَعَ	VIII	intaza ^c a - yantazi ^c u	remover (forçosamente)	0867
نزل	يَنْزِلُ	نَزَلَ	I	nazala - yanzilu	descer; cair; pousar; atacar	0868
	يُنْزِلُ	أَنْزَلَ	IV	‘anzala - yunzilu	baixar, reduzir; derrubar	0869
نسب	يَنْسِبُ	نَسَبَ	I	nasaba - yansibu	atribuir a	0870
	يَنْسُبُ			nasaba - yansubu		
	يُنَاسِبُ	نَاسَبَ	III	nāsaba yunāsibu	assentar em, combinar; ser aparentado a	0871
	يَتَنَاسَبُ	تَنَاسَبَ	VI	tanāsaba - yatanāsabu	ser aparentado a; ser proporcional a	0872
نسف	يَنْسِفُ	نَسَفَ	I	nasafa - yansifu	explodir, demolir	0873
نسي	يَنْسِي	نَسِيَ	I	nasiya - yansā	esquecer	0874
	يَتَنَاسَى	تَنَاسَى	VI	tanāsā - yatanāsā	fingir esquecimento	0875
نشأ	يَنْشَأُ	نَشَأَ	I	naša’a - yanša’u	ser criado; crescer	0876
	يُنْشِئُ	أَنْشَأَ	IV	‘anša’a - yunši’u	fundar; escrever	0877
نشد	يَنْشُدُ	نَشَدَ	I	našada - yanšudu	buscar, procurar	0878
	يُنْشِدُ	أَنْشَدَ	IV	‘anšada - yunšidu	recitar (para alguém); buscar, procurar	0879
نشر	يَنْشُرُ	نَشَرَ	I	našara - yanšuru	disseminar, espalhar, publicar	0880
	يَنْتَشِرُ	إِنْتَشَرَ	VIII	intašara - yantaširu	ser disseminado, publicado	0881
نشط	يَنْشُطُ	نَشِطَ	I	našiṭa - yanšaṭu	ser ativo, animado, energético	0882
نصص	يَنْصِصُ	نَصَّ	I	našša - yaniššu	declarar; definir	0883
نصب	يَنْصِبُ	نَصَبَ	I	našaba - yanšibu	erigir, montar, erguer	0884
نصح	يَنْصَحُ	نَصَحَ	I	našaḥa - yanšaḥu	aconselhar	0885
نصر	يَنْصُرُ	نَصَرَ	I	našara - yanšuru	ajudar, socorrer	0886
	يَنْتَصِرُ	إِنْتَصَرَ	VIII	intašara - yantaširu	conquistar, subjugar	0887
نصف	يَنْتَصِفُ	إِنْتَصَفَ	VIII	intašafa - yantašifu	reivindicar (e obter) justiça	0888

نَضَجَ	يَنْضَجُ	نَضِجَ	I	nađija - yandaju	maturar, amadurecer	0889
نَطَقَ	يَنْطُقُ	نَطَقَ	I	naṭaqa - yanṭuqu	falar, dizer	0890
نَظَرَ	يَنْظُرُ	نَظَرَ	I	naẓara - yanẓuru	observar, supervisionar	0891
	يَنْتَظِرُ	إِنْتَظَرَ	VIII	intaẓara - yantaẓiru	esperar	0892
نَظَّمَ	يُنَظِّمُ	نَظَّمَ	II	nazzama - yunazzimu	organizar, arranjar, arrumar; compor	0893
	يَنْتَظِمُ	إِنْتَظَمَ	VIII	intaẓama - yantaẓimu	estar organizado, arrumado, pertencer a	0894
نَفَذَ	يَنْفِذُ	نَفَذَ	I	nafaḍa - yanfuḍu	penetrar; ser realizado, feito; ser válido	0895
	يُنَفِّذُ	نَفَّذَ	II	naffaḍa - yunaffiḍu	executar, realizar; enviar	0896
نَفَسَ	يُنَافِسُ	نَافَسَ	III	nāfasa - yunāfisu	competir com	0897
نَفَعَ	يَنْفَعُ	نَفَعَ	I	nafa'a - yanfa'u	ser de utilidade, serventia	0898
نَفَقَ	يُنْفِقُ	أَنْفَقَ	IV	'anfaqa - yunfiqu	gastar (tempo, dinheiro)	0899
نَفَى	يَنْفِي	نَفَى	I	naḥa - yanfi	refutar, desmentir; exilar	0900
نَقَدَ	يَنْتَقِدُ	إِنْتَقَدَ	VIII	intaqaḍa - yantaqidu	escrever críticas, criticar	0901
نَقَذَ	يُنْقِذُ	أَنْقَذَ	IV	'anqaḍa - yunqidu	resgatar	0902
نَقَشَ	يُنَاقِشُ	نَاقَشَ	III	nāqaša - yunāqišu	argumentar, discutir	0903
نَقَصَ	يَنْقُصُ	نَقَصَ	I	naqaša - yanqušu	diminuir	0904
نَقَلَ	يَنْقُلُ	نَقَلَ	I	naqala - yanqulu	transportar, transferir	0905
	يَتَنَاقَلُ	تَنَاقَلَ	VI	tanāqala - yantanāqalu	mudar de um lugar a outro	0906
	يَنْتَقِلُ	إِنْتَقَلَ	VIII	intaqala - yantaqilu	remover, ser removido	0907
نَقِمَ	يَنْتَقِمُ	إِنْتَقَمَ	VIII	intaqama - yantaqimu	vingar	0908
نَكَرَ	يُنْكِرُ	أَنْكَرَ	IV	'ankara - yunkiru	negar	0909
	يَتَنَكَّرُ	تَنَكَّرَ	V	tanakkara - yatanakkaru	disfarçar-se	0910
	يَسْتَنْكِرُ	إِسْتَنْكَرَ	X	istankara - yastankiru	ser desconhecedor de, não saber	0911
نَمَّ	يَنْمُ يَنْمُ	نَمَّ	I	namma - yanummu namma - yanimmu	fofocar, caluniar	0912

نَمَى	يَنْمِي	نَمَا	I	namā - yanmī	crescer	0913
	يَنْتَمِي	إِنْتَمَى	VIII	intamā - yantamī	estar relacionado a, ser descendente de	0914
نَهَبَ	يَنْهَبُ	نَهَبَ	I	nahaba - yanhabu	saquear, pilhar	0915
نَهَزَ	يَنْتَهِزُ	إِنْتَهَزَ	VIII	intahaza - yantahizu	aproveitar-se de	0916
نَهَضَ	يَنْهَضُ	نَهَضَ	I	nahaḍa - yanhaḍu	levantar	0917
نَهَوَ	يَنْتَهِي	إِنْتَهَى	VIII	intahā - yantahī	estar completo, acabado, concluído	0918
نُورَ	يُنِيرُ	أَنَارَ	IV	‘anāra - yunīru	iluminar	0919
نَالَ	يَتَنَاوَلُ	تَنَاوَلَ	VI	tanāwala - yatanāwalu	tomar, apanhar	0220
نَوْمَ	يَنَامُ	نَامَ	I	nāma - yanāmu	dormir	0921
نَوَى	يَنْوِي	نَوَى	I	nawā - yanwī	tencionar, pretender	0922
نَالَ	يَنَالُ	نَالَ	I	nāla - yanālu	alcançar, obter	0923

هـ /hā’/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
هَبَبَ	يَهْبُ	هَبَّ	I	habba – yahubbu	soprar (vento); levantar, sublevar	0924
هَبَطَ	يَهْبُطُ يَهْبِطُ	هَبَطَ	I	habaṭa - yahbuṭu habaṭa – yahbiṭu	cair, baixar (preços)	0925
هَتَفَ	يَهْتَفُ	هَتَفَ	I	hatafa – yahtifu	aclamar, aplaudir	0926
هَجَمَ	يَهْجُمُ	هَجَمَ	I	hajama – yahjumu	atacar	0927
	يُهاجِمُ	هاجَمَ	III	hājama - yuhājimu	atacar	0928
هَدَدَ	يُهَدِّدُ	هَدَّدَ	II	haddada – yuhaddidu	ameaçar	0929
هَدَأَ	يَهْدَأُ	هَدَأَ	I	hada’a - yahda’u	aquietar-se, acalmar-se	0930
هَدَفَ	يَسْتَهْدِفُ	إِسْتَهْدَفَ	X	istahdafa – yastahdifu	mirar, apontar para; ser exposto	0931
هَدَمَ	يَهْدِمُ	هَدَمَ		hadama – yahdimu	arruinar, demolir	0932
هَدَى	يَهْدِي	هَدَى	I	hadā - yahdī	guiar (na senda correta); presentear	0933
	يُهدي	أهدى	IV	‘ahdā - yuhdī	presentear; dedicar	0934
	يَهْتَدِي	إِهْتَدَى	VIII	ihtadā - yahtadī	encontrar, dar (se) com	0935
هَرَبَ	يَهْرُبُ	هَرَبَ	I	haraba - yahrubu	fugir	0936

هرع	يهرع	هرع	I	hara'a - yahra'u	correr em direção a,	0937
هزر	يهز	هز	I	hazza – yahuzzu	sacudir, tremer, vibrar	0938
هل	يستهل	إستهل	X	istahalla – yastahillu	começar	0939
هك	يستهلك	إستهلك	X	istahlaka – yastahliku	consumir	0940
هم	يهم	هم	I	hamma – yahummu	afligir; ser de interesse, de importância	0941
	يهم	أهم	IV	'ahamma - yuhimmu	afligir; ser de interesse, de importância	0942
	يهتم	إهتم	VIII	ihamma - yahtammu	estar interessado em	0943
همس	يهمس	همس	I	hamasa - yahmisu	sussurrar	0944
همل	يهمل	أهمل	IV	'ahmala - yuhmilu	negligenciar	0945
هنا	يهنئ	هنا	II	hanna'a - yuhanni'u	congratular, felicitar	0946
هون	يستهن	إستهن	X	istahāna - yastahīnu	desdenhar, desprezar	0947
هوى	يهوى	هوى	I	hawiya - yahwā	desejar; ser um amador	0948
هيء	يهيئ	هيأ	I	hayya'a - yuhayyi'u	preparar	0949
	يتهيأ	تهيأ	V	tahayya'a - yatahayya'u	preparar-se; estar preparado	0950

و /wāw/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
وثق	يثق	وثق	I	waṭīqa - yaṭīqu	confiar	0951
وجب	يجب	وجب	I	wajaba - yajibu	ser necessário	0952
	يوجب	أوجب	IV	'awjaba - yūjibu	impor em	0953
وجد	يجد	وجد	I	wajada - yajidu	encontrar	0954
	يوجد	أوجد	IV	awjada - yūjidu	descobrir, inventar, fundar	0955
وجه	يوجه	وجه	II	wajjaha - yuwajjihu	conduzir, orientar	0956
	يواجه	واجه	III	wājaha - yuwājihu	encarar, enfrentar	0957
	يتوجه	توجه	V	tawajjaha – yatawajjahu	direcionar-se a	0958
	يتجه	اتجه	VIII	ittajaha - yattajihu	direcionar-se a	0959

وحد	يَتَّحِدُ	إِتَّحَدَ	VIII	ittahada - yattahidu	unir, juntar	0960
وحى	يُوحِي	أَوْحَى	IV	‘awḥā - yūḥī	revelar, mostrar	0961
وخی	يَتَوَخَّى	تَوَخَّى	V	tawahḥā - yatawahḥā	mirar, apontar para	0962
ودد	يَوَدُّ	وَدَّ	I	wadda - yawaddu	gostar de	0963
ودع	يَدَّعُ	وَدَّعَ	I	wada°a - yada°u	depositar, pôr; ser dócil, humilde	0964
	يُودَّعُ	وَدَّعَ	II	wadda°a - yuwaddi°u	partir, ir embora	0965
ورد	يَرُدُّ	وَرَدَ	I	warada - yaridu	chegar; ser mencionado	0966
	يُورَدُّ	أُورِدَ	IV	‘awrada - yūridu	importar; mencionar, declarar	0967
	يَسْتَوْرَدُّ	إِسْتَوْرَدَ	X	istawrada - yastawridu	importar	0968
وزع	يُوزَعُ	وَزَّعَ	II	wazza°a - yuwazzi°u	distribuir	0969
وزن	يَزَنُ	وَزَنَ	I	wazana - yazinu	pesar, equilibrar; balançar	0970
وسع	يَسَعُ	وَسَعَ	I	wasi°a - yasa°u	conter, incluir; capacitar	0971
	يَتَّسَعُ	إِتَّسَعَ	VIII	ittasa°a - yattasi°u	ser amplo, extenso	0972
وشك	يُوشِكُ	أَوْشَكَ	IV	‘awšaka - yūšiku	estar prestes a (fazer algo)	0973
وشى	يَشِي	وَشَى	I	wašā - yašī	bordar; embelezar; denunciar	0974
وصف	يَصِفُ	وَصَفَ	I	wašafa - yašifu	descrever, prescrever	0975
وصل	يَصِلُ	وَصَلَ	I	wašala - yašilu	alcançar, chegar a	0976
	يُوَاصِلُ	وَاصَلَ	III	wāšala - yūāšilu	continuar	0977
	يُوصِلُ	أَوْصَلَ	IV	awšala - yušilu	comunicar, transmitir	0978
	يَتَوَاصِلُ	تَوَاصَلَ	VI	tawāšala - yatawāšalu	continuar (em sucessão)	0979
	يَتَّصِلُ	إِتَّصَلَ	VIII	ittašala - yattašilu	alcançar; contactar	0980
وصى	يُوصِي	أَوْصَى	IV	‘awšā - yūšī	comandar, recomendar; legar, deixar em herança	0981
وضح	يَضِحُ	وَضَحَ	I	waḍaḥa - yaḍiḥu	ser/estar claro	0982
	بُوضِحَ	وَضَحَ	II	waḍḍaḥa - yuwaḍḍiḥu	esclarecer, explicar	0983
	يَتَضَحَّ	إِتَّضَحَ	VIII	ittaḍaḥa - yattaḍiḥu	tornar-se claro, evidente	0984

وضع	يَضَعُ	وَضَعَ	I	waḍaʿa - yaḍaʿu	colocar, pôr; compor	0985
وعد	يَعِدُ	وَعَدَ	I	waʿada - yaʿidu	prometer	0986
وعز	يُوعِزُّ	أَوْعَزَ	IV	ʿawʿaza - yūʿizu	insinuar, sugerir	0987
وعى	يَعِي	وَعَى	I	waʿā - yaʿī	entender; conter, compreender	0988
وفد	يَفْدُ	وَفَدَ	I	wafada - yafidu	chegar	0989
	يُوفِدُ	أَوْفَدَ	IV	ʿawfada - yūfidu	enviar	0990
وفر	يَفِرُّ	وَفَرَ	I	wafara - yafiru	ser abundante	0991
وفق	يُوفِقُّ	وَفَّقَ	II	waffaqa - yuwaqqiḡu	harmonizar; reconciliar; levar ao sucesso	0992
	يُؤَافِقُ	وَافَقَ	III	wāfaqa - yuwāfiḡu	concordar, aprovar	0993
	يَنْفِقُ	إِنْفَقَ	VIII	ittafaqa - yattafiḡu	acontecer; concordar	0994
وفى	يَفِي	وَفَى	I	wafā - yafī	cumprir uma promessa	0995
	يَتَوَفَّى	تَوَفَّى	V	tawaffā - yatawaffā	receber o que merece	0996
	يَسْتَوْفِي	إِسْتَوْفَى	X	istawfā - yastawfī	cumprir	0997
وقع	يَقَعُ	وَقَعَ	I	waqaʿa - yaqaʿu	ocorrer, acontecer	0998
	يُوقِعُ	وَقَّعَ	II	waqqaʿa - yuwaqqiʿu	assinar; tocar (música)	0999
	يَتَوَقَّعُ	تَوَقَّعَ	V	tawaqqaʿa - yatawaqqaʿu	esperar, ter esperança	1000
وقف	يَقِفُ	وَقَفَ	I	waqafa - yuqifu	ficar, ficar em pé; cessar de	1001
	يُوقِفُ	أَوْقَفَ	IV	ʿawqafa - yūqifu	parar, fazer algo parar, cessar	1002
	يَتَوَقَّفُ	تَوَقَّفَ	V	tawaqqafa - yatawaqqafu	parar; hesitar, titubear	1003
ولد	يَلِدُ	وَلَدَ	I	walada - yalidu	parir, dar à luz; criar	1004
	يَتَوْلَدُ	تَوَلَّدَ	V	tawallada - yatawalladu	ser nascido, gerado	1005
ولي	يَلِي	وَلِيَ	I	waliya - yalī	governar, reger	1006
	يُؤَلِّي	وَلَّى	II	wallā - yuwallī	nomear como líder, governador	1007
	يَتَوَلَّى	تَوَلَّى	V	tawallā - yatawallā	ser encarregado de, ser nomeado a	1008
	يَتَوَالِي	تَوَالَى	VI	tawālā - yatawālā	seguir em sucessão	1009
	يَسْتَوَلِي	إِسْتَوَلَى	X	istawlā - yastawlī	tomar posse de	1010
وهب	يَهَبُ	وَهَبَ	I	wahaba - yahibu	conceder, dar	1011
وهج	يَتَوَهَّجُ	تَوَهَّجَ	V	tawahhaja - yatawahhaju	brilhar intensamente	1012

وهم	يَتَّهِمُ	إِتَّهِمَ	VIII	ittahama - yattahimu	suspeitar	1013
-----	-----------	-----------	------	-------------------------	-----------	------

ي /yā’/

Raiz	Imperfectivo	Perfectivo		Transliteração	Glossa	Nº
يئس	يَيْئُسُ	يَئِسَ	I	ya’isa - yay’isu	desesperar	1014
يسر	يَتَيْسَرُ	تَيْسَرَ	V	tayassara - yatayassaru	tornar-se fácil, possível	1015
يقظ	يَسْتَيْقِظُ	إِسْتَيْقَظَ	X	istayqaḏa - yastayqizu	despertar	1016
يقن	يُوقِنُ	أَيَقَنَ	IV	‘ayqana - iūqinu	estar certo, seguro	1017

3. AMOSTRAGEM DE VERBOS:

O alvo dessa amostragem é apresentar um modelo que poderá ser seguido em dicionários que atendam às necessidades dos aprendizes de língua árabe. Entre os “mil e um” verbos apresentados anteriormente, privilegiou-se algumas ocorrências (dez) onde a preposição altera a carga semântica “original” do verbo. A escolha desses verbos foi influenciada pela obra “*An introduction to modern Arabic*” de Farhat Ziadeh e Bayly Winder (1957). Neste livro os autores arrolam os verbos que – retirados dentre os dois mil mais frequentes vocábulos da lista de Brill – são comumente seguidos por uma ou mais preposições. Observe-se também que sempre que um verbo é seguido de uma preposição que altere seu sentido principal, uma abonação será providenciada a fim de ilustrar o ocorrido. Cabe ressaltar que, como já mencionado, na ausência de citações genuínas nos corpora de referência, um exemplo “criado” será providenciado, a fim de ilustrar o uso do verbo com a preposição.

No tocante às abonações, cabe ressaltar que encontrou-se algumas dificuldades no domínio da tradução. Sabe-se que uma perfeita representação de fragmentos de um texto é praticamente impossível devido a diferentes fatores: linguística (árabe moderno vs. português), visões de mundo (árabe vs. latina), estilística (como já se sabe a literatura árabe tende a “ornamentar” a escrita), e a própria natureza de abonações, ou seja, enunciando “isolados” onde o contexto, muitas vezes, é desconhecido. Sabe-se

ainda que em toda tradução há, no melhor das hipóteses, resquícios de interpretação, por isso, para estas abonações, privilegiou-se a abordagem de tradução literal, evitando-se parafrasear os exemplos, o que pode resultar em um texto “truncado”, entretanto preferiu-se correr o risco de ser literalista e passar um “retrato” fiel do exemplos, do que se enveredar pelos caminhos da interpretação e passar uma “caricatura” do enunciado e de seu autor.

Havendo dito isso, é importante ressaltar que quando o sentidos das palavras pareceram incompletos ou obscuros, colocou-se uma segunda opção de tradução ou um esclarecimento entre colchetes []. O produto final certamente demonstrará uma certa falta de fluidez e coesão nas abonações, talvez pelo estilo de escrita no documento original, talvez pela própria natureza do documento que pede um tratamento vocabular mais floreado, ou talvez como uma das sequelas de ter escolhido permanecer o mais próximo possível ao texto árabe, porém, espera-se, que o texto seja inteligível o bastante para exemplificar o uso dos verbos seguidos de preposição.

A nominata é apresentada em ordem alfabética pelas raízes. As diferentes formas verbais são retratadas sob essas raízes (de forma indentada). Quando mais que uma forma verbal é descrita (como no caso do verbo /qāma/), estas são apresentadas em subentradas distintas. O símbolo “■” indica a forma verbal com sua preposição. Já o símbolo “◆” indica a abonação em árabe (ou, em sua ausência, um exemplo criado). Uma tradução em português segue o enunciado árabe. Quando os verbos têm mais que uma acepção em português, eles são separados por uma *vírgula* (para sentidos semelhantes e sinônimos) ou por um *ponto e vírgula* (para sentidos diferentes ou figurados).

Para essa amostragem optou-se por utilizar um programa de computador próprio para a confecção de dicionários, em vez de um processador de textos (do tipo Microsoft Word). O MDF (Multi-Dictionary Formatter) é uma das muitas ferramentas disponibilizadas gratuitamente na internet pela SIL (Summer Institute of Linguistics – Instituto Linguístico de Verão), uma organização que se presta a preservar as línguas indígenas por meio de análises gramaticais e linguísticas, e pela feitura de dicionários e gramáticas. Esse programa nasceu da necessidade que linguístas e antropólogos da organização tinham para converter as informações linguísticas que possuíam em um formato homogêneo. O programa ordena o banco

de dados (fichas eletrônicas contendo a microestrutura de cada verbete: radical, transcrição fonética, parte do discurso, etimologia, definição, exemplos, etc.) e as codifica de maneira coesa, transferindo as informações para um processador de texto (nesse caso o *rtf* – rich text format).

Infelizmente, o MDF não é altamente interativo e, em muitas situações, tão pouco é “*user-friendly*”. O programa foi idealizado para línguas que usam a escrita *latinizada* e, embora seja possível usar o programa para as demais formas de escrita, algumas sequelas indesejadas aparecem frequentemente, mas os aspectos positivos do programa compensam suas características inconvenientes.

Das muitas vantagens apresentadas pelo aplicativo, destaca-se aqui sua eficácia na edição, checagem das informações, formatação, e diagramação do texto. O paradigma providenciado pelo programa é especialmente interessante: todos os verbetes seguem o mesmo modelo, gerando homogeneidade e coesão. Um modelo da ficha lexicográfica encontra-se nos anexos.

أ

أخذ

أَخَذَ - يَأْخُذُ /aḥaḍa - ya'ḥuḍu/ v. trans. pegar, apanhar (algo) de (من); levar (algo) consigo; alcançar, ganhar, receber, obter (من de). ■ أَخَذَ: pegar (algo); agarrar (algo, alguém); concluir, entender, inferir, deduzir (algo); ler nas entrelinhas (algo); cativar, encantar, fascinar, prender a atenção de (alguém); observar, assumir, tomar posse, adotar, seguir, imitar, copiar (algo); aceitar (algo); advertir, instar, impelir, forçar (alguém) a fazer algo. ♦ انا أ طرح افكاري على الملأ والجميع يسمعونها. Eu coloco meus pensamento publicamente, todos os escutam, quem quiser segui-los [adotá-los] que seja abençoado por Deus e quem não quiser, também. ■ أَخَذَ عَلَى: tirar (algo) de alguém; privar (algo) de (alguém); barrar, bloquear, impedir (alguém); culpar, responsabilizar por, acusar (alguém); culpar (alguém) (أن pelo fato de); obrigar a (alguém); ficar sabendo

(algo) (através de alguém) (também com عَنْ); ser informado de, adquirir conhecimento de (alguém) (também com عَنْ). ♦ وَأَخَذَ عَلَيْهِ الْغَرْبَ. E o Ocidente o culpou por sua aproximação de Gaddafi e por sua posição com relação aos cristãos. ■ أَخَذَ عَنْ: ficar sabendo (algo) (através de alguém) (também com عَلَى); ser informado de, adquirir conhecimento de (alguém) (também com عَلَى); aprender de. ♦ أَخَذَ عَنْهُ جَلال حب القراءة والنفور من شراء الملابس الجديدة Jalal aprendeu com [herdou de] ele o amor pela leitura e a aversão à compra de roupas novas. ■ أَخَذَ فِي: iniciar, começar (também com بِ). ♦ وَأَخَذَ فِي الْإِنْشَادِ Depois o poeta [trovador] pegou o arrabil [rabeça medieval] e começou os cânticos. ■ أَخَذَ + verbo no imperfectivo: fazer algo; estar prestes a fazer algo. ♦ عِنْدَهَا أَخَذَ يَتَسَاءَلُ عَنْ الْأَشْيَاءِ الَّتِي قَامَ وَلَمْ يَقُمْ بِهَا فِي شَبَابِهِ Então, começou a se indagar a respeito das coisas que fizera e não fizera na juventude.

ب

بعث

بَعَثَ - يَبْعَثُ /ba'ʿaṭa - yab'ʿaṭu/ v. trans. enviar, despachar. ■ بَعَثَ بِ: enviar, expedir, mandar, remeter, despachar (إلى para alguém);

encaminhar (إلى para alguém), remeter (carta) a novo endereço; comissionar, delegar; emitir (algo). ♦ لَا تَخَفْ بِالطَّبْعِ غَطِيبُهُ قَبْلَ أَنْ أُبْعَثَ بِهِ إِلَى الْفُرْنِ Não se preocupe, é claro que o cobri antes de enviá-lo para o forno. ■

بَعَثَ مِنْ: acordar, despertar; reviver, reanimar; ressuscitar (الموت من da morte). ♦ **خَطَرَ لَهُ أَنَّهُ الْآنَ يُؤَلَّدُ، يُبْعَثُ مِنَ الْمَوْتِ** Pensou que nascia agora, ressuscitava da morte. ■ **بَعَثَ عَلَى**:

incitar a, induzir a (algo); instigar, provocar, sugerir. ♦ **بالعكس، إن الأحداث تبعث على التفاؤل** Pelo contrário, os eventos sugerem otimismo.

ج

جى ء

جَاءَ - يَجِيءُ /jā'a - yaji'u/ v. trans. **vir, chegar; aproximar (se) (de algo, alguém); atingir, alcançar, chegar a (um lugar); fazer, realizar, efetuar.** ■ **جَاءَ بِهِ**: trazer (algo para alguém); carregar, levar; cometer, perpetrar (algo). **وكان أصحاب القافلة من أبناء إسماعيل فأخذوا يوسف**

وجاؤوا به إلى مصر E os proprietários da cáfila pertenciam aos filhos de Ismael, então apanharam a Jose e o levaram ao Egito. ■ **جاءَ**: acontecer, suceder, sobrevir a; surgir, aparecer. ♦ **جاءَ على عَجَلٍ وَأَثَارُ النَّوْمِ عَلَى وَجْهِهِ** Surgiu apressado com os vestígios de sono no rosto.

ح

حصل

حَصَلَ - يَحْصُلُ /ḥašala - yaḥṣulu/ v. trans. **haver, existir; dar-se, ocorrer; resultar, aparecer; ter lugar; acontecer, ocorrer, suceder.** ■ **حَصَلَ**: acontecer, ocorrer (a alguém); acometer, recair sobre, acontecer a. ♦ **فَكَيْفَ لَا يَحْصُلُ لَهُ كُلٌّ** Como não acontecer tudo o que lhe acontecera? ■ **حَصَلَ مِنْ**: derivar, proceder, sair de. ♦ **طَوَّلَ عَمْرُنَا جِيرَانُ الْجَبَلِ وَمَا حَصَلَ مِنْهُ شَيْءٌ** Por toda a vida temos sido vizinhos da montanha

e dela nada se emanou. ■ **حَصَلَ عَلَى**: originar (se), surgir, emanar, proceder de (algo, alguém); ser causado, produzido, ocasionado, originado (por algo, alguém); alcançar, chegar a, lograr, obter, adquirir, conseguir; ganhar, vencer, conquistar; tomar posse (de algo). ♦ **لَمْ أَفْهَمْ لِمَاذَا يُرِيدُ أَنْ يَحْصَلَ عَلَى مَا جَسْتِيرِ** Não entendi por que deseja obter o mestrado em histologia se não trabalhava na pesquisa científica.

خ

خرج

خَرَجَ – **يَخْرُجُ** /ḥaraja – yaḥruju/ v. *intrans.* sair, ir embora. ■ **خَرَجَ عَنْ**: segregar, separar, isolar, dissentir de (algo, alguém); discordar de (algo, alguém); transgredir; abandonar, rejeitar; divergir de, desviar-se de (um acordo, princípio); ser uma exceção a (algo, alguém); estar fora (de um dado assunto); ir além de, ultrapassar (um tópico, assunto); ser alheio a, não pertencer a (algo, alguém); não estar incluído em (algo, alguém); não ter nada a ver com (algo, alguém). ♦ **إِنِّهَا حَرْفَةٌ جَمِيلَةٌ** ♦ **وَمُنَاسِبَةٌ لِلشَّعْبِ أَنْ يَفْرَحَ وَيَخْرُجَ عَنِ الْقَانُونِ فِي الْحُبِّ** É um ofício belo e adequado para que o povo se alegre e transgrida a lei em amor. ■ **خَرَجَ عَلَى**:

sair (em batalha); atacar (algo, alguém); levantar-se contra, lutar contra (algo, alguém); rebelar-se, revoltar-se, insurgir-se contra (algo, alguém); violar, infringir, transgredir, quebrar (regra, norma). ♦ **وَأَنَا كُنْتُ أَوَّلَ مَنْ خَرَجَ عَلَى الْحِصَارِ حَتَّى تَعَرَّضْتُ لِلْمُطَارَدَةِ** Foi eu o primeiro a lutar contra o cerco e fui posto à perseguição. ■ **خَرَجَ بِ**: retirar, expulsar, pôr de fora, desalojar (alguém); dissuadir (alguém) de (عن); descobrir, achar (algo). ♦ **الْخُلَاصَةُ الَّتِي نَخْرُجُ بِهَا مِنْ أَمْرِيكَ وَأُورُوبَا هِيَ** ♦ **أَنَّهُ لَا شَيْءَ يُمَكِّنُ أَنْ يَقِفَ فِي وَجْهِهِ الْأَزْمَةُ** A conclusão que retiramos [da situação] da América e da Europa é que nada pode confrontar a crise.

ف

فتح

فَتَحَ – **يَفْتَحُ** /fataḥa - yaftaḥu/ v. *trans.* abrir (algo); ligar; acender, ligar (ex. aparelho); acionar, pôr em funcionamento, conectar; abrir, cavar, escavar (ex. canal); construir (ex. estrada); apresentar, começar, iniciar (algo);

inaugurar (algo); encetar (um assunto), entabular (conversa); prefaciar; abrir-se, confidenciar (a alguém); capturar, conquistar, subjugar, sujeitar (algo); (gram.) pronunciar uma consoante com a vogal "fatḥa" (representante do som "a"). ■ **فَتَحَ عَلَى**: divulgar, expor, mostrar, revelar (algo)

para alguém); (diz-se da divindade) conceder vitória ou sucesso (a alguém); abrir as portas da prosperidade (a alguém); dotar a , inspirar

a (alguém) (ب com algo). ♦ أَيُّوَه يَا حَمَزَةَ. اللهُ يَفْتَحُ. ا Bravo Hamza! Que Deus lhe conceda [prosperidade].

ق

قول

قَالَ /qāla – yaqūlu/ v. *trans.* falar, dizer, contar (algo) a (ل alguém **عَنْ** / sobre ou acerca de); proferir, expressar. ■ **قَالَ عَنْ**: falar de (algo, alguém); lidar com (algo, alguém); tratar de (algo, alguém); transmitir as palavras de. ♦ مَاذَا قَالَ عَنْ بِلَادِكَ؟ O que disse a respeito de sua terra? ■ **قَالَ بِ**: declarar, expor, afirmar, asseverar, propor, apresentar, professar, advogar, defender (algo); apoiar, defender (uma visão); tomar partido de, defender, apoiar (algo, alguém); ser um proponente de uma doutrina ou dogma; professar; alegar (algo). ♦ تَكُونُ الْحَقِيقَةُ عَادَةً فِي الطَّرِيقَةِ الَّتِي يُقَالُ بِهَا الْكَلَامُ وَلَيْسَ فِيمَا يُقَالُ Geralmente, a verdade está na maneira em que se expõe as coisas não no que se diz. ■ **قَالَ عَلَى**: falar contra (alguém); falar mal (de alguém); dizer mentiras (acerca de alguém). ♦ بَعْدَ خَصَامِهِمَا قَالَ جَارُنَا عَلَى أَبِي مَا لَمْ يَفْعَلْهُ أَبَدًا Após terem se desentendido, nosso vizinho disse [mentiu] sobre meu pai [coisas] que este nunca fizera.

قوم

قَامَ – يَقُومُ /qāma – yaqūmu/ v. *intrans.* ser, existir, ter lugar; levantar (se); erguer (se), pôr-se de pé, sair da cama; elevar (fig.: voz, barulho); ressurgir dentre os mortos, ser ressuscitado; ascender, subir. ■ **قَامَ عَلَى**: levantar ou rebelar-se (contra alguém); revoltar-se, insurgir ou sublevar (contra alguém); atacar (alguém); basear-se em; estar fundado, baseado em (também com ب); estar em comando de (algo, alguém); administrar, gerir, tomar conta de, mandar em (algo); cuidar de, tratar de, tomar conta de (algo, alguém); zelar, velar por, cuidar de (algo, alguém); encarregar-se de. ♦ كُلُّ ذَلِكَ يَقُومُ عَلَى غَيْرِ أَسَاسٍ Tudo aquilo se baseia em coisas não essenciais. ■ **قَامَ ل**: levantar-se em honra a (alguém); sair em defesa de. ♦ وَلَمَّا دَخَلْتُ الْعِمَارَةَ، قَامَ لَنَا بَوَابُهَا Quando entramos no prédio, o

porteiro dele levantou-se. ■ **قَامَ إِلَى**: pôr-se a caminho; pôr-se em marcha, partir (trem); dirigir-se a (algo, alguém). ♦ **كَانَ قَدْ أَهَى سِكَارَتَهُ** Ele havia terminado seu cigarro naquele momento, então dirigiu-se até a mesa para apagá-lo. ■ **قَامَ بِـ**: consistir em; estar fundado, baseado em (também com **عَلَى**); estar firmado em (algo, alguém); ocupar-se com (algo); incumbir-se de, encarregar-se de (alguém); fazer, executar, desempenhar, realizar, efetuar, cumprir (algo); tomar partido de (algo, alguém); apoiar, defender, respaldar (algo). ♦ **وَكَانَ مِنْ أَهَمِّ مَا قَامَ بِهِ الْمَحَافِظُ الْجَدِيدُ إِتْنَاءَ ظَاهِرَةِ الدَّقِيقِ** Dentre as coisas mais importantes que o novo prefeito fez foi acabar com o fenômeno da farinha adulterada. ■ **قَامَ + verbo no imperfectivo**: começar a (fazer algo). ♦ **بَعْدَ خُرُوجِ زَوْجِهَا قَامَتْ بِتَرْتِيبِ الْبَيْتِ وَبِتَحْضِيرِ طَعَامِ الْأَوْلَادِ** Após a saída do marido, começou a arrumar a casa e a preparar a comida dos filhos.

أَقَامَ – يُقِيمُ /‘aqāma – yuqīmu/ v. *trans.* corrigir, retificar, reparar (algo); endireitar; consertar; colocar em ordem, ordenar, organizar (algo); compelir (alguém) a se

levantar; ressuscitar, levantar dentre os mortos (alguém); alçar, elevar, erguer, levantar (algo); pôr de pé, levantar, erigir, construir, edificar, erguer (algo); começar, iniciar, originar, fundar, trazer a existência (algo); fixar, determinar, estabelecer (algo); nomear, designar, apontar, instituir, indicar (alguém) (para um cargo); agitar, suscitar, perturbar, excitar, incitar, provocar (algo).

■ **أَقَامَ عَلَى**: realizar, conduzir (ex. reunião, cerimônia, sessão); celebrar (ex. festival); dar uma recepção (e semelhantes); colocar (alguém) em comando de (algo), comissionar, encarregar, incumbir (a alguém) a administração, controle de algo; ocupar-se (constantemente) com (algo, alguém); estender-se, alongar-se, prolongar-se (ex. num assunto); insistir em, persistir em; manter-se, aferrar-se, não abandonar (algo, alguém). ♦ **وَأَقَامَ عَلَى شَرْفِهَا حَفْلَةً** E em sua homenagem fez-se uma festa. ■ **أَقَامَ بِـ**: morar, habitar, residir, ficar, permanecer em; instalar-se. ♦ **أَقَامَ بِشَاطِئِ الْبَحْرِ فِي شَيْخُوخَتِهِ** Passou a residir na orla marítima em sua velhice.

وقف

وَقَفَ – يَقِفُ /waqafa – yaqifu/ v. *intrans.* **parar, imobilizar-se; colocar-se (em pé), posicionar-se (de pé); parar; pausar; (gram.) usar a forma pausal na qual pronuncia-se o vocábulo sem o som final [إِعْرَاب]; levantar-se, erguer-se, ficar em pé; arrepiar (pelo); aguentar, suportar; resistir, opor. ■ وَقَفَ عَنْ: evitar (algo, alguém) de, impedir (algo, alguém) de. ♦ بَعْدَ الْإِضرَابِ وَقَفَهُ عَنْ عَمَلِهِ** Depois da greve, ele [o diretor] o impediu de trabalhar. ■ **وَقَفَ عَلَى:** posicionar-se (com relação a algo,

alguém); ser informado de que; compreender, entender; dedicar-se, ocupar-se de. ♦ **عِنْدَمَا وَصَلَ إِلَى الْعَمَلِ وَقَفَ عَلَى كُلِّ تَفَاصِيلِ الْمَشْرُوعِ** Quando chegou ao trabalho foi informado de todos os detalhes do projeto. ■ **وَقَفَ مَعَ:** ser leal a (alguém); defender, apoiar, não abandonar (alguém); tomar partido de (algo, alguém); sustentar, apoiar, secundar (alguém). ♦ **الْمَرْأَةُ الَّتِي لَا تَقِفُ مَعَ زَوْجِهَا فِي مُحَنَّتِهِ لَا تَسْتَحِقُّ أَنْ تَعِيشَ مَعَهُ** A mulher que não apoia o marido em suas aflições não merece viver com ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como epígrafe para a introdução a esta dissertação, citou-se a triste constatação de Philip Hitti ([1937] 1970) na qual ele assevera que, no mundo hodierno, poucas têm sido as pesquisas que focalizam os árabes como objeto de estudo. Essa declaração, originalmente feita em 1937, ainda continua sendo uma realidade.

Há indícios, entretanto, que essa situação esteja mudando. Ultimamente, em especial devido ao intercambio comercial e cultural entre o Brasil e o Mundo Árabe, vê-se um interesse maior pelas questões ditas “árabes”. Além desse interesse de certa forma “utilitário”, o Brasil, progressivamente, também desponta como uma nação que está fazendo valer sua voz e a desempenhar um importante papel em questões internacionais que, historicamente, eram da alçada dos países do Atlântico Norte. Esse envolvimento inclui um genuíno interesse nos problemas que afetam os árabes, fato que pode ser observado no domínio político (assentamento de refugiados palestinos, por exemplo) e acadêmico (com trabalhos seminais que fometam a conscientização e a discussão de assuntos árabes).

A fim de apresentar argumentos que ratifiquem essa postulação, em especial no domínio acadêmico, procurou-se traçar o perfil dos pesquisadores envolvidos em estudos árabes no Brasil. Para tal foi realizado um pequeno levantamento de informações utilizando a base de dados disponíveis na Plataforma Lattes das agências de fomento CNPq e CAPES.

A Plataforma Lattes, como é do conhecimento geral, é a base de dados de currículos e de instituições das diversas áreas do conhecimento em um sistema único de informações. Seu currículo padronizado, registra a vida pregressa e atual dos usuários, provendo dados essenciais para a verificação objetiva tendo em vista determinar o desempenho do profissional. Essa plataforma tem sido utilizada cada vez mais pelas principais universidades, institutos, centros de pesquisa e fundações de amparo à pesquisa como instrumento para a avaliação de pesquisadores, professores e alunos.

Os dados para essa análise preliminar foram colhidos na seção de consulta aos currículos Lattes, onde fez-se uma “busca avançada por assunto”, que permitiu encontrar currículos que apresentassem a palavra “árabe” em seu conteúdo. Essa busca retornou 1280 nomes que foram analisados e triados, chegando a uma versão final de **195** pesquisadores. A aparente discrepância entre o número de currículos e o número efetivo de pesquisadores pode ser assim elucidado: Fez-se um recorte entre os currículos, e somente aqueles que apresentaram pesquisas relacionadas com a área de humanidades foram consideradas, dessa forma descartou-se as pesquisas feitas em medicina veterinária e zootecnia (cavalo raça árabe), fisioterapia, motricidade (dança árabe), gastronomia, etc. Também faz-se necessário explicar que somente os currículos que apresentavam uma pesquisa relacionada ao mundo árabe (língua e raça) nos campos “*Formação acadêmica/Titulação*” e “*Projeto de Pesquisa*” foram agregados à lista.

Esse “cadastro” preliminar não tem a pretensão de ser exaustiva. Nem todos os pesquisadores brasileiros têm, necessariamente, um currículo na Plataforma Lattes. Além disso, pesquisadores podem estar estudando questões importantes para o mundo árabe (conflitos, economia, religiosidade, visões de mundo, etc.), mas o sistema não retornou seu currículo porque o vocábulo “árabe” não estava presente no corpo do currículo.

De qualquer modo, tomando estritamente os resultados obtidos com a busca automática, elaborou-se uma planilha empregando o programa *Excel* da Microsoft Office onde diferentes dados foram lançados, gerando uma base de dados uniforme: base da pesquisa (na progressão graduação → livre docência), ano de conclusão da pesquisa, e linha de pesquisa (língua, literatura, cultura). Quando “cultura” foi caracterizada como a linha de pesquisa, esta foi subdividida em categorias suplementares.

Uma vez completa a planilha, gerou-se diferentes gráficos evidenciando os dados obtidos (utilizou-se a função “chart” do programa *Excel*). Em algumas poucas instâncias cruzou-se diferentes informações, a fim destacar uma conjuntura específica. Também, em situações onde gráfico ficou visivelmente sobrecarregado de informações, optou-se pela apresentação dos dados em tabelas simples, onde primou-se pela brevidade, e espera-se que os gráficos falem por si mesmos. Dessa maneira, o

perfil dos pesquisadores envolvidos em estudos árabes no Brasil, baseado nos dados obtidos na Plataforma Lattes, pode ser assim classificado:

A. Quanto à base de pesquisa:

B. Quanto à linha de pesquisa (Tripé da USP):

C. Quanto aos temas relativos à “cultura” (em números absolutos):

Imigração	38
Conflito árabe-Israelense	24
Cultura	20
Religião	13
Filosofia	9
Política	8
Economia	6
Mídia	5
História	4
Diálogo Oriente/Ocidente	3
Identidade	3
Religião e Política	3
Relações Internacionais	2
Educação	1
Islã Medieval	1

D. Quanto à conclusão da pesquisa (em números absolutos):

Espera-se, através desses gráficos, ilustrar o crescente interesse em assuntos árabes. Salienta-se também que a Universidade de São Paulo criou o programa de doutorado em estudos judaicos e árabes que começa a ser implementado a partir do segundo semestre de 2011. Esse fator demonstra o interesse pelas questões árabes em nível institucional.

Essa dissertação, de alguma forma, procura contribuir para o avanço dos Estudos Árabes no Brasil. Através de suas páginas, procurou-se prover um panorama geral da língua árabe focando em seus diferentes estágios. Também discorreu-se sobre a codificação lingüística e a cristalização de sua gramática.

O alvo dessa pesquisa foi apresentar uma proposta para a confecção de um dicionário bilíngue de verbos focando na regência e em seus usos. Para tal, procurou-se tratar, de uma breve maneira, as bases teóricas que auxiliarão na compilação do mesmo, definindo os termos chaves que norteiam a compilação de qualquer obra lexicográfica, que incluem conceitos como lexicologia, língua, léxico e relações de significado.

Repertoriaram-se os 1001 (1017) verbos mais frequentes nos corpora jornalístico e literário tendo por base as listas de Brill (1940) e Landau (1959). Esse material será a base para a confecção de um dicionário propriamente dito em um futuro próximo. A seguir, apresentou-se uma pequena amostragem de como, idealmente, seria o dicionário proposto. No processo de compilação e formatação da amostragem foi empregado o software Toolbox (MDF), programa que facilitou também a conversão para o editor de texto Word (.rtf).

Espera-se que esta dissertação, de alguma forma, auxilie os estudantes interessados em conhecerem melhor a língua árabe. Também espera-se que a mesma tenha cumprido seu objetivo, e que essas reflexões, embora não muito profundas, possam trazer mais luz à escassa literatura sobre o assunto em português. Salienta-se, para finalizar, que essa dissertação não teve o objetivo de ser exaustiva e definitiva, uma vez que ela é apenas “uma proposta” e, reconhece-se, há muitos outros enfoques que poderiam ser considerados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDO, D. **A course in modern standard Arabic**. Beirut: Khayats. 1962.
- ABDOU, K.; HASSANEIN, A. **The concise Arabic-English lexical of verbs in context**. Cairo: The American University in Cairo Press. 1991.
- ABID, M. **Al-Miṣbāh fī al-naḥw** [A candeia da gramática] **By Nāṣir al-Dīn al-Muṭarrizī al-Naḥwī (d. 610/1213): A Critical Edition of the Text with the Life History of the Author**. Durham, UK. 2009. 438 p. Tese de doutoramento (School of Modern Languages) – Durham University.
- ABU-CHACRA, F. **Arabic around the world: grammar and exercises**. Helsinki-Finlândia: Ammatour-Press. 2001
- ABU-HAMDIYYAH, M. **The Qur'ān: An introduction**. London: Routledge. 2000.
- ABU-MELHIM, A. H. **Communication across Arabic dialects: Code-switching and linguistic accommodation in informal conversational interactions**. College Station, TX. 1992. 266 p. Tese de doutoramento (English Studies) – Texas A & M University.
- ABU-RIDAH, M. **Rasā'il Al-Kindī Al-falsafiyya** [As epístolas filosóficas de Al-Kindi]. Cairo. Dar Al-fikr al-^larabi. 1950.
- ADAMSON, P. (Org). **The Cambridge companion to Arabic Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.
- AL-BATAL, M. Playing with words: Teaching vocabulary in the Arabic curriculum. In: ENGLAND, L.; TAHA, Z.; WAHBA, K. (Org.). **Handbook for Arabic language teaching professionals in the 21st century**. London: Lawrence Erlbaum. 2006.
- ALCORÃO. (Helmi Nasr, trad.). Al-Madinah: Complexo do Rei Fahd. 2004.
- AL-KHATIB, A. **Arabic lexicography: History, problems and solutions**. 2 ed. Beirute: Librairie du Liban, 1994.
- AL-KINDI, A Filosofia Primeira. In: **Tiraz - Revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio**. Ano III. pp. 131-159. São Paulo. Programa de pós-graduação em língua, literatura e cultura árabe – USP. 2006.
- ALLEN, R; RICHARDS D. (Ed.) **The Cambridge history of Arabic literature: Arabic literature in the post-classical period**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006
- ALOISI, S. Muslims more numerous than Catholics. **Reuters**. 30 de Março de 2008. Disponível na página: <http://uk.reuters.com/article/2008/03/30/uk-vatican-muslims-idukl3068682420080330>. Acesso em 26 de Abril, 2011.

- AL-QAHTANI, S. **Arabization in written discourse in Saudi Arabia**. Muncie/ID, 2000. 247 p. Dissertação (Graduate School) – Ball State University.
- AL-QURASHI, Kh. **The feasibility of the Arabic language as a medium of Instruction in sciences**. Bloomington, IN., 1982. 453 p. Tese de doutoramento (Linguística) – Graduate School, Indiana University.
- AMĪN, A. **Zu‘amā’ Al-iṣlāḥ** [Os líderes da reforma]. Cairo [s/e]. 1948.
- AMMAR, S.; DICHY, J. **Les verbes arabes**. Paris: Hatier. 2000.
- ANDRADE, M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. & ISQUIERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS. 2001.
- ARIAS, J. **Un poco de lexicografía árabe**. Málaga: Universidad de Málaga. 1996.
- ARYAN, R. **Arabic roots**. Dominguez Hills, CA. 2001. 35 p. Dissertação (Teaching English as a Second Language) – California State University Dominguez Hills.
- AT-TARZI, I. **The Cairo Language Academy in its 50th anniversary**. Cairo: Cairo Language Academy Press. 1999.
- ATTIE FILHO, M. **Falsafa – a filosofia entre os árabes**. São Paulo: Editora Palas Athena. 2002.
- AZEREDO, J. C. (org.). **Língua Portuguesa em Debate**. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.
- AZ-ZUBAYDĪ, M. **Ṭabaqāt an-naḥwīyyīn wa al-luġawīyyīn** [Classes dos gramáticos e linguístas]. Muḥammad Abū al-Faḍl Ibrāhīm (Org). Cairo: Dār al-Ma‘ārif, 1954.
- BAALBAKI, R. **Al-Mawrid: A Modern Arabic-English Dictionary**. 7th Ed. Beirute: Dar El-Ilm Lilmalayin. 1995.
- BARBOSA, M. A. **Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos**. São Paulo: Global. 1978.
- _____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: Identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. **Anais do II Simpósio latino-americano de terminologia**. Brasília. 1990.
- _____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. Publicação da Comissão Especial de Terminologia. ABNT/IBICT, In: **Ciência da Informação**: vol 24:3 IBICT. Brasília. 1995.

- _____. Campo conceitual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações. **Revista brasileira de linguística**. Vol. 19, nº 1. São Paulo: Plêiade. 1999.
- BADAWI, A. **La transmission de la philosophie grecque au monde arabe**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. 1987.
- BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP. 2004.
- BARTHOLOMEW, Doris; SCHOENHALS, Louise. **Bilingual dictionaries for indigenous languages**. México: SIL. 1983.
- BEESTON A. et al. (Ed.) **Arabic literature to the end of the Umayyad period**. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.
- BELGUEDJ, M. La démarche des premiers grammairiens arabes dans le domaine de la syntaxe. **Arabica**, T. 20, Fasc. 2 (Jun., 1973), pp. 168-185. Leiden : Brill.
- BELLAMY, J. A new reading of the Namarah Inscription. In: **Journal of the American Oriental Society** – Vol 105, n. 01. 1985. Pp. 31-51.
- BERNARDS, M. **Changing traditions: Al-Mubarrad's refutation of Sibawayh and the subsequent reception of the Kitāb**. Leiden: Brill. 1997.
- BIDERMAN, M. T. C. **A ciência da lexicografia**. São Paulo: Alfa. 1984.
- _____. **Teoria lingüística**. 2a ed. Martins Fontes. São Paulo. 2001.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston. [1935] 1961.
- BOHAS, G.; GUILLAUME, J. P.; KOULOUGH, D. **The Arabic linguistic tradition**. New York: Routledge. 1990.
- BRASWELL, G. W. **Islam: Its prophet, peoples, politics and power**. Nashville: Broadman & Holman. 1996.
- BREADY, R. Dictionary. In MICROSOFT CORPORATION, **Microsoft® Encarta® Encyclopedias**. Redmond, WA: Microsoft. 2004.
- BRILL, M. **The basic word list of the Arabic daily newspaper**. Jerusalem: Hebrew University Press. 1940.
- BULOS, A. **The Arabic triliteral verb: A comparative study of the grammatical concepts and processes**. Beirut: Khayats. 1965.
- CABRÉ, M. T. **La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Antártica / Empuréis. 1993.
- CALVET, L. **La guerre des langues et les politiques linguistiques**. Paris : Payot, 1987.

- CARTER, M. An Arab Grammarian of the Eighth Century A. D.: A Contribution to the History of Linguistics. **Journal of the American Oriental Society**. Vol. 93, No. 2 (Apr. - Jun., 1973), pp. 146- 157.
- CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.
- CEIA, C. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/preface.htm>. Acesso em 10 de Junho 2011.
- CHEJNE, A. **The Arabic Language**. Minnesota: University of Minnesota Press. 1969.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press. 1965.
- COLE, J. **Napoleon's Egypt: Invading the Middle East**. New York: Palgrave Macmillan. 2007.
- COLLISON, R. L. **A history of foreign-language dictionaries**. London: Andre Deutsch. 1982.
- CORRIENTE, F. **Diccionario Árabe-español. Tercera Edición**. Barcelona: Editorial Herder. 1991.
- CORTÉS, J. **Diccionario de árabe culto moderno: Árabe-Español**. Biblioteca Romántica Hispánica. Madrid: Gredos. 1996.
- COSERIU, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Madrid: Gredos. 1967.
- COWAN, D. **Gramática do árabe moderno**. São Paulo: Editora Globo. 2006.
- CRYSTAL, D. **Linguistics**. 2nd. Ed. D. Harmondsworth: Penguin. 1985.
- _____. **The Cambridge encyclopedia of language**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.
- _____. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1988
- _____. **The stories of English**. New York: Overlook. 2004.
- DAPENA, J. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco Libros. 2002.
- DARWĪSH, ʿA. **Al-maʿājim al-ʿarabiyya: maʿ iʿtināʾ khāss bi muʿjam al-ʿayn, lil Khalīl Ibn Aḥmad [Les dictionnaires arabes, étude centrée particulièrement sur le dictionnaire de Khalīl Ibn Aḥmad, al-ʿayn]**. Cairo: Maktabat al-anglo al-misriya. 1956.
- DAYF, Š. **Al-Madāris an-naḥwyyia** [As escolas gramaticais]. Cairo: Dār il-maʿārif bi-Maṣr. 1968

- DEMAI, F. M. **Um dicionário terminológico da área de ortopedia técnica: descrição e análise.** São Paulo, 2006. 390 p. Dissertação (Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- DUBOIS et. Al. **Dicionário de linguística.** São Paulo. Cultrix. 1973.
- DUIAN, J. Sudden Surge in Interest in near East: Americans Are Enrolling in Courses on Islam, Arabic and International Relations. **Insight on the News.** Vol. 17, N. 46, P. 28. 10 de Dezembro. 2001.
- DURAN, M. C.; XATARA, C. Critérios para categorização de dicionários bilíngues. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. & ISQUIERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia.** 2ª ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS. 2007. p. 311-320.
- ELAMRANI-JAMAL, A. **Logique aristotélécienne et grammaire arabe.** Paris : Librairie Philosophique J. Vrin. 1983.
- EL-BADRY, N. The development of the bilingual English-Arabic dictionary from the middle of the nineteenth century to the present. In HARTMANN, R.R.K. **The history of Lexicography.** Philadelphia: J. Benjamins. 1986, p. 57-63
- EL-DAHDAH, A. **Dictionary of Arabic Verb Conjugation.** Beirute: Librairie du Liban. 2007.
- EL-HASSAN, S. A. Variation in the demonstrative system in Educated Spoken Arabic. In **Archivum Linguisticum 9 (1).** Pp. 32-57. 1978.
- EL-KHAFAIFI, H. M. **The role of the Cairo academy in coining Arabic scientific terminology: an historical and linguistic evaluation.** Utah, 1985. 215 p. Tese de doutoramento (Middle East Studies) – University of Utah Graduate School.
- EL-MOULOUDI, A. **Arabic language planning: The case of lexical modernization.** Washington, D.C., 1986. 321 p. Tese de doutoramento (Linguística) – Graduate School, Georgetown University.
- ESPOSITO, J. **The Oxford history of Islam.** New York: Oxford University Press. 1999.
- EZQUERRA, M.A. **Lexicografía Descriptiva.** Barcelona: Vox/Bibliograf. 1993.
- FABRO, D. O dicionário enguanto documento identitario das comunidades linguísticas ameríndias. **Anuário da Produção Acadêmica Docente.** Vol. 1, nº 1. 2007. p. 227-236.
- FERGUSON, C. Myths about Arabic. In FISHMAN, J. **Readings in the sociology of language.** The Hague: Mouton. 1968. p. 375-381.

- FERGUSON, C. Diglossia. In HUEBNER, T. **Socio-linguistic perspectives: Papers on language in society, 1959-1994**. Oxford: Oxford University Press. (1959) 1996.
- FISHMAN, J. (org.) **Advances in language planning**. The Hague: Mouton. 1974.
- FLEISCH, H. **Traité de philologie arabe**. Beirute: Imprimerie Catholique. 1961.
- FRANK, T. Z. **Al-Kindī's book of definitions: Its place in Arabic definition literature**. Tese de doutoramento. Yale University. Philosophy. 1976. 175 p.
- FÜCK, J. W. Ibn Al-Nadīm. In LEWIS, B. et al. **The encyclopaedia of Islam**. Vol. III. H-IRAM. p. 895-896. Leiden: Brill. 1986.
- GACEK, A. **The Arabic manuscript tradition: A glossary of technical terms and bibliography**. Leiden / The Netherlands: Brill. 2001.
- GARZÓN, T. **Diccionario Argentino**. Barcelona: Imprenta Elzeviriana de Borráz y Mestres. 1910.
- GAUDEFROY-DEMOMBYNES M.; BLACHÈRE R. **Grammaire de l'arabe classique**. Paris: G.P. Maisonneuve. 1952.
- GENOUVRIER, Emile e PEYTARD, Jean. **Linguística e Ensino do Português**. Coimbra: Almedina, 1974.
- GIBB, H. **Arabic Literature: an Introduction**. Oxford: Oxford University Press. 1963.
- GIORDANI, M. **História do mundo árabe medieval**. Petrópolis: Vozes. 1985.
- GOLDZIHHER, I. **On the history of grammar among the Arabs: An essay in literary history**. Philadelphia: John Benjamins Publishing. 1994.
- GUTAS, D. **Greek thought, Arabic culture: The Graeco-Arabic translation movement in Bagdad and early 'Abbasid society**. London: Routledge. 1998.
- HAENSCH, G. et al. **La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos. 1982.
- HANANIA, A. **Histórico do curso de língua e literatura árabe**. Apostila DLO. São Paulo. 1987.
- HARTMANN, R. R. K. **Lexicography: Principles and practice**. New York: Academic Press. 1983.
- HARY, B. The importance of the language continuum in the Arabic multiglossia. In ELGIBALI, A. **Understanding Arabic**. Cairo: International Press. 1996.

- HAUGEN, E. **Language conflict and language planning: The case of modern Norwegian**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1966.
- HAYWOOD, J. **Arabic lexicography**. Leiden: Brill. 1960.
- HAYWOOD, J.; NAHMAD, H. **A new Arabic grammar of the written language**. London: Lund Humphries. 1965.
- HAYWOOD, J. The entry in medieval Arabic monolingual dictionaries. In HARTMANN, R.R.K. **The history of Lexicography**. Philadelphia: J. Benjamins. 1986, p. 107-113.
- _____. Arabic lexicography. **Dictionaries: An international encyclopedia of lexicography**. 1991-a, vol. 3, p. 2436-2477
- _____. Bilingual lexicography with Arabic. **Dictionaries: An international encyclopedia of lexicography**. 1991-b, vol.3, p. 3086-3094.
- HENRIQUES, A.; DAMIÃO, R. **Curso de português jurídico**. São Paulo: Atlas. 2000.
- HERNANDEZ, M. C. **La filosofía árabe**. Madrid: Clavileño. 1963.
- HEYWORTH-DUNNE, J. Printing and translations under Muḥammad ʿAlī of Egypt: The foundation of modern Arabic. **Journal of the royal Asiatic society of Great Britain and Ireland**. No. 3. pp. 325-349. 1940.
- HITTI, P. **The Arabs: A short history**. Princeton: Princeton University Press. 1944.
- _____. **History of the Arabs**. 10th Ed. London: Macmillan. [1937] 1970.
- HOLES, C. **Modern Arabic: Structures, functions, and varieties**. Washington: Georgetown University Press. 2004.
- HOLT, P.; LAMBTON A.; LEWIS, B. **The Cambridge history of Islam**. Vol. 1A. Cambridge: Cambridge University Press. 1970.
- HUDSON, R. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.
- IBN AL-ANBĀRĪ, K. **Nuzhat al-Alibbā' fī Ṭabaqāt al-Udabā'** [A nata dos inteligentes nas classes dos letrados]. Ibrāhīm al-Sāmarrā'ī (Org.) Zarqā'/Jordania: Maktaba al-Manār. [1294] 1985.
- _____. **Al-inṣāf fī masā'il al-ḥilāf bayna an-naḥwiyyīn al-baṣriyyīn wal-kūfiyyīn**. [Julgamento imparcial nas questões divergenciais entre os gramáticos de Baṣra e Kūfa]. ḤAMĪD, M. (Org.) Cairo: Maṭba'atu As-sa'āda. [1181]. 1961.
- IBN FĀRIS, A. Kitāb Aṣ-ṣāhibī. **Jāmi' il-ma'ājim 'arabyy-'arabyy** [Compêndio de dicionários árabe-árabe]. Arábia Saudita: Šarikat il-ʿarīs lil-kumbiūtr. [1004] 1995. CD ROM.

- IBN ḤALDŪN. **Os prolegômenos ou Filosofia Social**. Tomo Terceiro. Tradução de José Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia. Editora Comercial Safady Limitada. [1380] 1960.
- INAYATULLAH, S. **Why we learn the Arabic language**. Lahore / Pakistan: Ashraf Press. 1969.
- ITOKEN, E. **Universal history of linguistics**. Philadelphia: John Benjamins Publishing. 1991.
- JACQUEMOND, R. A língua árabe hoje: Um olhar sociolinguístico e geopolítico. In: **Tiraz - Revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio**. Ano III. 2006. Pp. 08-31.
- JENSSEN, H. Arabic language. In. MCAULLIFE, J. (Ed.) **Encyclopaedia of the Qur'ān**. Volume One A-D. Boston: Brill, 2001. p. 127-135.
- JOHNSON, S. **A dictionary of the English Language**. Vol. 1 London: Longman. 1805.
- JUBRAN, S. **Árabe e português: Fonologia contrastiva**. São Paulo: Edusp. 2004.
- _____. Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa. In: **Tiraz - Revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio**. Ano I. pp. 16-29. São Paulo. Programa de pós-graduação em língua, literatura e cultura árabe – USP. 2004.
- _____. Relato a respeito dos estudos árabes na USP na última década. In: VARGENS, J. B.; CAFFARO, P. C. **Arabismo: Um tema e suas representações no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Almadena. 2010.
- KAYE, A. Arabic. In COMRIE B. (Ed.) **The world's major language** (pp. 664-685). New York: Oxford University Press. 1990.
- KENNEDY-DAY, K. **Books of definition in Islamic philosophy: The limits of words**. London: Routledge. 2003.
- KHAMLOUSSY, A. **Commented translation of an excerpt from Ḥunayn Ibn Ishāq's epistle to his patron 'alī Ibn Yahyā on the translations of Galen**. Ottawa, 1994. 111 p. Dissertação (School of Translation and Interpretation) – University of Ottawa.
- KHATIB, S. **Mohammad: O profeta de Deus**. Curitiba: Grafipar Grafica Editora. 1981.
- KHOURY, G. **Vocabulary acquisition in Arabic as a foreign language: The root and pattern strategy**. Boston, 2008. 304p. Tese de doutoramento (Graduate School of Arts and Sciences) – Boston University.

- KHOURY, M. **Dictionnaires arabes bilingues: Présentation historique et étude comparative.** Ottawa, 1996. 197 p. Dissertação (Ecole de traduction et d'interprétation) – École des Études Supérieures et de la recherche. Université d'Ottawa.
- LANDAU, J. M. **A word count of Modern Arabic Prose.** New York, NY: American Council of Learned Societies. 1959.
- LANE, E. W. **Arabic-English Lexicon.** Vol. 1 'Alif – Ṭā'. Beirute: Librairie du Liban. [1863] 1968.
- _____. **Arabic-English Lexicon.** Vol. 5 Dād – ʿAyn. Beirute: Librairie du Liban. [1874] 1968.
- _____. **Arabic-English Lexicon.** Vol. 7 Qāf – Mīm. Beirute: Librairie du Liban. [1885] 1968.
- LAROCA, M. C. **Manual de morfologia do português.** Campinas: Pontes. 1994.
- LARY, B. The importance of the language continuum in Arabic multiglossia. In Elgibali, A. (Ed.) **Understanding Arabic: Essays in contemporary Arabic linguistics in honor of El-Said Badawi.** Cairo: American University Press. 1996.
- LONGYEAR, C. Linguistics. In MICROSOFT CORPORATION, **Microsoft® Encarta® Encyclopedia.** Version 9.0.0.0702. Redmond, WA: Microsoft. 2000.
- LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea.** São Paulo: Cultrix. 1995.
- LYONS, J. **Introduction to Theoretical Linguistics.** Cambridge University Press. Cambridge. 1969.
- LYONS, J. **Introdução à linguística teórica.** São Paulo: Ed. Nacional/Edusp. 1978.
- MACE, J. **Arabic verbs.** New York: Hippocrene Books. 2007.
- MAHADIN, R. **The morphophonemics of the standard Arabic triconsonantal verbs.** Philadelphia, 1982. 420 p. Tese de Doutorado (Linguistics) – University of Pennsylvania.
- MAHMOOD, H. Breaking Barrier of Arabic Language after 9/11 and U.S. Involvement in Afghanistan and Iraq, Suburban Classes in Arabic Are Taking Off. **Daily Herald.** 05 de Agosto. 2004.
- MARZARI, R. **Arabic in chains: Structural problems and artificial barriers.** Berlin: Schiler. 2006.
- MATTHEWS, C. M. **Words, words, words.** London: Lutterworth Press. 1979.

- MCAULIFFE, J. (Ed.). **The Cambridge Companion to the Qur'ān**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.
- MURAKAWA, C. Lexicografia e história: O dicionário histórico do português do Brasil- séculos XVI, XVII e XVIII. In ALVES, I. M. et al. **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. Vol. 1. São Paulo. 2009. p. 23-38.
- NABHAN, N. N. Dicionário árabe-português-árabe. **Jornal Leitura**. Vol. 7. nº 73. São Paulo. 1988.
- NAHIR, M. The five aspects of language planning: A classification. **Language Problems and Language planning**. Vol. 1, no. 02. 1977. Pp. 107-112.
- NASR, H. **Dicionário árabe-português**. São Paulo: Câmara de Comércio Árabe Brasileira. 2005.
- NEUSTADT, D.; SCHUSSER P. **Arabic-Hebrew Dictionary**. Jerusalem: Hebrew University Press. 1947.
- NEWBY, G. **A concise encyclopedia of Islam**. Oxford: Oneworld. 2002.
- NOGUEIRA, C. R. A diglossia nas comunidades árabes. In: **Tiraz - Revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio**. Ano III. pp. 32-57. São Paulo. Programa de pós-graduação em língua, literatura e cultura árabe – USP. 2006.
- NYDELL, M. K. **Understanding Arabs: A guide to westerners**. Revised Version. Boston: Intercultural Press. 2002.
- O'LEARY, L. **Comparative grammar of the Semitic languages**. Abingdon, Oxon: Rutledge. [1923] 2000.
- PELLAT, C. **Le milieu basrien et la formation de Jāhiz**. Paris: Adrien-Maisonneuve. 1953.
- _____. **Littérature arabe et problèmes de littérature comparée. Études sur l'histoire socio-culturelle de l'Islam (VII^{ème} XV^{ème} siècle)**. Londres : Valorium Reprints. 1976. p. 3-15.
- PERRY, J. R. Modern Iranian Lexicography: Persian/Tajik. In **Dictionaries: An international encyclopedia of lexicography**. 1991. Vol. 3, p. 2477-2480.
- RABIN, C. The beginnings of classical Arabic. In **Studia Islamica**, nº 4, pp. 19-37. --: Maisonneuve & Larose. 1955.
- READ, A. W. Dictionary. **Encyclopædia Britannica**. Deluxe Edition CD-ROM. 1994-2002. Encyclopædia Britannica, Inc. 2002.
- REIG, D. **Dictionnaire Larousse arabe-français**. Paris : Larousse. 1983.

- REY, A. Les écarts culturels dans les dictionnaires bilingues. **Lexicographica** 2. 1986. p. 33-42.
- ROGER, A. Perspective on Arabic teaching and learning. **The modern language journal**. 88, p. 275-278. 2004.
- ROMAN, A. L'origine et l'organisation de la langue arabe d'après le Ṣāḥibī d'Ibn Fāris. **Arabica**, T. 35, Fasc. 1 (Mar., 1988), pp. 1-17. Leiden: Brill.
- RUBIN, J.; JERNUDD, B. **Can a language be planned? Sociolinguistics theory and practices for developing nations**. Honolulu: University of Hawaii Press. 1971.
- SABBAGH, A. N. **Dicionário árabe-português-árabe**. Rio de Janeiro: UFRJ PROED e Ao Livro Técnico. 1988.
- _____. **Dicionário português-árabe**. Beirute: Librarie du Liban. 2004.
- _____. Palavra do patrono. In: VARGENS, J. B.; CAFFARO, P. C. **Arabismo: Um tema e suas representações no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Almadena. 2010.
- _____. **Dicionário árabe-português**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional e Almadena. 2011.
- SAFADY, J. **A Imigração Árabe no Brasil**. São Paulo. 1972. 541 pp. Tese de Doutorado (História). Universidade de São Paulo.
- SANDMANN, Antônio José, Renovação e inovação no léxico. In: **Boletim da ABRALIN**, no. 11. junho de 1991. 59-67.
- SAPIR, E. **Linguística como ciência: ensaios**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1961.
- SAUSSURRE, F. **Curso de Linguística Geral**. Editora Cultrix. São Paulo. [1916] 1972.
- SAWAIE, M. Rifāḥ Rāfi al-Ṭaḥṭāwī and his contribution to the lexical development of modern literary Arabic. In **International Journal of Middle East Studies**, Vol. 32, No. 3 (Aug., 2000), pp. 395-410. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- SCHIFFMAN, H. **Linguistic culture and language policy**. London: Routledge. 1996.
- SCHMITZ, J. R. A problemática dos dicionários bilíngües. In: OLIVEIRA, A. M. P. & ISQUIERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS. 2001. p. 161-170.

- SHLASH, H. **A dictionary of transitive-intransitive verbs: Arabic-Arabic**. Beirut: Librairie du Liban Publishers. 2000.
- SILVA, G. F. **Construindo um dicionário parakanã-português**. Belém, 2003. 179 p. Dissertação (Linguística Geral) – Centro de Letras e Artes. Faculdade Federal do Pará.
- SULEIMAN, Y. **The Arabic language and national identity: A study in ideology**. Edinburgh: Edinburgh University Press. 2003.
- TARAZĪ, F. **Al-ištiqāq** [A derivação]. Beirut: Librairie du Liban Publishers. 2005.
- TARP, S. Lexicografia de aprendizagem. **Cadernos de Tradução Vol 2** n. 18: 295-317. Florianópolis, SC: Publicação da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC): 2006.
- TOORAWA, S. M. **Ibn Abī Ṭāhir Ṭayfūr and Arabic writerly culture**. New York: RoutledgeCurzon. 2005.
- TOLLEFSON, J. **Planning language, planning inequality: Language policy in the community**. New York: Longman. 1991.
- TOMICHE, N. Nahḍa. In BOSWORTH, C. E. et al. **The encyclopaedia of Islam**. Vol. VII. MIF-NAZ. p. 900-903. Leiden: Brill. 1993.
- UL-HAQ, A. **The theory of governance in Arabic traditional grammar**. (Cidade), 1998. 356p. Tese de doutoramento (Near Eastern Languages and Cultures) – Indiana University.
- ULLMANN, S. **Semantics: An introduction to the science of meaning**. Oxford: Blackwell. 1964.
- VAGLIERI, L. **Grammatica teorico-pratica della lingua araba**. Volume primo. Roma: Instituto Du L'oriente. 2002.
- VERSTEEGH, K. **Landmarks in linguistic thought III: The Arabic linguistic tradition**. London: Routledge. 1997.
- VERSTEEGH, K. **The Arabic language**. Edinburgh: Edinburgh University Press. 2004.
- VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do Português**. Almedina. Coimbra. 1994.
- WALZER, R. New studies on Al-Kindi. In **Greek into Arabic: Essays on Islamic Philosophy**. Cambridge: Harvard University Press. 1962.
- WATT, W. ʿĀʾiṣa Bint Abī-Bakr. In GIBB, H. A. et al. **The encyclopaedia of Islam**. Vol. I. A-B. p. 307-308. Leiden: Brill. 1986.

- WEHR, H. **Dictionary of Modern Written Arabic**. Ithaca, NY: Spoken Language Services. 1979
- WEISS, H. E. **Para um dicionário da língua Kayabí**. São Paulo, 1998. 247 p. Tese de doutoramento (Semiótica e Linguística Geral). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- WELKER, H. A. **Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília, DF: Thesaurus Editora. 2004.
- WELKER, H. A. **Panorama geral da lexicografia pedagógica**. Brasília, DF: Thesaurus Editora. 2008.
- WIGHTWICK J.; GAATAR M. **Verbs and essentials of grammar**. Second Edition. New York: McGraw Hill. 2008.
- WRIGHT, W. **A grammar of the Arabic language**. Cambridge: Cambridge University Press. [1859] 1965.
- YUSHMANOV, N. **The structure of the Arabic language**. Washington, DC: Center for applied linguistics of the modern language association of America. 1961.
- ZIADEH, F.; WINDER, R. B. **An introduction to modern Arabic**. Princeton: Princeton University Press. 1957.
- ZUCCHI, A. M. T. **O dicionário nos estudos de língua estrangeira: Os efeitos de seu uso na compreensão escrita em italiano**. São Paulo, 2010. 284 p. Tese de Doutorado (Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ANEXO

Modelo da ficha lexicográfica do programa “toolbox” (.MDF)

Toolbox - [Amostra Dictionary Regencia Verbal.txt]	
File Edit Database Project Tools Checks View Window Help	
[no filter]	
\lx	بَعَثَ
\se	بَعَثَ – يُبْعِثُ
\ph	bacata - yabcaṭu
\ps	v. trans.
\gv	enviar, despachar
\se	بَعَثَ بِ:
\gv	enviar, expedir, mandar, remeter,
	despachar (إلى para alguém)
\gv	encaminhar (إلى para alguém), remeter
	(carta) a novo endereço
\gv	delegar, comissionar
\gv	emitir (algo)
\xv	لَا تَخَفْ بِالْمَطْبَعِ غَطَّيْتُهُ قَبْلَ أَنْ أُبْعَثَ بِهِ إِلَى الْقُرْنِ
\xe	Não se preocupe, é claro que o cobri antes de enviá-lo para o forno
\se	بَعَثَ مِنْ:
\gv	acordar, despertar
\gv	reviver, reanimar
\gv	ressuscitar (من الموت da morte)
\xv	خَطَرَ لَهُ أَنَّهُ الْآنَ يُؤَلَّدُ، يُبْعَثُ مِنَ الْمَوْتِ
\xe	Pensou que nascia agora, ressuscitava da morte
\se	بَعَثَ عَلَى:
\gv	incitar a, induzir a (algo)
\gv	instigar, provocar, sugerir
\xv	بالعكس، إن الأحداث تبعت على التفاؤل
\xe	Pelo contrário, os eventos sugerem otimismo